



Uma derradeira dávida de amor
INSPIRADA EM FACTOS REAIS

ABANDONADA POR AMOR

Para escapar aos
campos de concentração.
Para sobreviver.
Para, quem sabe, perdoar.

ROXANNE VELETZOS



Ficha Técnica

Título: ABANDONADA POR AMOR
Título original: THE GIRL THEY LEFT BEHIND
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Nuno Pereira de Sousa
Design da capa: Albert Tang
Imagem da capa: Alamy/Fotobanco.pt e Gregory Costanzo/Getty Images
Fotografia da autora: Eric Lindstrom
ISBN: 9789892343396

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2018, Roxanne Veletzos
Publicado por acordo com a editora original, Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.
Todas as fotografias fornecidas por cortesia da autora.
© 2018, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Para os meus avós

Baseado em acontecimentos reais

Calcula-se que entre outubro de 1940 e o final da Segunda Guerra Mundial cerca de 380 000 judeus foram massacrados em solo romeno. Um dos casos mais conhecidos, o *Pogrom* de Bucareste, ocorreu em janeiro de 1941, quando milhares de judeus foram arrastados para as ruas para serem torturados ou mortos.

Um

ANTON E DESPINA

CAPÍTULO 1

Bucareste
Janeiro de 1941

A menina está sentada sozinha na escuridão impenetrável. A tremer, põe os braços à volta do seu minúsculo corpo e enterra o rosto na gola do casaco de malha. Aqui fora, nos degraus do prédio, tenta recordar-se exatamente do que a mãe lhe disse. Disse-lhe quanto tempo estaria ausente? Ainda era de dia quando ela viu os pais pela última vez, a dobrar a esquina, a mãe com os ombros descaídos, a tremer no seu vestido fino, o pai a arrastar os pés no passeio gelado, alguns passos atrás dela. Trespassa-a um frio gélido ao pousar as palmas das mãos no cimento gelado por baixo de si. O vento de inverno corta-lhe a carne, retalhando-lhe as pernas nuas sem piedade, e ela queria ter um cobertor, luvas ou pelo menos o seu gorro, que perdeu sem saber como. Mesmo assim, prefere estar aqui ao frio gélido do que lá dentro, naquele átrio escuro e bafiento. O cheiro a couve cozida que vem de um dos apartamentos fez o seu estômago roncar de fome, embora em casa ela sempre se recusasse a comer couves cozidas, por mais que a mãe insistisse.

Aproxima os joelhos do peito e ergue os olhos para os três andares do prédio e para as suas vastas varandas arredondadas que pairam lá em cima. Tem a certeza de que nunca viu este prédio. Nunca viu esta rua, esta rua vazia e fracamente iluminada em que um só lampião lança um brilho de luz sobre a neve enegrecida. Não há uma única

pessoa à vista. É como se alguém tivesse apagado as luzes nesta cidade em tempos animada, proibindo que as pessoas passeiem, se cumprimentem ou riam.

Os seus pais vão voltar não tarda nada, pensa, olhando novamente para a rua. Tenta recordar as palavras exatas da sua mãe, a voz suave a dizer-lhe que não tenha medo, que, se for uma menina corajosa, tudo vai correr bem. Mesmo assim, sabe que não devia estar fora de casa a estas horas. Ainda no outro dia ouviu os pais falar sobre o recolher obrigatório, como a Guarda de Ferro andava a patrulhar a cidade, a prender quem ainda estivesse nas ruas depois do pôr do sol. Como tinham matado a tiro uma pessoa em frente ao prédio dela, mesmo ali, para os vizinhos todos verem. Ouvia-os falar sobre outras coisas também, coisas que não queriam que ela ouvisse, a segredarem no quarto ao lado do dela depois de ter ido para a cama há muito tempo. As palavras deles eram abafadas, indistintas, mas o tom desesperado das vozes fazia-a estremecer na sua cama quente.

Há ruídos à distância agora – vozes aos berros, aos guinchos, misturadas com o bater rítmico de botas e com o ruído das janelas a fecharem-se na noite. Isto tem andado a acontecer nas últimas noites, embora desta vez os sons sejam acompanhados por um cheiro estranho, algo como carvão queimado, mas de uma doçura enjoativa que lhe dá volta ao estômago. Erguem-se vagas de náusea dentro de si, e tenta tapar o rosto com o casaco de malha para não sentir aquele fedor, obriga-se a pensar na sua casa e na sua cama, com o edredão de cetim cor-de-rosa e a luz familiar a infiltrar-se pela porta deixada entreaberta entre os dois quartos de dormir.

Vêm-lhe as lágrimas aos olhos e ela já não consegue reprimi-las. Sente vergonha, porque sabe que, afinal, não é corajosa, embora tenha prometido à mãe que se esforçaria ao máximo. *Eu vou portar-me bem, mamã. Vou ser*

paciente, dissera, mas agora essas palavras parecem ter sido pronunciadas há uma vida.

Na dobra do braço, os soluços saem-lhe livremente, cortam o silêncio como uma faca e ecoam pelos pátios e becos. Embora saiba que devia estar em silêncio, não há maneira de conter o que quer que seja que se soltou dentro de si. Chora até já não ter mais lágrimas, chora até mesmo os seus soluços entrecortados se dissolverem, se incorporarem no vento. Deitada no patamar de cimento, enrosca-se e por fim deixa-se deslizar para um precipício sem fundo.

Subitamente, uns braços fortes abraçam-na e levantam-na no ar. Acorda sobressaltada e, olhando para cima, vê o rosto de uma mulher que não conhece – com o cabelo puxado para trás e preso numa banana grisalha, com madeixas soltas à volta das suas faces enrugadas e rechonchudas. O ténue cheiro a goma de roupa e suor envolve-a quando a mulher a encosta ao peito, apertando-a tanto que ela não consegue libertar-se, embora tente com todas as suas forças, a estrebuchar. No entanto, há algo terno na força com que a mulher a segura, algo reconfortante, e, como a menina tem muito frio e se sente muito cansada e fraca, enterra o rosto no peito da mulher e começa a chorar. A mulher abre a porta da rua com o cotovelo e leva-a ao colo para dentro do átrio do prédio. A menina quer perguntar se a mulher sabe dos pais dela, se eles vêm buscá-la em breve, mas quando abre a boca só lhe escapa dos lábios um choro longo e agudo.

– Pronto, pronto... – segreda-lhe a mulher ao ouvido. – Estás comigo. Pronto... Está tudo bem. Está tudo bem.

Na luz transiente de um carro que vai a passar, o rosto da mulher brilha, pálido e redondo como a lua visível entre nuvens, e os olhos também, cintilantes e húmidos. Como se pressentissem o olhar da menina, baixam-se para os olhos dela, mas, daí a um instante, a luz vai-se e os olhos desaparecem também, escorregando de novo para o nada.

Só ficam os braços da mulher, macios e sólidos, e aquele cheiro que a envolve em vagas.

- Que coisinha doce - julga ouvir a mulher murmurar como para si mesma na escuridão que volta a instalar-se. - Que coisinha doce. - Dá um estalido com a língua. - Que pena.



Há vinte anos que a mulher trabalha como porteira neste prédio. Há vinte longos anos, durante os quais acabou por conhecer todas as famílias no quarteirão, e por isso pode praticamente jurar que esta menina não pertence a nenhuma delas. Não, decididamente é de uma parte diferente da cidade. Talvez os pais dela estivessem a visitar alguém no prédio quando a menina se escapuliu sem eles se darem conta. Mas quem deixaria uma criança afastar-se no meio da avenida Dacia? Quem deixaria uma criança de três, talvez quatro anos, no meio do tiroteio, no período do recolher obrigatório e com cadáveres ao longo das ruas? Incrédula, indignada, sacode a cabeça. Não é uma mulher com estudos, mas sabe o que é a decência humana e apercebe-se de que isto é uma aberração.

Mesmo no sono, a pobrezinha está a apertar-lhe a mão com tanta força que ela não consegue avançar das escadas entre o átrio e o primeiro andar, onde tem estado com a menina ao colo. Quando pensa que pode tentar levantar a menina, ela fica rígida, estrebucha e contorce-se, e a mulher só consegue acalmá-la com o seu próprio corpo já fraco, debruçado sobre o dela numa prece. Uma prece que repete uma e outra vez daí a horas, depois de conseguir por fim levar a criança para a sua casa na cave e quando a luz vacilante da madrugada de inverno goteja pela nesga de vidro que é a sua janela.

A menina acorda e senta-se na cama estreita. Os seus olhos vagueiam desfocados pelo espaço minúsculo, apreendendo a velha cómoda com o verniz esfolado, a cozinha entrevista por trás da cortina gasta, o *soba* enferrujado ao canto no qual algumas chamas estalam e saltitam como traças muito grandes. Ela puxa o cobertor mais para si e afasta-se para o outro lado da cama, mas não há agora medo no seu rosto, só perplexidade.

- Onde está a minha mamã? - diz, após um silêncio. Fala tão baixo que mal se ouve. - Ela vem-me buscar daqui a pouco.

As mãos da mulher estão frias, tão frias quando olha para elas, para a maneira como estão sempre a esfregar-se uma na outra, como se tivessem vontade própria. No fogão a lenha, as fagulhas crepitam e estalam, e é só quando se transformam completamente em cinzas que ela ergue os olhos.

- Não, minha doce menina - é tudo o que ela se limita a dizer. - Não.

CAPÍTULO 2

Anton e Despina Goza eram conhecidos no vasto círculo da família e dos amigos pela sua pontualidade. Nunca chegavam atrasados um minuto que fosse a compromissos ou encontros sociais, independentemente da irregularidade dos tróleis, da neve gelada a cobrir os passeios, do estado alarmante da cidade nas últimas semanas. Despina insistia na pontualidade como se fosse a coisa que a definia absolutamente. Era uma mulher com modos impecáveis, sempre a horas e arranjada na perfeição, do chapéu do estilo parisiense mais recente aos sapatos de pele de réptil a condizer com a mala de mão e ao cinto que acentuava a sua cintura estreita. Embora fosse pelo menos uma cabeça mais alta do que as suas quatro irmãs mais velhas, era profundamente feminina, uma visão de beleza contida e polida, equilibrada por uma estatura elegante e forte. Tem o rosto de uma deusa grega, diziam com frequência as amigas da sua mãe, com admiração e talvez um pouco de inveja da sua pele de porcelana, maçãs do rosto salientes e cabelo castanho ondulado que fazia sobressair a brancura dos seus ombros.

Nessa manhã, sentiu-se consternada quando, abrindo os olhos, fitou o relógio de pêndulo na parede do quarto e se apercebeu de que se deixara dormir. No entanto, ficou recostada na almofada um pouco mais, a ouvir o mundo acordar gradualmente lá fora, como água a começar a ferver. Todas as manhãs era saudada pelos sons do primeiro trânsito na avenida Vlaicu, pelos passos e pelos

cumprimentos abafados. Achava reconfortante o que era familiar, o marido a dormir a sono solto ao seu lado, o raio de luz do sol a incidir na diagonal aos pés da cama vitoriana, os lençóis de seda da cor de café com leite a brilharem à sua volta como areia fina do deserto. Contudo, nesta manhã em particular, a sua tranquilidade foi interrompida. Ao pensar no dia à sua frente, sentiu que o estômago lhe dava uma volta quase violenta. *Que loucura fazer isto agora*, pensou. *Que loucura, com a guerra à nossa porta das traseiras.*

Lá no fundo, sabia que nunca haveria um momento certo, que o momento *certo* para isto talvez já tivesse vindo e passado há muito tempo. Que, apesar da sua sorte e da sua vida invejável, nunca teria a coisa que mais desejava neste mundo. Deus virara-lhe as costas, ao que parecia, porque, apesar das súplicas, das promessas feitas em silêncio, ela continuava a não ter um filho ou uma filha seus. No entanto, existiam ainda fragmentos de esperança no seu coração, embora estivesse disposta a fazer tudo para os arredar. Então, tudo ficaria em silêncio. Em silêncio e imóvel, uma terra em paz após uma longa guerra. *Para de querer*, repreendia-se com frequência, mas o seu coração recusava-se a escutá-la.

Pelo menos, tinha desistido de rezar por isso. Na verdade, já devia ter deixado de rezar há anos, quando se tornou claro que o seu ventre não era capaz de sustentar vida, quando os seus acessos de desprezo por si própria e desesperança se tornaram tão frequentes que as suas irmãs começaram a visitá-la só em grupo, a andarem em bicos de pés à volta dela, a tentarem distraí-la com mexericos sem sentido. Uma palavra irrefletida ou uma frase descuidada bastavam agora para a precipitar para um turbilhão de desespero que durava dias e do qual, ultimamente, eram necessárias as irmãs todas para a arrancar.

- Tu és abençoada de muitas maneiras, Despina. Concentra-te em tudo o mais que tens na tua vida -

murmuravam a encorajá-la, trocando olhares cúmplices entre elas enquanto lhe traziam caixas de bombons, lhe serviam chá e lhe massajavam as mãos, com ela tombada num sofá, destroçada, devastada.

Quatro abortos. Depois de cada um deles lhe abrir uma nova ferida no coração e no corpo, depois de as decepções se tornarem tão previsíveis que acabaram por perder o travo amargo, a sua esperança em tempos ardente transformou-se gradualmente num mero lampejo. No entanto, a chama recusava-se a extinguir-se completamente. E agora esta oportunidade inesperada. O encontro foi marcado tão rapidamente que ela mal teve oportunidade para se preparar para ele.

No espelho por cima do lavatório da casa de banho, suspirou ao ver a sua imagem e pressionou as pontas dos dedos nas olheiras debaixo dos seus olhos amendoados. O seu rosto era uma máscara caiada, as suas feições gregas mais aguçadas do que o usual. Durante a noite de insónia, devia ter mordido os lábios, porque pareciam inchados e ligeiramente arroxeados, como fruta demasiado madura pintada no fundo em branco de uma tela. A água fria no rosto pareceu reanimá-la, prepará-la para o dia à sua frente. Anton entrou na casa de banho e passaram um pelo outro à porta.

- Olá, amor.

Ele beijou-lhe a face e lançou-lhe um sorriso distraído mas ofuscante. Despina não pôde deixar de pensar que ele parecia atraente, mesmo assim tão cedo, com o seu pijama de seda às riscas, o cabelo cortado curto todo despenteado e o ténue cheiro ao *whisky* da noite anterior ainda no hálito. Ele começou a escovar os dentes, a trautear uma melodia para consigo. Por vezes, o seu otimismo sem limites irritava-a um pouco, mas fazia parte do seu encanto. E o marido dela era inegavelmente um homem abençoado com um encanto inegável. Mesmo nesta manhã, ao ver a

alegria animada com que ele realizava esta tarefa comezinha, Despina não conseguiu impedir-se de sorrir.

Não era só nela que Anton tinha este efeito, era também praticamente em todas as pessoas que o conheciam. A leveza da sua personalidade era contagiante, irresistível. As mulheres viravam a cabeça quando ele passava por elas na rua, a parecer Cary Grant com os seus fatos de corte impecável, um cachecol largo de angorá branco posto sobre os ombros largos, de mão no chapéu, inclinado ligeiramente num gesto de saudação. Por baixo do chapéu, um sorriso franco, não de sedução, mas aberto e bem-disposto, a dar as boas-vindas à beleza da vida. Os homens davam-lhe uma palmada nas costas e sorriam também, levados pela sua alegria de viver, a sua prosperidade e os seus braços abertos à promessa de um novo dia.



Embora tivessem passado dez anos desde que Despina conheceu Anton, todos os pormenores desse dia mantinham-se tão nítidos na sua mente como se tivesse sido ontem. Apercebia-se divertida de que poderiam nunca se ter conhecido se não desse o caso de o pai dela ter ficado sem tinta para a sua caneta *Montblanc* naquele domingo ou se tivesse decidido ir ele mesmo comprar um frasco de tinta. Mas o pai de Despina estava particularmente ocupado a passar em revista os livros da contabilidade, o ar estava cheio das promessas da primavera e, por isso, quando ele lhe pediu que fosse ela comprar a tinta, ela acedeu de boa vontade.

- Na praça Romana - disse ele, passando-lhe para as mãos várias notas grandes. - Sabes qual é a loja. E não te esqueças de comprar alguns envelopes também. Dos de linho, se conseguires encontrá-los.

Era a rotina do costume. Ela compraria aquilo de que ele precisava e podia ficar com o troco. O pai nunca fazia perguntas sobre o dinheiro, e havia sempre alguma coisa que atraía a atenção dela nas montras ao longo do caminho – um chapéu bonito, uma mala de mão de seda, um lenço colorido que ficava bem com o seu cabelo.

Mergulhada em pensamentos sobre como gastaria o troco desse dia, Despina percorreu os poucos quarteirões até à praça Romana, a andar sem pressa nenhuma. Atravessou as ruas distraída, sem se dar ao trabalho de olhar para as tabuletas, porque conhecia bem o caminho. O seu pai já comprava material de papelaria naquela loja há anos, e ela conhecia a dona, a senhora Zoltof, quase intimamente. Assim, quando entrou na loja, ficou sobressaltada ao não dar com a velha senhora, mas com um jovem empoleirado num escadote a dispor volumes de maços de cigarros na prateleira por cima da caixa registadora. Embora o primeiro pensamento de Despina fosse que tinha entrado na loja errada, quando se preparava para sair uma voz confiante e simpática saudou-a do cimo do escadote:

– Bom dia, menina.

Havia um sorriso nos lábios do jovem, um sorriso quente e lento, como se já a conhecesse. Por um momento, ela deu consigo a fitá-lo, esquecendo-se de quem era e dos seus modos. Um nariz romano, perfeitamente direito. Um queixo forte, com uma covinha. Olhos castanhos-claros, a bailarem com uma alegria inefável, como conhaque a ser agitado no fundo de um cálice. Enquanto ele descia os degraus como se não fosse preciso nenhum esforço, ela olhou de soslaio para os seus braços musculados, escuros como mel contra a brancura das mangas arregaçadas.

– Por favor, entre, menina – disse ele. – Diga-me em que posso ajudá-la.

Ela entrou, fechando a porta atrás de si.

– Sim, queria uns envelopes e tinta, obrigada – disse num tom seco, e ergueu o queixo, embora não soubesse ao certo

porquê. – Sou a filha do senhor Papodopulos. Bem, uma das filhas dele.

Sentiu-se imediatamente ridícula. O que lhe interessava a ele quem ela era? Estava aqui para comprar envelopes e tinta, por amor de Deus. Mas ele pareceu ficar genuinamente contente com a apresentação. Ao sair de trás do balcão, a passar a mão pelo seu cabelo espesso e preto, lançou-lhe de novo aquele sorriso irresistível.

– Ao seu serviço. Para o que precisar.

Sentindo que ficava com as faces alarmantemente quentes, Despina desviou os olhos, tentando pregá-los em alguma coisa sobre a qual pudesse fazer um comentário, para fazer esquecer o facto de que, apesar da elegância e das graças sociais que lhe tinham sido instiladas desde que mal sabia andar, estava a comportar-se como uma verdadeira imbecil. *Meu Deus, isto parece mal*, pensou. *Ele é um mero empregado de uma loja*. Rapidamente, virou-se e começou a folhear as centenas de amostras de artigos de papel dispostas em prateleiras estreitas de madeira na parede.

– Queria quinhentos envelopes destes – disse num tom distante, estendendo-lhe a amostra.

Não fazia ideia do que tinha acabado de tirar da prateleira, mas teria de servir. Quando ele pegou no envelope, os dedos de ambos roçaram-se ligeiramente. O tom róseo das faces de Despina acentuou-se e ela desviou os olhos de novo e começou a mexer numas miniaturas em vidro que estavam numa vitrina. Mas sentia que os olhos dele continuavam pousados nela, que estava a sorrir, divertido.



Desde o início, Anton encaixou-se na vida de Despina como uma peça de um *puzzle* que faltasse. O pai dela, um

abastado homem de negócios grego que mudara a família para Bucareste depois da Grande Guerra, aceitou Anton quase de imediato, surpreendendo-se a si mesmo com a rapidez com que ganhou afeto pelo jovem. Era um facto, Anton não tinha tido a mesma educação que Despina e não provinha de uma família abastada, mas, nas semanas desde que ela o conhecera, as mudanças na sua filha eram tão favoráveis que ele se viu incapaz de formar uma só objeção.

Da noite para o dia, a sua filha mais nova começara a livrar-se da carapaça que a envolvera desde os primeiros anos no novo país. Quando partiram da Grécia, doze anos antes, Despina era ainda uma menina pequena, com olhos como mercúrio e uma personalidade a condizer. Agora, aos vinte e três anos, era como uma estranha para ele. Sim, indubitavelmente tinha desabrochado, transformada numa beldade que emanava uma frieza perpétua, uma espécie de indiferença.

Mas agora aquela luz nos seus olhos estava de volta. Mais uma vez, cirandava pelas divisões da casa, a rodopiar nos seus vestidos de seda, com os braços estendidos para o céu, a rir-se, a comentar a beleza ou o carácter único de coisas em que antes não reparava. A energia dela era contagiante, ilimitada, alastrava como um fogo descontrolado. Não tardou muito até que todas as pessoas da casa comessem a aguardar as visitas de Anton com igual entusiasmo, zunindo à sua volta como se ele fosse uma personagem central em todas as suas vidas.

Não se passava uma semana sem um convite para jantar ou tomar chá. O jovem começou a aguardar com expectativa os pastéis de massa filo acabados de fazer, recheados com queijo, espinafres ou ameixas, algo diferente de cada vez, e o *brandy* com trinta anos que era colocado no carrinho das bebidas na biblioteca antes de ele chegar. Lisonjeava-o o som das vozes femininas jovens, delicadas como espanta-espíritos, a saudarem-no à porta, agradava-lhe a maneira como se encafuavam todas no

carro ao lado dele a caminho de uma festa, como se ele já pertencesse à família.

Com o pai de Despina, Anton aprendeu sobre acontecimentos mundiais, política e negócios. Seguiu-se a arte, a par de um gosto crescente pelos pequenos luxos que acompanhavam o estilo de vida daquela família – copos de vinho de cristal e pratos com monograma, o sabor aromático de charutos importados, a sensação magnífica dos fatos de seda e de linho com que Despina o presenteava, apesar dos seus protestos. Usava-os quando a acompanhava à ópera ou às corridas de cavalos aos domingos. Descobriu como aumentar o seu encanto natural com modos estudados, como beijar a mão enluvada de uma senhora, olhando-a nos olhos por uns breves momentos, como apertar a mão de um homem com autoconfiança, como falar de uma maneira que inspirasse respeito, admiração.

Não tardaram a tornar-se tópico de conversa da vasta comunidade grega em Bucareste, uma visão de encanto, elegância e inegável beleza. Na presença de Anton, Despina desabrochava, tornava-se cada vez mais radiante. À medida que as semanas se iam sucedendo e eles começaram a passar cada vez mais tempo juntos, ela foi ficando com a certeza de uma coisa só. A vida para que estava destinada começara verdadeiramente naquela manhã em que o seu pai a mandara à papelaria de que Anton era agora proprietário, juntamente com três outras em algumas das zonas mais abastadas da cidade.

Tinha havido muitos grandes prazeres desde então. Muitos momentos vieram e passaram, e os felizes compensavam de longe as decepções a que nenhum casamento prolongado estava imune. E por isso eles eram pessoas de sorte, ao que parecia. Contudo, de todas as recordações que tinham construído juntos, a que Despina lembrava com uma emoção mais vívida era a do dia, no outono de 1935, em que ela e Anton saíram da Catedral

Patriarcal na colina de Mitropoly, de braço dado. Um fotógrafo acenou a pedir a atenção deles (*Olhem para aqui, a luz está perfeita*, dissera) a tentar furar por entre a multidão perfilada ao longo da escadaria que dava vivas aos noivos. Mesmo agora, quando Despina olhava para a fotografia na sua moldura de prata, sustinha a respiração, não por os dois parecerem tão atraentes – ela com um lindíssimo vestido de cetim branco, ele com um *smoking* preto de corte impecável – mas pelo que a objetiva captara nos olhos de ambos nesse dia.



Na sala de jantar da casa deles, o badalo do relógio bateu lentamente nove vezes enquanto Despina bebia um gole de café, mal reparando que lhe queimava o céu da boca. Por cima do jornal matutino, Anton ergueu uma sobancelha e pousou o jornal ao lado do prato.

– Se ao menos eu soubesse ler a mente – disse, e trincou uma torrada.

– Oh, não é nada – respondeu ela em voz baixa.

– Conta-me.

– Não sei, Anton. E se isto for outro... – Estremeceu, detestando ter de usar aquela palavra. – Outro fracasso?

– Nesse caso, tentaremos novamente – respondeu Anton sem hesitação, como se fosse a única resposta que alguma vez pudesse dar.

Ela fez um vago sorriso, a sentir-se um pouco menos ansiosa, grata pelo otimismo do marido. Mas sabia como aquilo era difícil também para ele. Sabia o que lhe ia no íntimo – via aquele ligeiro ar mortício nos olhos que só a ela era perceptível – naquelas tardes intermináveis em que se viam na companhia das irmãs dela e do seu rancho de filhos. Quase sugeriu que esquecessem a coisa toda,

ficassem em casa, acendessem a lareira. Parecia que ia nevar outra vez daí a pouco.

- Despina, olha para mim - disse ele, insistente. - Querida.

- Anton - começou ela. - Anton, eu penso...

- Nós não vamos desistir - interrompeu ele, e havia uma firmeza na sua voz que ela raramente ouvira. - Não vamos desistir até tu decidires que já basta. O que, conhecendo-te, minha linda e teimosa esposa - acrescentou, rindo-se baixinho -, significa nunca.

As lágrimas inundaram os olhos de Despina e ela abanou a cabeça, em parte para as controlar e em parte porque não sabia o que dizer. O que lhe apetecia fazer era cair nos braços dele ali mesmo, à mesa do pequeno almoço, e beijá-lo em cheio na boca, mas lançou um olhar ao relógio. Se iam fazer aquilo, não havia tempo para mais nada.

Quando ele a ajudou a levantar-se da cadeira e levou a mão dela aos lábios, ela entrelaçou os dedos nos dele, apertou-os com força. Ali, nos seus dedos, estava tudo o que era real e verdadeiro, tudo o que continuaria a ser dela independentemente do que o destino lhes reservasse nesse dia.

CAPÍTULO 3

A cidade da juventude deles passava indistinta. Havia os pináculos brancos dos edifícios *Art Deco*, o Palácio dos Telefones, que era a coroa de glória da avenida Victoria, o hotel Capitol com a sua fachada delicada, da *Belle Époque*, onde tantas vezes tinham tomado bebidas refrescantes em noites quentes de verão. Não se viam pessoas trajadas com elegância a adornarem o seu pátio com o varandim curvo de ferro forjado, nenhumas luzes nas vastas janelas apareciam à vista, até mesmo as pontes que cruzavam o Dambovita aparentavam não ter nenhuma utilidade. A avenida deserta não tardou a desembocar na praça maior da cidade, e o Palácio Real, com as suas filas intermináveis de janelas, apareceu à vista. Aos portões, perfilava-se um punhado de guardas como figuras de cera, a olharem com indiferença para a praça majestosa, onde a calçada em tempos pisada por milhares de pés brilhava agora imaculada sob uma nova camada de neve.

Poucas palavras foram trocadas com o motorista. Não era propriamente possível ter uma conversa de circunstância sobre as coisas inomináveis que tinham abalado profundamente a cidade nos últimos dias, embora Anton tenha tentado quebrar o silêncio uma ou duas vezes, comentando que o negócio tinha abrandado até quase parar. – Quem precisa das coisas sem importância que eu vendo, numa altura como esta? – disse, e o motorista virou-se ligeiramente para ele e acenou com a cabeça. No assento traseiro, Despina encostou a cabeça ao vidro frio, a

ver os flocos de neve, enormes e pesados, aterrarem no para-brisas e transformarem-se em minúsculas estrelas. Desejava que tudo o que vira com os seus próprios olhos pudesse desaparecer assim, transformar-se em água, evaporar-se da sua consciência.

Três dias de massacres, com zonas da cidade em chamas, cadáveres ao longo das ruas, janelas partidas e almas partidas, mulheres aos gritos e o cheiro a carne humana queimada. E homens que desapareciam durante a noite, a saltarem de prédios com armas carregadas às costas, o som de tiroteios nos jardins de Cismigiu. Tinha havido marchas nas ruas, com pessoas empunhando cartazes em que podia ler-se *Os Judeus São o Inimigo e Resolução Para o Problema Judaico*. Muitos tinham pintado cruzeiros cristãos na porta das suas casas para elas não serem vandalizadas e as suas fachadas profanadas. Eram pessoas que ela poderia conhecer, pessoas decentes, estudantes e trabalhadores sindicalizados, jovens dos liceus e guardas que tinham jurado proteger os cidadãos de Bucareste. E por trás deles a população manifestava-se, com punhos erguidos e vozes iradas, sabendo que mantinham o anonimato no seu ódio partilhado. Tornara-se quase comum ver carros em chamas no meio das avenidas, ver homens e mulheres arrastados para as ruas, espancados, pontapeados com ferocidade.

À noite, a fúria abrandava, mas o medo no coração das pessoas agudizava-se. Fechavam as janelas cedo, corriam as cortinas, baixavam as persianas. Ligavam o rádio para abafar os sons do mundo lá fora. Falavam casualmente sobre conhecidos e crianças ou sobre o que haviam de comer ao jantar, embora lá fora os Legionários, a Guarda de Ferro, marchassem para cima e para baixo nas ruas com baionetas aguçadas a apontar para o céu.

Constava-se que o ramo militar romeno apoiado pelos nazis e conhecido como Esquadrões da Morte era o mais temido em toda a Europa. Noite após noite, patrulhavam os bairros da cidade nas suas impecáveis fardas verdes com o

emblema da cruz tripla na manga. A quarteirões de distância, ouvia-se o som das botas deles a marcharem num uníssono perfeito, o som das suas vozes a erguerem-se juntas a cantar o seu hino sinistro:

*Morte, só uma morte de Legionário,
É o nosso querido casamento de casamentos,
Pela Santa Cruz, pelo país,
Derrotamos florestas e conquistamos montanhas.*

Foi pouco depois das férias que ela o presenciou pela primeira vez, ao regressar a casa uma tarde carregada com os sacos das compras na mercearia. A maior parte das lojas na vizinhança baixara os estores, com receio das pilhagens constantes, e ela tinha caminhado durante quase duas horas até encontrar uma mercearia aberta ainda com alguns produtos de primeira necessidade – farinha, ovos, óleo. No regresso, sentia-se cansada por estar a carregar o peso dos sacos e pensou numa maneira mais rápida de chegar a casa, embora tivesse prometido a Anton que se manteria nas principais avenidas e perto de outros transeuntes. Porém, mais cedo do que imaginava possível, viu-se num labirinto de vielas atapetadas com estilhaços de vidro e montes de destroços queimados. Anton ficaria de cabeça perdida se soubesse que a sua mulher andara sozinha pela vizinhança saqueada, mas ela continuou a avançar, sem medo.

Pouco depois, chegou à avenida Negru Voda, uma artéria tranquila ladeada de grandes carvalhos centenários. Uma zona segura, onde as pessoas em tempos paravam a saudar-se umas às outras, com sorrisos e apertos de mão, enquanto as crianças corriam umas atrás das outras à volta das pernas dos pais. Neste dia, porém, Despina parou à esquina e susteve a respiração, desviando o rosto.

A Cahal Grande, a sinagoga, que era um dos marcos mais antigos da cidade, estava a arder. Havia legionários a

dançarem à volta das chamas, a rirem-se de júbilo, a darem palmadas nas costas uns dos outros. Tinham usado um camião-cisterna para aspergir as paredes, e o templo ardera todo. Nada restava da sua arquitetura ornamental. Nem as menorás ou os livros sagrados. Nem sequer os lavabos.

Havia um puro prazer nos seus rostos, nos seus sorrisos deleitados, iluminados, alongados e grotescos às chamas do edifício a arder, e Despina ficou ali paralisada, sem conseguir dar um passo. Um dos legionários olhou na direção dela, a mirá-la com uma apreciação indisfarçada, e lançou-lhe um sorriso lúbrico. A seguir, fez-lhe uma vénia, com os braços quase a varrerem o chão. Despina virou-se e começou a andar quase em passo de corrida, com o matraquear dos seus tacões a ecoar no passeio. A certa altura desatou a correr, desesperada por chegar a casa, desesperada por sacudir de si o horror que se acumulara no seu estômago, o sabor da bÍlis que lhe subia na garganta. Mesmo agora, pensar no que vira fazia-a estremecer com repugnância. E não era a única. Disso tinha a certeza.

O próprio Hitler, diziam algumas pessoas, se sentia preocupado com a violência que irrompera em Bucareste da noite para o dia com tal vigor, ameaçando descontrolar-se. Ele preferia uma abordagem mais tática para implementar a sua visão, e uma guerra civil não era de modo nenhum o que tinha em mente para a Roménia. Mas os Legionários tinham jurado fidelidade à Alemanha, aos princípios fascistas de Hitler, e estavam dispostos a extinguir as vidas do seu próprio povo, das suas famílias e dos seus amigos de infância. E o bom povo de Bucareste, a populaça, seguia-lhes o exemplo, sabendo que, a coberto do anonimato, não seriam chamados à responsabilidade.



Despina ainda estava embrenhada nos seus pensamentos quando o *Buick* parou em frente a um sombrio edifício de dois andares com pedaços de estuque soltos na fachada e um telhado de chapa. Na parede de estuque descolorido por cima da entrada, uma tabuleta azul-escura indicava que tinham chegado ao seu destino.

O motorista contornou o carro e veio abrir a porta a Despina, estendendo-lhe a mão enluvada. O coração dela deu-lhe um salto no peito ao sair do automóvel, e ajustou o casaco ao corpo. Tinham esperado tanto tempo por esta visita, apesar das muitas tentativas de obter uma audiência com a diretora da instituição. Foi só quando a sua prima Maria interveio, praticamente implorando que permitissem uma só visita, que as portas finalmente se abriram para eles. *Não estamos no negócio da venda de crianças*, foi o que lhe tinham dito. *O dinheiro deles não serve para nada aqui*. Mas depois chegara a menina pequena, e, com o orfanato já cheio e os pedidos incessantes de Maria, a senhora Tudor acedera finalmente.

Maria, com a sua voz de seda e a sua alma de santa, conseguira obter-lhes entrada. Maria, que passava três dias por semana aqui a dar banho às crianças, a servir-lhes as refeições, a rapar-lhes o cabelo e a curar-lhes as feridas, apesar dos protestos do seu marido, apesar dos olhares perplexos das amigas, da incompreensão pelo seu empenho inabalável. *Por que carga de água é que ela faz aquilo?*, perguntavam umas às outras enquanto almoçavam em esplanadas, assistiam a corridas de cavalos, visitavam a modista ou compravam doçarias para os filhos nas pastelarias da movimentada avenida Lipscani. *E o pobre marido, a reputação dele?*, comentavam, enquanto Maria preparava papas, aquecia água para os banhos e acalmava as almas e os corpos de crianças que não pertenciam a ninguém.

Despina sabia o que residia nos corredores escondidos do coração da prima, a sua amiga mais querida, com quem não só partilhava uma notável semelhança física, mas também uma ligação que ultrapassava tudo o que sentia pelas suas irmãs. Ela sabia como Maria sentia a falta do seu filho, do seu único filho, que vira pela última vez quando ele tinha nove anos, deitado numa cama de hospital com tifo. O menino foi-se tão rapidamente que ela mal teve tempo de acariciar o seu corpinho trémulo, de o acalmar com palavras de amor nos seus últimos momentos. Era por causa dele que ela trabalhava aqui e que oferecia o que restava do seu coração a estas pobres crianças perdidas.

Teriam sempre isto em comum, ela e Maria, e, com este último pensamento, Despina pegou corajosamente na mão de Anton e conduziu-o pelo portão de madeira para este último reino de possibilidade, onde o sonho dos dois ainda não estava perdido.

CAPÍTULO 4

Parou, assaltada subitamente por um odor que não conseguia identificar, algo pútrido que a atingiu em cheio, como um murro. Era lixo, apercebeu-se, encostando-se à parede, a sentir subitamente as pernas bambas e o coração a bater demasiado depressa enquanto apreendia o ambiente sombrio do que era o recreio do Orfanato de São Paulo. Estava um caixote do lixo de metal no centro do pátio, ao lado de um carvalho com ramos nus erguidos em súplica para o céu da cor de chumbo. A correrem à volta a brincar à apanhada, dúzias de crianças vestidas com o mesmo uniforme caqui desleixado gritavam todas contentes, como se o terrível fedor não as incomodasse nada.

Tapando o nariz com as costas da mão, avançou lentamente, a tentar equilibrar-se no empedrado irregular e combater a apreensão que subitamente a dominara. Só olhar para estas pobres crianças - todas pálidas e com o pingó no nariz, com as suas cabeças rapadas e os seus joelhos esfolados, os seus olhos vazios - encheu-a com tal tristeza que só lhe apetecia fugir. Porque tinham vindo aqui? O que esperavam encontrar num lugar como este? Devia ser um erro. *Um erro*, quis segredar a Anton, puxando-lhe o braço. Contudo, quando ele se virou para ela, havia um sorriso a bailar no rosto dele, como se estivesse a observar crianças a brincarem num parque num domingo soalheiro.

- Anda, querida - disse ele, enfiando o braço no dela. - Está tudo bem.

Delicadamente, conduziu-a pelo pátio em direção ao que parecia ser o edifício principal. Estavam quase a chegar quando um menino magricela de cerca de dez anos se aproximou deles, a lançar e a recolher um ióió com uma facilidade impressionante.

- Então, estão aqui para fazer uma visita à nossa maravilhosa instituição? Para dar uma vista de olhos a nós, as crianças? - disse ele, fechando os dedos sobre o brinquedo de madeira. - Eu sou o melhor jogador de futebol que há. E sei contar trocos.

Anton procurou no bolso do casaco e tirou uma nota. Sem olhar para ela, entregou-a ao rapaz, que lha arrancou sofregamente da mão. Os seus olhos arregalaram-se de surpresa e virou-a de um lado e do outro, a tentar identificar quanto valia.

- Obrigado, obrigado, meu senhor! - disse, e baixou-se para enfiar a nota na meia.

- Não tens de quê - respondeu Anton, bem-disposto. - Mas podes fazer-nos um favor, meu jovem? Podes levar-nos ao gabinete da diretora?

- Isso não vai ser necessário. - Uma voz fina e ríspida saudou-os nas costas deles.

Viraram-se, um pouco embaraçados por se verem frente a frente com uma senhora de meia-idade, com um corpo enxuto, o cabelo grisalho apanhado numa banana e um xaile de lã cinzenta a cobrir os seus ombros magros.

- Estava à vossa espera - disse a senhora Tudor, vendo as horas no seu relógio de pulso e desviando abruptamente o olhar para Despina, que corou involuntariamente ao ouvir aquela reprimenda explícita. - Deve ser a prima da Maria.

- Sim - respondeu Anton todo animado na vez da sua mulher, que, aparentemente, estava sem fala. Apertou a mão da senhora com demasiado entusiasmo e sentiu-se um

pouco embaraçado quando ela a retirou da dele e a colocou rigidamente atrás das costas.

- Bem, é por aqui, então - disse a senhora, com um sorriso forçado de cortesia que não se estendia aos seus olhos.

A senhora Tudor conduziu-os em passo apressado e sem olhar para trás por um corredor na penumbra que cheirava a amoníaco e a tinta fresca. Daí a um momento, fê-los entrar para um gabinete minúsculo, pouco maior do que um armário.

- Por favor, sentem-se - disse, apontando para as cadeiras em frente à secretária.

Anton tirou as luvas e instalou-se bem instalado, Despina sentou-se na beira da cadeira.

- Em primeiro lugar, gostaria de passar em revista alguns factos - disse a senhora Tudor com firmeza, quase invisível na sua cadeira por trás de uma secretária grande de madeira. Fez uma pausa para empurrar os óculos muito grandes para cima no nariz e abriu um dossiê. - A menina sobre quem inquiriram... é extremamente metida consigo. Como tenho a certeza que a Maria lhes disse, foi trazida para cá em finais de janeiro em circunstâncias pouco usuais. Aparentemente, foi encontrada em frente a um prédio na avenida Dacia pela porteira. A mulher acolheu-a por essa noite e no dia seguinte levou-a à esquadra local da polícia, na esperança de que alguém pudesse andar à procura dela. Parece que não era o caso, e por isso a polícia trouxe-a para cá.

Pigarreou e bebeu um gole de água de um copo que tinha em cima da secretária. - Na altura em que a menina chegou cá, parecia bastante normal e estar bem desenvolvida e de boa saúde, mas... ainda não disse uma só palavra. Confirmaram-nos que sabe falar. De algum modo, a porteira conseguiu arrancar-lhe não só o nome, mas também o mês e o dia dos anos dela, mas, no entanto, aqui ela parece - a senhora Tudor fez uma pausa, como se à

procura da expressão certa – totalmente *ausente*. A única coisa por que mostra algum interesse é um velho piano que há muito pusemos na sala de arrumos. Senta-se lá em cima e fica a martelar as teclas horas a fio, recusando-se até por vezes a descer para jantar. Bem... – fechou o dossiê e empurrou-o com alguma impaciência para o lado. – Mesmo assim, desejam vê-la?

A senhora Tudor queria chegar rapidamente ao cerne da questão. Tinha a certeza de que, quando este casal visse a menina, a visita terminaria abruptamente. Com certeza não quereriam uma pequena órfã magricela, especialmente uma criança que parecia presa num mundo só seu. As pessoas como eles, com as suas roupas caras e o seu automóvel de luxo estacionado lá fora, não faziam ideia do que custava tomar conta de todas estas crianças, gerir uma instituição como esta. Ela não conseguia esconder o seu desprazer, com os lábios descaídos numa expressão silenciosa de desprezo.

– Sim, claro – respondeu Despina, apanhando-a de surpresa. – Com certeza que queremos. Não queremos, querido?

Anton acenou com a cabeça, sem exhibir qualquer outro sinal de emoção a não ser um sorriso paciente quando estendeu a mão para a dela. Era quanto bastava para Despina, que olhou para a senhora Tudor com audácia.

– Muito bem, então. Se têm a *certeza*. – A diretora sublinhou a palavra. – Penso que ela devia conhecê-la a si primeiro, minha senhora. A sós.

– A sós? Mas a decisão não é só minha. O meu marido...

– Sim, minha senhora, *a sós* seria melhor. Depois de tudo aquilo por que a pobrezinha passou. Penso que lhe pouparemos a provação de ser examinada por uma multidão.

Já estava em pé, a segurar a porta aberta numa atitude de desafio.

- Eu fico aqui - disse Anton, e Despina seguiu hesitante a senhora Tudor para fora do gabinete, lançando-lhe um último olhar. - Afinal, meu amor, é o teu coração que te dirá tudo o que precisas de saber.



Numa outra divisão abafada, Despina estava a andar de um lado para o outro. Lançou um olhar para o pátio lá em baixo por uma pequena janela com grades, reparando que já não se viam crianças. Deviam estar de novo nas salas de aulas, pensou, mas supôs logo em seguida de que o mais provável era que não houvesse salas de aulas num sítio como este. Não havia livros, brinquedos, jogos aqui. Não havia nada a não ser um grande vazio de tempo que se estendia sem fim. Inspirando fundo, sentou-se numa cadeira de um tamanho próprio para crianças e aguardou.

Passou algum tempo - não fazia ideia quanto - até o estalido do fecho da porta a fazer despertar do seu devaneio. - Anda, anda, minha querida - ouviu a senhora Tudor dizer com uma ternura surpreendente, e uma silhueta minúscula apareceu à porta. A figura avançou lentamente, entrando na sala, conduzida por trás pelas mãos da senhora Tudor.

A menina não devia ter mais de quatro anos, apercebeu-se Despina; mal lhe chegava à cintura. Não era difícil ver que, apesar da cabeça rapada e da palidez do rosto com riscos de sujidade, era uma menina bonita. Os seus lábios em forma de coração e as maçãs do rosto salientes - uma das quais estava pontuada por um pequeno sinal redondo, como um ponto final no fim de uma frase - davam-lhe um ar delicado, de boneca. E os olhos dela - Despina nunca vira olhos assim. De um verde-musgo intenso, como um lago no meio do verão.

- Olá - disse Despina. Sorriu e levantou-se tão depressa que quase deixou cair a sua mala de mão.

No longo momento que se seguiu, sentiu que tremia e que o próprio ar à volta dela se imobilizava. Pareceram-lhe os segundos mais monumentais da sua vida, mas não estava a acontecer nada. A menina nem sequer levantou os olhos das traves do soalho, ali parada a balançar-se, com um desconforto que era quase tangível, a fungar e a limpar o nariz à manga do uniforme.

- Olha, isto pode dar-te jeito - conseguiu dizer Despina. Meteu a mão na sua mala, à procura do lenço de assoar. Estendeu o lenço à menina, e ele ficou ali pendente, como uma bandeira branca flácida, até que por fim ela baixou a mão. Poderia ser o suficiente para a desencorajar, para provocar um olhar ou um gesto que poria fim a tudo. No entanto, Despina não conseguia tirar os olhos daquele pequeno ser, como se tudo o mais na sala estivesse envolto em nevoeiro.

Mas onde estava a sua Shirley Temple? Onde estava a criança dos seus sonhos, com caracóis louros cheios de movimento e um sorriso que iluminava uma sala? Quando decidiram experimentar a via da adoção, foi o que ela imaginou. Uma coisinha loura, com faces redondas e coradas e uns olhos azuis ofuscantes. Uma menina que faria estranhos pararem na rua e sorrirem-lhe, uma visão de querubim loura, feliz e bem-disposta. Esta menina não era nada disso. Mas algo nela - esta criança adoentada e tímida que não a olhava nos olhos - comoveu Despina de uma forma inexplicável.

Estendendo a mão mais uma vez, lentamente para não a sobressaltar, Despina passou os dedos pela cabeça rapada da menina. Ela estremeceu, como se o toque a tivesse picado, mas daí a um momento os seus espantosos olhos verdes ergueram-se, tímidos ao princípio, depois mais audazes, e fitaram os olhos marejados de lágrimas de Despina, cheios de reconhecimento. Afinal, Anton tinha

razão. O coração dela *tinha* falado; falara tão alto como os sinos da igreja que começaram a tocar algures à distância.



Nas seis semanas seguintes, Despina chegava ao orfanato bastante antes da hora marcada. Embora na maior parte das vezes viesse só, quando Anton podia escapar dos afazeres das lojas por umas horas, acompanhava-a, e, com a menina entre os dois, passeavam no parque da vizinhança, a poucos quarteirões de distância. Na sequência da violência, instalara-se uma paz sombria na cidade, e eles podiam descansar num banco por uns momentos, partilhar os pastéis de massa filo que Despina fazia para a ocasião na noite anterior. Noutras alturas, compravam *pretzels* quentes com sementes de papoila ao vendedor de rua que estava à entrada do parque. De cada vez, Despina trazia um livro novo para lerem. Enquanto mergulhavam em contos de fadas e lendas, a menina deixava-se ficar sentada com a cabeça encostada ao ombro de Despina, com o cabelo agora já crescido, como o de um garotinho, da cor de cobre escuro. Não falava, mas Despina sentia cada vez menos necessidade de palavras. Ficava contente só por poder sentar-se com ela nos Jardins Cismigiu à sombra das estátuas de poetas e compositores famosos a ver os cisnes deslizarem no lago. O tempo estava a ficar mais quente, ainda fresco, mas com o sol reconfortante e calmante nos seus rostos pálidos, e, por uns breves momentos, a devastação do inverno anterior parecia pertencer a outro mundo.

Anos mais tarde, muito depois das mudanças que viriam, das perdas e dos novos começos que redefiniriam a sua vida de maneiras que nunca imaginara possíveis, Despina regressava sempre em pensamento àquele banco de jardim, onde, por uns breves instantes, se sentira total e

inegavelmente feliz, apesar da guerra que grassava na Europa. Nunca estaria longe daquela tarde maravilhosa em que, com a mão da menina bem presa na sua, a levou pelo pátio cheio de crianças e saíram pelo pesado portão de madeira do Orfanato de São Paulo pela última vez.

CAPÍTULO 5

Stefan estava a tentar encontrar o comprimento de onda mais sintonizado no botão do rádio, mas a voz do locutor desvanecia-se e ele não conseguia distinguir as suas palavras exatas. Pôs os óculos de armação de arame e acamou umas madeixas de cabelo louro na testa por hábito, para esconder as entradas prematuras. Com quarenta anos feitos há pouco, parecia e sentia-se mais velho, muito mais velho do que a sua mulher, Maria, que conseguira manter um ar juvenil e uma energia sem limites, embora tivesse só menos cinco anos do que ele. Neste momento, ela andava a girar à volta dele com uma energia febril, a limpar o pó da prateleira por cima do fogão de sala, a mudar os vasos de lugar no peitoril da janela e a arrumar pratos no louceiro como se fosse a coisa mais importante do mundo.

A sua mulher sempre fora meticulosa em relação à limpeza, mas esta atividade toda não era porque a casa não estivesse imaculada ou os objetos estivessem fora do seu lugar. Estava a afadigar-se assim para estar ocupada e manter uma sensação de normalidade, para se concentrar em alguma coisa que não fossem os desgraçados soluços que vinham do andar de cima. Os gritos daquela mulher passavam pelo teto, por todas as fendas da casa, a todas as horas do dia.

- Quanto mais tempo vão ficar aqui? - perguntou Maria, embora soubesse que não valia a pena perguntar, que mais uma vez não receberia uma resposta. - Não consigo aguentar isto nem mais um momento, estou-te a dizer.

Stefan levantou os olhos do rádio e abanou a cabeça, como se a dizer: *Agora não, falamos disso mais tarde.*

Maria suspirou e pôs-se a limpar as *flûtes* de champanhe. Em todos os anos do casamento, ela sempre se vergara à vontade dele, deixando-o controlar todas as decisões importantes relativas à vida dos dois. Confiava nele implicitamente, porque, se havia uma coisa que sabia sobre o seu marido era que ele era um homem com um intelecto excecional e uma moral impecável. Nos seus dez anos de casados, já lhe tinham sido confiadas decisões de importância vital por algumas das famílias mais destacadas de Bucareste, que o contratavam para lhes redigir o testamento, gerir os seus investimentos e aconselhá-los em questões pessoais difíceis. Cada um dos segredos deles era fielmente guardado, não simplesmente porque era parte do seu trabalho ou porque lhe pagavam para isso, mas porque era um homem íntegro.

No entanto, Maria receava que esta decisão em particular tivesse sido tomada com uma pressa incaracterística. Eram tempos imprevisíveis e perigosos. Stefan, melhor do que ninguém, sabia-o. Mesmo assim, apesar dos protestos intermináveis dela, apesar do enorme risco que estavam a correr, com aquela mulher a comportar-se daquela maneira mesmo por cima da sala de estar deles, o marido recusava-se a mandá-los embora. Mesmo quando a mulher uivava como se alguém estivesse a arrancar-lhe os membros um a um, Maria não conseguia fazer com que o marido concordasse que tudo aquilo era de mais, que ela precisava que ele cedesse nesta ocasião em que lhe fizera saber com tanta veemência quais eram os seus desejos.

- Por favor, perdoa-me, Maria - disse Stefan, aproximando-se por trás dela e massajando-lhe os ombros.
- Estou a fazer tudo o que posso, todos os dias. Mas sabes que não posso pô-los na rua. Seria como puxar eu próprio o gatilho.

Ela sacudiu a cabeça mais uma vez e fechou a porta do louceiro com cuidado. – Eu sei – segredou contra o vidro. – Mas não podemos continuar assim, dia após dia. Quanto mais tempo é que eles conseguirão sobreviver nestas circunstâncias? Nenhum ser humano é capaz de viver assim durante muito tempo.

Era difícil de facto saber ao certo há quanto tempo o casal estava lá em cima no sótão escuro, sem ar fresco, sem tomar banho. Embora não houvesse muita comida de sobra nos dias que corriam, mesmo assim, Maria fazia o que podia. Na maior parte dos dias, conseguia arranjar algum pão fresco e uns vegetais enlatados, um pouco de guisado que deixava perto da porta do sótão, juntamente com um jarro de água e a ocasional garrafa de vinho, em que eles nunca tocavam. Há pelo menos três semanas, pensou, que isto durava. Três semanas a viver com medo, com discussões que a antagonizavam com Stefan como nunca antes, embora ela compreendesse que tudo aquilo não estava realmente nas mãos dele, que ele não poderia ter agido de modo diferente. Embora lá no fundo ela o amasse pela sua coragem.

Dias antes, quando a pancada na porta a fizera acordar sobressaltada de um sono profundo, o seu primeiro pensamento foi que o marido estava a ser solicitado para atender a alguma questão legal urgente. Não seria a primeira vez que ele era chamado a meio da noite para uma revisão de última hora de um testamento, que lhe era pedido que viesse rapidamente porque não havia um momento a perder. E por isso ficou completamente surpreendida quando abriu a porta da rua e se viu frente a frente não com o filho ou a mulher de algum cliente idoso, mas com um casal que não devia ter mais do que uns vinte e tal anos.

A mulher estava sem casaco, só com um vestido de algodão fino rasgado na fímbria. Colava-se-lhe às pernas nuas, com o vento cortante a enroscar-se à volta do seu

corpo delgado, mas ela não fazia nenhuma tentativa de se proteger. Ao seu lado, um jovem alourado, em camisa, tremia. Tinha as mãos todas enfarruscadas, quase pretas, como se tivesse estado a mexer em carvões numa lareira.

- Pedimos imensa desculpa por lhe aparecer assim a esta hora - murmurou o homem. - Esperava poder dar uma palavra ao seu marido, se ele ainda estiver acordado.

Passou um carro, e Maria vislumbrou melhor o rosto da mulher à luz dos faróis. Reparou na angústia gravada nas suas feições delicadas, no ar mortício dos seus olhos redondos fixos num ponto à distância, em nada.

- Sim, claro. - Maria sorriu, indecisa, sentindo-se percorrida por um tremor também ela.

Nesse momento, Stefan apareceu por trás dela, com o seu roupão de flanela e chinelos, a ajustar os óculos no nariz. Piscou os olhos à luz fraca, e uma súbita palidez alastrou-lhe no rosto.

- Entrem, por favor, acompanhem-me - disse gravemente, fazendo-lhes sinal para que entrassem.

Quando passaram timidamente por ela, Maria pensou por um momento que reconhecia o jovem. Parecia-lhe vagamente familiar, embora ela não soubesse bem de onde. A mulher, tinha a certeza, nunca a vira antes daquela noite.

- Maria, não te importas de trazer um chá ao escritório, por favor? - pediu Stefan, interrompendo o olhar intrigado dela, enquanto os conduzia pelos degraus acima.

Ela queria protestar, recordar-lhe que estavam a meio da noite, mas havia algo na voz de Stefan que lhe disse que aquilo não estava à discussão. Quando regressou daí a pouco com chávenas de porcelana e um bule de chá a fumegar, Stefan não abriu a porta, apesar das pancadas insistentes dela. Foi só quando ela a abriu e espreitou para dentro do escritórios fracamente iluminado que compreendeu que o que estava a desenrolar-se perante ela não era o habitual. A jovem estava afundada no cadeirão de couro ao lado da estante, com a cabeça entre as mãos,

pousada nos joelhos, e o seu cabelo castanho-arruivado comprido quase a roçar o chão. Não olhou para cima quando Maria entrou e pôs o tabuleiro em cima da secretária.

Mais tarde nessa noite, no seu quarto, Maria ouvia ainda as vozes deles enquanto tentava desesperadamente adormecer. Mas o sono teimava em não vir. Hora após hora, pensamentos sem-fim passavam-lhe pela cabeça a toda a velocidade. Sabia que o seu marido já tivera de lidar com muitos assuntos melindrosos, já tivera de esconder muitas verdades sob o véu do sigilo profissional a que os advogados estavam obrigados para com os seus clientes. Mas isto não conseguia compreender. O que quer que estivesse a passar-se sob o seu teto a esta hora não tinha nada a ver com a profissão do marido.



Quando Stefan se enfiou na cama, o quarto estava já banhado pela luz rósea da madrugada. Não se esforçou muito por não fazer barulho, porque adivinhava que Maria ainda estava acordada. O que era certo é que nem um nem o outro dormiriam muito agora.

Virou-se para ela e, apercebendo-se de que estava à espera que ele dissesse alguma coisa, segredou-lhe ao lado da almofada dela: – Não posso explicar as razões por que tenho de fazer isto, mas por favor não tentes dissuadir-me.

– No mínimo, mereço uma explicação – murmurou Maria, com os olhos pregados numa fissura no estuque no teto por cima da cama deles. – Quem são eles? Porque estão aqui, na nossa casa, a esta hora?

– Eu vou contar-te tudo – disse Stefan. – Conto-te tudo muito em breve. Mas, por agora, peço-te, suplico-te, Maria, por favor deixa-me tentar ajudá-los. Devo a minha vida ao pai dele, compreendes? *A minha vida.*

Depois de um silêncio prolongado, durante o qual Maria não se mexeu nem fez um só gesto, ele prosseguiu. – Não será por muito tempo. – Teve de se esforçar por não se sair com toda a verdade, por não lhe contar tudo o que sabia sobre a família daquele pobre homem. Mas Stefan tinha a certeza de que Maria já adivinhara porque o casal aparecera lá em casa, com aquele aspeto, à meia-noite e meia hora. – É só por pouco tempo, e depois eu encontro um lugar para onde eles possam ir. Só temos de os ter aqui durante uns dias, umas duas semanas no máximo, até as coisas acalmarem lá fora. Até passar toda esta loucura.

Maria já não conseguia conter a ansiedade que borbulhara no seu estômago toda a noite. – Estás louco? – berrou. – Perdeste completamente o juízo? Como pudeste prometer-lhes tal coisa? Não sabes que vamos ser presos juntamente com eles, que nos vão pôr contra uma parede e dar-nos um tiro na rua, como cães vadios? Não sabes o que vai acontecer à nossa família, a quem seja próximo de nós? O que é que te vai acontecer a ti? Nenhum dos teus clientes nunca mais vai querer ter nada a ver contigo.

Em todos os anos de vida em comum, Maria nunca lhe tinha falado naquele tom, mas pouco importava agora, porque ela já não queria ser a pessoa sensata, a que nunca levantava a voz, nunca perdia as estribeiras. Não lhe importava que o casal escondido na sua casa pudesse ouvi-la, que os vizinhos conseguissem compreender tudo o que ela dizia.

Stefan arredou as roupas para trás e saltou da cama. Começou a andar de um lado para o outro no quarto, com os pés a arrastarem-se silenciosamente na espessa carpete turca. Durante algum tempo, não disse nada.

– Ouve, Maria – disse subitamente. – Ouve-la a chorar? Sabes porque é que ainda não parou de chorar desde que chegaram aqui?

Maria manteve-se em silêncio. Não ia ceder desta vez.

- Porque tiveram de abandonar a própria filha - disse Stefan lentamente e num tom calmo, transmitindo a informação que sabia que alteraria tudo.

Ela fitou-o, levando a mão à boca e depois deixando-a tombar. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, e Stefan soube que estava a pensar, a recordar o filho deles, o encantador rapazinho em quem nem um nem o outro voltariam a pôr os olhos. Inundado com a sua própria tristeza, sentou-se ao lado dela e pegou-lhe na mão.

- Eu conto-te, minha querida - segredou numa voz estrangulada. - Eu conto-te tudo, se me deixares.

Ela escutou em silêncio enquanto a luz lilás esfumada da madrugada foi tornando mais nítidas as silhuetas das árvores despidas e dos telhados cobertos de geada do outro lado da rua. Enquanto Stefan revelava os acontecimentos que tinham levado o jovem casal à casa deles, ela viu por fim o que estava em jogo e soube que nada desviaria o marido do caminho que escolhera.

CAPÍTULO 6

Começara na noite anterior, logo a seguir à ceia, quando o jovem casal estava a preparar-se para se recolher. Ouviram pancadas na porta do seu pequeno apartamento. Ao princípio, a mulher pensou que poderia ser a senhora idosa do apartamento ao lado a pedir algo emprestado mais uma vez. Farinha ou uma chávena de açúcar eram o pedido habitual, e ela nunca era capaz de recusar, embora o dinheiro escasseasse e eles mal conseguissem remediar-se com o que tinham. Era tarde, e ela calculou que, se não fosse à porta, a velha senhora acabaria por desistir e voltar para o seu apartamento. Mas as pancadas tornaram-se mais insistentes, até já não poderem ser ignoradas. Quando por fim abriu a porta, ficou surpreendida ao dar não com a senhora do apartamento ao lado, mas com um agente da polícia com uma gabardina escura e um boné puxado sobre a testa.

- Boa noite, minha senhora - disse ele com um sorriso delicado, tirando prontamente o boné. - O seu marido está em casa? Se não for muita maçada, gostaria de falar com ele por uns momentos.

A mulher olhou para o polícia cautelosamente pela fresta da porta, mas, como o tom dele era cortês, quase pesaroso, ela desviou-se para o deixar entrar. - Sim - disse, hesitante. - Posso dizer-lhe como o senhor se chama?

- Boa noite - disse novamente o agente, em vez do nome, e ela demorou um momento a compreender que o marido aparecera por trás de si. Tirara a gravata e ainda tinha as

mãos húmidas de ter estado a lavar a louça depois do jantar. Dirigindo-se para eles, começou a desenrolar as mangas da camisa.

- A sua esposa teve a bondade de me convidar a entrar. Espero que não tenha mal, dada a hora tardia.

Instalaram-se à mesa como velhos amigos a beberem um cálice de *brandy* depois de um árduo dia de trabalho. O relógio de parede fazia o seu tique-taque sintonizado com o som das vozes deles, calmo, monótono. Passou-se uma hora, talvez duas, e nem um nem o outro saíram do seu lugar. No entanto, uma fadiga apoderara-se do marido dela; estava sempre a esfregar os olhos e tinham-lhe aparecido bagas de suor na testa e por cima do lábio. Enquanto eles falavam, ela acabou de arrumar a cozinha e foi deitar a filha pequena. Agora, no outro quarto, andava de um lado para o outro tão silenciosamente quanto possível, a fingir que também ela estava a dormir. Houvera perguntas, perguntas sem fim, sobre o sogro dela, o seu cargo anterior no parlamento real, quanto o marido dela sabia sobre a situação atual do rei. E isso, compreendeu ela, só poderia significar uma coisa para eles.



Poucos meses antes, a abdicação do trono pelo rei Carol II espantara toda a Europa. Fugira sob uma chuva de balas, corrido do país como um animal perseguido. Não que alguma vez tivesse sido popular junto dos seus súbditos. Mas num curto período antes da sua abdicação, a aversão do povo por Carol intensificou-se, alimentada pelo facto de ele ter entregado territórios romenos à Hungria e à Rússia sem contestação, sem que uma só arma fosse disparada. A última gota, no entanto, a que fez irromperem motins nas ruas, foi a sua recusa de abandonar Magda Lupescu, sua amante há vinte anos, por quem estava disposto a abrir

mão do seu país, da sua honra e da rainha por direito, a mãe do seu único filho. As pessoas arremessavam-lhes obscenidades e insultos e as crianças atiravam pedras à escolta real quando os automóveis passavam a toda a pressa pelas ruas de Bucareste, com Magda e Carol escondidos de vista no assento traseiro do seu *Rolls-Royce*. *Morte à meretriz judia*, berravam irados enquanto os dois subiam a correr os degraus do palácio, onde Magda vivia há anos, uma rainha reinante em tudo menos no nome.

Quando houve disparos contra as janelas do palácio, a situação tornou-se insustentável. Levando só os artigos de primeira necessidade, Carol e Magda fugiram de noite num comboio para Espanha, com algumas malas de porão e um punhado de amigos leais. A Roménia passou então a ser governada pelo braço direito de Hitler, o general Antonescu, com o jovem príncipe Miguel como um mero rei fantoche e os Legionários de Antonescu, na sua louca sede de sangue, a assassinar sessenta elementos da corte de Carol e a transformarem a cidade num campo de batalha.



- Já respondi a todas as suas perguntas, senhor agente - ouviu o marido dizer. - O meu pai nunca falou sobre assuntos profissionais com ninguém, especialmente não comigo.

- E as excursões que fez ao campo quando era criança? É um facto conhecido, meu senhor, que o seu pai era amigo de infância de Magda Lupescu. Ela estava lá, nessas longas férias?

- De quem está a falar?

- Da amante do rei, meu senhor. Da mulher que ajudou o seu pai a obter um cargo no governo, que abrigou outros judeus como ela debaixo da asa do rei, que lhe custou o trono! Está a querer dizer-me que não sabem quem ela é?

A voz do polícia já não era contida. Pouco faltava para que desatasse aos berros. Mesmo assim, o jovem encarou-o calmamente. – Não me recordo de tais excursões – disse. – Lamento.

O polícia recostou-se na cadeira, desapertou o botão de cima do colarinho e bebeu um gole de chá. Nos cantos descaídos do seu sorriso forçado, o jovem viu tudo: o desdém pela sua família, o ódio, a frustração com este interrogatório que não estava a ir a lado nenhum.

– Terá de me acompanhar à esquadra. É só uma questão de protocolo, como compreenderá. Mas temos mais algumas perguntas. Não deve demorar mais do que uma hora.

Com um aceno leve da cabeça, o jovem olhou para as mãos. Como não valia a pena argumentar, só agravaria as coisas, ele pôs-se de pé sem resistir e começou a dirigir-se para a porta. Mas então as palavras que ele rezara que não fossem ditas ali estavam, alto e bom som, atingindo-o em cheio nas costas.

– A sua esposa e a sua filha também têm de vir.

– Porquê? – perguntou ele, sem se virar, sem se atrever a virar-se. – Elas não fizeram nada. A nossa filha só tem três anos...

Estavam para lá de conversas agora; essa fase terminara, o que ele ouviu no silêncio que se seguiu, no som abrupto dos passos do agente quando se aproximou da janela e fez sinal ao carro-patrulha lá em baixo.

– Com certeza, iremos consigo – disse ele. Sentia a cabeça a andar à roda, e o pânico que se erguera nele levou-o a falar demasiado depressa. Teve de fazer um esforço para abrandar, respirar normalmente. – Se me permite só alguns minutos para explicar a situação à minha mulher... Ela fica extremamente agitada, sabe? Penso que, se eu falar com ela primeiro, a nossa ida à esquadra poderá ser um pouco mais fácil. – Juntou as mãos num gesto de súplica que dava

a entender: *Somos ambos homens, compreendemos como as mulheres podem ser sensíveis.*

O agente afastou-se da janela, olhou para o relógio. Não gostava de se ver em situações como esta. Preferia de longe fazer marchar judeus para fora das suas casas. Mas esta família em particular tinha de ser tratada com cuidado; eram as ordens que recebera. Além disso, a última coisa que queria ter de presenciar era uma cena de histeria da esposa deste homem. Nada lhe desagradava mais do que uma cena.

- Tem dez minutos. A partir de agora - rosnou, calculando que daqui a uma hora, se ela acedesse a acompanhá-los sem barafustar, ele poderia estar a tomar uma bebida no bar da esquina. - Eu espero lá fora. - Depois, pondo o boné, saiu do apartamento e bateu a porta atrás de si.



A gaveta da sua secretária estava desarrumada - demasiadas coisas, envelopes e contas ainda por pagar, um abre-cartas que lhe cortou o dedo, fazendo-o estremecer. *Lei.* Sentiu as notas, um grande maço, onde as guardara num compartimento escondido, para uma emergência ou uma viagem de última hora, nunca para algo como isto. Enfiou as notas a toda a pressa nos bolsos da camisa, das calças, dentro das meias.

Houve um olhar quando entrou de rompante no quarto. Um olhar breve, deliberado, sem palavras, quando ele tirou a menina da cama. Pelo canto do olho, viu a mulher pegar num xaile, num gorro para a menina, no cobertor dela. Viu-a olhar à volta do quarto à procura dos sapatos, a decidir-se pelos chinelos. E depois puseram-se em fuga. Com a filha nos braços, correram para a cozinha e saíram pela porta das traseiras que dava para as escadas de serviço, e o

coração dele batia descontrolado, como nunca antes batera nos seus vinte e sete anos de vida.



Estava quente na sala da caldeira. Quente e húmido, e a caldeira trabalhava ruidosamente, o que era bom, porque lhes proporcionava insulação, era uma espécie de casulo. Tinham tido sorte, dadas as circunstâncias, era mesmo uma bênção que os guardas no portão da frente estivessem de costas voltadas a rir-se, a fumar um cigarro, enquanto os três se escapuliram por trás deles para a cave do prédio. Mas agora que estavam aqui, a sensação momentânea de segurança dissipava-se rapidamente. Não estavam em segurança, de modo nenhum, com os guardas lá fora a vigiar e a menina a choramingar nos braços da mãe.

- Está tudo bem - cantarolava a mãe, a embalá-la, a fazer-lhe festas no rosto. - Está tudo bem. - E a maneira como sorria dava a entender que era só um jogo, um faz-de-conta de que se ririam mais tarde junto à lareira. Mas quando os seus dedos tocaram nos lábios e os pressionaram, houve alguma coisa que apareceu naqueles olhos pequeninos e sábios, e a menina soube que tinha de se manter calada.

De um canto cheio de poeira, ele arrastou uns caixotes de madeira e empilhou-os contra a parede. Parecia um ato de desespero, improvável que resultasse, mas não parecia haver nenhuma outra opção, nenhuma outra saída. Assim, quase ficou surpreendido quando subiu para o último caixote de cima e, esticando os braços como se quisesse chegar ao céu, viu que conseguia tocar no peitoril do postigo da cave. Limpou teias de aranha cheias de pó e abriu o postigo, tendo o cuidado de não fazer barulho. A abertura mal chegava para uma criança passar, mas ele esforçou-se por não pensar nesse facto enquanto tentava sair aos poucos, a agarrar as barras de ferro do outro lado

da janela. Quando caiu no passeio, teve de lembrar a si mesmo que não era grande vitória. Teria de agir rapidamente.

- Passa-ma - segredou lá para baixo à mulher. - Passa-ma agora.

Pela cavidade, tateou para agarrar a filha, os seus braços minúsculos e o seu pequeno corpo macio, o cabelo tão comprido e luxuriante para os seus poucos anos. Quando a puxou, um pouco demasiado bruscamente, ouviu-a gritar, e sentiu que o seu coração quase se estilhaçava, mas não parou. Sentia o sangue a latejar-lhe nas têmporas, e pensou: *Vamos ser apanhados agora, vão-nos dar um tiro, ela não vai chegar a fazer quatro anos.* Temia aquilo com todas as fibras do seu ser enquanto a puxava para fora com um último sacão. A seguir, também a sua mulher estava cá fora e eles estavam juntos de novo, abraçados, com o hálito e os braços entrelaçados, a tremerem no escuro.

Acocorados nas sombras, fugiram, rastejando ao longo de travessas, de muros intermináveis. A polícia estava ainda por toda a parte, a soprar em assobios, a berrar ordens, a instar outras pessoas a circularem, a despacharem-se. O chiar de pneus e o som de portas de carros a fecharem-se com força ecoava de becos sem saída invisíveis como os picos de uma montanha, e, por trás de cortinas corridas, alguns rostos espreitavam, a tentarem divisar o tumulto lá em baixo. Alguém abriu uma janela para ver melhor e ele não teve outra opção a não ser puxar a mulher e a filha para a entrada do prédio mais próximo.

Um prédio de habitação abrigou-os, um prédio que ele conhecia dos tempos de infância, com um velho elevador ferrugento que não funcionava há décadas. Recordou que já nessa altura, à procura de um lugar para se esconder dos amigos num jogo de escondidinhas, o elevador não era propriamente fiável; muitas vezes, os moradores do prédio gemiam, praguejavam e chamavam o encarregado para que viesse salvá-los da armadilha de morte que era aquela

gaiola, enquanto ele se escondia na alcova por baixo do poço do elevador. Ninguém, recordava-se bem, conseguia encontrá-lo ali. Ninguém sabia sequer que a alcova existia. No entanto, não era tão quente como a sala da caldeira, este esconderijo secreto da sua infância, nem tão reconfortante. A única fonte de calor aqui era um velho cobertor de lã que ele encontrou num armário de vassouras, a cheirar a gasolina e cheio de buracos das traças.

- Não podemos ficar aqui - disse, depois de o frenesim lá fora parecer ter abrandado um pouco. - Temos de nos pôr a andar. Eles vão voltar, talvez já venham a caminho, e vão passar tudo a pente fino, todas as entradas dos prédios, todas as casas. Vão interrogar todos os vizinhos que suspeitem que possam dar-nos abrigo. Temos de atravessar a cidade. Esta noite.

Para sua surpresa, a mulher dele não pareceu ouvi-lo. Estava acocorada no chão, a esfregar os pés, os braços, escondida por trás de uma cortina de cabelo.

- Querida - disse ele -, querida -, mas ela não se mexeu e ele recuou, numa exasperação absoluta. Quando a ergueu, ela escorregou-lhe dos braços como um peixe, emitindo um som ténue. Ele agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a com força, muita mais do que tencionava ou de que se julgava capaz. - *Por favor* - implorou. - Por favor, mexe-te. Põe-te de pé.

Não queria assustá-la. Era o seu amor, a sua menina, a mulher com quem ele constituíra família. No entanto, ele já não era um marido, já não era um homem. Era um cão encurralado, ferido, a ofegar pela sua última golfada de ar.

- Levanta-te! Já! Compreendes que, se não sairmos daqui, não vamos viver para ver a luz do dia de amanhã?

- Está bem - disse ela por fim, e só havia vazio na sua voz.
- Está bem, fazemos como queres, *sempre como tu queres*.
- A seguir, pôs-se de pé, alisou com as mãos o seu vestido

rasgado e afastou-se dele, cambaleante, a caminhar para a escuridão.

De novo na rua, a menina começou outra vez a choramingar, o que só fez com que ele acelerasse o passo. Normalmente, pararia para esperar pela mulher, mas, se continuasse a andar à frente dela, sabia que ela o seguiria, e essa era a única maneira de os manter em movimento. Ouviu-se outra sirene perigosamente perto e eles voltaram a entrar em mais um átrio de um prédio, este elegante e grande, com uma escada em espiral e uma entrada em vidro chanfrado. Tinham de se afastar mais, mas ela não parava de chorar, a sua pequerrucha, com o seu peitinho a arfar e as lágrimas a molharem o pescoço dele. A mulher dele também não conseguiria ir muito mais longe, tanto como isso era claro. Agora nas escadas, estava dobrada pela cintura, com os braços estendidos para os lados numa pose de crucificação.

- Não consigo andar mais - soluçou. - Quero morrer aqui.

Ele aproximou-se dela, a querer reconfortá-la, inundado de repente com remorsos por ter sido tão áspero com ela, tão implacável. Mas a força de vontade estava a abandoná-lo a ele também, sentia as pernas como chumbo, os braços dormentes do frio e do peso da criança que carregava há tantas horas. Não sabia há quantas horas sentia sede e frio. E isto era só um vislumbre do que estava para vir. Imaginou-se nas ruas de Bucareste com a sua mulher fraca e destroçada ao lado, a sua pequerrucha cheia de fome, a morrer de frio. Onde arranjariam comida, abrigo? Quem os acolheria? Eram vagabundos, fugitivos. Em breve os seus passos iriam tornar-se mais lentos, a sua força de vontade extinguir-se-ia como uma vela, os seus corpos deixariam de se mover. E numa manhã, talvez no dia seguinte ou no outro, alguém tropeçaria em três corpos amontoados no meio da cidade desoladora e gelada, três pilhas de carne sem vida ao longo das ruas como tantas outras.

- Meu amor. - Desviou os olhos. Como podia olhar para ela, sabendo o que se preparava para dizer? Fechou as mãos em punho e inspirou, reprimiu as lágrimas. - Temos de tentar dar-lhe uma hipótese. Uma pequena hipótese, mas *algo*. - Acocorou-se ao lado da mulher, retirou-lhe à força as mãos do rosto manchado de lágrimas. - Se a deixássemos aqui, neste átrio, há uma boa probabilidade de alguém a encontrar. E então podemos continuar a andar, ir muito mais depressa sozinhos. Voltamos a buscá-la daqui a uns dois dias, quando as coisas estiverem... mais seguras.

Só uma expressão de perplexidade assomou aos olhos dela. Torceu a boca, sem palavras, e riu-se, ou, pelo menos, foi o que lhe pareceu a ele. - O que é que disseste?

Apesar do frio gélido das palmas das mãos dela, ele pousou-as no seu rosto, afundou as faces nelas. Sentiu a bÍlis a vir-lhe à garganta, tão abruptamente que pensou que ia vomitar.

- Por favor, por favor, escuta-me só. Ninguém sabe quem ela é, quem *nós* somos. Se a deixarmos aqui neste átrio, ela pode manter-se quentinha por mais algum tempo até alguém, talvez um dos habitantes do prédio, a encontrar. Ninguém vai pôr fora uma menina pequena. Ninguém conseguiria virar-lhe as costas, e ela vai ter abrigo e comida e uma cama para dormir à noite, talvez por umas noites. Só até arranjarmos um plano.

Os olhos da sua mulher já não mostravam incompreensão; estavam escuros, cheios de raiva. Por um momento, ele pensou que ela ia bater-lhe.

- Se a polícia ou a Guarda nos apanhar esta noite, não há hipótese - prosseguiu ele, sem se deixar demover. - Não há hipótese para *ela*. Sabes como isto acaba para pessoas como nós, não sabes? - Estava a ficar com a voz esfarpada, destroçada. - Conheço um lugar para onde podemos ir. Há alguém em quem confio, um homem bom, um amigo do meu pai. Vive na avenida Bratiani, não longe daqui. Talvez aceda a acolher-nos por uns dias. Mas não nos aceitará

com uma criança. Se ela fizesse o mínimo som, se choramingasse sequer, significaria o fim para eles, e para nós também. Voltamos a buscá-la daqui a uns dias.

Depois não houve mais palavras, porque ele pôs-se a chorar ao lado da mulher enquanto a menina fitava os dois, de olhos arregalados e em silêncio, com a mãozinha embrulhada na fímbria da saia enlameada da mãe. Nos olhos da sua mulher, o homem viu coisas que nunca vira antes. Era o olhar de uma moribunda, de alguém ainda neste mundo, mas com o sangue vital a esvair-se das suas veias. No entanto, havia algo mais. Por um instante, ele reconheceu-o, aquele mesmo farrapo de esperança que se sobrepusera a tudo no seu coração confrangido, um vestígio de resignação com a via que não deixava outras opções em aberto.

CAPÍTULO 7

Junho de 1941

Anton estava sentado junto à lareira ao final da noite, com o jornal do dia no colo e a bebida que tomava antes de ir para a cama praticamente intocada. A Roménia, acabara de ler nos títulos das notícias, aliara-se à Alemanha nazi na invasão da União Soviética, fornecendo equipamento, combustível e mais tropas para a Frente Leste do que todos os outros aliados dos alemães combinados. Não havia como voltar para trás agora que as forças romenas estavam finalmente envolvidas nos combates na Ucrânia e na Bessarabia e, mais perto do coração do urso, em Estalinegrado.

Na mesa de apoio ao sofá, de tampo de vidro, as chamas refletidas brilhavam, aqueciam as paredes castanhas e davam-lhes um tom vermelho delicado, banhavam a sala numa luz âmbar acolhedora. No entanto, apesar do silêncio da hora, que ele sempre prezara, uma intensa inquietude instalara-se nas profundezas do seu ser. *Este é o último oásis*, pensou, imaginando o que estava para vir, agora que a Roménia já não era neutra nesta guerra amaldiçoada. Desde que o país tomara o partido da Alemanha, seria apenas uma questão de tempo até os Aliados retaliarem e começarem a cair bombas em Bucareste - disso tinha a certeza.

Este nosso país, pensou, sempre esteve na linha de fogo cruzado de dois mundos, um limiar entre a Rússia e o resto do mundo. Desta vez, contudo, seria pela Alemanha e pela

visão de Hitler que morreriam pessoas inocentes neste país. E, sem um rei legítimo, quem protegeria o país nos dias vindouros?

Os Legionários, apesar de terem sido forçados a debandar na sequência do massacre de Bucareste, estavam de volta às ruas, incitando novos tumultos na cidade de Iasi, desta vez com o apoio total do exército. Ninguém sabia quando terminaria, quão pior ficaria ainda. As histórias de janeiro anterior, por si só, faziam Anton contrair-se com repugnância e sentir-se envergonhado por ser romeno, um ser humano temente a Deus.

Ultimamente, não conseguia dormir a pensar nas coisas que ouvira; não conseguia arredar aquelas imagens da mente: lares invadidos na zona judaica, mulheres violadas em frente aos maridos e aos filhos, homens forçados a escrever bilhetes de suicídio antes de serem mortos a tiro na rua como cães vadios. Dúzias, talvez centenas de pessoas foram mortas na floresta de Baneasa no norte de Bucareste, e na manhã seguinte os ciganos atiraram-se aos cadáveres para extrair o ouro dos seus dentes.

Um relato em particular fizera-lhe sentir as pernas bambas com o horror e tombar no passeio em frente à tabacaria onde tinha parado para comprar cigarros. Ficar-lhe-ia gravado na mente para o resto da vida, como uma mancha permanente na sua alma. Dentro da tabacaria, ouvira um homem a contar ao empregado que um grupo de judeus tinha sido preso e levado para o matadouro municipal, onde foram torturados e depois pendurados nos ganchos da carne e deixados a morrer.

Anton dobrou o jornal e pousou-o ao seu lado. Não precisava de ler mais, porque quase era capaz de prever o que estava para vir. Já não se tratava da exportação de petróleo romeno, que há vários anos sustentava o esforço militar de Hitler. Dezenas de milhares de romenos morreriam agora, não só na Frente Leste, mas também no

país. Mesmo aqui, na capital da nação, morreriam pelo *Führer*.

Precisava de tempo para pensar, para calcular como poderia antecipar-se às mudanças que se avizinhavam. Porque, se havia uma coisa que necessitava de fazer, que sentia ser o seu *dever*, era preservar a felicidade recentemente encontrada por ele e por Despina. Há poucos meses que tinham constituído família, e não conseguia recordar uma época em que as suas vidas fossem mais felizes. Eram pais agora, pais de uma menina adorável e tímida que lhes completava a vida de maneiras que ele nunca imaginara possíveis. No entanto, com a guerra à porta, não havia como saber o que o futuro poderia reservar-lhes.

Indubitavelmente, teriam de cortar nas extravagâncias. Por elas, era só quase ele o culpado, porque a sua principal fraqueza era a sua tendência para gastar demasiado. Durante algum tempo, pelo menos, teriam de reduzir o número de festas e de idas ao alfaiate francês que lhe fazia os fatos aos estilos europeus mais recentes e às lojas onde comprava as estolas de pele e os chapéus à moda de Viena para Despina, assim como presentes dispendiosos para as irmãs dela e os seus filhos. Teria de começar a pensar em encerrar gradualmente três das suas lojas e manter aberta só a da praça Romana, onde trabalhara desde rapaz e as pessoas da vizinhança ainda o tratavam pelo seu primeiro nome.

Com crescente desassossego, Anton pensou na coleção de selos de valor inestimável que reunira ao longo dos anos, apercebendo-se de que poderia ser arriscado deixá-la no cofre na loja. Teria de a trazer para casa, onde poderia mantê-la junto a si. Só o seu selo mais valioso, o famoso Cabeça de Urso, valia mais do que todos os outros bens que possuíam, mais do que as casas alugadas, a casa de fim de semana no lago Baneasa, até mesmo do que os seus três adorados cavalos que tinha no hipódromo de Bucareste. De

todas essas coisas, era a coleção de selos que mais significado tinha para ele, o único bem que não podia arriscar-se a perder.

No andar de cima, a sua mulher estava a dormir tranquilamente, o corpo perdido num mar de almofadas. Pensou nela agora, em como se tornara tão feliz em tão pouco tempo, tão despreocupada apesar do facto de ser agora mãe. Também para ele a presença da menina era um bálsamo para o seu coração, e ansiava por voltar para casa ao fim do dia, por se libertar dos afazeres do dia, para sentir os braços dela à volta do seu pescoço. Mesmo na loja, quando Despina a deixava lá à tarde, era só nela que ele pensava, sabendo que estava a dormitar debaixo da sua secretária com um peluche apertado ao peito, reconfortada pelo movimento, pelos risos e as trocas de palavras com os clientes. E o piano. Nada o preparara para a reação dela quando recebeu aquele velho *Steinway*, um piano de meia cauda bastante usado que comprara por uma ninharia numa loja de antiguidades e instalara na sala para lhe fazer a surpresa quando ela e Despina chegaram a casa nesse dia.

Não houve nenhuma demonstração explícita de emoção. Ela não olhou para ele com gratidão nem sorriu, mas simplesmente encaminhou-se para o piano e sentou-se no banco forrado a veludo vermelho. Sob as suas mãos erguidas, as teclas brilhavam, como pérolas ligeiramente amareladas à luz do sol, mas não saíram notas do tampo aberto. Só movimentos leves, como penas, a acariciar as teclas de marfim, com os dedos dela a moverem-se da esquerda para a direita e a encontrarem-se a meio, e depois mais alto, sobre as teclas pretas estreitas.

- Para mim? - perguntou, olhando para ele, e Anton apercebeu-se de que nunca vira tal expressão de prazer num rosto humano e que aquelas eram as únicas palavras que ela alguma vez pronunciara na sua presença.

Mas ela começou a falar depois disso, a recuperar gradualmente a voz. Começou a pedir algo para beber ao jantar, e depois se podia ir aos jardins Cismigiu e se ele lhe comprava um gelado do vendedor da esquina. Lentamente, desabrochava perante os seus olhos, com sorrisos mais rasgados, olhos mais expressivos, gestos com vida, um pouco mais a cada dia que passava. Embora fosse demasiado nova para ter aulas formais de piano, mesmo assim ele contratou o melhor professor que conseguiu arranjar, porque se tornou claro naquele dia que ela tinha um dom especial, um dom que ele tencionava cultivar.

Aquela menina pequena era a razão por que ele se levantava de manhã, e Despina sorria mais, também, quando se sentavam tarde à noite à lareira, a apreciar uma última bebida, quentes e felizes nos braços um do outro, sabendo que as suas vidas estavam finalmente completas.

Não, não podia arriscar-se a perdê-lo agora. *O que posso fazer, o que tenho de fazer para as proteger?* pensou, sabendo lá no fundo que era uma pergunta sem resposta, que, apesar das suas melhores intenções e dos seus esforços concentrados, não poderia realmente combater o que a guerra lhes atirasse para o caminho. O olho da tempestade estava mais uma vez à sua porta, como há muitos anos, quando ele não passava de um rapazinho.



Anton nem sempre fora abençoado com um encanto desembaraçado e prosperidade. Veio ao mundo numa modesta casa com dois quartos numa vasta propriedade rural romena, onde o seu pai trabalhava como feitor. A sua mãe, uma senhora pequena e frágil que trazia para casa um pouco mais de dinheiro extra dando aulas de Aritmética às crianças da vila nas traseiras da igreja local, considerou a chegada dele um fardo adicional, mais do que uma bênção.

Talvez tenha sido por essa razão que a partir dos seis anos Anton aprendeu a cuidar de si mesmo. Preparava o seu próprio pequeno-almoço, dava de comer às galinhas e varria os degraus da frente da casa. Trazia baldes de água do poço ao fundo da estrada de terra batida onde o hectare de terra da família acabava e o resto da propriedade começava. Depois disso, era livre para vaguear pelos montes que se estendiam até à linha do horizonte, para descansar à sombra das videiras grandes, para colher maçãs e peras das árvores cujos ramos se dobravam convidativos para ele, pesados com os frutos do verão.

Como se via com pouco para fazer durante a tarde, muitas vezes Anton encaminhava-se para a casa grande. O seu dono, um viúvo no ocaso da vida, viajava durante quase todo o ano, deixando a sua vasta casa ao cuidados de uma velha criada cujos únicos deveres eram regar as plantas e limpar o pó às poucas peças de mobiliário que não estavam permanentemente cobertas por lençóis. E ela, talvez mais do que Anton, estava sempre desejosa de companhia.

– Sobe, sobe, tenho uma coisa para ti! – Acenava a Anton com entusiasmo de uma janela aberta quando o via subir o caminho ensaibrado, a dar pontapés às pedrinhas.

Quando entrava pela porta abaulada de carvalho, um copo de limonada estava à sua espera na varanda e, por vezes, pão com compota ou uma bola de sorvete, que era do que ele mais gostava. No entanto, de todos os mimos especiais que o aguardavam dentro da casa senhorial, nenhum se comparava com a solidão fresca da biblioteca do dono. Embora Anton não soubesse ler bem, não havia nada de que mais gostasse do que de passar as longas horas até ao jantar a folhear as centenas de livros que forravam as paredes, a inspirar o cheiro das páginas amarelecidas, a sentir a superfície das capas de pele sob a ponta dos seus dedos.

Os verões eram longos e lânguidos, e os dias passaram rapidamente desta maneira até ele ter quase dez anos. Nos

primeiros meses de 1907, a uma semana do dia de anos de Anton, ocorreu uma revolta de camponeses numa província vizinha. Aparentemente da noite para o dia, a revolta alastrou pelo campo e o pai dele falou em se ausentarem por algum tempo, pelo menos até as reclamações dos camponeses serem satisfeitas e a fúria deles abrandar. Contudo, daí a uns dias, quando o exército foi chamado e começou a disparar sobre os camponeses, as coisas descontrolaram-se.

Na propriedade onde Anton vivia, uma multidão enfurecida marchou para a casa senhorial empunhando espingardas e forcados. Do alpendre da frente da sua casa, o pai de Anton viu-os vir pela encosta do monte e um pensamento singular formou-se na sua mente: já não via o filho desde o meio-dia. Agarrando na pistola, encaminhou-se pela estrada de terra batida para a casa senhorial.

Dentro da biblioteca, Anton ouviu chamar o seu nome. Foi só uma vez, e por um momento pensou que talvez o tivesse imaginado. Mesmo assim, pousou o livro e saiu para a varanda. Ao princípio, não viu nada. Depois, o seu coração começou a bater alto e sentiu as pernas bambas.

Na berma do caminho ensaibrado, o seu pai jazia imóvel na relva. Não se mexeu quando Anton correu para ele e o sacudiu, delicadamente ao princípio e depois com uma determinação feroz. Estava de rosto para baixo no caminho, e uns fios escuros gotejavam-lhe no pescoço, manchando o colarinho da sua camisa de linho. Quando Anton finalmente conseguiu virar o seu pai, os olhos dele fizeram-no recuar aos tropeções. Estavam abertos, vazios. Algo permanente fraturou-se dentro do rapaz. *Não me deixes*, foi o seu único pensamento, mas já era demasiado tarde.

Daí a dois meses, a sua mãe ficou gravemente doente e sucumbiu rapidamente à febre que já acossara metade da vila. *Anton*, segredou ela quando ele se inclinou para os seus lábios trémulos. A Anton aquilo soou como o vento a

assobiar pelos campos de trigo no meio de um temporal. E a seguir ela finou-se.

Nunca conseguira livrar-se daquela visão da mãe. Pensava nela enquanto comia os últimos pedaços de pão da despensa, os restos do guisado de batatas que estava já rançoso e com um ligeiro bolor. Quando a comida acabou, pensava nela enquanto se alimentava de bagas e cogumelos que colhia nos arbustos nos campos, sabendo que ela ralharia, porque podiam ser venenosos. Pensava na sua mãe quando tomava banho no riacho por trás da casa deles, lavando-se com uma barra de sabão que ela tinha feito semanas antes numa vasilha de ferro no jardim da frente.

Foi só quando a fome se tornou maior do que a sua dignidade que começou a ir à socapa à casa senhorial, à procura de restos que o senhor da casa por vezes deixava no pátio, côdeas de pão e pastéis meio comidos, fruta acastanhada a fermentar num prato quente ao sol. Remexia no balde do lixo junto à porta da cozinha, na esperança de encontrar mais do mesmo. Contudo, como se sentia embaraçado com o seu aspeto e não queria cruzar-se com a governanta, só ia lá acima quando a fome era tão intensa que lhe toldava a visão e lhe dava tremuras.

Um dia, a velha criada viu-o ir furtivamente para as traseiras da casa e susteve a respiração. Soube imediatamente que, se não ajudasse o rapaz, os seus dias neste mundo não seriam muitos mais. Morreria de escorbuto ou por comer bagas venenosas, mas o seu fim seria inevitável. Nessa noite, não conseguiu dormir. Deu voltas e mais voltas na cama, e quando o sol despontou no horizonte já tinha tomado uma decisão.

Anton, com os seus dez anos, foi contratado como moço de recados numa papelaria em Bucareste que pertencia a uma senhora húngara, uma amiga de infância da governanta, que perdera recentemente o marido e precisava de ajuda. Em troca de quinze horas de trabalho

por dia, Anton tinha direito a um catre no quarto das traseiras, duas mudas de roupa e comida suficiente para voltar ao que era. Todas as manhãs, levantava-se às quatro em ponto para limpar o chão e lavar o passeio, varrer a entrada ou limpar a neve que se acumulava diante da loja durante a noite. Mais tarde, fazia entregas a pé, carregando com caixas e caixotes por avenidas geladas no pino do inverno e no calor húmido e sufocante dos verões da cidade. Desenvolveu músculos que não sabia que tinha e com eles uma força interior inabalável. Aprendeu a sorrir polidamente aos clientes, a mostrar que podia ser-lhe confiada qualquer quantia de dinheiro. Em suma, era exímio a tornar-se indispensável.

Só depois de passar dez anos como aprendiz é que Anton começou a trabalhar ao balcão. Nessa altura, as mãos da velha senhora já lhe tremiam tanto que ela não era capaz de escrever um recibo ou de se servir de uma chávena de café e acabara por depender de Anton até mesmo para essas simples tarefas. Também começara a falhar-lhe a visão e daí a pouco tempo mal conseguia já contar o dinheiro na caixa registadora. Foi então que começou a ensinar a Anton como fazer a contabilidade e o inventário, como gerir o fluxo de caixa e controlar os fornecedores para que nem uma entrega se atrasasse ou não fosse paga. E tudo ele fazia impecavelmente. Anton tinha vinte anos e o negócio ia de vento em popa.



Anton nunca contara a ninguém os pormenores da sua infância, nem sequer à sua mulher. Despina perguntara várias vezes se podiam fazer uma viagem à vila da infância do marido, mas ele recusara terminantemente. Era melhor deixar o passado em paz, sepultado com os seus pais debaixo do pedaço de erva silvestre nas traseiras da sua

casa de infância. De que serviria à sua mulher ficar a conhecer os pormenores sombrios dos seus primeiros tempos de vida?

A sua vida começara verdadeiramente com ela. Deus concedera-lhes as dádivas preciosas do amor, da prosperidade e de um futuro promissor, com tantas coisas que ele nunca julgara possíveis. Não matutaria outra vez naqueles dias tão longínquos, quando num curto espaço de tempo tudo o que lhe era caro se escapara por entre os seus dedos.

CAPÍTULO 8

J á estavam a viver no sótão há seis meses. Como o sabia era quase impossível. Há pouco tempo, quando recuperara do choque, do seu estado debilitado, quando limpou as lágrimas e ficou de olhos enxutos o tempo suficiente para olhar lá para fora pela janela do sótão, começou a contar os dias. Começou a anotá-los num bloco de apontamentos com folhas amarelecidas que encontrou numa caixa de cartão juntamente com alguns jornais velhos. Visto após visto, dia após dia, os ponteiros de um relógio invisível giravam sem parar. Pelo menos dava-lhe alguma coisa para fazer. Há muito tempo que parara de ler os livros que Maria deixava para ela cá em cima. Agora, simplesmente se sentava no colchão cheio de altos, entre malas de porão cobertas de pó e peças de mobiliário rejeitadas, e escrevia freneticamente no seu bloco de apontamentos. Os sinais de uma nova estação – alterações na temperatura, os dias mais longos, o trinado das aves, as cerejeiras a florirem – eram todos meticulosamente registados. O marido dela limitava-se a andar de um lado para o outro sem parar, atravessando o sótão dia e noite, com as traves do soalho a gemerem sob o peso dos seus pés descalços.

- Para! - berrava ela, fitando-o furiosa. - Para, estás a pôr-me louca!

Por várias vezes, ele estacava e virava-se para ela como se quisesse dizer alguma coisa, mas acabava por ficar só a olhá-la. Com a passagem dos dias, havia cada vez menos

dele. Faltavam-lhe ar fresco e uma boa alimentação. Faltava-lhe vida. Ela não via agora nenhuma emoção no rosto dele, nada mais para além do ar desvairado de um cão vadio encurralado. Talvez ele merecesse aquilo. Talvez fosse o que a filha deles sentira quando não regressaram a buscá-la naquela noite, quando se apercebeu de que tinha sido abandonada numa cidade em chamas.

Como ela precisava menos de comida, deixava-lhe a maior parte do pão com manteiga, as fatias de presunto ou o pedaço de queijo que encontravam à porta do sótão. Nunca sabiam quando as provisões seguintes apareceriam ali ou por quanto mais tempo continuariam. Maria ia lá acima com menos frequência agora, e, quando vinha, batia sempre levemente à porta, como se receasse incomodá-los. Como se fosse uma criada de hotel a fazer o serviço de quarto.

– Deixe ficar! – berrava a mulher do outro lado da porta.

Não tinha a intenção de ser ingrata ou rude. Mas restava pouca graciosidade no seu coração. Não tinha forças para uma troca delicada de palavras ou para exhibir boas maneiras. Sentia-se menos humana a cada dia que passava, sentia que a sua humanidade se erodia naquele sótão escuro.

Uma manhã, acordou e sentiu que simplesmente não se importava se Maria e Stefan os pusessem na rua. Imaginou-se a correr de volta para o seu bairro em ruínas, a berrar o nome da filha pelas travessas. A berrar a plenos pulmões, sem querer saber se o Esquadrão da Morte a apanharia. Pelo menos isso seria real, seria honesto. Não teria de se esconder como um animal perseguido num buraco escuro.

O seu marido mal falava agora, mas o silêncio entre eles tornou-se uma bênção. Ela odiava-o, odiava o que ele a convencera a fazer de livre vontade. Já não havia solidariedade entre eles. Não nesta vida. Ele podia ir para o inferno, tanto se lhe dava.

Os dias e as noites encadeavam-se interminavelmente. Não havia princípio nem fim. Ela já quase se esquecera do motivo por que se encontravam ali, esquecera-se de que ainda estava viva. Sentia-se como um cadáver sepultado num túmulo, neste sótão do qual nunca mais sairia para ver a luz do dia. Mas um dia algo mudou.

Bateram à porta logo a seguir à hora do jantar. Era uma pancada mais forte do que o usual, mais urgente, e por isso ela foi abrir a porta. Quando a entreabriu, tanto quanto a corrente o permitia, viu Stefan ali com uns papéis erguidos acima da cabeça.

- Tenho boas notícias - anunciou, todo animado. Ainda estava com o fato do trabalho, e tinha o cabelo ligeiramente despenteado, como se ao fim de um longo dia. - Por favor, deixem-me entrar. Tenho de falar convosco agora. Tenho de falar com os dois.

Com os seus modos bem-intencionados, entrou rapidamente, mas, quando percorreu com o olhar o espaço e avistou o seu jovem amigo no colchão, a cor das suas faces desvaneceu-se.

- Tenho ótimas notícias - repetiu numa voz menos animada. - Vão partir. Daqui a dois dias. Consegui obter-vos documentos. Olhem.

Embora não fosse possível ler os papéis àquela luz fraca, Stefan esperou com a mão estendida enquanto o jovem se punha de pé e se aproximou para pegar neles. Ficou a vê-lo afastar-se lentamente para o seu canto, debruçar-se sobre eles num movimento brusco, quase de animal, e depois folheá-los com pouco interesse.

- O seu pobre pai - prosseguiu Stefan -, que Deus dê descanso à sua alma, ainda tem amigos nesta cidade, ainda tem alguma influência. E o dinheiro que me deu também foi muito útil. Receio que não tenha sobrado nenhum. Tive de o gastar todo. - Fez uma pausa. - Daqui a duas noites, há um comboio que parte para Genebra, da Gara de Nord. Receio que não possamos perder mais tempo. Não sabemos

quando as fronteiras serão encerradas, quanto tempo nos resta. Corre o boato de que os Aliados vão bombardear Bucareste a qualquer momento. Pode ser amanhã, tanto quanto sabemos.

Tudo aquilo foi dito quase sem parar para respirar. – Têm de partir naquele comboio – prosseguiu com mais firmeza, dando ênfase a cada palavra. – É a única saída. A Suíça é um país neutro; estarão em segurança lá. Já vos comprei os bilhetes. Nos vossos novos nomes.

Continuava a não haver nenhuma reação, nenhum gesto de qualquer tipo. Era como se ele tivesse falado numa língua incompreensível.

– Olhem – começou de novo –, tenho a certeza de que... – e então foi subitamente interrompido.

– Eu não me vou embora sem a minha filha. O senhor mais do que qualquer outra pessoa devia saber isso. Temos de a encontrar primeiro.

A maneira como ela tinha falado, como se estivesse a desafiá-lo para um duelo, fez com que ele sentisse a pontada de um novo acesso de ansiedade. – Receio bem que isso não seja possível. – Tossiu, tapando a boca com a mão fechada. – Não poderão embarcar naquele comboio com ela. Os documentos são só para a senhora e o seu marido.

– Eu não vou sem ela – repetiu ela naquele tom de desafio. – Prefiro morrer aqui no seu sótão, prefiro morrer nas ruas às mãos do Esquadrão da Morte, mas vou encontrá-la. Não deixo esta cidade sem ela.

De repente, fazia demasiado calor ali em cima, e ele teve de arrancar a gravata, enfiá-la no bolso. Era precisamente isto que temera, a coisa toda a desmanchar-se pelas costuras, depois de tudo o que ele fizera para garantir a segurança deles, depois de tudo o que arriscara. Pensou que, se fosse demasiado insistente, ela poderia fazer alguma loucura. Receava que saísse pela porta do sótão e

corresse para a rua. Imaginou-a a atirar-se da janela abaixo.

- Voltam mais tarde a buscá-la, quando for seguro. Quando toda esta loucura, esta fúria, tiver passado. Eu ajudo-os. Prometo. Enquanto for vivo, ajudá-los-ei.

- Como sabe que alguma vez poderei voltar? Que a fúria, como lhe chama, passará? Como é que ela ficará em segurança, uma criança pequena numa cidade onde as pessoas como ela, como *nós*, são arrebanhadas e mortas às centenas? Como sabe que alguma vez voltarei a vê-la?

- Por favor, escute-me - implorou Stefan. - Não posso fingir que sei como isto deve ser difícil para os dois. Mas, mesmo com os novos documentos, há grandes hipóteses de não conseguirem passar a fronteira. O nó está mais apertado do que nunca. Os Legionários enlouqueceram outra vez, e agora não são só eles, é também o exército de Antonescu. Todos os comboios são inspecionados, especialmente os que se dirigem para fora do país, todos os documentos de identificação examinados à lupa. Eu fiz tudo o que podia, mas os documentos, como sabem, não são autênticos. Se forem apanhados, não haverá esperança. Nem haverá esperança para ela.

Fez mais uma pausa e limpou o suor da testa. Como podia exprimir em palavras simples o facto de que eles poderiam estar a dirigir-se para uma morte certa, mas que, mesmo assim, era a melhor, a única opção que lhes restava? Como podia pedir-lhes que sacrificassem a sua única filha, sabendo como sabia o que isso acarretaria?

- Se ela estiver naquele comboio sem documentos, com toda a certeza será levada. E vocês os dois com ela. Compreendem-me?

A mulher acocorou-se no chão e começou a soluçar. - Não. Recuso-me a ir. Morreremos todos juntos. Aqui, em Bucareste.

Todas as fibras do seu ser lhe diziam para se manter calado neste momento. Não havia mais nada a dizer, nada

que ele *pudesse* dizer sem quebrar um segredo de um tipo diferente. Jurara guardá-lo, e abrangia muito mais do que este terrível acontecimento; estendia-se ao âmago da sua família. Mas o ar desta mulher, ali acocorada no soalho do seu sótão, fê-lo sentir um aperto de piedade no coração e, com as lágrimas a virem-lhe aos olhos, não conseguiu conter-se mais.

– Penso que sei onde ela está – disse por fim. – Creio que ficará em segurança. Mas só se conseguirem abrir mão dela.

CAPÍTULO 9

A Gara de Nord estava muito mais movimentada do que esperavam. Metade da população da cidade parecia tê-la invadido ao mesmo tempo, embora só agora o céu estivesse a começar a iluminar-se sobre a cúpula de vidro e aço. Famílias com bebês e crianças pequenas, soldados fardados, camponesas enfaixadas em xales e homens e mulheres com roupas elegantes enchiam praticamente todas as plataformas. Havia crianças a correrem umas atrás das outras à volta de montanhas de malas, enquanto os pais se abanavam impacientemente com panfletos, a organizarem os últimos pormenores das suas viagens. O cheiro a gasóleo misturado com o cheiro ténue a suor e a *covrigi* acabados de cozer era quase insuportável assim tão cedo.

Stefan ia ligeiramente à frente do casal, a abrir caminho por entre a multidão que engrossava, passando pela fila interminável de bilheteiras, de ardinhas a venderem jornais, de ciganos que se perfilavam ao longo das plataformas com baldes com flores. Não era fácil para eles seguirem-no; todos aqueles meses no sótão tinham-lhes atrofiado os músculos, e havia neles uma fragilidade que tornava patentes o sofrimento e a doença, apesar do fato caro que Stefan forçara o seu jovem amigo a vestir e do vestido de veludo verde que, embora ficasse demasiado grande à mulher dele, assentava elegantemente no corpo delgado dela.

Stefan parou e virou-se só ligeiramente, à espera de que eles o alcançassem, fingindo estar a ver as horas no seu relógio. Agora que estavam aqui, a sua inquietude aumentava a cada momento, mas não podia arriscar-se a mostrá-la. Indubitavelmente, se o fizesse, eles abandonariam o plano e tentariam voltar para trás para ir buscar a menina. E então toda a esperança estaria perdida, para eles e para Stefan e Maria também. Tentando reprimir este último pensamento, tinha acelerado o passo de novo quando subitamente as suas pernas pareceram perder a força, fazendo-o parar.

– Por favor, afastem-se! Abram caminho, por favor!

A voz, quando trespassou a multidão, teve o efeito de uma lâmina, cortando-a em duas. Havia botas e as fardas do costume e uma ondulação no ar que ele conhecia bem. Uma patrulha da estação abriu uma cancela para deixar passar os oficiais. Toda a gente ficou a olhar enquanto um deles abriu a parte de cima do seu coldre e tirou uma pequena pistola preta. Fez um gesto aos outros homens a indicá-lhes que lhe seguissem o exemplo, e as tropas todas saltaram para um comboio que já começara a sair da estação.

Obrigando-se a inspirar, Stefan meteu a mão ao bolso e tirou os bilhetes.

– Plataforma seis. Dê-me isso – disse ele, tão calmamente quanto conseguiu, pegando na mala que o seu jovem amigo lhe entregou. Não pôde deixar de reparar como ele parecia pálido, como uma rajada de vento o deitaria por terra. Tinha de os meter naquela carruagem para Genebra. Tinha de o fazer agora, antes que fosse demasiado tarde, e por isso recomeçou a andar, tentando fazer abrandar os batimentos do coração, o passo, embora sentisse vontade de desatar a correr.

Perto da berma da plataforma de cimento, pousou a mala e deixou-se ficar ali com as mãos nos bolsos, a assobiar baixinho entre dentes. Embora só faltassem alguns minutos

para embarcarem, Stefan nunca sentira o tempo esticar-se com tanta teimosia. Não havia nada mais que pudesse fazer por eles agora, a não ser forçar-se a parecer normal, a manter-se calmo. Eram só uma família como outra qualquer a despedir-se, teve de recordar a si mesmo, só uma família como outra qualquer. Não havia outros agentes de autoridade – a plataforma estava livre – e sentiu que se descontraía por um segundo, ou talvez fosse só uma espécie de dormência.

– Lembre-se do que falámos – disse por fim, mantendo a voz baixa de modo a só o jovem poder ouvi-lo. Sentiu a magreza dele por baixo do casaco velho quando lhe tocou com a mão no ombro, quando a outra mão se baixou mais para meter os bilhetes e um rolo de notas no bolso dele. – Lembre-se do que fazer com esse dinheiro. Se as coisas chegarem a esse ponto – segredou, e afastou-se rapidamente.

Ficou a vê-los sair da sua visão periférica, a aproximarem-se da locomotiva a lançar vapor. Com esforço, subiram os degraus, um pouco ofegantes, parando em cada um. A mulher foi a primeira a desaparecer dentro da carruagem, e depois o marido virou-se e um vislumbre de um sorriso passou-lhe no rosto. Era um sorriso de gratidão, mas havia muito mais nos olhos do jovem, tanto mais que Stefan desviou o olhar. E depois também ele desapareceu.

Com o chapéu encostado ao peito, Stefan ficou imóvel por algum tempo, a pensar que nunca mais voltaria a vê-los, que esta última imagem deles se gravaria na sua mente para sempre. Com passageiros a passarem por ele com as suas malas e os seus embrulhos, começou a caminhar lentamente no sentido contrário ao da multidão, a tentar vislumbrá-los uma última vez. Por fim, avistou-os num dos compartimentos da ponta da carruagem. A mulher estava a olhar em frente, com o braço do marido a enlaçá-la frouxamente. Não o viram acenar da plataforma.

Estão livres, segredou Stefan para consigo, sentindo que se formava um nó na sua garganta e, estranhamente, um sorriso. *Livres*.



Nos degraus no exterior da estação, alargou o nó da gravata e sentou-se. O céu estava cinzento, com um tom pesado de azul-arroxeadado, e ele imaginou como estaria o tempo em Genebra. Em menos de um dia, os seus amigos estariam lá, na sua nova cidade, em segurança.

Pegou no chapéu e pôs-se de pé. Nunca sentira tantas saudades de casa ou quisera tanto voltar para ela. Percorreu com o olhar o cruzamento movimentado, à procura de um táxi, com a esperança de que aparecesse um a deixar passageiros. E então viu-os.

Por um momento, pensou que era por ele que vinham, para o prender ou o matar a tiro ali mesmo. Mas depois eles passaram por ele a marchar, subiram as escadas e entraram no edifício da estação. Um deles roçou-lhe acidentalmente o ombro.

- Perdão - disse, e continuou a subir as escadas.

Mas Stefan estacara, e os braços tombaram-lhe aos lados do corpo. Por uns momentos, pensou que talvez conseguisse desviar-lhes a atenção de algum modo, mas não foi capaz de pensar numa maneira de o fazer; não conseguia respirar nem mover-se.

Desatou a correr. Sem se importar com a impressão que pudesse causar, correu atrás deles para dentro da estação, com uma garra a apertar-lhe o peito. Pensou que devia berrar, mas o quê exatamente não sabia, e depois já era demasiado tarde. O oficial que parecia comandar a operação já estava dentro do comboio destinado a Genebra, avançando ao longo do corredor que ligava uma carruagem à seguinte. - Os documentos, por favor - foi a última coisa

que Stefan ouviu por uma janela aberta quando o comboio começou a andar com um som alto.

CAPÍTULO 10

Janeiro de 1944

O primeiro dia do ano foi o mais frio em quase uma década. As ruas estavam vazias, porque ninguém se atrevia a aventurar-se a sair naquele vento frígido que fustigava e chicoteava o ar com tal ferocidade que as pessoas mal conseguiam respirar ou dar um passo a arrostar com ele. Só o estrépito intermitente dos carros elétricos vazios e o raspar de pás a limparem o gelo dos passeios soava à distância, para lá das vidraças incrustadas de gelo e das portas trancadas.

Na sala de estar iluminada pela lareira, Natalia, com os seus sete anos, estava a exhibir o fruto do seu trabalho, uma peça de Chopin que andava a praticar há quase um ano. Adorava a maneira como a transportava nas suas asas, como subia e descia com cada alteração de ritmo, embora hoje, por mais do que uma vez, cometesse erros e tivesse de começar de novo desde o início. Normalmente, isso beliscaria o seu orgulho e faria com que tivesse vontade de gritar com frustração, mas neste momento não se preocupava com tocar na perfeição, só com tocar. Desde que continuasse a tocar, os seus pais continuariam a falar e ela poderia escutar a conversa que estavam a ter junto à lareira, em vozes, por uma vez, erguidas acima de um murmúrio monótono.

- Vamos para o mar Negro durante umas duas semanas - sugeriu o pai de Natalia, empunhando o ferro para atizar o lume. - Podíamos arrendar uma casa pequena à beira-mar,

andar a cavalo na praia, dar uns passeios. Seria bom para a Talia.

- Queres que deixemos a cidade no meio do inverno, Anton? Ora, isso é simplesmente uma loucura! - A voz da sua mãe ergueu-se abruptamente, já não contida.

Com os ombros muito direitos, ela deslizou sobre o espesso tapete persa e parou em frente à janela. Algo do outro lado da rua lhe chamou a atenção, por entre os flocos de neve que batiam na vidraça em ângulo. Em silêncio, ele aproximou-se por trás dela e, enlaçando a sua cintura fina, puxou-a para si. A expressão tensa dela suavizou-se um pouco, dando lugar a um ténue sorriso que não conseguiu reprimir apesar de se esforçar. Quando deixou tombar a cabeça contra o peito dele, o seu cabelo de um negro de azeviche caiu em cascata, como uma mancha de tinta, contra a brancura imaculada da camisa dele.

- Porque é que precisamos de ir de férias? - atreveu-se a perguntar Natalia. Tinha parado abruptamente de tocar, e ambos se viraram para ela, sobressaltados, o pai com uma ternura paciente, a mãe com um olhar de surpresa. - É porque os Aliados nos vão bombardear?

- Onde é que ouviste isso, Talia? - perguntou a sua mãe, empalidecendo um pouco, porque nunca lhe tinha passado pela cabeça que, aos sete anos, Natalia já tivesse idade para compreender tais coisas. - Onde é que podes ter ouvido uma coisa dessas?

Rodando no banco, Natalia sorriu com um brilho de orgulho por ser capaz de demonstrar tal maturidade. - Bem, não é propriamente segredo, mamã. - Enrolou um caracol de cabelo castanho-arruivado à volta do dedo e baixou a voz, em tom de conspiração. - Está sempre a passar na rádio, sabes?

Era verdade, de facto. Mal era possível sintonizar para uma estação nos últimos tempos sem ouvir falar ininterruptamente sobre a cadeia de vitórias dos Alemães no campo de batalha e como quase toda a Europa tombara

sob a bota de Hitler. A guerra vinha aí, toda a gente o dizia, e era só uma questão de tempo até as bombas dos Aliados começarem a cair sobre a cidade. No entanto, para Natalia eram só palavras, palavras vazias sem significado. A guerra prolongava-se há anos, mas em Bucareste não havia sinais dela.

Aqui, havia ainda festas, tardes nas corridas de cavalos, noites na ópera e no teatro e fins de semana à beira-mar. Havia pessoas a fazerem grandes fortunas no meio da guerra, com um número infindável de barris de petróleo a saírem da Roménia para a Alemanha para alimentar a imparável máquina nazi, os seus tanques e camiões militares. E as estações de comboios, incluindo a Gara de Nord, eram pontos de passagem das tropas alemãs que partiam para a Frente Leste na Rússia, onde iriam envolver-se na sua batalha mais feroz até à data.

Até mesmo na casa deles pouco tinha mudado nos quase três anos desde que Natalia viera viver com eles. Embora o seu pai andasse sempre a falar de cortar nas despesas e de como precisavam de apertar o cinto, a casa estava ainda constantemente cheia de pessoas, tantos parentes e amigos a virem e a irem que mal tinham um domingo livre. Cada fim de semana era uma repetição do anterior: cerca de trinta pessoas juntavam-se à volta da mesa de jantar posta com louça fina e copos de cristal de todos os tamanhos, a tagarelarem sem parar enquanto Sofia trazia uma série de pratos e de garrafas de vinho, travessas com sobremesas e depois garrafas de vinho do Porto e de conhaque. Mais tarde, quando o relógio dava a meia-noite, apareciam de novo as travessas de canapés. Muito depois da hora em que Natalia ia para a cama, ainda ouvia vozes no andar de baixo, a erguerem-se e a baixarem-se, a soltarem risadas intermitentes, embalando-a no sono. Abraçada à almofada, imaginava os pais na sala de estar envolta em fumo, a balouçarem-se nos braços um do outro, com o som do *jazz* americano a insinuar-se por entre a névoa iluminada por

velas como uma fita de veludo, a sua mãe com um dos seus lindos vestidos de seda, a descansar a cabeça no ombro do seu pai.

Porque a reconfortavam essas coisas tão simples? Não sabia. Assim como não sabia porque só a ideia de eles estarem perto dela a enchia com tal paz. Porque ouvir as vozes abafadas deles algures na casa era suficiente para acalmar o martelar do seu coração quando, a meio da noite, acordava sobressaltada com um terror que não conseguia recordar.

- Talia - disse agora o seu pai, vindo sentar-se ao lado dela no banco do piano e pegando-lhe na mão. - Talia, tu sabes que estás em segurança aqui connosco, não sabes? Que nunca permitiremos que te aconteça nada?

- Eu sei, papá - disse ela, com um sorriso vivo.

- Ótimo. Ótimo, meu amor. - Fez-lhe uma festa na mão e levantou-se. - Tenho de fazer um telefonema. Volto dentro de um minuto.

- Eu vou preparando o chá - disse a mãe, seguindo-o para fora da sala e fechando a porta atrás de si. A conversa, Natalia sabia, seria terminada longe dos seus ouvidos curiosos.

Sozinha na sala de estar, Natalia fechou o tampo do piano, passou para o sofá e atirou-se para ele com um suspiro. Havia um álbum de fotografias na mesa ao lado do sofá e ela pegou nele, abriu-o nas primeiras páginas. Passou os olhos pelas fotografias que a sua mãe ordenara cronologicamente e com um cuidado meticuloso. Tardes no parque. Piqueniques na casa de férias à beira-lago. Almoços em esplanadas de restaurantes, à sombra de guarda-sóis vermelhos. A sua preferida era aquela em que estava sentada ao piano com os primos à volta dela numa nuvem festiva de veludo e cetim branco. Recordou o encanto que a inundou quando tocou «Clair de Lune» pela primeira vez perante uma assistência, como todos tinham aplaudido no fim. A sua professora, a menina Eliade, uma

solteirona que muitas vezes estava presente nas épocas festivas, ficara ali de pé a sorrir com orgulho, como se ela e só ela fosse responsável pela atuação. Mas Natalia não se importara. Como as notas tinham uma maneira de lhe voar dos dedos com facilidade, como se tivessem vida própria, não achava que merecesse ser alvo de tais elogios.

Não fora só essa ocasião, mas também muitas outras – a sua vida inteira, ao que parecia – que estava captada naquelas páginas. De muitas maneiras, começara realmente com aquela primeira fotografia, porque, se houvera alguma coisa antes disso, outro lar, outro *fosse o que fosse*, ela simplesmente não se lembrava. Algures ao longo do caminho, o seu passado desvanecera-se num negrume e ela ficara mais do que contente por lhe dizer adeus. Só de vez em quando, quando surpreendia um olhar de lado de uma das irmãs da sua mãe, a trespassava uma sensação aguda. Era só então que recordava o que era, *quem* era, que elas ainda a consideravam como uma adenda tardia à sua família perfeita. Mas a sua mãe nunca estava a mais de um braço de distância e abraçava-a com tal força que a sensação não durava muito tempo. Agora, limitava-se a ignorar aqueles olhares. Mal reparava neles ou queria saber, porque nada poderia alterar o que eles os três se tinham tornado.

Fechou o álbum agora, enroscou-se e pousou a cabeça numa almofada. Tinha as pálpebras pesadas de sono e sentiu que escorregava para uma soneca agradável, no aconchego do calor e das suaves labaredas. Daí a poucos dias, não haveria mais tempos livres à tarde. Era o regresso à escola e àquela velha instituição enfadonha a que a sua mãe se referia como a melhor academia do país, para passar longas horas a estudar Matemática, Inglês e Francês, com aquele horrível uniforme que lhe arranhava sempre a pele por muitas vezes que Sofia o lavasse. Pelo menos, como aluna externa, permitiam-lhe vir para casa ao fim do dia, ao contrário da maioria daquelas pobres

meninas, que eram forçadas a passar os longos meses até ao verão sob o olhar sempre vigilante da madre superiora. Oh, como queria que estas férias não tivessem de acabar nunca! Tinha sido o melhor Natal de sempre.

Enquanto adormecia, recordou o dia de Natal mais uma vez, do princípio ao fim. Houvera o tradicional passeio de trenó puxado a cavalos depois do jantar, e, dessa vez, o seu pai tinha-a levado, a ela e às outras crianças, até ao Arc de Triomphe. No caminho, pararam para comer *éclairs* de chocolate e beber chocolate quente. Mais tarde, quando o pai conduzia o trenó à volta da sonolenta praça empedrada, começou a nevar, e ela tentou apanhar flocos de neve com a língua à medida que eles caíam como uma cortina do céu iluminado pela lua. Mas a melhor parte viera depois disso, já em casa, onde os aguardavam os presentes debaixo da árvore.

O que ela escolheu era muito pequeno, tão minúsculo, de facto, que poderia facilmente ter passado despercebido entre os presentes maiores e com embrulhos mais elaborados. No entanto, quando rasgou o papel, ficou com uma delicada caixa forrada a veludo na mão. Abriu-a lentamente, a medo, quase com receio de espreitar para dentro dela, sem estar à espera de algo tão bonito que lhe cortou a respiração. Um par de brincos de rubi, cada um deles com três rebentos de flores carmesim encastoados em ouro trabalhado, cintilavam como estrelas à luz intermitente da iluminação da árvore de Natal.

As suas primas tinham-na rodeado, a soltarem exclamações, a empurrarem-se umas às outras para verem melhor. Mas a conversa entre os adultos parara subitamente. Natalia surpreendeu uma troca de olhares entre duas das tias quando uma delas se dirigiu ao carrinho das bebidas.

- Realmente, Anton, uma menina de uns meros sete anos precisa de uma joia dessas? - disse ela no que,

supostamente, era um tom divertido, enquanto voltava a encher o seu cálice de vinho do Porto.

Se o pai de Natalia a ouviu, não houve nada na sua expressão que o indicasse. Ficou ali de pé, ainda com o casaco vestido, os braços cruzados, com um brilho maroto nos olhos postos em Natalia.

- Obrigada, obrigada, papá! - gritou ela, com os olhos a brilharem e os caracóis castanhos arruivados a saltitarem sobre a gola de renda do seu melhor vestido de festa.

E então, ali mesmo, perante as sobrancelhas erguidas das irmãs da sua mãe, ela correu para os braços dele e recompensou-o com o abraço maior, mais amplo de que os seus bracinhos eram capazes.

CAPÍTULO 11

Na noite em que recebeu os brincos, Natalia não conseguiu dormir. Ficou a olhar para eles toda a noite, tão pequenos e delicados na palma da sua mão, com as pedras carmesim a refletirem o brilho suave da luz do candeeiro por cima da sua cama. Cedo na manhã seguinte, levou-os para o quarto da mãe e sentou-se ao toucador, em frente ao espelho oval. Cuidadosamente, pô-los nas orelhas e cobriu o rosto com as mãos. Quando retirou as mãos e os viu a brilhar nas orelhas pela primeira vez, não quis ter de voltar a tirá-los nunca mais.

- Não devias usá-los todos os dias; são para ocasiões especiais - disse a mãe resolutamente, de pé ao seu lado, com a mão estendida, à espera que ela lhe entregasse os brincos. - Eu ponho-os no meu guarda-joias. Ficam em segurança.

Era a primeira vez que Natalia recusava um pedido da mãe. - Por favor, mamã - implorou, entrelaçando os dedos e tombando de joelhos no tapete num gesto de súplica. - Por favor, deixe-me ficar com eles um dia mais!

Despina concordou, mas no dia seguinte Natalia implorou de novo. Um dia transformou-se numa semana, depois num mês, e ela nunca tirou os brincos. Por fim, a mãe deixou de insistir que fossem guardados junto com os seus brincos, as suas safiras e esmeraldas e as fiadas de pérolas, que tinha fechados à chave. Já não lhe ralhava por ela os usar quando ia para a escola.

Oh, mas como Natalia se encantava com os olhares de inveja que recebia das outras meninas da turma! Com certeza elas tinham joias – todos os pais eram bastante ricos –, mas nunca vira nenhuma delas usar nada assim tão lindo. As freiras também lhe lançavam olhares de reprovação. Mas ninguém fazia comentários. Pelo menos, durante algum tempo.

Um dia, uma menina esgalgada que era uma boa cabeça mais alta do que ela abordou-a no recreio. Natalia já a vira por ali, mas nunca tinham falado uma com a outra, e por isso foi apanhada desprevenida quando a menina se atravessou à sua frente, barrando-lhe o caminho.

De mãos na anca, a fazer peito como uma avestruz, a menina disse em voz alta, para todas ouvirem: – Então, a nossa pequena princesa órfã arranhou um belo par de brincos.

Aquilo causou a Natalia a sensação de um murro no estômago. Fitou a menina, sem palavras, a sentir que ficava gelada. Tinha um gosto amargo na boca, e engoliu para se livrar dele. Já se tinha desviado para contornar a menina quando ouviu aquilo.

– É isso mesmo. *Bastarda!* – gritou a menina ainda mais alto, pondo a mão em concha à volta da boca.

Algo como uma chama explodiu dentro da cabeça de Natalia. Não sabia o que estava a acontecer. Era como se estivesse a ver-se no corpo de outra pessoa. A mão a fechar-se num punho duro como uma pedra. A sensação do cabelo da menina, com o seu rabo de cavalo sedoso quase a escapar-lhe das mãos. A boca dela aberta num círculo, silenciosa, o corpo dela esmagado contra o chão sob o peso do corpo de Natalia. Era uma sensação boa. O que quer que estivesse a fazer, dava uma sensação boa, e ela nem sequer conseguia ouvir os gritos da menina, nem conseguiu parar até subitamente ser levantada do chão em peso.



A madre superiora nunca se levantava da sua cadeira. Constava-se que sofria de uma grave doença de ossos, o que explicava porque só em raras ocasiões era avistada em outro lugar que não por trás da sua secretária, onde, no entanto, governava a escola com a eficiência de um ditador. Por isso, quando ela empurrou a cadeira para trás, alisou a saia do seu hábito e se pôs de pé em toda a sua altura (mais alta, parecia, do que uma montanha), Natalia sentiu o sangue congelar-se nas veias.

Baixou os olhos e sentiu que tremia. Só quando a velha freira se pôs firmemente diante dela é que se atreveu a erguer os olhos. Uma veia que nunca lhe vira apareceu na testa larga da madre superiora, e o seu rosto parecia quase roxo contra a sua touca perfeitamente engomada da cor do marfim.

- É incompreensível, Natalia! - disse a madre superiora. - Incompreensível que uma menina com a tua educação, com a posição da tua família, se comportasse desta maneira! - Tinha uma régua de madeira na mão, com que batia continuamente na palma da outra mão, o que aterrou Natalia ainda mais do que o tom da voz dela. - Pensar que te comportarias de forma assim tão bárbara, que serias capaz... - Sacudiu a cabeça, como se não houvesse palavras adequadas para descrever o horror dos atos dela. - Bem, o que tens a dizer em tua defesa?

Verdadeiramente, Natalia não sabia o que dizer. As lágrimas com que contara não lhe vinham aos olhos, nem súplicas para ser perdoada. Não tinha desculpa. Sim, o seu comportamento fora abismal, mas como explicar à madre superiora que até mesmo uma pequena órfã mansa como ela tinha limites? Como podia explicar que o que a outra menina lhe cuspira na cara dera a mesma sensação que uma bala? Antes do dia de hoje, não houvera orfanato, não

houvera uma outra vida. Até hoje, tinha sido uma menina como outra qualquer, uma menina cheia de sorte cuja mãe e cujo pai gostavam dela o suficiente para lhe dar uma joia linda. Agora, só sentia uma ferida funda, feia.

A madre superiora soltou um longo suspiro, sem parar de bater com a régua na palma da mão. Por um momento, Natalia pensou que ela ia ordenar-lhe que estendesse a mão para ser castigada, mas ela limitou-se a ficar ali, a avaliá-la com aqueles olhos como contas em que Natalia não via sinal de santidade.

- Ficas de castigo na escola depois das aulas, três horas. E isso é só para começar - disse num tom calmo. - Como não tens nada a dizer para te justificares, os teus pais vão ser chamados, claro. Com certeza vão ficar envergonhados, mas talvez consigam fazer-te ver a razão.

Pela primeira vez nesse dia, Natalia sentiu as lágrimas a picarem-lhe os olhos.



A rua estava vazia e escura quando ela saiu pelos portões da escola, escura e fria, e o vento beliscava-lhe as pernas nuas, mas ela mal reparava. Mesmo agora, mal conseguia abafar a raiva que se erguia dentro de si quando pensava naquela menina, naquele *nome* que ela lhe chamara. Agora toda a gente sabia, e a sua vida não poderia voltar a ser o que era. Talvez fosse isso que devesse ter dito à madre superiora. Assim, talvez ela não a tivesse obrigado a ficar de frente para uma parede durante três horas - já teria sido suficientemente castigada.

Com a pasta debaixo do braço, desceu o resto dos degraus e encaminhou-se para a travessa empedrada. A escola estava afastada do resto do bairro, ao fundo de uma rua sem saída, e não se via viva alma. Pelo menos, caminhar em solidão por um ou dois quarteirões far-lhe-ia bem.

Havia, é claro, a questão dos pais. O que lhes diria quando chegasse a casa, que desculpa daria? Com certeza a mãe tinha vindo à procura dela, e – vendo o recreio vazio ao fim da tarde – pensara que ela tinha ido com Clara, a sua única amiga, que por vezes a convidava para sua casa depois das aulas. Com certeza, com a luz do dia a desaparecer, ela começara a preocupar-se, e Natalia imaginou-a agora em pânico, a andar de um lado para o outro na sala de estar, a telefonar a toda a gente na lista telefónica, a começar pelos pais de Clara e a acabar pela polícia. Sim, teria de se defrontar com problemas quando chegasse a casa, e teria de o fazer, de uma maneira ou de outra. Apertou o casaco ao corpo e estugou o passo, mas de repente ouviu alguém chamar o nome dela.

– Natalia!

Parou e virou-se, a olhar para todos os lados, mas não estava ninguém. Com certeza tinha imaginado que a chamavam. Recomeçou a andar rapidamente, mas daí a um momento ouviu de novo, mais alto, mais distinto.

– Talia! Olá!

A voz, demorou um momento a compreender, viera do outro lado da rua. Estava ali um carro em que não reparara antes, um automóvel preto a cerca de meio quarteirão de distância, com os faróis desligados. Via uma fita de fumo de cigarro a evoluir-se dessa direção. O pai devia ter mandado o carro buscá-la; já estava escuro, afinal. Mas depois, quando já tinha corrido para o outro lado da rua, compreendeu que tinha cometido um erro. Este automóvel não era o *Buick* do seu pai. Era maior, e a chapa da matrícula era diferente.

– Olá, Talia – disse a voz de novo, ao mesmo tempo que uma figura alta saía da sombra e vinha pôr-se à luz do lampião. – Por favor, não fujas. Não quero assustar-te. Só quero falar-te por uns momentos.

Ela não conseguia levantar os olhos do chão. Os seus ossos tinham subitamente ficado moles, embebidos em

terror. Só conseguia olhar para o par de sapatos que avançavam na sua direção, passando por cima de uma pequena poça. Mas depois ele parou a alguma distância e ergueu a mão num gesto de saudação e ela viu que não era nenhum monstro: era um homem. Um homem novo e com bom aspeto. Trazia um sobretudo com gola de pele e um chapéu escuro de abas, como aqueles de que o pai dela gostava. Sorriu um pouco embaraçado, como se, de algum modo, também estivesse com medo, como se só quisesse apresentar-se. Algo nele parecia estranhamente familiar. Natalia não soube o quê de imediato, mas daí a um momento ocorreu-lhe com uma limpidez de cristal. O minúsculo sinal na maçã do rosto do homem era idêntico à dela. Tinham a mesma marca.

Quase perdeu a força nos joelhos, e recuou uns passos, a agarrar a pasta da escola. – Tenho de ir embora – murmurou, mais ou menos para consigo. – Tenho de ir embora.

E depois não houve mais nada a não ser o eco dos passos dela a baterem no passeio, o som da sua respiração e dos batimentos do coração nos ouvidos. A pasta escapou-lhe das mãos, mas não a apanhou. Só ao fim do quarteirão, onde a avenida que dava para a sua casa se abriu como um oásis, é que ela parou por um segundo. Alguns carros passaram por ela e buzinaaram quando ela atravessou a correr a avenida larga.

No outro lado, sentiu-se um pouco menos assustada. Havia peões, e um rapaz do campo a vender flores embrulhadas em papel de jornal, a apregoar o preço a ninguém em particular. «Cinquenta *lei*! Só cinquenta *lei* por cravos cortados de fresco!» O cruzamento tinha o aspeto de sempre. Seria impossível que o homem tentasse atraí-la para dentro do seu automóvel aqui, com todo o trânsito aos ziguezagues e as pessoas a passarem. Estava em segurança. Mas algo parecia fora do comum, algo parecia *errado*.

Por trás do lugar onde o rapaz estava acocorado perto do balde com flores, os grossos portões de ferro da embaixada suíça abriram-se. Natalia nunca os vira abertos, a não ser nas raras ocasiões em que uma limusina ou um táxi apareciam, e os guardas verificavam documentos e inspecionavam os passageiros antes de os deixarem passar. Mas não havia ali guardas esta noite. Não havia carros, agentes da autoridade, sinais de vida. No entanto, os portões estavam abertos de par em par. Só uma pequena janela no segundo andar tremeluzia ténue.

Sem saber porquê, naquele momento virou-se e lançou um olhar para o outro lado da avenida, para ver se o automóvel ainda ali estava. Não contava vê-lo. Mas ele ainda estava ali, quase não visível à luz fraca do lampião.

O homem estava encostado a ele, com os braços cruzados sobre o peito. Mesmo assim de longe, ela via que, apesar do seu olhar fixo, havia uma expressão de resignação nos seus olhos, como se não tivesse nenhuma intenção de a perseguir.

Estremecendo com a brisa do fim do dia, ela desatou a correr, e dessa vez só parou quando se viu em frente à sua casa.

CAPÍTULO 12

Abril de 1944

Na casa dos Goza, os preparativos para o Domingo de Páscoa começavam sempre com uma semana de antecedência. Na cama, todas as noites Despina se virava para um lado e para o outro, passando em revista a ementa de sete pratos com tal pormenores que, quando finalmente adormecia, todas as pitadas de sal ou de pimenta estavam confirmadas, cada especiaria medida mentalmente com tal exatidão que não havia hipótese de a festa ser menos do que um banquete memorável. Na manhã de Sexta-Feira Santa, só faltava polvilhar com açúcar os biscoitos de manteiga e dispô-los em filas ordenadas nas travessas de prata, como anjos com asas dobradas a dar as boas-vindas ao dia mais festivo do ano. E esta sexta-feira em particular prometia uma Páscoa maravilhosa. Uma energia inquieta, efervescente, inchava e borbulhava na cidade, fazendo com que perfeitos estranhos sorrissem enquanto faziam fila para comprarem coisas à última hora – corante para os ovos, noz-moscada ou velas brancas para acender na igreja na missa da meia-noite e levar para casa para deixar a arder à janela.

Sem mais pormenores a que atender nessa manhã, Despina olhou para dentro do armário das louças e apercebeu-se com um acesso de alarme que só dez copos de vinho tinham sobrevivido ao último jantar de festa. Dez copos iguais – não eram suficientes para a mesa, mesmo que os combinasse com copos mais pequenos, o que nunca

faria, não com um novo convidado à sua mesa pela primeira vez. Não valia a pena protestar, Anton sabia, não havia nada que pudesse dizer para a impedir de sair à última hora à procura de novos copos. E por isso ele e Natalia trocaram um olhar e seguiram-na para a rua, para aquela manhã fresca. Com o pretexto dos copos ou sem ele, o dia estava de facto magnífico.

Só daí a um par de horas, depois de seguirem Despina de uma ponta da cidade à outra, é que a determinação dela começou a esmorecer e uma ligeira falta de energia se insinuou nos seus passos. Até mesmo a montra dos armazéns Lenox, em tempos com uma exposição espetacular de cristais e pratas, estava despida, e tão mal iluminada que mal se podia ver o que havia ainda nas prateleiras.

- Oh, não, Anton. Olha - disse ela com um vestígio de desespero na voz e deixando tombar a mão que tinha pousado no braço dele. - Também fecharam. Como é possível?

- Querida, não vai haver problema. É só a família, afinal, e podemos remediar-nos com o que temos. Não vai realmente importar.

- Sim, mas é a Páscoa, Anton. O que vai pensar o teu novo amigo?

Anton sorriu e deu-lhe uma palmadinha na mão. Em circunstâncias normais, poderia ter concordado com ela, mas o seu novo amigo, como ela lhe chamava, provavelmente contentar-se-ia com beber o vinho por uma caneca de barro. - O Victor não se vai importar minimamente. Acredita em mim.

Despina franziu a testa e comprimiu os lábios. Ao longo de toda a semana, andara preocupada com o convite. Não era que não estivesse acostumada a que Anton trouxesse novos conhecidos lá a casa - andava sempre a fazê-lo -, mas nunca numa festividade. As festividade estavam estritamente reservadas à família alargada e às crianças.

Os convidados já eram tantos que era um verdadeiro desafio recebê-los todos debaixo do mesmo telhado.

- Achas que é o momento certo, Anton? - perguntou ela de novo enquanto se apressavam para apanhar um táxi que parara na berma. - Porque não convidá-lo para um almoço de domingo, quando estivermos só os três e pudermos ficar a conhecê-lo melhor?

- Ele não tem ninguém, Despina - disse Anton, segurando a porta do táxi. - Não tem família nem amigos. Vai estar sozinho no dia mais santo do ano.

- Está bem - cedeu Despina, entrando atrás de Natalia para o assento traseiro. - Mas não me parece que se vá sentir à vontade entre cerca de vinte pessoas que não conhece.



Anton conhecera Victor por acaso. Estava a fechar a loja num fim de dia quando avistou um jovem ao fundo do quarteirão a remexer num caixote do lixo em frente a um café da vizinhança. O jovem não parecia ter dado pela sua presença enquanto vasculhava por entre sacos castanhos encharcados e caixas de cartão, a praguejar para consigo entre dentes. Era bastante alto e magro, angular sob a sua gabardina abotoada, e Anton supôs que não era a primeira vez que ele tinha de procurar restos de comida para se alimentar. No entanto, apesar da sua fome, evidente na intensidade com que espreitava para dentro do caixote do lixo, havia um ar de nobreza nele, algo estranhamente digno que lhe dava ar de poeta mais do que de mendigo.

Anton deixou-se ficar ali a observá-lo pelo canto do olho. O jovem trazia-lhe recordações de um tempo esquecido. Também parecia vagamente familiar, embora não tivesse a certeza porquê. Onde o vira antes?

E depois lembrou-se. O jovem era o ocupante de umas pequenas águas-furtadas por cima da loja. Tinham-se cruzado nas escadas de serviço várias vezes quando ele estava a trazer fornecimentos para a loja ou a pôr caixas vazias na travessa por trás do prédio. Nunca se tinham cumprimentado uma única vez.

Depois de dar mais uma volta à chave, Anton meteu-a ao bolso. Os estores verticais chocalharam ruidosamente quando os puxou para baixo, apesar de se esforçar ao máximo por os baixar silenciosamente, e o jovem ergueu os olhos do caixote do lixo. Deixando cair o tampo no passeio, apertou a gabardina ao corpo e começou a andar em passos rápidos na outra direção.

- Senhor! - chamou Anton, mas o homem não parou. Continuou em grandes passadas a atravessar a praça, esgueirando-se por entre o trânsito e desaparecendo no outro lado. Anton seguiu-o, com dificuldade em acompanhar o ritmo dos passos dele. Por algum tempo, julgou que o tinha perdido, mas depois avistou-o a dobrar a esquina e praticamente correu para o alcançar.

- Meu senhor, por favor, não era minha intenção sobressaltá-lo! - berrou no momento em que o jovem voltava a acelerar o passo. Seguiu-o por mais um quarteirão até o homem estacar e se virar abruptamente.

- O que quer de mim? - rosnou. Havia pânico, assim como um vestígio de raiva no seu rosto angular. - Eu não tirei nada. Não tirei nada que seja seu - prosseguiu o homem, um pouco menos ríspidamente, e Anton não se atreveu a aproximar-se mais.

- É claro que não - respondeu, corando com o embaraço. As suas intenções tinham sido mal compreendidas. - Não, é claro que não me tirou nada. Eu só queria ajudar. Ver se precisa de alguma coisa. - Mexeu nervosamente na argola da chave que trazia no bolso do casaco.

- Se preciso de alguma coisa? - refilou o homem com um meio sorriso sardónico. - Sim, dava-me jeito alguma

comida. Nada de muito elaborado, sabe? Umas sobras quaisquer, uns restos serviam. Não comi nada em todo o dia.

Por um momento, Anton ficou em silêncio. Depois, tirou a mão do bolso e estendeu o braço num gesto de convite. – Venha – disse. – Venha daí comigo. Sei de um lugar onde podemos comer uns *mici*, mesmo a esta hora tardia. Eu também estou com fome, sabe, e dava-me jeito a companhia.

Chegaram a uma conhecida cervejaria na rua Stavropoleos. Apesar de ser considerado um bar, era o tipo de lugar aonde as pessoas acorriam mais pela comida do que pela seleção de cervejas. Surpreendendo os olhares críticos que os receberam mal entraram, o jovem pensou em dar meia-volta e sair. Mas a sua fome era maior do que a sua dignidade, e o chefe de sala, um homem de idade corpulento de sobrecasaca que parecia conhecer bem Anton, estava já a conduzi-los para a parte de trás do restaurante, onde um conjunto perfeito de toalha de linho branco engomado e pratos brilhantes os aguardava. Ao passarem pela fila de mesas onde as conversas se tinham interrompido subitamente, o jovem observou as pinturas murais, a luz ambiente que emanava dos delicados candeeiros de parede *Art Deco*, e pensou: *Não admira que estejam todos a olhar*. Normalmente, seria enxotado de um lugar como este se se atrevesse sequer a olhar pela montra.

No entanto, quando a meia-noite se aproximava, eles eram os dois últimos clientes no restaurante. Anton mandou vir mais *mici* e bife com batatas fritas e passaram da cerveja para o *brandy*. O empregado de mesa estava visivelmente impaciente, mas não podia recusar os pedidos daquele cliente. Anton e a sua mulher eram os seus melhores clientes há anos. Não havia simplesmente maneira de o despachar, especialmente não numa altura

como esta, quando ele parecia tão embrenhado numa conversa.

Era a primeira vez que Anton se abria sobre o seu passado. Foi apanhado de surpresa pela facilidade com que fazia confidências a este perfeito estranho, como contava sem esforço a história do seu humilde início de vida. A pouco e pouco, desnudou a sua alma e o funcionamento interno do seu coração ao jovem esfomeado, a este estudante cujo nome era Victor e que fazia todo o tipo de trabalhos à noite para pagar as propinas na universidade, mesmo que isso implicasse passar dias a fio sem comer. Anton sentiu-se libertado enquanto falava com ele, como se um peso invisível lhe tivesse sido tirado dos ombros.



Ao princípio, Victor não compreendeu porque o proprietário abastado da loja no andar de baixo teria interesse em partilhar uma refeição com ele, muito menos revelar pormenores assim tão íntimos da sua vida. Via-o quase todas as manhãs, a abrir a loja, com os seus fatos elegantes e lenços de pescoço de seda. Via o *Buick* preto que o deixava à porta da loja todos os dias, a beldade de cabelo escuro – indubitavelmente a mulher – que passava pela loja várias vezes por semana, com uma variedade de caixas de chapéus e sacos de compras, sempre numa nuvem de perfume caro. O que queria dele um homem como aquele? Porque se daria ao trabalho de o conhecer? No entanto, enquanto as horas passavam e Anton se embrenhava mais fundo nas histórias sobre a sua infância, começou a compreender um pouco porque tinha sido convidado.

– Nenhuma criança devia ser forçada a trabalhar sob tais condições para benefício dos ricos – declarou Victor quando Anton acabou de lhe falar sobre os seus tempos como moço

de recados a dormir nas traseiras do armazém. – Virá um dia em que ninguém terá de suportar tais atrocidades. – Inclinou-se para a frente para não o ouvirem no resto do restaurante. – A subjugação dos pobres que acossa a Europa há centenas de anos chegará em breve ao fim, acredite no que lhe digo. Quando forem tiradas aos ricos as suas fortunas imerecidas, quando tudo for dividido igualmente entre o povo, então este país recuperará a sua humanidade. Verá, Anton. Verá.

Passando o braço sobre a mesa, tirou um cigarro da cigarreira de ouro que Anton lhe estendia. Toda a cerveja e todo o *brandy* tinham alimentado a sua franqueza, e esquecera-se de que o homem que estava sentado em frente a ele pertencia às fileiras a que se referia com tal desdém.

– Mas não resultou – respondeu Anton com sinceridade, voltando a meter a cigarreira ao bolso. – Não resultou na Rússia. As pessoas vivem apinhadas em apartamentos em Moscovo e Leninegrado, não têm comida, não têm aquecimento. E os milhares de pessoas que Estaline matou para proteger o que criou? Ninguém está melhor. Toda a gente continua a sofrer.

– Você é ingénuo, Anton! – declarou Victor, mais alto do que tencionava, batendo com o punho levemente na mesa. – Estaline *industrializou* a Rússia. Criou mais oportunidades, mais progresso do que qualquer outro país do mundo. E porque julga que isso é? Porquê? – Fez uma pausa, embora não obviamente à espera de uma resposta. – Porque os Soviéticos se dedicam à sociedade no seu todo, não só ao lucro egoísta. E é por isso que vão ganhar a guerra. – Acabou o resto do *brandy* e pousou o cálice vazio.

Anton não pôde deixar de sorrir. Não se recordava de alguma vez ter conhecido alguém que falasse com tal convicção. Não que concordasse com a maior parte do que o seu jovem amigo estava a dizer, mas o entusiasmo dele, aquele fogo nos olhos, eram certamente contagiantes.

Havia um pouco de indignação a desabrochar no peito de Anton ao pensar que alguém assim tão eloquente e inteligente tinha de remexer em caixotes do lixo à procura de sobras de comida. Parecia inconcebível.

Anton fez sinal a pedir a conta. – Está livre para o almoço no domingo de Páscoa? – perguntou. Tinha quase a certeza de que Victor não tinha um compromisso prévio ou muita razão para comemorar a data festiva, mas não sabia de que outra maneira fazer o convite. – Seria um grande prazer se pudesse juntar-se a nós. Se lhe agradar a ideia.

– Anton, obrigado. Mas pensa que a sua mulher ficaria contente por receber alguém como eu na casa dela? – Abanou a cabeça. – Não, Anton. Penso que manteremos isto... os nossos encontros intelectuais, por assim dizer... só entre nós. E agradeço-lhe. Agradeço-lhe de novo pela sua generosidade.

Com essas palavras, levantou-se e estendeu a mão a Anton, que, ainda sentado, pegou nela e segurou-a firmemente por um momento.

– Passe lá por casa – disse, sorrindo à luz ténue. – Eu gostaria de facto que conhecesse a minha mulher. Gostaria que visse que está errado.

CAPÍTULO 13

Maria não era uma mulher devota, apesar de toda a gente que a conhecia a considerar inquestionavelmente dedicada a Deus de modo total e completo. Era certo que acreditava no seu poder supremo; não duvidava que todos os assuntos relativos à vida na terra eram decididos por Deus Todo-Poderoso. Mas o que a deixava perplexa era a razão por que Deus a escolhia sempre como veículo da sua obra, por que escolhia entregar matérias tão difíceis nas suas mãos defeituosas e mortais.

A carta tremeu ligeiramente quando a ergueu contra a janela e a leu mais uma vez. Não demorou muito tempo a lê-la de ponta a ponta. Só tinham sido escritas algumas linhas em tinta preta numa folha de papel fino, tão frágil como uma asa de borboleta. Escorregou-lhe da mão e tombou aos seus pés, mesmo por baixo do peitoril da janela. Ela baixou-se para a apanhar e quando o seu dedo deslizou pela borda, cortou a pele no papel.

A olhar distraidamente lá para fora, os seus pensamentos desviaram-se para o dia anterior. Mal tinha ainda chegado ao orfanato de manhã cedo quando a diretora veio cumprimentá-la à entrada e lhe disse que havia um assunto urgente de que precisava de falar com ela. Ao princípio, Maria supôs que tivesse algo a ver com as longas horas que andava a trabalhar no orfanato. Até mesmo a senhora Tudor reparara que Maria andava a passar todos os momentos do seu dia no orfanato, que a sua preocupação

obsessiva com as crianças começava a ter repercussões no seu aspeto. – Não preciso de si dia e noite – dissera-lhe ela uma vez. – Preciso que se mantenha de saúde. Tire uns dias de folga, descanse um pouco, vá jantar fora.

Maria sabia que ela tinha razão. Também o seu marido se mostrava cada vez mais preocupado com a súbita palidez dela, com a sua magreza. Andava a dizer-lhe precisamente as mesmas coisas. Mas o que quer que Ana Tudor fosse discutir com ela não tinha nada a ver com a sua saúde. Soube-o mal a senhora Tudor a seguiu para dentro do gabinete e fechou a porta atrás delas. A certa altura ao longo daqueles anos, ela e a diretora do orfanato tinham-se tornado amigas, ligadas por um sentido de responsabilidade e preocupação com as crianças, com cuidar delas constantemente. Estavam para além de formalidades e portas fechadas.

– Não se importa de se sentar, Maria? – disse a senhora Tudor, dando a volta à sua secretária e sentando-se também. – Como começar... – Entrelaçou os dedos. – Isto é um assunto muito melindroso. Tem a ver com a menina dos Goza.

– Com a Natalia? – perguntou Maria, sem conseguir ocultar a sua surpresa. – O que se passa?

– Isto.

Ana Tudor passou-lhe um envelope branco sobre a secretária. – Recebi isto na semana passada. Devido à sua natureza melindrosa, queria confiá-lo a si. A Maria e a mãe da menina são muito íntimas, não são? E por isso penso que saberá melhor como lidar com a questão.

Maria pegou no envelope. Abriu-o e tirou uma só folha de papel, dobrada a meio.

– Maria, antes de ler a carta, por favor saiba que a decisão de a partilhar ou não com a família Goza é inteiramente sua. Não farei nenhum juízo sobre o que decidir, porque sei que a senhora, minha amiga, tomará a

decisão acertada. Seja como for, o meu envolvimento nesta matéria termina aqui.

Maria acenou com a cabeça e depois desdobrou o papel e começou a ler. Não demorou muito tempo a chegar ao fim. Quando voltou a olhar para cima, tremia-lhe a mão.

Agora, a parte mais difícil estava para vir. Estremeceu, pensando no que precisava de fazer, no que *tinha* de fazer se queria voltar a ter um momento de paz. Parecia tão simples, e ao mesmo tempo impossível de compreender. Despina era a mãe de Natalia; tinha o direito de saber da existência da carta, *o que a carta dizia*. Mas Despina era também a pessoa mais íntima de Maria. Tinham partilhado tudo ao longo da infância e da juventude, incluindo a cama na casa de férias da família em Tessalónica e segredos murmurados no escuro e promessas de que nada alguma vez se atravessaria entre elas. Ela era a última pessoa neste mundo que Maria queria perturbar.

Contudo, Maria recordou subitamente outro rosto, não o da sua prima, mas o da *outra*. Daquela mulher que vivera no seu sótão durante meio ano, que por milagre sobrevivera só para retomar uma vida vazia, uma vida indubitavelmente cheia de dor e de remorsos. Suspirou, pensando no aspeto da mulher naquela última manhã, a descer as escadas de serviço enfaixada numa das suas velhas camisolas de lã. Como faltava vida aos seus olhos. Sim, Maria sabia o que perder um filho fazia a uma pessoa, como pouco mais importava depois disso. E então, esta mulher? Maria devia-lhe alguma coisa?

E depois havia Natalia, aquela menina doce, linda, com o seu cabelo castanho-arruivado, cujo sorriso iluminava uma sala. Parecia tão feliz com Anton e Despina, tão contente. Como poderia Maria, logo ela, arriscar-se a intrometer-se? Como podia arriscar-se a destruir aquela paz bem-aventurada que eles tinham encontrado uns nos outros?

Pesadamente, Maria afundou-se numa cadeira. Ficou ali à janela a ver o céu escurecer, depois o fim da tarde a dar

lugar à noite, enquanto pensava nas possibilidades, nas consequências, andando para a frente e para trás e começando de novo. Estava escuro como o breu lá fora quando uma certeza aguda se instalou inabalável no seu coração, como uma alfinetada a produzir uma gota de sangue na superfície do seu dedo.

Por fim, compreendia. Ana Tudor conhecia-a melhor do que ela se conhecia a si mesma. Maria pousou o rosto nas mãos e jorraram-lhe lágrimas dos olhos. Não tentou contê-las, porque estava chorar pelo que ela própria perdera há tanto tempo.

CAPÍTULO 14

Na cozinha soalheira, Despina andava afadigada, no seu avental impecavelmente engomado por cima do vestido de seda lilás. Com uma mão, afastou do rosto umas madeixas soltas, enquanto com a outra mexia leite, açúcar, ovos e manteiga numa taça grande de metal, adicionando metodicamente uvas-passas e pequenos copos de rum. Só a ligeira ruga na testa entre as suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas denunciava a sua intensa concentração enquanto mexia os ingredientes e fazia sinal a Sofia para que trouxesse mais açúcar da despensa, mais farinha.

Natalia estava sentada num banco ao canto, a ver a mãe e a beber uma chávena de chocolate quente. Estes eram os momentos favoritos de Natalia, a azáfama nas horas antes de uma festa, quando a possibilidade de um dia perfeito ainda se apresentava à sua frente, enchendo-a com expectativa. Só eram dez da manhã, mas a fragrância dos bolos que a sua mãe estava a fazer, das tranças de massa e noz-moscada que se erguia do forno, já tinha penetrado todos os cantos da casa. Num pequeno rádio portátil em cima de uma das prateleiras, soava o seu programa favorito, *A Hora das Crianças*.

- Por que não vais até lá fora e vês se encontras alguma das tuas amigas? - disse Despina, olhando de relance para a filha. - O ar fresco vai fazer-te bem. Anda lá, vai.

Natalia arregalou os olhos de surpresa. - A sério? É mesmo a sério?

- Bem, porque não? - Despina sorriu e plantou um beijo na testa de Natalia. - Mas volta antes das duas. Quero que mudes para uma roupa de festa para o almoço.

- Obrigada, mamã! Prometo voltar a tempo! - exclamou ela, saltando do banco sem precisar de mais encorajamentos para sair de casa.

Desde o dia em que tivera de ficar de castigo na escola, a mãe não a perdia de vista. Hesitava até em a deixar ir à caixa do correio ou sair para o jardim. Não que Natalia não a compreendesse. Já se tinham passado semanas, mas ainda se sentia abalada com a culpa ao pensar em tudo o que se seguiu quando finalmente chegou a casa nessa noite.

Não houve uma torrente de fúria. Nem berros ou castigos. Nem um telefonema da madre superiora, aparentemente. Tanto como isso foi óbvio quando a sua mãe abriu de rompante a porta, apesar da tentativa de Natalia de entrar em casa à socapa e poder explicar que, de facto, estivera no sótão aquele tempo todo, à procura do seu comboio velho, que tencionava dar a Maria para ela levar para o orfanato. Sentiu-se aliviada, claro, por não ter de mentir, mas a maneira como a mãe olhou para ela, pálida e de olhos arregalados, segurando-se à porta como se fosse alguma espécie de bote salva-vidas, cortou-lhe a respiração.

- Talia - disse a sua mãe, numa voz que não soava como se fosse dela. - Talia, onde? Onde é que estiveste?

- Desculpe, mamã, desculpe. Não era minha intenção que nada disto acontecesse - balbuciou ela, e desatou a chorar.

Mais tarde, depois de ter sido envolvida numa manta de caxemira, depois de lhe ser trazida uma chávena de chá e de os pés e as mãos lhe terem sido esfregados, Natalia arranjou coragem para contar a verdade. Em voz baixa, nervosa, mantendo os olhos pregados no tapete, contou todo aquele horrível dia, o que a menina lhe dissera no recreio, como ela não conseguira controlar a sua fúria,

como fora forçada a ficar de pé a olhar para uma parede durante todo o fim da tarde.

Para seu espanto, a mãe escutou-a pacientemente, sem dizer uma palavra. Foi só quando Natalia chegou à parte – quase como um pormenor sem importância – sobre o homem que a abordara na rua que a mãe se levantou de um salto, como se tivesse apanhado um choque elétrico.

– Está tudo bem, mamã – gritou Natalia. – Eu estou bem. Não aconteceu nada! Não foi nada.

Mas a mãe não conseguiu parar de andar de um lado para o outro depois disso, esfregando as têmporas em minúsculos círculos frenéticos, franzindo a testa, de olhos pregados no chão, sentando-se e levantando-se e sentando-se outra vez. Ao fim de algum tempo, pegou nas mãos de Natalia, mas dessa vez não houve um afeto excessivo, só uma enxurrada interminável de perguntas que pareceu prolongar-se horas a fio. *Que idade tinha o homem, Talia? Como estava vestido, Talia? O que, e quero dizer precisamente o que é que ele te disse?* Natalia tentou responder o melhor que podia, mas na verdade não sabia porque aquele homem tentara falar com ela. Ou porque lhe parecera familiar – uma parte que achou melhor não mencionar.

A certa altura, o pai entrou na sala e, sem querer interromper, serviu-se de uma chávena de chá e foi pôr-se perto da janela. Não bebeu um só gole de chá. Limitou-se a ficar ali de pé, com as mãos à volta da chávena, a escutar.

– Ora bem, Despina. Acabamos isto de manhã – disse ao fim de algum tempo. – Talia, vem comigo à cozinha. Arranjo-te qualquer coisa para comeres.

Ela sentiu vontade de correr para ele e beijá-lo. Ainda bem que aquilo tinha acabado, pelo menos por essa noite. No entanto, quando o seguia para fora da sala, parou à porta e virou-se para Despina uma última vez.

– Boa noite, mamã – disse em voz baixa. – Desculpe.

Mas a mãe não pareceu ouvi-la. Estava debruçada sobre as costas do sofá, a agarrá-las com ambas as mãos, com os ombros caídos para a frente, como se alguma ideia profundamente perturbadora se tivesse alojado no seu coração.

Agora, depois de semanas em que tivera Natalia fechada a sete chaves e vigiada com a atenção de um guarda prisional, a mãe dizia-lhe que podia ir brincar lá para fora. Que estranha que ela era. Que imprevisível. Mas Natalia não ia de maneira nenhuma questionar a sua mudança de atitude.

- Eu volto a tempo! - assegurou mais uma vez à mãe enquanto corria para a porta da cozinha.

As suas mãos ficaram subitamente paralisadas quando agarrou a superfície macia e brilhante do puxador da porta, e recuou um passo. Vinha um som lá de fora, um som estridente como o de uma ambulância, mas mais alto, mais insistente. Soava como um uivo.

Virou-se de imediato para a mãe, a perscrutar-lhe o rosto, mas ela estava impassível, ali de pé com a taça nas mãos. Não foi o som que vinha lá de fora, mas o ruído do metal - a taça a escapar das mãos dela, a massa branca a espalhar-se nos ladrilhos - que a fez gritar. No rádio, *A Hora das Crianças* foi interrompida pela voz grave de um locutor.

«Bucaresté está a ser bombardeada! As forças dos Aliados estão a bombardear a cidade! Todos os cidadãos são aconselhados a procurarem imediatamente um abrigo antiaéreo!» Houve um estalido, uma pausa, e depois a voz regressou, num tom de maior urgência: «Repito, toda a população deve procurar um abrigo imediatamente! Deus ajude os cidadãos deste país. Deus nos ajude a todos.»

CAPÍTULO 15

Sempre viera, afinal, sem aviso. A coisa que todos receavam apanhara a cidade de surpresa, na manhã do domingo de Páscoa, ainda por cima. Soara uma só sirene, não muito longe da casa deles, talvez numa das praças centrais. Soara tarde, demasiado tarde para que Despina pudesse fazer algo mais do que agarrar na mão de Natalia e arrastá-la para a porta da cave, que Sofia já abrira a custo. Ainda mal tinham descido metade dos degraus quando a casa começou a tremer e a emitir sons que nunca tinham ouvido. Mesmo assim, Despina pensou que tinham tido sorte por poderem agir de imediato.

Lá em baixo na cave, fez os possíveis por sossegar Natalia. Mais dos que os guinchos, os estrondos de fazer sacudir os ossos, os estalidos de tijolos a partirem-se e de vidraças a estilhaçarem-se, os gritos da sua filha eram os sons que mais lhe custava suportar. Despina trauteou-lhe uma melodia ao ouvido, disse-lhe que pensasse em alguma coisa que a fizesse feliz, disse-lhe que não tivesse medo. Que mais poderia fazer? Podia rezar, como Sofia, de joelhos e com a testa encostada firmemente à parede. Poderia fazê-lo, mas só teria aterrado ainda mais a criança.

Quando aquilo acabou, Natalia manteve-se imóvel, com a cabeça entre os joelhos e as mãos a taparem os ouvidos. Foi Sofia quem finalmente a levou ao colo pelas escadas acima para a névoa de poeira branca que envolvia a casa. Foi Sofia quem acalmou a menina naqueles primeiros terríveis momentos, porque Despina estava já ao telefone, a

marcar o número freneticamente, a marcar de novo, apercebendo-se com uma pontada de terror de que a linha estava cortada.

Passaram-se duas horas e continuava a não haver sinal de Anton.

- Minha doçura, porque não vais para o teu quarto descansar? - insistia ela com Natalia, que se recusava a largar-lhe a mão. Havia tantos destroços, tantos vidros partidos na cave, que não era seguro, embora parecesse não valer a pena insistir. - Eu não vou, mamã! Por favor, pare de me pedir. Quero ficar aqui consigo!

- Menina Talia, eu faço-lhe companhia. - Sofia intercedeu finalmente, embora também não quisesse sair do lado de Despina. - A sua mãe precisa de ficar sozinha por uns momentos.

Com relutância, subiu com Sofia atrás dela. Ao ver o seu corpinho subir as escadas, Despina soltou um pequeno suspiro de alívio. Agora que estava sozinha, precisava de se movimentar. Precisava de se manter em movimento para não enlouquecer.

- Ele está bem, ele está bem - disse alto, a tentar acalmar os batimentos descontrolados do seu coração.

Mas depois recordou-se das discussões que ela e Anton tinham tido nas últimas semanas. Como ele não queria, *não podia* prometer-lhe que iria para um abrigo se este momento chegasse. Suplicara-lhe que compreendesse que ele não conseguia ir meter-se num caixão, que mesmo a cave da casa deles lhe dava a sensação de ser uma caixa de madeira. E agora, com as linhas telefónicas cortadas, ela não tinha maneira de o contactar. Mas com certeza ele entraria pela porta a qualquer momento. A qualquer momento, ela ouviria a voz dele no átrio a chamá-la, a chamar Talia. O que tinha de fazer era manter-se ocupada até esse momento.

À porta da sala de jantar, parou, com os dedos enclavinados na ombreira. À primeira vista, parecia

impossível que a casa não tivesse ficado reduzida a escombros. O lustre *Vanderbilt* caíra em cima da mesa com tal força que nem um dos seus pingentes de cristal ficara intacto. Tudo na sala se encontrava sob uma camada de vidro tão fina que parecia que uma tempestade de areia varreria aquele espaço.

Tentando não inspirar a poeira, atravessou a sala para abrir as portas do pátio. Uma coisa aguçada picou-lhe o pé, e ela baixou-se para pegar nela. Demorou um momento a aperceber-se de que era um dos candelabros que herdara da avó. Estava partido a meio. Ainda nessa manhã ela colocara o par no aparador, juntamente com a louça melhor para o almoço de Páscoa. Não haveria Páscoa agora, um banquete sumptuoso, ovos coloridos, festa em família.

As suas irmãs. Maria. Estariam bem? Apercebeu-se de que já não falava com nenhuma delas há quase uma semana, desde o domingo anterior, quando se tinham encontrado todas no Café Capsa, na avenida Victoria. Nessa tarde, não houvera um só indício do que estava para vir, como se a guerra fosse uma coisa distante, algo que não tinha nada a ver com as suas vidas. As cinco encafuaram-se a uma mesa perto da montra, e, enquanto saboreavam uma variedade de pastéis e bebiam chá inglês, passaram em revista os pormenores do almoço de Páscoa. Ecaterina traria o champanhe, Elena algumas entradas se houvesse tempo para as organizar. A sua prima Maria disse que faria os possíveis por chegar a horas. Maria. Havia algo estranho nela nessa tarde. Parecia adoentada, perturbada até, de pé no corredor perto da casa de banho das senhoras à espera que Despina saísse.

– Desi. – Chamou o seu nome num murmúrio.

Sobressaltada, Despina virou-se e, ao ver Maria, respirou fundo. – Meu Deus, assustaste-me. – Sorriu, estendeu a mão para o braço da prima e apertou-o afetuosamente; mas Maria não lhe retribuiu o sorriso.

- Podemos falar, depois de as outras se irem embora? Só tu e eu, a sós?

- É claro que sim! Tu e eu falamos sempre depois de elas se irem embora - recordava-se de ter dito, à espera de uma gargalhada da prima, mas só lhe viu um ligeiro franzir de testa.

- Há algo que quero dizer-te. Que sinto que *necessito* de te dizer. Em particular, Despina, só tu e eu.

Mas a tarde passou demasiado depressa e perderam a conta ao tempo. O empregado de mesa, tão solícito no início da tarde, estava visivelmente impaciente. Ecaterina foi a primeira a reparar na sua expressão exasperada enquanto levantava as últimas toalhas das mesas, depois de varrer as migalhas com uma vassourinha de cabo de prata.

- Meu Deus, devíamos ir indo - disse Ecaterina, olhando para o relógio. - Estão a tentar fechar para preparar o jantar. São quase três horas!

Pegaram nos seus casacos de malha, trocaram beijos à pressa e saíram porta fora. Daí a um instante, Despina e Maria viram-se sós no passeio. Não parecia o momento ou o lugar apropriados para uma conversa séria.

- Falamos na semana que vem - disse Maria enquanto se despediam. - Eu venho ver-te daqui a uns dias.

Fosse o que fosse que a sua prima tencionasse dizer-lhe, esperava que não tivesse a ver com a saúde dela. Ultimamente, Maria parecia pálida e exausta. Andava a trabalhar demasiado, mal parando para fazer uma refeição em condições antes de ir a correr para a sede da Cruz Vermelha, onde passava dias inteiros ao telefone a angariar fundos para os hospitais, os órfãos de guerra e as famílias de soldados feridos. Estranhamente, já não trabalhava no orfanato. Despina nunca lhe perguntara porque desistira do trabalho lá, mas calculava que Stefan se tivesse finalmente imposto, porque Maria ignorava todas as suas limitações pessoais no que dizia respeito àquelas crianças. Pobre Stefan, pensou Despina. Como poderia adivinhar que a sua

mulher encontraria uma nova causa, uma atividade a que se dedicar e em que se envolver totalmente?

Por favor, bom Deus, que ela esteja bem. Por favor, que estejam todos bem, rezou silenciosamente enquanto andava agora pela casa, a verificar o resto da destruição, grata por pelo menos o piano de Natalia não ter sido atingido. Em frente à única janela que continuava intacta, parou, mas manteve os olhos baixos, sem conseguir olhar lá para fora. Onde estavam os sons do trânsito, das crianças a brincarem ao fundo do quarteirão? Tudo estava tão silencioso que ela conseguia ouvir o tiquetaque do relógio de pêndulo. Ouvia a sua respiração entrecortada. E, subitamente, algo mais. Algures lá em baixo, ouviu um arrastar de passos, um tilintar de chaves, e correu como uma louca pela casa.



Já se tinham passado dez minutos e ela ainda não conseguira parar de chorar. Detestava esta exibição de emoção incontrollável, mas não era capaz de se dominar. As lágrimas caíam-lhe, imparáveis, a encharcar a camisa no peito dele, onde enterrara a cabeça.

- Cheguei, estou bem - segredou-lhe ele contra o cabelo, beijando-lhe as faces molhadas, e ela escorregou para o chão, arrastando-o também. No pavimento de cerâmica, ele tomou-a nos braços e embalou-a para trás e para a frente até os seus soluços se dissolverem em suspiros longos e fundos.

As mãos dele estavam cobertas de poeira quando ela as tomou nas suas. Um lanho fundo abrangia todo o comprimento de uma das palmas, e quando ela pousou os lábios nele o sabor metálico do sangue seco fê-la estremecer. Ele estremeceu também, mas não disse nada, e ficaram assim durante algum tempo, sem se atreverem a

fazer um movimento, sem se atreverem a largar-se um ao outro.

- Onde está a Talia? - murmurou ele ao fim de algum tempo.

- Está lá em cima no quarto dela, a descansar. Ficou tão assustada, Anton! Tão assustada que me partiu o coração. O que é isto? - perguntou, apontando para a pasta que ele deixara junto à porta.

- Oh, isso. Já tinha a intenção de tirar a coleção de selos cá de casa. Não há melhor ocasião do que hoje.

Despina não se riu, como Anton esperava que acontecesse, e ele afastou-a de si e fitou-a com ternura e um leve ar divertido.

- Despina. Minha forte, minha bela Despina. Não sabes já que não precisas de te preocupar comigo?

A resposta dela foi um murmúrio quase inaudível. - Não sei o que faria se te acontecesse alguma coisa. Não conseguiria suportar.

- Nada me vai acontecer, nem a mim nem a nós. Passaremos por isto juntos, como sempre. Lutaremos, e viveremos, e em breve as coisas voltarão a ser tal e qual como eram.

- Tens razão - disse ela, porque sabia que ele tinha razão.

Ele estava aqui, agora, em segurança com ela, a limpar as lágrimas que se tinham acumulado debaixo dos olhos dela com o polegar da sua mão ferida. Estavam juntos; estavam vivos. Era uma sensação boa, a da mão quente dele no rosto dela. A cortina de temor erguera-se um pouco.



Do cimo das escadas, Natalia observava-os em silêncio. Antes, tentara dormir, mas o sono não vinha, por mais que se esforçasse. No decorrer da tarde, também ela foi ficando preocupada com a ausência do pai. Agora que ouvira a voz

dele no átrio, apetecia-lhe saltar pelos degraus abaixo, atirar-se para os braços dele e ser envolvida por eles. Mas ao cimo das escadas algo a reteve. Fosse o que fosse que estivesse a acontecer entre os seus pais naquele momento, parecia ser só para eles. Em vez de descer, retirou-se para o seu quarto, percorrendo em silêncio o corredor e passando pelo móvel do qual as figuras de porcelana da sua mãe tinham caído e se tinham desfeito em mil pedaços.

CAPÍTULO 16

Julho de 1944

O longo verão quente prolongava-se interminavelmente num padrão previsível, com as sirenes a soarem ao mesmo tempo todos os dias, pontualmente. Despina e Natalia encolhiam-se na cave até passar o pior, com candeeiros de querosene acesos e a contarem as filas de frascos nas prateleiras de madeira acima delas para passar o tempo. Anton corria para o parque do outro lado da rua, onde ele e Natalia costumavam dar de comer aos patos antes da guerra. Ali, sentava-se num banco, com a sua coleção de selos no colo e sem mais a protegê-lo do que os ramos grossos do sicómoro. Com o coração a bater-lhe com força no peito, ficava sentado a ver os destroços caírem à sua volta, a destruírem partes do seu bairro, rezando para que não fosse a casa deles a ser atingida desta vez, rezando para que a sua família fosse poupada.

Despina desistira de tentar convencê-lo a ir para a cave. Súplicas, choros, berros e ameaças, todas as suas tentativas tinham sido em vão. Agora, limitava-se a fazer o sinal da cruz quando as sirenes começavam a soar. Por fim, acabara por aceitar a ideia de que só Deus o manteria em segurança lá fora naquele banco de jardim, e de que os esforços dela seriam mais bem empregados em orações.

Mas não era só a recusa de Anton de se abrigar das bombas que estava a ser a causa das discussões recentes entre eles. Há semanas que Anton andava a tentar convencer Despina a ir ter com a sua irmã Ecaterina à

propriedade da família nos arredores de Bucareste, na vila de Snagov, onde as bombas ainda não tinham chegado. Todas as outras irmãs dela, lembrava-lhe repetidas vezes, há muito que tinham saído da cidade. Uma a uma, puseram fita-cola nas vidraças das janelas, enrolaram os tapetes, cobriram o mobiliário com lençóis e embarcaram em comboios que as levaram a locais remotos que os Aliados não tinham interesse nenhum em bombardear. Já não era seguro ficar em Bucareste, estava sempre a dizer-lhe, não com todos os boatos inimagináveis sobre campos de refugiados do outro lado da fronteira com a Polónia. Não com o *Führer* e a sua política de terra queimada tão perto deles.

- Não posso suportar, Despina, não posso suportar pensar no que ouvi na fila da padaria hoje de manhã - disse ele uma noite quando ambos estavam a preparar-se para ir para a cama. - Nem me perguntes. Não ias acreditar. Os Alemães são pessoas tão civilizadas, como podem fazer tais coisas?

- Bem, não veio nada nos jornais sobre isso, querido - respondeu ela, sentando-se ao toucador e tirando os brincos de pérolas. - E os boatos acabam por se revelar falsos.

- Talvez, mas não é seguro para ti e para a Talia continuarem aqui. O exército de Hitler está muito perto agora. Demasiado perto. Sabes o que isso quer dizer, não sabes?

Despina pousou as mãos no toucador e disparou-lhe um olhar pelo espelho.

- Tu sabes que não me vou embora sem ti. E, como estás de prevenção nas Reservas do Exército, suponho que não há outra solução. Além disso, não estamos sós. O Victor ainda aqui está. E a Maria e o Stefan? Não fugiram como gamos assustados. Porque havíamos nós de fugir?

Era uma discussão inútil, Despina sabia-o. Era verdade que Maria e Stefan ainda estavam do outro lado da cidade,

mas a existência deles – como a de toda a gente – reduzia-se às poucas horas do dia em que era seguro sair da proximidade de um abrigo antiaéreo. Parecia haver cada vez menos tempo para as mais ínfimas necessidades – encher a despensa, ir buscar a correspondência aos correios ou simplesmente ir até lá fora dar um curto passeio antes de soarem as sirenes – e eles raramente se viam agora. Ela ainda não sabia o que Maria tencionara dizer-lhe naquela tarde no Café Capsa, antes do primeiro bombardeamento. Na última vez em que tentara abordar o assunto ao telefone, a linha fora cortada a meio da conversa. Desde essa ocasião, só tinham falado uma vez, mas Maria estava cheia de pressa para ir para a Cruz Vermelha e prometeu-lhe que viria visitá-la em breve. Despina esperava que ela não deixasse passar muito tempo. Podia dispensar a companhia das irmãs, mas não ter Maria por perto dava a sensação de uma parte essencial da sua existência lhe ter sido amputada.

– Por favor, Despina, suplico-te – disse agora Anton, aproximando-se por trás dela e depositando um beijo delicado no seu pescoço. – Não há como saber o que vai acontecer a seguir, o que vai acontecer *amanhã*. Eu só sei uma coisa – prosseguiu, pegando-lhe na mão e levando-a aos lábios. – Tu e a Talia não estão em segurança aqui.

Ela riu-se e delineou-lhe a face com um dedo, afetuosamente. – É assim que tencionas convencer-me? Com beijos? O teu encanto não vai resultar desta vez! – Virou-se de frente para ele e depois levantou-se e envolveu-o nos braços. – Não foste tu que me disseste para não sentir medo? As coisas vão mudar em breve, vais ver.



As coisas mudaram rapidamente da noite para o dia, mas não da maneira que se esperava. A notícia foi transmitida

primeiro pela BBC, e Anton foi um dos primeiros a escutá-la. Quando saiu para o terraço, onde Despina estava sentada a ler um livro, ela soube imediatamente que algo monumental acontecera.

- Vem, entra - disse ele, fazendo-lhe sinal para que o seguisse.

- Porquê, Anton? O que é que aconteceu? - perguntou ela, deixando o livro cair-lhe das mãos.

- O Antonescu foi preso! - gritou ele, já a meio caminho da sala de estar, onde o rádio se encontrava em cima do aparador. - Houve um golpe de Estado!

Desandou o botão do rádio para a frente e para trás, a tentar sintonizar uma estação. Quando Despina ia a entrar na sala, souu uma voz, uma voz que ela reconheceu instantaneamente. Era a do jovem rei Miguel, a dirigir-se à nação.

«O general Antonescu foi preso e detido pelo exército romeno. Hoje, a Roménia declarou a sua lealdade às Forças Aliadas... e eu aceitei o armistício que me foi proposto pela Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a URSS. Estamos em guerra com a Alemanha.»

- Meu Deus - disse Anton. - Meu Deus. - E tombou sobre o sofá, tirando um lenço do bolso do peito.

Era uma reviravolta total, um golpe colossal para as forças alemãs. Quem imaginaria alguma vez que o jovem rei Miguel, um mero rapaz de vinte anos, conseguiria ser bem-sucedido num golpe contra o homem que governara a Roménia com pulso de ferro? Que não só recuperaria o seu direito ao trono, mas também aplicaria um golpe mortífero ao poder nazi em colapso?

Anton recordou vividamente tudo o que ocorrera nos meses antes de adotarem Natalia. Como, depois de o rei Carol ter abdicado e fugido para Espanha, o jovem Miguel - o seu único filho - foi coroado rei, embora o verdadeiro poder tivesse sido transferido para as mãos do marechal Antonescu. Não fora difícil a Antonescu governar a

Roménia como ditador militar, porque nisso tinha o total apoio de Hitler. Estava subentendido, evidentemente, que tal não se devia tanto a uma ligação pessoal entre os dois homens como ao facto de Antonescu ter entregado de bandeja as riquezas naturais da Roménia para o esforço de guerra de Hitler. O petróleo em particular era da maior importância para Hitler, já que ele planeava a invasão da Rússia. O petróleo e o facto de a Roménia ter aberto as suas portas de par em par para o exército nazi avançar para leste.

- Nenhuma boa ação fica sem castigo - observou Anton. - A Roménia vai pagar caro por ter mudado de campo.

Desta vez, Despina não conseguiu pensar em nada para dizer, em nenhuma maneira de discordar do marido. O que nem um nem o outro adivinharam, sentados em silêncio a beber uns goles de *brandy* para acalmar os nervos, foi que a punição chegaria mais cedo do que eles pensavam ser possível.

Daí a dois dias, com Paris a ser libertada pelos tanques americanos e com os bombardeiros russos a atacarem Berlim, os ataques a Bucareste tornaram-se mais frequentes, dia e noite e a toda a hora. Só que desta vez eram as bombas alemãs a rebentarem na cidade já em ruínas.

CAPÍTULO 17

Demorou precisamente uma hora e vinte minutos a chegar de trólei ao lago Baneasa. Uma hora e vinte minutos que Despina aceitou de bom grado, porque lhe dava tempo para pensar. Viajar de madrugada com Natalia sonolenta ao seu lado, a ver as pessoas acordarem para um dia deprimente, mais um dia de pó e escombros e escassez de alimentos cada vez mais acentuada, deu-lhe uma oportunidade para ordenar as ideias, fazer as contas da sua própria vida.

Embora tivessem acontecido muitas coisas nas últimas semanas, parecia que pouco mudara. Os bombardeamentos continuavam sem fim à vista, e as escolas encerraram por um período de tempo indefinido. Apesar do ronco das sirenes, a maior parte das tardes estendia-se sem nada para as preencher a não ser Natalia a tocar piano constantemente. Todos os momentos em que não estavam na cave ela passava-os ao piano, a repetir as mesmas peças, voltando ao princípio e começando de novo, como se aqueles sons pudessem varrer tudo como uma onda gigante, limpando o mundo. Por vezes, Despina nem conseguia aliciá-la com os seus doces preferidos, e não tardou a começar a recear que aquelas sirenes tivessem despertado de novo algo na sua filha, alguma ansiedade profunda que ela não podia acalmar.

Por isso, quando Anton insistiu que ela e Natalia passassem uns tempos na casa do lago, onde pelo menos estariam fora de perigo iminente, ela concordou, não tanto

para fazer a vontade ao marido, mas porque pensava que Natalia necessitava desesperadamente de uma mudança.

Anton também recomeçara a ir para a loja, embora as suas caminhadas diárias pela cidade marcada e destruída tivessem mais a ver com o seu novo amigo que vivia por cima da loja do que com manter o negócio aberto. Despina sabia que essa era a razão por que ele insistia em ir todos os dias, embora não entrasse mais do que um punhado de clientes na loja em toda a semana.

O que havia naquele jovem que fascinava assim o seu marido? Faziam uma diferença de idade de mais de quinze anos e, aparentemente, tinham pouco em comum. Mais do que isso, em várias ocasiões Anton insinuara que as ideias políticas de Victor eram de tendência *moderna*, e isso, ela sabia, só podia significar uma coisa. Mesmo assim, quando Anton estava na presença de Victor, havia nele uma faceta que ela raramente vira. Quando Victor vinha visitá-los – como fazia todos os domingos desde que os bombardeamentos tinham começado – a alegria animada com que Anton recebia os seus outros convidados dava lugar a uma espécie de calma introspetiva, um à-vontade que nem ela conhecia.

Talvez olhar por Victor desse a Anton uma oportunidade de sarar as feridas da sua própria juventude, pensou ela, olhando distraída pela janela do trólei. Talvez fosse por isso que Anton deixava comida à porta de Victor, quando havia tão pouca que pudessem dispensar, talvez fosse por essa razão que o visitava quase diariamente para ver se tinha combustível suficiente para os candeeiros de querosene, tinta suficiente para as suas canetas, dinheiro suficiente para apanhar o trólei para a universidade e não ter de ir a pé. Porque falava dele com o afeto de um pai.

Mas o que verdadeiramente surpreendia Despina era que também Natalia acabara por aguardar as visitas de Victor com a mesma expectativa. A sua filha nunca demonstrara mais do que um interesse ligeiro por qualquer dos amigos

deles - ou qualquer adulto, de facto. No entanto, era a primeira a vir cumprimentá-lo à porta quando ele batia uma vez e depois mais duas, rapidamente, a anunciar a sua chegada, trazendo o usual ramo de flores - lírios, margaridas e rosas bravias que muito provavelmente colhera num parque a caminho da casa deles. Natalia guinchava encantada quando Victor a punha às cavalitas à porta e a levava para dentro de casa tão facilmente como se ela fosse um saco meio vazio. Um vestígio de orgulho brilhava nos olhos de Talia sempre que ele se baixava ao seu lado para a ver tocar várias peças em que ela estava a tornar-se exímia, peças de Beethoven ou Chopin que praticara todo o dia para o impressionar, para se deleitar com a pausa atordoada entre o momento em que acabava de tocar e o aplauso dele. Quando ela falava, Victor dava-lhe toda a sua atenção, uma atenção exclusiva. Ninguém a tratava com tal consideração ou lhe prestava tanta atenção. Despina deu-se conta de que, em pouco tempo, Victor fizera mais pela autoestima da menina do que a sua família ao longo de todos os anos em que ela vivera já com eles.

Despina perguntava-se muitas vezes como era que alguém tão sensível como Victor podia estar tão completamente só. Não solitário, porque ele não parecia propriamente do tipo de necessitar da companhia de alguém, mas sem pessoas na sua vida. Onde estavam os seus pais? Tinha irmãos ou parentes? Era sem dúvida suficientemente bem-parecido para ter já atraído a atenção de alguma jovem. Com o seu nariz afilado e decisivamente masculino, a sua testa alta e os seus lábios cheios e sensuais, não podia negar-se que era bastante atraente. Mas algo no seu corpo delgado, nos ombros ligeiramente descaídos, na palidez da pele e nas maçãs do rosto excessivamente angulares lhe dava um ar de fragilidade ou falta de saúde que, à primeira vista, poderia inspirar pena mais do que admiração. E estava sempre absorto em pensamentos, com a expressão ausente nos olhos de

alguém a ponderar um problema difícil ou uma equação matemática. Não, Victor não era um livro aberto, Despina sabia-o, mas não duvidava que um dia alcançaria grandes feitos. Ela, pela sua parte, sentia-se muito reconfortada por saber que numa cidade desfeita em chamas, a dedicação de um homem como ele era a única coisa com que podiam ainda contar.



O trólei avançou com um sacão e parou abruptamente, catapultando Despina para fora dos seus pensamentos. Agarrou o saco de viagem com uma mão e com a outra a mão de Natalia, e desceram a toda a pressa, ao mesmo tempo que o motor do trólei acelerava, pronto a dar a volta e retomar a viagem de regresso à cidade. Despina queria chegar à casa do lago o mais depressa possível. Um dia como este não era para se desperdiçar, e tencionava aproveitá-lo ao máximo, especialmente agora, com o aroma do outono já no ar. Foi só quando chegaram à casa e ela abriu todas as portas envidraçadas que davam para o lago que soube que o jardim era onde tinham de estar, o jardim cheio de lírios e dalias e arbustos de rosas, que ficariam dormentes daí a menos de dois meses.

- Anda, Talia - disse ela, e pegou numa manta e meteu um almoço improvisado dentro de um cesto de piquenique. - Vem cá para fora.

Por baixo do dossel maravilhoso de um carvalho antigo, deitaram-se lado a lado, com o cabelo solto, sem sapatos e com a relva a fazer-lhes cócegas na pele. Natalia pôs-se a trautear uma melodia e pouco depois a sua voz tornou-se mais baixa até parar e só a sua respiração soar aos ouvidos de Despina. Ela sentiu-se dominada por algo naquele momento - uma sensação tanto de êxtase como de certeza, de que toda a beleza do mundo estava aqui, neste

momento, que ela já tinha tudo o que alguma vez poderia dar sentido à sua vida. Tudo se resolveria. A guerra passaria, as sirenes acabariam por parar, os destroços deixariam de cair, e, por fim, as suas vidas – como Anton prometera há pouco tempo – voltariam ao normal.

Algum tempo depois, perguntar-se-ia se naquele instante desafiara o destino. Sentir-se tão completa, tão serena – teria desafiado os deuses? Tirara a prova de que a felicidade era um estado passageiro, um estado que podia desaparecer com um estalar de dedos? O som era muito ténue ao princípio – com certeza nada mais do que uma colónia de abelhas a pairar sobre os arbustos de rosas – e ela fechou-lhe os olhos, a ignorá-lo. Mas depois aumentou e expandiu-se e em breve não havia como negar que estava a ouvir uma sirene.

Levantando-se de um salto, tentou saber de que direção vinha. Soava muito longe, não tão agudo como usualmente, e, por um momento, ela pensou que não as afetaria, que passaria. Mas mal tivera tempo de sacudir Natalia para a acordar quando apareceram três minúsculos pontos por cima delas. Aos círculos no céu azul sem mancha, a precipitarem-se para baixo como águias à procura de presas, os caças apareceram à vista.

– Levanta-te, Talia, levanta-te já! – gritou, puxando a menina para cima e arrastando-a para a pôr de pé. – Temos de ir!

Sobressaltada, Natali pôs-se de pé e pisou um arbusto com picos. Soltou um grito, mas a sua mãe continuava a puxá-la e ela teve de continuar a andar, a coxear, embora estivesse a sangrar do pé.

– Para onde vamos? Para onde, mamã? – gritou, porque estavam a correr, não na direção da casa, mas para o portão da frente, e ela não conseguia ouvir nada.

– Não há tempo – murmurou Despina. – Por aqui.

Andaram para trás e para a frente no passeio, à procura de um lugar onde se refugiarem, uma entrada, uma alcova

de qualquer tipo. Fora uma decisão instantânea, impelida pelo pânico ou por um impulso, e Despina receava agora ter cometido um erro. Mas não conseguia pensar direito, tinha a cabeça a andar à roda e batia-lhe o coração como um comboio de mercadorias a toda a velocidade. Natalia estava a puxar-lhe a manga, a gritar qualquer coisa, e, quando passou uma sombra no céu, Despina olhou para cima e viu que a Luftwaffe se dirigia para elas com tal velocidade que ela tombou de joelhos.

- Pensamentos felizes, Talia, lembras-te? Pensa em alguma coisa feliz - conseguiu dizer, puxando Natalia para baixo e cobrindo o corpo dela com o seu. Quando o céu explodiu numa camada de vidro e telhas de telhados, numa nuvem de cinza, a sua única esperança foi que Natalia - como lhe ensinara a fazer no abrigo - fosse capaz de encontrar na memória algo que em tempos a encheria de alegria.



Quando terminou por fim, quando o silêncio sinistro já se prolongava há tempo suficiente para Despina saber que os caças se tinham ido embora, ela não teve forças para se levantar. Ao princípio, pensou que tinha sido atingida, mas não sentia dores em parte nenhuma, não havia sangue a escorrer de nenhuma parte do seu corpo. Uns fios vermelhos corriam-lhe para os tornozelos por cima das meias de seda rasgadas, mas, para além disso, parecia estar incólume. *Respira. Respira. Ainda estás viva*, animava-se a si mesma, tentando a custo inspirar ar para os pulmões.

Por baixo dela, Natalia estava a balbuciar de modo incoerente, a dizer alguma coisa que Despina não conseguia compreender. Foi só quando aproximou o ouvido dos lábios da filha que compreendeu que a menina estava a

murmurar uma oração. – «Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu» – ouviu-a dizer.

Por fim, quando se puseram de pé e começaram a andar no passeio como marionetas puxadas por fios invisíveis, nada parecia igual. Despina não conseguia reconhecer uma única moradia neste quarteirão, embora tivesse passado cem vezes por elas. Antes da guerra, ela e Anton passeavam com frequência nesta mesma rua em noites de verão, escapulindo-se por uns breves momentos dos seus convidados constantes dos fins de semana. Agora, não conseguia distinguir as casas umas das outras. As fachadas tinham-se desmoronado e grandes montes de estuque e cimento enchiam os passeios, soterrando os portões de ferro ornamental. As janelas partidas eram como olhos esvaziados, feias e escuras e suplicantes, e nem um som saía delas. Não havia vozes, não havia gritos a pedir socorro, nem cães a ladrar. Só silêncio.

Quase ao fundo do quarteirão, Despina estacou e largou a mão de Natalia. Ficou ali no seu vestido coberto de poeira branca e de cinzas, com olhos vazios de incompreensão, a olhar em frente, a tossir, a sentir-se sufocada com o fumo.

Por um buraco na fachada do que fora em tempos a sua linda casa do lago, os raios do sol filtravam-se por entre uma nuvem de cinzas, iluminando o interior destruído. Na parede do fundo, uma tapeçaria turca intrincada estava ainda pendurada ao lado do cadeirão de veludo verde, e, na mesa de apoio ao lado, estava o telefone, intacto.



– Mamã?

Despina fitava um ponto à distância, sem ver.

– Mamã?

Natalia viu impotente a sua mãe deixar-se cair na berma do passeio e pôr-se a chorar de uma maneira estranha,

como nunca a vira chorar. Chorava sem fazer barulho. Quando por fim olhou para cima, os dedos tinham-lhe deixado trilhos nas têmporas, de fuligem como neve preta contra a palidez de marfim da sua pele.

CAPÍTULO 18

Despina não teve outra opção a não ser aceder a partir de Bucareste. Chorou e implorou e ameaçou, ajoelhada aos pés de Anton, mas ele manteve-se firme. Depois de elas terem escapado por milagre ao bombardeamento na casa do lago, ele já não estava disposto a fazer cedências ou correr riscos.

- Tens de ir embora. Tens de a levar embora. Deve-lo a mim, a ela, por amor de Deus! - Praticamente saltou do sofá, com a voz a subir de tom com uma força incomum. - Não podem ficar, não depois do que aconteceu, Despina!

Despina aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no ombro, mas ele afastou-se bruscamente. A seguir, atirou para o lume o que restava do seu cigarro.

De olhos arregalados, Despina fitou-o em silêncio e depois virou-se e encaminhou-se para a porta. Já estava quase fora da sala quando a voz dele a seguiu, um pouco mais calma.

- Eu vou ver-vos todos os fins de semana. Não há bombas que me impeçam, tu sabes isso.

Quando ela se virou para o olhar de frente, os seus olhos chispavam. - São quarenta quilómetros, Anton! Vais fazer essa viagem a pé? Todos os fins de semana?

- Não vou ter de ir a pé - respondeu ele em voz baixa. - Posso apanhar um comboio, estar lá à hora do almoço. Podemos fazer piqueniques, podemos ver a Natalia nadar no rio, podemos rir como dantes, respirar ar puro de que tanto precisamos. Porque é que tudo isso te parece tão pouco convidativo?

Ela riu-se de novo, mas era um riso estridente, forçado. – Anton, ambos sabemos que em breve os comboios vão deixar de funcionar. E se bombardeiam a estação dos caminhos de ferro? Como é que vens ter connosco, nesse caso?

Foi a vez dele de sair de rompante da sala. Despina viu-o passar por ela a toda a velocidade e bater com a porta envidraçada com tal força que as vidraças tilintaram no caixilho. Ela suspirou e fitou o chão. Aquele não era o seu marido. Aquele não era o marido pacífico, amorável, solícito. Despina tinha de fazer alguma coisa.

Não era que Despina se recusasse terminantemente a abandonar a sua vida na cidade; o que restava dela agora não era propriamente suficiente para a manter aqui. Sabia que era o mais avisado, o mais sensato. Mas a ideia de se separar de Anton numa altura como esta parecia inconcebível. Talvez devesse ter-lhe dado ouvidos antes. Se tivesse acedido a partir há meses, como ele queria, talvez ele pudesse ter ido com elas. Agora, o seu marido estava preso aqui, neste cemitério de prédios a desmoronar-se, incendiados, para o caso de o exército precisar da sua participação nos últimos estertores da guerra. Não que fosse provável que os Alemães conseguissem sustentar os seus esforços por muito mais tempo. Com a França libertada após quatro anos de ocupação nazi, uma grande parte da Europa estava a escapar rapidamente ao domínio de Hitler. Mas a guerra era a guerra, e não havia maneira de saber por quanto mais tempo se prolongaria. E enquanto a guerra fosse uma realidade, Anton não poderia abandonar a cidade por mais do que um par de dias.

Passar-se-iam semanas até ela o ver outra vez, Despina sabia-o no seu íntimo. No entanto, ultimamente ele mostrava-se mais determinado do que ela, e ela já não conseguia resistir aos seus desejos.



No domingo seguinte, do assento traseiro do táxi que o pai de Natalia chamara para as levar à estação dos caminhos de ferro, ela viu os seus pais despedirem-se. Escutou as suas vozes a falarem num murmúrio, numa cadência como a de ondas a rebentarem na areia.

- Vejo-te e à Talia daqui a uns dias - estava a dizer o pai, limpando a testa com um lenço. Era ainda o meio da manhã, mas o passeio já estava a fumar, com o calor a irradiar do asfalto a derreter-se. - Tenta não te acostumares a viver sem mim.

Natalia encostou-se ao assento fresco do táxi, suspirou e alisou o vestido com as mãos. Ficaria tão enrugado e ensopado de transpiração como um trapo velho, e, se os pais continuassem naquilo muito mais tempo, ela teria de voltar a entrar em casa para mudar de roupa. Aquela devia ser a despedida mais longa da história. Até mesmo o motorista já olhara para o relógio mais do que três vezes e estava a bater com os dedos enluvados no volante.

A sentir uma pontada de embaraço, Natalia baixou a janela. Tentou ignorar a mãe, que estava agora a chorar abertamente nos braços do pai, e gritou toda animada: - Adeus, papá, vamos sentir saudades suas!

Aquilo fez com que a mãe entrasse por fim no automóvel, onde se sentou ao lado dela e pôs os óculos de sol. Quando o carro arrancou, só Natalia se virou para olhar uma última vez para o pai. Viu-o de pé junto à berma da estrada, com a mão erguida num gesto de despedida, a ficar cada vez mais pequeno visto pela janela traseira do carro, de vidros fumados.



- Chegaste! Oh, meu Deus, eu estava a começar a ficar preocupada! - Ecaterina apareceu à enorme porta de carvalho da entrada da sua moradia de três andares, que se assemelhava mais a um castelo medieval do que a uma casa de campo, com o seu telhado muito inclinado, paredes com travejamentos de madeira e janelas enormes. Afastou os criados e desceu a correr a comprida escadaria. Ao sair da carruagem puxada a cavalos que tinha sido enviada à estação para as ir buscar, a mãe de Natalia endireitou a saia e tocou na sua fiada de pérolas como se estivesse a ser deixada à porta de uma festa, não no meio de uma quinta. Natalia saltou da carruagem e beijou a tia, que, apesar de se parecer com a sua mãe, parecia pertencer a um outro século, com uns chinelos de couro e um vestido à camponesa, que adejava à volta das suas fortes pernas nuas como uma tenda. Até mesmo a mãe de Natalia parecia chocada por estar a ser abraçada com tal ferocidade.

- Olá, minhas queridas - cantarolou Ecaterina, e tapou a boca com a mão quando se virou para Natalia. - Olha só como tu crescestes! - Deu um estalido com a língua. - Mas estás demasiado pálida, demasiado magra! Bem, vamos ter de remediar isso! Pelo menos, ganhaste juízo, Despina. Há quanto tempo te ando a pedir que venhas para cá? Há quanto tempo? - Fez sinal a um dos criados para tirarem as malas da carruagem e pôs um braço à volta dos ombros da irmã e o outro à volta dos ombros de Natalia. - Bem, deixem-me que vos diga. Vai demorar um tempinho a habituarem-se à vida no campo, mas é realmente muito melhor! Quer dizer, quem precisa daquela poeira toda, daquela... - parou e fez um gesto para a frente - ...poluição? Eu tomo conta das duas, não se preocupem! E as meninas estão todas entusiasmadas por irem passar algum tempo com a Natalia! Vais adorar isto aqui, prometo-te. Não gostas já deste sítio? Não?

Daí a uma hora, durante o jantar na varanda, Despina ainda mal tinha dito uma palavra. Não tocara no prato,

arredando com um gesto o que era posto diante de si por uma rapariga corada com uma farda de criada de um azul-vivo, e só bebendo pequenos goles de vinho. Natalia e as filhas de Ecaterina – gémeas franzinas que passaram o jantar a olhar para as unhas – tinham decidido não comer sobremesa e foram jogar às cartas e ouvir discos.

Agora que estavam só as duas, Ecaterina preenchia o silêncio com histórias intermináveis, a falar sem parar sobre coisas que tinham pouco interesse para Despina. Ela sentia-se muito fatigada e preocupada e não conseguia livrar-se dos seus pensamentos, do que lhe ocupava a mente constantemente. Nesse momento, pensou, as sirenes estariam a soar por toda a cidade. Nesse momento, as bombas começariam a cair sem grande aviso, destruindo o que restava de Bucareste. Os caças destruiriam mais ruas, mais quarteirões, talvez o deles desta vez. Passou-lhe uma imagem na mente. Viu Anton a pôr a mão em pala sobre os olhos enquanto fitava aterrorizado uma esfera de luz e fumo a expandir-se sobre o pátio deles. Despina pousou o guardanapo ao lado do prato em que não tocara.

– Desculpa, Ecaterina. Preciso de me ir deitar. Não te importas?

– É claro que não, querida. A Florina indica-te o teu quarto. Só precisas de descansar, é tudo.

Despina empurrou a cadeira para trás e sorriu tristemente. – Se pelo menos isso pudesse ser a cura. – Por favor, assegura-te de que as meninas não ficam a pé até muito tarde. Vemo-nos de manhã.



A primeira coisa em que Despina reparou quando entrou no quarto de hóspedes foi que não aparentava a mesma aura escura e opressiva do resto da casa. Perto de um canto, no outro lado do quarto, um espaçoso armário de

cedro fora esvaziado e deixado aberto. Alguns dos seus livros preferidos tinham sido colocados numa prateleira por cima da cama, e na mesa de cabeceira um arranjo de lírios brancos estava cuidadosamente posto numa jarra ao lado de uma garrafa de água. Ela serviu-se de um copo de água e sentou-se na beira da cama em cima do edredão. Ecaterina fizera os possíveis por tornar este quarto muito acolhedor, mas só a fazia sentir mais saudades de casa.

No entanto, mesmo na sua casa as coisas não eram propriamente como antes. A casa do lago tinha-se ido, ela já não estava rodeada pelas suas irmãs e ela e Maria tinham-se zangado. Só o pensamento do que ocorrera na tarde anterior à partida já a fazia sentir como se uma faca estivesse a enterrar-se no seu coração. Não era tanto pelas palavras que tinham sido trocadas com Maria quando ela lhe entregou *aquela carta*, que ameaçava arruinar tudo aquilo por que ela alguma vez lutara, tudo o que tornava completa a sua vida. Era a maneira como Maria a fitara com aqueles seus olhos melancólicos quando Despina, depois de ler a carta, fez menção de a rasgar em pedaços. Mas aquele olhar bastara para a impedir de destruir a única coisa que poderia desferir um golpe no âmago da sua família. E isso ela não sabia como perdoar a Maria.

O copo vazio tremia-lhe nas mãos quando se dirigiu para a porta envidraçada. Abriu-a de par em par e ficou ali, encostada à ombreira, a deixar a brisa noturna soprar-lhe no rosto. Os pais biológicos de Natalia poderiam voltar a buscá-la? *Voltariam*, à procura da sua filha perdida, sem deixar nenhum canto por vasculhar, depois de terminar a guerra? Não seria difícil, afinal. Bastar-lhes-ia seguir o trilho desde onde tudo começara, até à sua prima.

Despina ficou ali mais algum tempo, a fitar o horizonte quase negro. À distância, sobre a cidade, os focos varejavam-na e moviam-se numa dança rítmica enquanto o som das armas antiaéreas se sobrepunha à melodia incessante dos grilos, distante mas agudo aos ouvidos de

Despina. Com o negrume a acentuar-se e o mundo a mergulhar num sono sem fundo, o coração de Despina continuou a bater com força, cheio de saudades de Anton e de uma nova sensação de que estava imbuída, inexplicavelmente. O seu mundo estava a mudar e ela não era capaz de o controlar, mas *tentaria* erguer-se à altura do desafio com o último sopro do seu ser.

CAPÍTULO 19

Desde o princípio da manhã que Natalia estava à espera do pai ao portão da propriedade. Acocorou-se na faixa de relva que ladeava o caminho ensaibrado e pousou a testa nos joelhos. Talvez ele não conseguisse vir, afinal. As estradas estavam barricadas e os comboios de transporte de civis tinham deixado de circular. Ainda nesta manhã ela ouvira a tia e a mãe a falarem na varanda, e sabia que era verdade.

- Vi-os com os meus próprios olhos - disse Ecaterina. - Há filas e filas de soldados à espera na plataforma, à espera do próximo transporte de regresso a Bucareste. Havias de os ter visto, Despina. Havias de ter visto o estado em que se encontram, sujos e com fome e sem ligaduras em condições.

A mãe levantou-se da cadeira e começou a andar de um lado para o outro, mas Natalia sabia que não era o estado dos soldados que a punha tão alterada. Até mesmo ela compreendia que seria quase impossível regressar à cidade agora que os caminhos de ferro estavam a ser usados unicamente para o transporte militar.

- Estamos encurraladas, então - disse a mãe com uma enorme frustração. - Só Deus sabe quando poderemos voltar para casa.

- Talvez seja pelo melhor - disse Ecaterina naquele seu tom de irmã mais velha. - Talvez agora desistas dessas tuas ideias loucas de ir embora.

Despina virou-se e fulminou-a com os olhos e depois voltou de rompante para dentro da casa, quase esbarrando na criada, que trazia um tabuleiro com bolachas. A rapariga pousou o tabuleiro em cima da mesa com cuidado e depois recuou para a porta, a limpar nervosamente as mãos ao avental. Natalia fez-lhe um pequeno sorriso simpático. A culpa não é sua, queria dizer-lhe. A culpa não é sua que ela esteja assim. A moderação que a mãe mostrara até àquele momento estava a dissipar-se. E já não viam o pai há semanas.



Ao princípio, ele conseguia vir, percorrendo os quarenta quilómetros que separavam a capital de Snagov de qualquer maneira possível. Apanhava táxis, arranjava boleias até aos arredores da cidade, caminhava enquanto os pés lho permitissem. Por vezes, conseguia arranjar boleia de camponeses a transportarem mercadorias nas suas carroças puxadas a cavalos ao longo das estradas rurais. Ia na parte de trás das carroças, com vacas e galinhas, contente por ter uma oportunidade para recuperar o fôlego, para descansar um pouco sem se atrasar na viagem. Na maior parte dos domingos, Natalia sabia que o pai chegara muito antes de conseguir vê-lo por cima dos portões. A sua presença era assinalada pelos guinchos e as risadas de crianças pequenas que o seguiam todo o caminho desde a estrada principal, devorando as doçarias que ele tirava da mochila e distribuía enquanto se encaminhava para a grande casa.

Mas neste domingo, como no domingo anterior, não se ouviam as crianças, e, à medida que as horas passavam, a esperança de Natalia começou a dissipar-se. Não tardou a ficar demasiado quente, e ela estava com muita fome, e por isso pôs-se de pé e começou a encaminhar-se para a casa,

aos pontapés às pedrinhas do caminho. A meio, ouviu chamar o seu nome.

- Talia! Hei! Queres vir até ao rio?

A sua expressão animou-se, e deu meia-volta. Era um dos miúdos da vila de quem se tornara amiga, a meter o rosto queimado pelo sol por entre as grades do portão. O tempo que ela passava na companhia deles - a trepar ao cimo da torre da igreja para fazer tocar o sino, a escapulir-se para os pomares dos vizinhos - era o mais divertido neste lugar, e hoje em particular precisava da companhia. Pelo menos, não teria de estar na casa, onde a ansiedade da mãe afogava tudo à sua passagem.

- Quero! - berrou e correu de volta para o portão.

- Aposto que não me apanhas! - desafiou o rapaz. Desatou a correr pela encosta abaixo daí a um momento, sabendo que ela o seguiria.



Já era tarde quando se levantou na manhã seguinte. Perto do meio-dia, viu pela luz forte que lhe invadia o quarto. Não era a primeira vez que se deixava dormir, mas onde estavam a sua mãe e as suas primas? Porque não tinham vindo acordá-la mais cedo? Atirando com as roupas de cama para trás, tentou sair da cama, mas um peso mantinha-a deitada. Tinha a camisa de noite molhada, colada à pele como uma vela encharcada de um navio. Erguendo-se nos cotovelos, reparou numa névoa no quarto - até mesmo o relógio de parede parecia girar perante os seus olhos - e não conseguiu ver as horas. O mais certo era os miúdos da aldeia terem vindo à procura dela há muito tempo e terem-se ido embora. Desanimada, deixou-se cair de novo na almofada. Agora, teria de passar o dia com as gémeas ou, o que seria ainda pior, a ajudar nas tarefas domésticas. Mas nem sequer conseguia manter a cabeça

direita, pousar os pés no chão. Talvez se dormisse mais um pouco recuperasse as forças, e por isso fechou de novo os olhos.

Ouviu a voz da mãe. Estava mais fresco no quarto agora, embora ela estivesse a arder e cheia de sede. Algo frio tocou na sua testa, fazendo-a sustentar a respiração. *Talia*, ouviu repetidamente. *Talia, minha doçura, estás bem? Estás bem?* Um fogo chicoteava-lhe a garganta, e ela ergueu a mão para o deter e depois, enroscando-se, virou-se para a parede. Viu as sombras dos álamos na parede por cima da cama, com os ramos a balouçarem-se, a torcerem-se na brisa e a desaparecerem lentamente, lentamente.

Quando voltou a abrir os olhos, estava escuro. Ninguém chamava agora o seu nome, estava frio, e só ouvia o tilintar das agulhas do tricô da mãe, a baterem uma contra a outra, à volta, à volta. Não havia dia nem noite; só um abismo que estava sempre a puxá-la para as suas profundezas, a puxá-la para baixo. *Onde estava eu?*, pensou naquele momento final, tentando agarrar-se, voltar ao ponto de onde partira. Tudo o que lhe ocorria era o fim daquele caminho cheio de poeira, a sede depois da longa corrida. E que doce era a água que ela tinha bebido do velho poço que todos os miúdos da aldeia diziam que podia estar inquinada – que doce e que fresca.

CAPÍTULO 20

Pouco antes do nascer do sol, Despina arrastara a mala de porão delas para os degraus da frente, onde as bonecas de Natalia já tinham sido empilhadas ao acaso ao lado da sua mala de viagem. Não mais do que uma hora antes, Ecaterina voltara para casa sozinha.

- Lamento muito, Desi, não há nada a fazer. Todos os médicos foram destacados para os hospitais urbanos. Não resta um único em toda a província. E não consegui arranjar ninguém para vos levar para Bucareste. É simplesmente demasiado perigoso.

Despina olhou para ela, incrédula. - São quarenta quilómetros! Quarenta quilómetros que o Anton fez a pé em mais do que uma ocasião. É assim tão perigoso?

- A cidade está bloqueada, Despina. Podem-se ver os caças a rondá-la daqui. Sê razoável - disse Ecaterina, fitando-a exasperada.

Tudo aquilo era verdade, Despina sabia-o. Até mesmo Anton, com a sua determinação férrea, não fora capaz de furar o círculo de fogo nas últimas semanas. Ela não conseguia esquecer a última vez em que ele aparecera, com um ar tão extenuado que mal o reconheceu quando entrou cambaleante pela porta à meia-noite e meia hora. Só o sorriso por detrás da barba cerrada por fazer e o brilho nos seus olhos encovados a impediram de tombar aos pés dele a chorar. Mas como podia Despina fazer a sua irmã compreender? Como podia explicar que nada a impediria de fazer o que *tinha* de fazer? Que não importava que a

cidade estivesse a ser evacuada e a estação de caminhos de ferro tivesse sido abandonada, que voltaria para a cidade mesmo que tivesse de levar Natalia ao colo?

- Ecaterina, olha lá para fora, para o campo - disse Despina, apontando para o negrume de antes do amanhecer que se estendia diante delas. - Há centenas de camponeses a trabalharem nesta terra todos os dias. Com certeza um deles estaria disposto a ajudar.

Ecaterina queria protestar, chamar a atenção de Despina para o facto de ela não estar a ser racional, mas sabia que não serviria de nada. Vira esta expressão nos olhos da irmã algumas vezes nas semanas anteriores. Sentada ao seu lado, ao examinar a sua postura ereta, o seu perfil, firme e fixo no horizonte como se estivesse a ordenar ao sol que nascesse, Ecaterina teve a súbita sensação de que estava a olhar para uma estranha. Onde estava a beldade frágil que num momento como este lhe teria caído nos braços, a chorar de desespero? Onde estava a rapariga que procurava sempre o seu conselho, que dava ouvidos a tudo o que ela dizia? Quer fosse a separação de Anton, a perda da casa de verão ou simplesmente a guerra por si só que provocara esta mudança nela, de uma coisa Ecaterina tinha a certeza: a sua irmã mais nova não necessitava dos seus conselhos ou dos seus braços para se refugiar neles.

- Está bem, Desi. Como queiras - disse, e levantou-se com um ar de resignação. Entrou na casa e fechou a porta atrás de si sem fazer barulho.

Aliviada por estar finalmente só, Despina deixou-se ficar sentada no alpendre à espera. Pôs-se a ver os trabalhadores povoarem gradualmente o campo lá em baixo, com os seus chapéus de palha a vogarem sobre o mar de espigas douradas à luz do princípio da manhã. Quando já eram um número razoável, desceu o caminho ensaibrado, com as pedrinhas a estalarem debaixo dos seus passos. Na berma do campo, descalçou-se e caminhou na terra acabada de arar, a balouçar as sandálias na mão.

O primeiro camponês que abordou não a olhou nos olhos quando ela explicou que a sua filha estava doente e que precisava de uma carroça para as levar de volta à cidade.

- Lamento, minha senhora - disse ele. - Há demasiado trabalho a fazer aqui antes das chuvas.

Obteve a mesma resposta do seguinte e do que abordou depois. Jovens e velhos e de todas as idades intermédias, todos abanavam a cabeça e recusavam delicadamente as suas propostas. Não parecia haver uma quantia de dinheiro suficiente que pagasse o que ela estava a pedir. Um após outros, os camponeses recusaram, mesmo quando ela suplicou, pedinchou e ameaçou, com a fúria a transformar-se em desespero.

Em breve não restava ninguém a quem pedir. *Cobardes*, pensou Despina. Apetecia-lhe gritar aquilo alto e bom som. Contudo, quando estava a observar mais uma vez o campo, avistou um rosto familiar não muito longe de onde se encontrava. Demorou um momento a aperceber-se de que era o mesmo homem que as trouxera da estação, a ela e a Natalia, quando chegaram à vila. Endireitou as costas e encaminhou-se para ele, tirando a aliança de casamento ao mesmo tempo.

- Olá - disse, com um sorriso.

O lavrador virou-se, um pouco sobressaltado.

- Menina Despina - respondeu delicadamente. Recordava-se do nome dela. Era um bom sinal.

- Sim, lembra-se de mim? Também se lembra da minha filha? Da Talia?

O lavrador acenou com a cabeça. Devia ter pelo menos uns sessenta anos, pensou Despina. Tinha rugas profundas gravadas na pele curtida do rosto, como cicatrizes de golpes de uma navalha. Talvez não tivesse tanto medo como os outros. Despina estendeu a mão e tomou a mão grande e cheia de calos do trabalhador na sua. Sentiu que ele estremecia, mas não a largou. Sem uma palavra, depositou o anel de safiras e diamantes na palma da mão

dele e segurou-a por um momento. Corriam-lhe as lágrimas pelas faces, mas não conseguia olhá-lo nos olhos, com medo da resposta que poderia ver neles.

- Por favor, por favor, leve-nos de volta à cidade. A minha filha precisa de um médico.

O lavrador olhou-a por um longo momento com os seus velhos olhos melancólicos e depois tirou delicadamente a mão vazia da dela.

- Levo-a à estação dos comboios, minha senhora - disse em voz baixa. - Mas é só até onde irei.



A estação estava deserta. Ecaterina tivera razão quanto a isso. Com Natalia nos braços, Despina sentou-se no único banco da estação. Era quase meio-dia, a avaliar pela posição do sol, e a sua convicção absoluta anterior estava a enfraquecer. Pela primeira vez, perguntou-se se deveria ter dado ouvidos à irmã. Se o que fizera era de facto uma tolice. No entanto, estavam bastante perto da cidade, e algum comboio com certeza passaria por ali mais cedo ou mais tarde. Era certo que não contava com um comboio de transporte de civis, mas ainda havia comboios de mercadorias e de transporte de animais por toda a província, soldados a regressarem da frente de combate e caravanas de comboios da Cruz Vermelha a trazerem os feridos para os hospitais da cidade. E, mesmo que não houvesse nenhum comboio, ela voltaria para a cidade de alguma maneira. Levaria Natalia ao colo pela estrada até encontrar alguma espécie de meio de transporte. Por um momento, acreditou que era possível. Por um momento, antes de passar os dedos pelo lado do pescoço de Natalia, onde sentiu a pulsação dela, ténue, irregular, como o bater de asas de uma borboleta.

Debruçou-se sobre o corpinho de Natalia e encostou a face à da criança. A respiração dela estava fraca, era um murmúrio leve como uma pena a roçar-lhe a pele. Recordou-lhe aquela primeira vez na cave, quando a tomara nos braços desta mesma maneira, no escuro, enquanto uma torrente de artilharia se despenhava à volta delas. Conseguiu disfarçar o medo nessa altura, manter-se calma para ela, embora se sentisse terrivelmente abalada. Bem, tinha ainda mais medo agora. A incerteza do que viria a seguir aterrava-a mais do que aquelas bombas.

Ao fim da tarde, com o sol a queimar impiedosamente e quando já não restava água no cantil que trouxera, olhou à sua volta à procura de um pouco de sombra. Do outro lado dos carris, avistou um pedaço de relva debaixo de um carvalho. Levantou Natalia nos braços, com cuidado para não a sacudir, e encaminhou-se para ele, passando por cima dos carris cautelosamente. Foi então que o sentiu, um ligeiro tremor sob os pés, mal perceptível. Sentiu também uma espécie de restolhar, lá longe, como silvas a serem arrastadas pelo vento. Talvez não fosse mais do que isso, mas Despina já estava a correr, a correr sem querer saber de perigos, a toda a velocidade, em direção ao horizonte vazio, a acenar freneticamente com o lenço no ar.



Ao princípio, não sabia se ainda estava viva. *Abre os olhos*, ordenou a si mesma, a sentir o calor do motor tão perto que lhe escaldava o rosto. Ficara com o tacão preso num carril no instante em que o comboio apareceu à vista, e, por um momento, sentiu-se aterrada ao pensar que ele não pararia a tempo. Talvez fosse só porque ela estava presa ali, sem conseguir sair do seu caminho, que a locomotiva parou com um chiar de travões.

Ainda a tremer, esforçando-se por se manter de pé, começou a andar ao longo das carruagens sem janelas, a bater com os punhos nos painéis de metal. – Socorro! Alguém, socorro! – berrava, com a sua voz frenética a cortar o silêncio.

Por fim, uma das portas abriu-se. Despina desatou a correr, parou em frente a ela e espreitou para dentro do vagão parcialmente aberto. Deviam estar pelo menos uns cem homens de pé, ombro contra ombro, na quase escuridão. O vagão não tinha nenhuma espécie de assentos. Um forte fedor, a suor e sangue quente, evolou-se na sua direção, e ela virou a cabeça. Ouviu algumas palavras serem trocadas, mas não conseguiu compreendê-las. Seria alemão ou russo? Na plataforma, apareceu um par de botas pretas engraxadas na perfeição. Ela recuou um passo no cascalho.

O oficial não devia ter mais de vinte e cinco anos, mas era de alta patente, sem dúvida. Despina viu-o pela maneira como ele saltou para os carris e avançou para ela com a mão na pistola. Ela reconheceu o símbolo na manga do casaco dele. A suástica.

– Minha senhora, em que posso ajudá-la?

Uns olhos azuis penetrantes fitaram-na por baixo do boné verde. Com grande alívio, Despina apercebeu-se de que o compreendera perfeitamente. Pela primeira vez na sua vida, sentia-se grata por ter frequentado a escola alemã, por ter sido forçada todos aqueles anos a aprender uma língua que não via grande razão para aprender. Esperava recordar-se do suficiente agora.

– Por favor, senhor oficial, a minha filha está muito doente. Tenho de a levar para Bucareste. Ela precisa de um médico. Por favor.

Por um momento, Despina pensou que talvez ele não a tivesse compreendido, porque se limitou a ficar ali de braços cruzados no peito. Mas depois aproximou-se de onde Natalia estava deitada imóvel na relva. Uma sombra

de tristeza ou pena passou-lhe no rosto quando olhou para ela, com a cabeça de lado. Talvez pensasse que ela já estava morta.

- Minha senhora, dá-se conta do que está a pedir? Isto não é um comboio de transporte de civis. São soldados a bater em retirada da frente de combate! Além disso, não penso que quisesse viajar com eles. Estão neste comboio há dias - disse ele, apontando para o vagão.

«Talvez possa encontrar ajuda na vila - prosseguiu quando Despina não arredou pé, quando os olhos dela se recusaram a despregar-se dos dele. Depois virou-se e começou a dirigir-se para o vagão aberto.»

- Por favor, senhor oficial. - A voz de Despina soou alquebrada nas costas dele. Ela pegou em Natalia e começou a andar quase a correr atrás dele. - Por favor, suplico-lhe!

Mas ele já estava dentro do vagão e a porta de metal deslizava a fechar-se, com um chocalhar alto, como uma sentença de morte. Daí a um momento, o comboio começou a sair da estação.

Isto é a vida dela, pensou Despina enquanto a última gota de esperança a abandonava. *Isto é a vida dela, e está-me a escapar por entre os dedos. Este comboio está a partir e a levar a vida dela com ele.* Mas depois algo mudou, tão inesperadamente que ao princípio ela não conseguiu compreender o que estava a acontecer. Enquanto o comboio passava lentamente por ela, a não mais do que um braço de distância de onde se encontrava com Natalia nos braços, avistou de novo o oficial na passagem entre dois vagões. Os seus olhos encontraram-se por um momento. Por um instante, ele fitou-a e ela não sabia porquê, não compreendia, até ele se inclinar para fora e lhe arrancar Natalia dos braços. O movimento dele foi rápido e decisivo, como um golpe de espada.

E depois fez sentido, de repente, atingiu-a como um raio, e desatou a correr ao lado do comboio, a tentar

acompanhá-lo, o tempo suficiente e com a velocidade suficiente para o oficial estender a mão e pegar na dela. *Viveremos ou morreremos juntos, viveremos ou morreremos agora*, pensou, surpreendendo um clarão de terror nos olhos dele quando o comboio começou a ganhar velocidade. Quando ele se baixou mais, o boné voou-lhe da cabeça e ela reparou na veia saliente na sua testa, do esforço. Fechou os olhos, esperando o inevitável, esperando sentir os joelhos a bater no cascalho, o corpo a rolar atrás da locomotiva cada vez mais veloz, mas em vez disso sentiu-se içada, arrancada ao que poderiam ter sido os seus momentos finais. Quando abriu de novo os olhos, a estação desaparecera de vista e os braços do oficial apertavam-lhe o corpo, a afastá-la da berma da plataforma do vagão.

- Está bem? - perguntou ele, ofegante, com o cabelo despenteado a esvoaçar ao vento.

Não lhe saíram palavras da boca quando tentou falar. Não tinha palavras, mas as lágrimas que lhe vieram aos olhos diziam tudo. Por baixo dos pés deles, o chão passava como uma sombra, um clarão cinzento indistinto.

O oficial baixou-se para pegar em Natalia e pô-la firmemente nos braços de Despina. - Eu também tenho uma filha - disse, destravando a porta de metal por trás deles. - Uma filha mais nova do que a sua, que não vejo há dois anos e meio.

Depois, pondo a mão no fundo das costas de Despina, empurrou-a para o espaço abafado. A última coisa que Despina viu antes de a porta se fechar com estrondo e a escuridão a envolver foi a tristeza de partir o coração gravada no rosto do oficial.

CAPÍTULO 21

Em frente à casa de Maria e Stefan, Anton parou para recuperar o fôlego. Embora já estivesse acostumado a percorrer longas distâncias a pé, aqueles dez quarteirões em particular tinham-no esgotado. A brisa outonal agitava as folhas no passeio e elas giravam à sua volta numa dança circular de vermelhos, amarelos e acobreados. Lentamente, subiu os degraus e bateu à porta.

De facto, não sabia se Stefan e Maria estavam em casa, se teriam saído da cidade. Há meses que não os via, que não tinham qualquer espécie de contacto, na verdade. Não os culpava, tanto como isso era certo. De que poderiam falar nos tempos que corriam, aonde se poderia ir, quando as bombas caíam inesperadamente agora, muitas vezes antes de soarem as sirenes? E depois havia aquela *outra* questão, aquela carta que fizera Despina ficar em choque, poucos dias antes de ela e Natalia partirem para Snagov.

Quando ela lha mostrou, estendendo-lha como se estivesse a passar uma sentença de morte a ser lida diante de um júri, ele quase sorria, sentado ao lado dela na cama. – O que é isto? – perguntou, ligeiramente divertido. Conhecia bem aquelas rugas verticais que apareciam entre as sobrancelhas da sua mulher quando ela se apercebia de que algum perigo pairava sobre o lar deles. De cada vez, ele tinha de a fazer ver como a sua agitação não fazia sentido, como as coisas não eram tão graves quanto pareciam. Mas, demorando o olhar naquelas rugas, a mão dele começou a tremer. Aquela carta deixou-o sem

palavras. Pela primeira vez na sua vida de casados, sentia-se inundado por uma sensação de ansiedade e confusão igual à dela.

- Como é que arranjaste isto? - perguntou.

- Foi a Maria, claro. Quem mais? Quem mais está na encruzilhada de tudo isto?

- E o que é que ela diz sobre o assunto?

- Bem, tu conhece-la - respondeu Despina num tom irritado. - Podes imaginar o que ela tem a dizer.

A carta tombou ao lado dele. Anton passou o braço à volta dos ombros descaídos de Despina, pigarreu e pronunciou lentamente as palavras que sabia que ela não queria ouvir.

- A Maria tem razão, Des. É a coisa correta a fazer. A Natalia devia pelo menos ficar a saber que eles ainda estão vivos.

Anton estremeceu quando Despina se pôs de pé de um salto. - Anton, estás a dizer-me que tu, logo tu, não vês como isto seria tão mau para ela? Para nós, como família? Olha - disse, e tirou-lhe o papel da mão, amarrotou-o e atirou-lho de novo. - Quero que pegues na carta e a queimes. Sei o que vais dizer. Sei o que pensas. Sei o que isto faz de mim aos teus olhos. E não me importo, Anton. Não me importo, porque estou a pedir-te, não, a *implorar-te*, que faças isto por mim.

Ele fitou-a de olhos arregalados, atónito. Acima de tudo, a sua mulher era uma pessoa justa, e ele não esperava isto dela. - Despina, como poderia eu fazer tal coisa? - Era de partir o coração, a maneira como ela olhava para ele, a sua mulher forte que não se vergava a ninguém, a súplica nos olhos, o medo. Como não suportava continuar a olhar para ela, pôs-se de pé e virou-se.

- Então, esconde-a - ouviu-a segredar friamente. - Guarda-a onde eu nunca mais tenha de lhe pôr os olhos em cima.

A seguir, precipitou-se para a casa de banho e fechou a porta com estrondo. A sobrepor-se à água a jorrar da

torneira ele ouvia-a soluçar baixinho.

Agora, tirou um lenço do bolso do casaco e limpou as bagas de suor da testa. A temperatura descera abruptamente, mas sentia-se acalorado da caminhada. Ainda não recuperara do choque do telefonema, da maneira como as encontrara na estação de caminhos de ferro e de tudo o que se seguira – o táxi a alta velocidade pelas ruas empedradas, a sua filha a gemer no banco traseiro, a sua mulher, debruçada sobre o corpinho, imóvel, como se ela própria estivesse às portas da morte. Depois, em casa, Sofia a abrir de rompante a porta do táxi, a correr no andar de cima de quarto em quarto a recolher mais cobertores, a preparar um banho e a ir buscar o álcool para friccionar Natalia.

Eu não devia tê-las mandado para fora, pensou de novo, pela centésima vez. Se pudesse voltar atrás, ao momento em que ele e Despina discutiram e ele insistiu, não, *exigiu* que ela fosse para o campo. Fora ele quem pusera aquela distância entre eles, aqueles quarenta quilómetros que poderiam agora custar-lhes a vida da filha.

Como um louco, tinha estado a tocar insistentemente à campainha, e, quando se apercebeu, recuou e baixou a mão. *Não estão aqui*, disse para consigo. *Seu tolo, não estão aqui*. E já se tinha virado para ir embora quando o estalido da porta o fez estacar.

– Anton. Meu Deus! – exclamou Maria pela fresta da porta. Abriu-a para trás e, apertando o cinto do roupão, fez-lhe sinal que entrasse. – Entra. Entra, por favor.

– Obrigado, Maria – disse Anton, tirando o chapéu. – O Stefan está em casa? Tenho de falar com ele urgentemente.

– É claro, Anton. – Tateou à procura do interruptor perto da porta e quando a luz se acendeu e viu o rosto dele, empalideceu. – Anton, o que se passa?

– Maria, por favor, preciso de falar com ele.

Ela acenou com a cabeça rapidamente, dando uma palmadinha na lapela do casaco dele antes de correr para

dentro de casa à procura do marido. Uma fadiga avassaladora alastrou pelo corpo dele, e perguntou-se se serviria de alguma coisa ter vindo aqui. Mas a que outro lugar poderia ter ido à procura de auxílio? Para onde poderia virar-se quando todos os hospitais se tinham recusado a interná-la? Estavam cheios, completamente cheios, informaram-no em todas as clínicas na cidade quando lhes telefonou uma a uma, quando implorou e ofereceu qualquer quantia de dinheiro que quisessem e por fim ameaçou apresentar-se lá com ela, viria sentar-se à entrada até acederem a interná-la. Havia soldados feridos a serem tratados em catres de cartão, foi-lhe dito. As camas estavam reservadas só para os gravemente feridos, aqueles que não se esperava que passassem dessa noite. Simplesmente não havia camas para pacientes civis, nenhum quarto para um *caso* como este. Mas Stefan tinha contactos; tinha amigos poderosos. Talvez fosse a única pessoa capaz de lhes arranjar um médico, de conseguir um pequeno milagre.

- Anton. - A voz de Stefan ribombou nas costas dele, trazendo-o de volta à realidade. Sentiu a mão firme no seu ombro e virou-se. Tinham passado por tanta coisa juntos, ele e Stefan, por tantos momentos graves. Mas agora não conseguia falar, e simplesmente estendeu as palmas das mãos para ele, como se a implorar-lhe que lesse a verdade nos seus olhos. *A minha filha está a morrer*, diziam os seus olhos, e começou a chorar, ali mesmo, nos braços de Stefan.

- Vai ficar tudo bem - disse Stefan após um silêncio. - Seja o que for, vai ficar tudo bem.

CAPÍTULO 22

O doutor Vladimir tirou o estetoscópio dos ouvidos e meteu-o na sua mala de pele castanha. Debruçou-se sobre Natalia e pegou-lhe no pulso, a verificar de novo a pulsação. Delicadamente, voltou a pousar o braço dela na cama.

- Receio não ter notícias muito boas - disse, sombriamente. - Se a tivesse visto um pouco mais cedo, talvez... - Parou de falar. Mesmo depois de trinta anos a praticar medicina, ainda sentia dificuldade em lidar com este tipo de coisa. Não havia uma maneira fácil de dar notícias como aquela.

- O que quer dizer exatamente, senhor doutor? - perguntou Despina, com a voz algures entre a incredulidade e o riso. Uma ténue teia de veias apareceu por baixo da pele branca das suas têmporas, quase translúcida. O médico pigarreou e desviou o olhar, embaraçado. Tinha de cumprir os passos seguintes com delicadeza.

- Receio que não sejam boas notícias - repetiu, tirando os óculos e pondo-os na mala de pele. - Ela tem uma infeção, talvez já a tenha há vários dias, porque parece bastante avançada... - Mais uma vez, fez uma pausa, à procura das palavras certas. - A avaliar pela febre alta, é provável que a infeção tenha alastrado, talvez esteja já na corrente sanguínea. Receio que não haja muito que eu possa fazer nesta fase.

Com uma expressão impenetrável, Despina fitou o médico. Não conseguia mover um músculo, mas queria saltar-lhe em cima, bater-lhe com os punhos. Queria arrancar-lhe os olhos, arrancar-lhe os últimos cabelos da cabeça já com entradas. Deslizou para o chão perto da cama. Algo opaco lhe toldou a visão; tornou tudo no quarto de uma tonalidade feia, grotesca, como sangue coagulado.

Anton ajoelhou-se ao lado dela e tentou pôr-lhe os braços à volta do corpo, mas ela debateu-se. Quando ele tentou de novo, ela bateu-lhe no ombro, na face, e afastou-se à força. A seguir, desatou a gritar. Tapou os ouvidos e gritou, um som tão gutural que até os olhos de Natalia se abriram de repente.

- Lamento muito - disse o médico de novo, dando uns passos na direção dela, mas parando a meio do caminho. Virou-se para a sua mala e começou a arrumar o seu conteúdo. - Talvez se tivéssemos penicilina, se a tivéssemos há uns dias...

Não havia simplesmente nada mais a dizer a esta pobre mulher, a esta mãe que estava a ir-se abaixo perante os seus olhos. Tirou o relógio do bolso do peito do casaco e viu as horas. Não havia nada pior do que esta sensação de impotência, de uma batalha perdida. Da morte a derrotar a esperança, a vencer.

- Se tivéssemos o quê? - perguntou Stefan de onde se encontrava, imóvel, à porta. Agora que trouxera o médico aqui, agora que vasculhara a cidade, batera à porta de pessoas que nunca incomodaria à noite, pagara em barras de ouro e implorara de joelhos por algo que se assemelhasse a auxílio, esperava mais do que uma declaração de derrota, mais do que uma sentença emitida sem dar grande luta. - Se tivéssemos o quê, senhor doutor?

- Penicilina - repetiu o médico cautelosamente, a esfregar as têmporas. - É um novo medicamento que poderia curar uma infeção bacteriana como a da Natalia. Um medicamento milagroso, na realidade, bastante recente e

não propriamente disponível. É quase impossível obtê-lo nos tempos que correm. Nenhum hospital neste país o tem, e, se o tivessem, já estaria esgotado há muito tempo, tê-lo-iam ministrado aos homens que estão a morrer aos milhares...

O médico parou a meio da frase, apercebendo-se de que se tinha embrenhado num assunto que não dizia respeito a nenhum dos presentes naquele quarto. Que, de facto, só tornaria as coisas piores. Mas Stefan estava com uma expressão concentrada, como se já estivesse à frente da conversa, como se há muito tivesse passado para além das palavras do médico.

- E se eu conseguisse arranjar-lha, de alguma maneira? Se eu conseguisse fazer-lha chegar? Quanto tempo é que ela tem? - Detestava ter de fazer aquela pergunta em frente a Despina, mas não havia tempo para falar com o médico em particular. E estavam todos para além de palavras comedidas agora.

- Dois dias, talvez três. Talvez uma semana - respondeu o médico em voz baixa e sombria. - Mas, como disse antes, é impossível...

- Deixe que seja eu a preocupar-me com isso, doutor - interrompeu Stefan. Já tinha pegado no chapéu de cima da cómoda. - Deixa-me tentar.

Já não estava a dirigir-se ao médico. Tinha vindo acocorar-se ao lado de Despina aos pés da cama e tentava afastar-lhe as mãos do rosto.

- Olha para mim, Des - disse, mas ela recusava-se. Recusava-se a erguer a cabeça para olhar fosse para o que fosse no quarto. - Despina - repetiu, pousando a mão no ombro dela. - Eu vou fazer tudo o que puder. Farei tudo o que está ao meu alcance. Mas preciso de destrancar a única porta que tu não queres que seja aberta.

Por algum tempo, ninguém falou. O único som no quarto era o do ramo de uma árvore a bater na vidraça, como se

também ele exigisse uma resposta. Despina enterrou o rosto na gola do casaco de Stefan e começou a chorar.

- Sim - murmurou por entre soluços.

As suas lágrimas corriam livremente, como uma represa aberta, e já não queria saber do aspeto que tinha aos olhos de um estranho, porque já não tinha nada a perder. As lágrimas correram pelas mãos de Stefan quando ela as apertou com força contra as faces.

CAPÍTULO 23

Passou um dia, talvez dois. Não havia como saber, na realidade, com os minutos e as horas a entretecerem-se de um modo interminável, impiedoso, sem quererem saber. Sem consideração pelo que se passava dentro das paredes da casa deles, pelo desespero e os gritos de Despina, pelo silêncio atordoado de Anton, os seus passos frenéticos de um lado para o outro, de um lado para o outro.

De alguns em alguns minutos, Despina inclinava-se para aproximar o ouvido dos lábios de Natalia, rezando para ouvir o som ténue da sua respiração. Fazia aquilo mecanicamente, como uma marioneta a ser puxada para um lado e para o outro por fios invisíveis, levando-a a movimentar-se embora se sentisse morta por dentro, um cadáver móvel. Sustendo a respiração, punha-se à escuta da expiração entrecortada de Natalia contra a sua face. Ainda se ouvia, ténue, como a asa de uma borboleta. A mera noção de que ela ainda estava viva trazia-lhe um alívio inefável. O fio frágil que ligava a vida e a morte ainda não se soltara.

Passara pouco tempo desde a visita do médico, mas a pele de Natalia já estava a adquirir um tom azulado, translúcido. Estava tão imóvel que era difícil acreditar que ainda havia vida dentro dela, que ainda lhe corria sangue nas veias. Na noite anterior, não emitira um só som. Mesmo os seus suspiros ocasionais, os seus ténues gemidos, tinham cessado.

Despina ficara sentada aos pés da cama da filha ao longo de dois dias, recusando-se a afastar-se, recusando os tabuleiros com comida que Sofia lhe trazia. Recusando-se a falar com Anton. Para além de se levantar uma ou duas vezes para beber um copo de água, mal se mexera desde que Stefan saiu da casa deles para procurar aquele medicamento inacessível, a tal penicilina que talvez não existisse. E se, por milagre, ele conseguisse obtê-la, voltaria a tempo? Seria demasiado tarde quando ele regressasse? Alguns dias, segredara o médico ao ouvido de Stefan, mas Despina ouvira-o mais alto do que os sinos da igreja na praça ao fundo da rua. Dois, talvez três dias, meras horas, era tudo o que lhe restava.

Despina ergueu os olhos para a janela entreaberta emoldurada pelas cortinas finas agitadas pelo vento. Já não tinha forças para pedir misericórdia ou perdão a Deus, porque estava a gritar interiormente, com os punhos tão cerrados que fazia sangrar as próprias palmas das mãos. *Ouves-me? Se estás aí em cima, se existes, dá-me uma prova. Dá-me uma prova!*, berrava sem palavras ao pedaço de céu perfeitamente azul que parecia sorrir-lhe inocentemente.

Para se manter ocupada, começou a recitar poemas da coletânea infantil que Natalia adorava quando era mais nova. Recordava-se de os ler a Natalia quando ela era pequenina e de o som da sua voz ser suficiente para a adormecer, para acalmar os pesadelos de que despertava sobressaltada naqueles primeiros meses depois de a terem trazido para casa.

Como fizera então, continuou a ler muito depois do momento em que a luz do fim do dia banhava tudo numa tonalidade de um rosa-alaranjado, muito depois de a escuridão se instalar no quarto e de as sombras se agigantarem e se moverem na parede por cima da cama de Natalia. Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e continuou a recitar poema atrás de poema, sem se dar

conta de que sentia a garganta como uma lixa, de que a sua voz estava rouca e empastada. Não parou até ser de dia, até Sofia entrar no quarto e a arrastar para o seu quarto, para ela descansar um pouco e se lavar.



Nesta estranha e austera casa que em tempos conhecera tão bem, Sofia começava a sentir que não sabia bem qual era o seu papel. Ninguém parecia ter nenhum apetite pela comida que ela cozinhava. Ninguém lhe pedia para mudar os lençóis ou engomar a roupa. Ninguém parecia ter notado que havia uma infiltração no teto da cozinha e que estava a pingar água para uma panela posta por baixo.

- Telefone ao canalizador, senhor Anton? - perguntou quando se apercebeu de que a panela estava a encher-se tão depressa que tinha de ser esvaziada de duas em duas horas.

Anton olhou para ela como se não tivesse compreendido uma palavra do que ela dissera. Sofia abanou a cabeça delicadamente e fechou a porta do escritório dele. Pelo menos, finalmente acalmara-se. Durante dois dias andara de um lado para o outro sem parar, com o som ritmado dos seus sapatos de solas duras a martelar o soalho interminavelmente, horas a fio. Agora, sentava-se no cadeirão junto à lareira a fitar as chamas a esmorecerem. Aproximando-se em bicos de pés, Sofia perguntava-lhe se queria comer alguma coisa, se podia trazer-lhe o jornal matutino. Ele abanava a cabeça e voltava a fitar a lareira. A morte já tinha invadido a casa deles.



Passou mais um dia.

Anton começou a planejar o que viria inevitavelmente agora, numa questão de horas, numa questão de dias. A perda de uma criança. Uma criança perdida para eles, depois de tudo aquilo por que tinham passado. Uma criança perdida por ele. Encostou a cabeça ao sofá e começou a chorar. Só ouviu a campainha da porta ao terceiro toque. Movendo-se como num sonho, levantou-se para ir abrir a porta.

- Anton, graças a Deus.

À porta estava Stefan, com o chapéu encostado ao peito. Sorriu e disse alguma coisa no momento em que um elétrico passava a chocalhar, o que abafou as suas palavras.

Porque estás a sorrir?, Anton queria perguntar-lhe. *Como podes sorrir numa altura como esta?* Mas não o fez, porque na palma da mão estendida Stefan tinha uma pequena caixa castanha.

Foi sem qualquer tipo de graciosidade nos movimentos que Anton estendeu a mão para ela, lha arrancou sôfrego. Num só gesto, abriu-a, rasgando o cartão grosso como se fosse feito de papel fraco. A caixa desmantelou-se facilmente nas suas mãos e Anton viu o emblema da Cruz Vermelha, de um vermelho-vivo e distinto, como uma ferida aberta, no cimo da caixa. Um endereço estrangeiro estava escrito por baixo em letras pequenas: Genebra, Suíça. Dentro da caixa, havia dez ou doze pequenos frascos contendo uma substância esbranquiçada e toldada.

- Precisa de lhe ser aplicada por via intravenosa - estava a dizer Stefan agora. - O doutor Vladimir arranjou maneira de ela ser internada no hospital Coltea hoje. Mas temos de nos apressar.

Anton acenou com a cabeça, com a boca seca, atordado. A esperança inundou-o com uma força inesperada e alimentou o seu coração destroçado, esporeou o seu galope desenfreado e ele começou a bombear o sangue com demasiada rapidez, com demasiada força. *Como?*, queria perguntar. *Como conseguiste isto?* Mas as palavras

estavam-lhe encravadas na garganta e não havia tempo para perguntas, não havia tempo para investigar o que já suspeitava, o que sabia, de facto, ter sido a única maneira. Caíram-lhe as lágrimas mais uma vez pelas faces pálidas, ensombradas pela barba por fazer.

- Agora, Anton - disse Stefan com mais firmeza.- Vai buscá-la imediatamente. Eu fico à espera no táxi.

Ao fundo das escadas, Anton viu um táxi estacionado junto à berma, com o motor ainda a trabalhar.



Ao longo de três dias, as horas insones seguiram-se umas às outras como contas enfiadas num fio, e deixou de haver princípio ou fim, havia só o momento presente. Anton só tinha uma vaga noção da presença de pessoas no corredor do hospital a virem e a irem, do tilintar da prancha de metal quando a encaixavam no seu suporte aos pés da cama de Natalia, do gotejar silencioso de um saco cheio com um fluido, ligado a um varão de metal, de uma cortina fina, esfiapada, a enfunar-se na brisa do fim da tarde. E do silêncio. Do longo, interminável silêncio só pontuado pelos soluços de Despina.

Ao lado da sua mulher, ao fim da tarde, quando as luzes já tinham sido apagadas e o movimento no hospital diminuiu, deu consigo a fazer uma coisa que já não fazia desde criança. De joelhos, rezou por Natalia, e também por si mesmo e por Despina, e pouco depois uma calma desconhecida instalou-se nele, e com ela uma espécie de compreensão que até àquele momento lhe escapara. Era assim que devia ter sido para eles, também, para as pessoas que tinham dado a vida a Natalia, quando ela lhes foi arrancada das mãos. Partilhavam um fado comum. Embora ele não os conhecesse nem viesse a conhecê-los, a magnitude do que tinham feito para a salvar, não uma mas

duas vezes, atingiu-o em cheio, e apercebeu-se com um sobressalto de que ficariam para sempre ligados pelo amor que sentiam por Natalia. Não era com medo que eles deviam ser encarados, mas com gratidão pela dádiva de Natalia, pela dádiva da vida dela, e, finalmente, pelo sacrifício deles.

Mais tarde, quando, sentado a um canto do quarto a tentar manter os olhos abertos, com receio de Natalia lhes escapar se os fechasse por um instante, todos os momentos definidores da sua vida se desenrolaram perante ele, e acolheu-os com uma nova reverência. Como uma hoste de crianças animadas, desfilaram um de cada vez, trazendo recordações de tudo o que ele alguma vez sentira – felicidade, amor, paixão, orgulho, possibilidade e, finalmente, a esperança dentro de si mesmo que se recusava a ser sufocada.

E depois uma memória escaldante.

– Então, eu vou viver convosco?

– Sim, minha doce menina.

Ela apertou a boneca contra o peito e mediu-o por baixo das suas pestanas espessas e escuras. Os seus olhos verdes brilhavam como fagulhas com o alívio e, talvez com um pouco de incerteza. – Por quanto tempo?

– Ora, para sempre. Vamos ser uma família.

– Uma família?

– Sim, uma família. Isso significa que nunca nos separaremos.

O olhar dela desviou-se para a boneca. Passou os dedos pelos longos cabelos claros, o vestido de musselina com fios dourados, a superfície lisa da pele de porcelana. Quando voltou a olhar para cima, um sorriso como ele nunca vira iluminou-lhe o rosto.

– E então eu nunca os vou deixar – dissera.



Na manhã seguinte, quando o doutor Vladimir regressou, com o registo rigidamente apertado contra o peito, a imagem que se lhe deparou causou-lhe uma tal impressão que, sem uma palavra, deu meia-volta e saiu do quarto. Como poderia ir perturbar o que se desenrolava à sua frente? Era de facto um milagre, um milagre por que ele próprio não se atrevera a esperar. No entanto, ali estavam eles, aos pés da cama de hospital, os três num abraço apertado. Recordou-lhe algo que vira uma vez e que o comovera profundamente: um arbusto voltara a florir com três botões de rosa entre um emaranhado de silvas numa campa esquecida.

Dois

NATALIA

CAPÍTULO 24

Setembro de 1944

A multidão movia-se e encapelava-se como uma onda na maré alta, restringindo o ar entre as pessoas. Passo a passo, a chusma avançava para o cordão de segurança que a polícia instalara para conter os milhares de pessoas presentes e as impedir de invadirem a avenida. Para eles chegarem a casa dali teriam de passar para o outro lado da praça e depois enveredar por uma das ruas laterais que irradiavam do seu centro como os raios da roda de uma bicicleta. Uma impossibilidade.

O cheiro a *whisky* e a perfume barato de senhora evolava-se na direção de Natalia num redemoinho enjoativo enquanto ela agarrava com força a mão do pai. Enterrou o nariz na dobra do casaco dele e quase caiu para a frente quando uma mulher pesada a empurrou sem querer por trás. A tentar passar-lhes à frente, a abrir caminho à cotovelada por entre a multidão, a mulher tinha uma mão em pala sobre os olhos enquanto com a outra desapertava o lenço que trazia à cabeça e começou a acenar com ele.

Uma segunda vaga de vivas irrompeu como uma avalanche, e os corpos começaram a avançar com renovada força.

- Papá, estou com medo - gemeu Natalia, puxando a manga do casaco do pai. - Papá!

- Não estejas, querida.

Tinha os braços suficientemente fortes para conseguir facilmente levantá-la e pô-la aos ombros, onde ela se sentiu

segura. Segura e muito menos assustada, porque o que avistava agora era um mar de lenços, chapéus e pequenas bandeiras a acenarem e a rodopiarem – até que, daí a um momento, seguiu a direção dos rostos na multidão e susteve a respiração.

Eram mais pequenos do que os imaginara. Não eram maiores, na realidade, do que os camiões de armamento que vira a percorrer as estradas rurais. Havia automóveis a flanqueá-los enquanto desciam pelo centro da avenida como uma colónia de centopeias, com o metal a esmagar o asfalto, a espalmar os escombros à sua passagem. Nas plataformas, centenas de soldados de farda verde – tão apertados uns contra os outros que alguns só conseguiam segurar-se aos varões com uma mão – acenavam com os seus bonés com estrelas à multidão atroadora.

– Acabou, a guerra acabou! – gritou alguém, e a excitação alastrou em vagas, fazendo avançar a multidão mais um passo.

Algumas mulheres tinham trazido cestos com flores colhidas nessa manhã nos seus jardins, rosas, gardénias e lírios, que começaram a atirar uma de cada vez no caminho dos tanques. Uma rapariga com menos de vinte anos saltou a barricada e ajoelhou-se na rua, baixando a testa para o chão. Quando ergueu de novo a cabeça, os seus olhos brilhavam com lágrimas.

Natalia olhou para baixo, para o pai, à procura de um sinal de que talvez também eles devessem pôr-se a chorar ou pelo menos a gritar um viva, mas o rosto dele era uma máscara, não traía nenhuma emoção. Baixou-a de novo para o chão e apertou-lhe a mão com força; a seguir, começou a conduzi-la por entre a multidão, abrindo caminho na direção oposta. Eram como um grande navio de guerra a avançar contra a corrente de homens e mulheres aos vivas e de crianças a chorar, aterradas.

Do outro lado da praça apinhada, cortaram rapidamente por uma rua secundária. Alguns veículos com as janelas

abertas estavam abandonados em ângulos estranhos na rua, como se os seus passageiros tivessem fugido a um incêndio. Embora houvesse uma relativa tranquilidade ali, continuaram a apressar-se para o fim do quarteirão, porque a situação podia alterar-se a qualquer momento.

- Natalia, não acredites em tudo o que vês - disse o pai dela quando já ninguém poderia ouvi-los. Parou por um momento quando passaram por um café modesto com montras riscadas de sujidade diante do qual estavam três homens cambaleantes de braço dado a cantar uma melodia, embriagados. Inclinando-se para ela, ele segredou: - Por vezes, a verdade não é exatamente o que parece.

O que quer dizer?, ia perguntar ela, mas os olhos do pai estavam pregados na rua, a olhar para um lado só o tempo suficiente para ler a tabuleta antes de atravessarem. Talvez estivesse a calcular o caminho para casa, agora que tinham vindo da praça na direção contrária. Para chegar à artéria principal seguinte, teriam de atravessar um labirinto de ruas laterais e travessas. Podiam ter a esperança de apanhar um autocarro ou um trólei.

Normalmente, ela não se importava de dar longos passeios com o pai. Era a única ocasião em que a atenção dele era só sua e ela podia contar-lhe o que lhe ia na mente. Mas hoje o pai não estava nada interessado nas histórias dela.

Andava bastantes vezes assim nos últimos tempos, praticamente desde que ela saíra do hospital. A sua energia dinâmica tinha desaparecido, o brilho maroto nos olhos, como se todos os momentos tivessem sido criados para ele os desfrutar. Tinha desaparecido o homem que gostava de se rodear de pessoas a todas as horas do dia. Mesmo nos ocasionais serões em que um velho amigo passava lá por casa, ele parecia desejoso de que a visita chegasse ao fim para poder ir para o andar de cima ouvir as notícias. Na maior parte das vezes, deixava-se ficar o tempo suficiente para trocar umas palavras de circunstância e depois

desculpava-se, queixando-se de uma dor de cabeça ou de outro achaque.

Talvez não fizesse diferença que a guerra tivesse terminado na Roménia, porque a casa deles continuava tão pouco movimentada como durante os bombardeamentos. As escolas iam reabrir em breve, e por toda a cidade as luzes tinham começado a brilhar de novo – embora timidamente – em montras, nas janelas, mas as irmãs de Despina e os filhos delas ainda não tinham regressado à cidade. Só Maria e Stefan passavam lá por casa de tempos em tempos, mas nunca se demoravam muito.

Natalia sentia-se perplexa com a relação mais fria entre a sua mãe e Maria. Antes da guerra, nunca passavam mais do que um par de dias sem se verem. Mas agora as visitas de Maria eram breves. Parecia estar com pressa, quase demasiado desconfortável para ficar mais tempo ou se embrenhar numa conversa mais demorada. Usualmente, ia-se embora a toda a pressa, dando um beijo rápido na face de Natalia e lançando um olhar à mãe dela que exprimia algo que ela não compreendia. Parecia haver um ambiente pesado entre as duas.

E Victor? A última vez em que Natalia se recordava de o ter visto fora no lago Baneasa, antes do bombardeamento que destruíra a casa de férias. Os quatro iam fazer um piquenique à beira-lago, e ela recordava-se da sensação maravilhosa do sol depois do longo inverno, de como o perfume da madressilva e dos lilases a envolvera tão docemente. Insistira em levar ela o cesto com os sanduíches, e Victor ia atrás, com uma manta, uma garrafa de vinho e alguns pratos a tilintarem num cesto igual ao dela. No portão das traseiras, ela parou, à espera que ele o abrisse. – Aposto que não me apanhas! – gritou, e desatou a correr pela encosta do monte abaixo por entre as ervas altas e bravias.

Ele correu atrás dela, tão perto que ela teve a certeza de que a venceria desta vez. Mas, como de costume, ele não

ganhou a corrida. Custava imaginar que tudo o que restava daqueles tempo ficaria agora limitado a um punhado de fotografias na prateleira por cima do fogão de sala. Recentemente, ouvira o pai dizer que queria aplanar o terreno e pôr o lote à venda.

- Papá, está triste porque o Victor já não aparece há uns tempos? - arranhou coragem para perguntar.

O pai abrandou um pouco o passo, surpreendido, ao que parecia, pela pergunta dela, ou talvez a refletir nessa precisa coisa. - Bem, sabes que ele anda ocupado, Talia. Agora tem um trabalho e provavelmente não lhe sobra muito tempo para fazer visitas.

- O Victor tem um trabalho? Que trabalho?

Ele encolheu os ombros. - Trabalha para o ministério do Interior, é tudo o que sei.

- Foi por isso que ele se mudou da casa por cima da papelaria?

- Provavelmente - respondeu ele, e passou-lhe algo no rosto, algo que poderia ser melancolia ou orgulho. - Aquele sítio lá em cima não é propriamente digno dele agora, sabes?

Era óbvio que ele não queria falar mais do assunto, porque acelerou o passo e continuaram a andar em silêncio, abrindo caminho por entre os muitos automóveis a buzinar e as pessoas a gritarem às janelas dos seus carros e das varandas das casas. Não conseguiram apanhar um autocarro, e já era quase de noite quando chegaram a casa.



Sozinha na sala de estar, mais tarde nessa noite, Natalia sentou-se ao piano e embrenhou-se distraidamente numa sonata de Beethoven, com os olhos fixos sonhadoramente na janela, para lá da qual havia agora só um retângulo de negrume. A sala estava imbuída com o perfume das

gardénias que a mãe colhera do jardim nessa tarde, e ela inalou-o profundamente, a sentir o nó no estômago a soltar-se um pouco, mas não totalmente. Mesmo aqui, dentro de casa, assombrava-a uma sensação que não era capaz de explicar, uma inclinação da realidade que a perturbava profundamente.

O que se passava com os seus pais nos últimos tempos? Não conseguia saber ao certo. Por vezes, sentia que estava a viver com uma versão diminuída das pessoas que antes conhecia tão bem. Ao contrário do pai, que sucumbira a um nevoeiro de abatimento, a mãe cirandava pela casa como se nada tivesse acontecido, como se as vidas deles não tivessem sido minimamente interrompidas pela guerra, pela doença, pelas bombas e agora pelo Exército Vermelho, que marchava pelas principais avenidas da cidade.

Todas as manhãs, aparecia à mesa do pequeno-almoço com um dos seus vestidos de seda ou um dos seus fatos com o casaco cintado, e o cabelo penteado na sua habitual banana à francesa. Como todas as manhãs antes da guerra, tomava o café no terraço, de costas direitas e imperturbável, a olhar para o trânsito lá em baixo, para os tróleis e os elétricos que tinham começado a circular de novo. Poucas pessoas adivinhariam que era ela agora quem fazia o café e preparava o pequeno-almoço. Que lavava toalhas e lençóis, debruçada sobre o tanque ao fim do dia, a limpar o suor da testa com as mãos cheias de sabão e vermelhas. Que remendava as cortinas e puxava o lustro à lareira, que esfregava todos os cantos e fendas da casa para lhes tirar a fuligem.

Desde que Sofia os deixara, era ela quem fazia tudo sozinha.

Era irónico, realmente, que, depois de passar com eles o pior da guerra, os dias mais sombrios dos bombardeamentos, a perdessem agora, logo agora. Mas este ano Sofia fizera setenta anos e decidira que era a altura de regressar à sua aldeia natal perto da fronteira

com a Hungria, para as suas raízes e os seus netos, que eram agora crescidos.

- Quero passar os meus últimos dias no solo onde nasci, menina Despina - disse ela, e Despina suplicou-lhe que ficasse e ofereceu-lhe um aumento, ofereceu-lhe o que ela quisesse para ficar, mas por fim teve de a deixar ir.

Da janela do seu quarto, Natalia vira-os despedirem-se quando os primeiros raios do sol incidiam nos telhados naquela manhã de domingo. Mesmo depois de o táxi que ia levar Sofia à estação dos caminhos de ferro ter desaparecido, os pais de Natalia continuaram à porta, de pantufas e roupão, abraçados debaixo do lampião, e aquilo recordou a Natalia uma outra ocasião, uma outra corrida de táxi que a levava a ela e à mãe da cidade em chamuscas.

Depois da partida de Sofia, a mãe passou a encarregar-se de todas as tarefas domésticas com o entusiasmo de um exército conquistador.

- Arranja outra pessoa para te ajudar - dizia-lhe muitas vezes o pai, mas ela recusava. A mãe era leal a Sofia mesmo na ausência dela.

- Eu cá me arranjo, Anton, não te preocupes.

Tinha começado a fazer compota de pêssego e de cerejas e conservas de pimentos vermelhos, tomates e cebolas. Preparava as refeições dela, tirando grande prazer, ao que parecia, das suas antigas competências culinárias, e a cave estava de novo cheia com centenas de frascos de *zacusca* caseira, creme de beringela e *tarama* - todos etiquetados e datados na sua letra precisa e determinada. A Natalia, dava a impressão de ela estar a preparar-se para outra guerra.

E Natalia já estava farta da guerra.

Só queria abrir os braços ao céu, respirar, sentir-se viva. Pela primeira vez desde que conseguia lembrar-se, acordava sem sentir medo de sirenes e de bombas, do rosnado dos caças a atacarem os telhados. Podia sair para o terraço e respirar o ar da manhã. Podia usar de novo os seus vestidos bonitos sem recear que ficassem sujos numa

nuvem de cinzas. Podia ver as montras das lojas, que tinham voltado a abrir, a caminho da farmácia na esquina que ainda vendia cerca de uma dúzia de tons de *bâton*. A empregada do balcão fingia não a ver a experimentar as amostras, comprimindo os lábios à socapa ao espelho do balcão, e só sorria discretamente quando os seus olhos se encontravam. – Dê cumprimentos ao seu pai – dizia-lhe quando ela saía. Ultimamente, no entanto, o pai de Natalia mostrava pouco interesse pelos seus velhos conhecidos, pouco interesse em tudo o que não fosse a presença de tanques russos nas ruas de Bucareste.



– Os Soviéticos acabaram de negociar um armistício que lhes concede o comando militar do país – informou-as ele uma noite ao jantar, mal esperando para desdobrar o guardanapo e o pôr no colo. – Estamos sob o controlo deles, Despina, pela *força*, por ordem de Moscovo. Tens consciência do que isto significa?

Natalia pousou o garfo, subitamente sem fome. Queria correr para fora da sala para não ter de ouvir mais uma vez tudo aquilo.

– Oh, papá! – saiu-lhe antes de conseguir conter-se. – Porque é que não pode parar de falar sobre isso? Os Soviéticos, os Soviéticos, porque é que importa assim tanto?

O olhar que ele lhe lançou fê-la desejar poder engolir as palavras que dissera, embora não soubesse ao certo o que tinha feito de mal. Não era ele que andava sempre a encorajá-la a dizer o que pensava, a não calar as suas opiniões? No entanto, não havia uma expressão de aprovação nos olhos dele agora, só de choque. Também a mãe a estava a fitar de olhos arregalados, com o garfo com comida na mão a pairar sobre o prato.

- E o que é que julgas que sabes exatamente sobre tudo isto, Talia?

- Sei quanto baste - respondeu ela. - Sei que as pessoas andam a dançar nas ruas e a pôr grinaldas de flores à volta do pescoço deles e a receberem-nos com pão quente e flores. Por isso, seja o que for que eles estão a fazer, não pode ser assim tão mau.

O silêncio que se instalou era pesado e aparentemente interminável.

Quando o pai falou de novo, a sua voz era um murmúrio. - Podes sair da mesa, Natalia - disse sombriamente, levantando-se da mesa para se servir de uma bebida.

Formou-se um nó na garganta de Natalia. Engoliu em seco com força. *Não se zangue comigo*, queria dizer. *Fique feliz. A guerra acabou. Porque não pode sentir-se feliz?* Mas desta vez não lhe saíram palavras. Em vez disso, levantou-se da mesa, empurrou a cadeira para trás e saiu da sala sem dizer mais uma palavra.

CAPÍTULO 25

Novembro de 1948

O inverno chegou demasiado cedo naquele ano. Ainda faltavam sete semanas para o Natal, mas já começara a nevar, os dias eram curtos e desesperados, com pingentes de gelo a brilharem debaixo dos beirais como punhais partidos à luz sombria do sol do meio-dia. Na praça do Palácio, a estátua de bronze do rei Carol I foi derrubada perante uma multidão de pessoas perplexas. Quando meia dúzia de tanques se arremessaram sem piedade contra o pedestal, um grito de indignação atravessou a multidão; veio-se-lhe juntar um outro grito, depois outro, até todas as vozes se misturarem e erguerem como uma grande nuvem de fumo sobre a praça. Foi só quando um homem das milícias disparou um tiro de aviso para o ar que o coro se calou e as pessoas começaram a dispersar em grupos, a arrostar em silêncio com o frio que as penetrava até aos ossos.

Definiu-se uma nova fronteira no continente europeu. Um muro de arame farpado, por trás do qual todas as grandiosas cidades da Europa Central e do Leste se viram reféns, governadas por postos de controlo policiados por cães de guarda e tanques blindados Soviéticos. Em Bucareste, todos os anteriores líderes e membros do Parlamento Real tinham sido detidos ou condenados à prisão, alguns enviados para campos de trabalhos forçados na remota Sibéria. Muitos desapareceram da noite para o dia sem explicação. No inverno anterior, o rei Miguel fora

forçado a abdicar sob ameaça de armas depois de o Palácio Real ser cercado por unidades do exército enviadas por Estaline. Não era só ele a defrontar-se com o cano de uma arma; se recusasse, avisaram-no, mil estudantes detidos morreriam, e o banho de sangue não terminaria por aí. Assim, assinou o decreto e numa questão de minutos a última monarquia restante nos Balcãs deixou de existir.

- Sabem que vamos chamar-nos uma República Popular?
- segredavam os cidadãos de Bucareste atordoados às esquinas, nas paragens dos autocarros, perto de quiosques de floristas, onde pudessem falar em voz baixa. - Sabem que o nosso primeiro-ministro foi nomeado pelo próprio Estaline?

A nova realidade não ganhara forma à volta deles com a progressão lenta da mudança, mas com a precisão incisiva de uma guilhotina, separando-os de tudo o que sabiam ser verdadeiro e familiar.



A caminho da escola, Natalia sentia-se fascinada pela atividade constante ao passar pelo velho Palácio do Senado e o Quartel-General. Abrandando o passo, olhava boquiaberta para a parada de homens com casacos de couro escuros e capas de pele - homens robustos, de ombros quadrados, com rostos sérios - a entrarem e a saírem de edifícios governamentais que tinham agora novos nomes. Os guardas perfilados aos portões faziam-lhes continência e apressavam-se a abrir-lhes as portas dos automóveis, levando as suas pastas e caixas cheias de documentos para as malas dos carros com janelas fumadas impenetráveis. Nas ruas, as pessoas desviavam-se e olhavam timidamente para o chão quando aqueles homens passavam em grandes passadas decididas. Beijavam-lhes a mão quando eles entravam em cervejarias e exigiam

garrafas de *vodka* e petiscos finos que já não apeteciam a ninguém.

Um novo silêncio abatera-se sobre a casa de Natalia.

- Não fales a ninguém na escola, Talia, sobre o que temos na nossa casa - avisava a sua mãe quase todas as noites. - Acima de tudo, nunca menciones o piano, os livros encadernados a carneira. Não fales com ninguém. E lembra-te de que as paredes têm ouvidos.

- Eu sei, mamã, já mo disse. Por favor, não se preocupe - respondia ela de cada vez, sem querer lembrar à mãe que o pai lhe dissera exatamente a mesma coisa na noite anterior. Que ela já praticamente decorara aquelas palavras.

Talvez fosse por causa da paranoia crescente dos pais que ela se punha às esquinas a ouvir dissimuladamente as conversas enquanto fingia apertar os cordões dos sapatos ou procurar na mochila alguma coisa que não conseguia encontrar. As histórias que ouvia aterravam-na, histórias sobre casas que eram invadidas e saqueadas, sobre soldados do Exército Vermelho a arrombarem portas a meio da noite, a acenarem com metralhadoras, a levarem tudo o que conseguiam transportar - joias, louças, pratos, pinturas a óleo, tapetes turcos. Histórias sobre homens a tombarem de joelhos e a beijarem as botas aos soldados, a oferecerem-lhes os seus relógios de ouro, as suas alianças de casamento. Sobre civis que desapareciam sem explicação, às centenas, aos milhares.

- Estão bêbedos - ouvira alguém dizer. - Estão bêbedos com *tuica*, estão bêbedos com o poder e a vida fora das trincheiras enlameadas. Não perdoaram ao povo romeno o cerco de Leninegrado, o banho de sangue em Odessa. Quantos milhares morreram às nossas mãos? Quantos milhares? - perguntavam, abanando a cabeça. Era tudo verdade, Natalia sabia que sim. Os Alemães tinham tentado matar à fome o povo soviético, tinham-nos forçado a comer gatos no inverno, tinham-nos forçado a comer cadáveres. E ao longo de tudo isso, o povo romeno dera uma ajuda.

- É verdade, mamã, o que dizem sobre os soldados do Exército Vermelho? - perguntou Natalia uma noite, mas a mãe arredou a pergunta com a resposta do costume.

- Vai-te lavar, Natalia. Se te despachares, talvez possas ainda tocar piano uns minutos antes do jantar.

Natalia suspirou, mas fez o que a mãe mandava, sabendo que não valia a pena abordar o assunto. Apesar de todas as histórias que circulavam, apesar dos boatos de que os soldados soviéticos ultrapassavam até os Alemães na sua brutalidade, a mãe dela nunca queria falar sobre eles. Natalia suspeitava que tinha algo a ver com aquela época, durante os últimos dias da guerra, em que estivera sentada nos carris da estação de Snagov com uma criança doente nos braços. Foi um soldado que lhes salvou a vida. - A guerra é a guerra - dissera ela uma vez a Natalia. - Transforma os seres humanos de maneiras inimagináveis. Mas continuam a ser seres humanos.

Tinham passado quatro anos desde esse dia aziago, quatro anos que bem poderiam ser um século, porque esse período fora inteiramente eclipsado por assuntos mais prementes, coisas que pesavam sobre o lar deles como uma tempestade a formar-se. Há meses que o pai de Natalia chegava a casa com notícias de negócios confiscados, bancos nacionalizados, a divisa desvalorizada. De pessoas como ele, homens de negócios honestos e trabalhadores atirados para a rua e mortos a tiro por causa de algum comentário descuidado e casual contra o novo governo. De famílias como a deles que eram metidas em comboios e de quem nunca mais se ouvia falar.

- Estes são tempos perigosos, Despina - comentava ele muitas vezes. - Devias tentar sair menos. E guarda essas tuas peles. Vão atrair o tipo de atenção que não queremos.

- Está bem, querido. - A mãe tentava sossegá-lo. - Mas por favor, não fales disso diante da Talia. Não fales nunca disso. Eu faço o que tu dizes.

Como o resto da classe burguesa em vias de desaparecimento, os Goza viam-se cada vez mais confinados à sua casa. Com pouco para fazer, Natalia passava a maior parte das horas do dia como durante a época das sirenes, ao piano. O pai insistira em mudá-lo para o quarto dela, no extremo mais afastado da casa, onde era menos provável que fosse ouvido pelos vizinhos. Ele não apreciava particularmente nenhuma espécie de ruído nos dias que corriam, particularmente o tipo que pudesse ser interpretado como sinal de uma atividade aristocrática e o fizesse arriscar-se a ser preso.

Também tivera de cortar no número de aulas de piano de Natalia, mas ela não se importava. Sentia-se mais livre do que nunca a praticar sozinha, longe do olhar excessivamente analítico da menina Eliade, da sua voz estridente que frequentemente interrompia Natalia para se queixar de que ela não estava sentada em condições, que tinha os cotovelos demasiado hirtos ou que precisava de baixar os pulsos e não atacar o teclado como um abutre. Agora era livre de improvisar, de inventar as suas próprias melodias, variações de obras clássicas que há muito aprendera de cor, até mesmo algumas peças menos convencionais que fariam a velha professora arder de raiva.

O *jazz* já a afetava assim antes? Nos anos anteriores à guerra, parecia estar sempre presente, a fluir em pano de fundo na sua vida quotidiana com a tranquilidade e a normalidade de um riacho. No entanto, acontecera alguma coisa quando ela levou para o seu quarto o gira-discos e os discos que já ninguém punha a tocar e se sentou ao piano. Desde então, sentia-se culpada, como se estivesse de alguma maneira a trair os grandes compositores, embora, enquanto acompanhava atabalhoadamente aquelas melodias, se sentisse como se estivesse num outro lugar muito diferente, com aqueles acordes e aqueles movimentos a encherem-na com uma energia borbulhante, como uma febre. Por vezes, imaginava que era aquela

rapariga na capa do álbum, de vestido com lantejoulas sob as luzes suaves de um palco, um trompetista bem-parecido de casaco branco a tocar ao lado dela, os sons de ambos a torcerem-se e a entrelaçarem-se numa carícia. Inicialmente, foi um desafio aprender aqueles ritmos sincopados únicos, mas, ao fim de algum tempo, Natalia descobriu que se tornava menos difícil e começou a conseguir imitar bastante bem aquelas peças.

No entanto, entristecia-a não poder partilhá-las com o pai, porque agora ele fechava-se muitas vezes no escritório e já não lhe pedia que tocasse para ele antes da hora de ir para a cama. Andava preocupado nos dias que corriam, sombrio, calado. Já não perorava contra a deterioração das condições de vida nem dizia que era uma questão de tempo até lhes ser tirado tudo.

E havia algo mais. Nas últimas semanas, chegava a casa todas as noites com uma mala muito pesada. Murmurando uma saudação rápida, ainda de casaco e chapéu, arrastava ofegante a mala pelo chão de *parquet* e pela cozinha até às escadas das traseiras que davam para o sótão. A velha porta de madeira abria-se com um rangido e Natalia ficava lá em baixo a ouvir a mala a bater contra os degraus de cimento, a ecoar nas escadas, e a perguntar-se o que teria dentro. Continuava a perguntar-se o mesmo quando ele voltava para baixo com a mala vazia e a atirava para perto da porta da rua, onde pegaria nela de novo na manhã seguinte.

Fosse o que fosse que ele estivesse a guardar lá em cima, Natalia sabia que não devia fazer perguntas. Só o obrigaria a inventar uma razão falsa, uma resposta mal-amanhada em que, sabiam ambos, ela já tinha idade para não acreditar. E então, mais uma vez, seguir-se-ia uma discussão, um longo discurso sobre as circunstâncias da família deles, sobre como ela não devia confiar em ninguém, não devia falar com ninguém. Sobre como as vidas deles ficariam em risco se divulgasse o que se

passava lá em casa. Não, era melhor ela não abordar o assunto.

Mas não era o facto de o pai não querer que soubesse o que escondia no sótão ou de nem mesmo durante a época de mais bombardeamentos ela o ter visto agir com uma determinação assim tão sistemática. Era a resolução distante com que ele cumpria esta rotina todas as noites que dizia a Natalia que isto era pior do que as bombas, muito pior para pessoas como eles.



Uma noite, no final do inverno, o pai deu à mãe uma pistola. Estendeu-lha por cima da mesa ao jantar, por cima da caçarola de batatas e carne estufada, como se estivesse a passar-lhe o sal. A mãe fitou a pistola por um momento, mas não estendeu a mão. Ele pousou-a na toalha de linho branco e ela ficou ali entre eles, com o seu delicado punho de marfim a brilhar à luz do candeeiro do teto como uma porcelana encantadora, mas com toda a gravidade de uma granada por detonar. Era uma pistola pequena e elegante, um modelo de senhora, suficientemente pequena para caber numa mala de mão.

- Quero que andes sempre com isto - disse ele num tom quase factual, começando a comer. - Só por agora. E, Talia - ergueu os olhos para ela com severidade -, no caso de dares com ela, achei que devias saber o que é, para nunca lhe tocares.

Natalia sentiu que a mãe se mexia ligeiramente ao seu lado. O garfo tilintou contra o lado do prato quando ela o pousou. Limpou a boca, que estava fechada numa linha fina, e bebeu um gole de água, mas não disse nada.

Uma arma? Natalia quase se saiu com a pergunta, espantada, sabendo como a sua mãe odiava armas, como nem sequer permitia ao marido ter uma fechada no cofre.

Ouvira-a dizer muitas vezes que a enchiam de pavor, mas agora, com uma arma posta em cima da mesa tão casualmente como uma manteigueira, a mãe não estava a formular uma só objeção.

- Falamos disso amanhã de manhã, Anton - foi tudo o que ela disse, em voz baixa, e Natalia adivinhou que era por causa dela.

- Está bem, querida - respondeu o pai, e olharam um para o outro com uma expressão de compreensão que não necessitava de palavras. - Como queiras.

Contudo, na manhã seguinte, quando ele desceu para o pequeno-almoço, a primeira coisa que fez foi olhar para dentro da mala de mão dela. A trautear uma melodia entre dentes, fechou-a, e, com uma expressão satisfeita, foi até ao aparador para se servir de café.

Natalia passou toda essa tarde e a maior parte do serão no seu quarto. Tocou a acompanhar aquela música alegre de *jazz*, a voar nas asas de um conto de fadas. Tocou até lhe doerem as costas e ficar com câibras nos dedos - até toda aquela ansiedade se dissipar, arrastada para fora de si como uma poça de lama numa chuvada forte.

CAPÍTULO 26

Abril de 1950

A casa de Elena era a única no quarteirão que ainda mantinha a fachada de antes da guerra. Se o imóvel exibia algum sinal do tumulto de anos passados, era só discretamente, nas fissuras das lajes de pedra do caminho até à entrada, na vedação de ferro ligeiramente enferrujada, nos estores de madeira a precisarem de uma camada de tinta. No geral, ainda se assemelhava a uma moradia grega na costa do Mediterrâneo, mesmo numa rua sombria como esta, por entre a neve manchada de lama a derreter-se.

No alpendre que deixava passar a luz, Despina tirou as luvas. Sacudiu as gotas de água do casaco e descalçou as galochas, que formavam um contraste tão forte com o resto do seu elegante traje. Natalia seguiu-lhe o exemplo.

- Lembra-te do que combinámos - recordou Despina a Natalia. - Sei que são da família, mas não devemos meter-nos em nada que não seja conversa de circunstância, certo?

Natalia acenou entusiasticamente com a cabeça, meio distraída. De facto, não tinha a mínima intenção de se meter em quaisquer assuntos de adultos. Só queria ver a sua prima mais velha, Lidia, de quem sentia imensas saudades. Todo o inverno, tinham estado barricados dentro de casa como se ainda se encontrassem numa zona de guerra, e foi só porque ela pedinchou e implorou, e porque o sol decidira dar uns ares da sua graça, que a mãe acedera

a ir lá. Só por uma ou duas horas, não mais. Pelo menos, voltavam a sair de casa.

Na janela ao lado, viu-se um agitar de cortinas e depois a porta abriu-se prontamente. Um par forte de braços estendeu-se para a envolver, assim como um perfume forte almiscarado, que devia ter sido aplicado momentos antes.

- Meu Deus, há quanto tempo é que não nos víamos? - exclamou a irmã mais velha de Despina, parecendo decididamente demasiado arranjada, com um vestido vermelho-escuro e os lábios pintados a condizer.

Havia na sua voz algo um pouco desesperado, quase histérico, como se estivesse a fingir júbilo para lhes agradar. Até mesmo a maneira como as abraçou parecia um pouco demasiado vigorosa, um pouco demasiado entusiástica. Por outro lado, toda a gente se comportava estranhamente nos dias que corriam, e, pelo menos, Elena tinha razão para isso. O seu marido, que estava colocado no corpo diplomático em Istambul há um ano, recusou-se a regressar quando foi chamado e não se sabia se voltariam a vê-lo, muito menos se poderiam ir ter com ele. As coisas entre as duas famílias já estavam mal muito antes disso, com as diferenças entre elas a aumentarem com cada visita, com cada horrendo encontro. E, na última vez, Natalia nunca esqueceria as palavras cuspidas dos lábios do seu tio, ainda húmidas do vinho do pai dela, quando se levantou de rompante da mesa do jantar e fez sinal à mulher e à filha para que recolhessem as suas coisas para se irem embora. - Ainda te hei de ver pendurado de um poste! - resmungara, inclinado sobre a mesa com os olhos pregados ferozmente no pai dela, e arrancou o guardanapo do colo e atirou-o para a sopa meio comida, o que fez respingar pedaços de vegetais cortados finos na toalha perfeitamente engomada.

Mas isso fora há meses, e, desde esse momento, parecia ter-se instalado uma trégua, pelo menos entre as irmãs,

embora tudo aquilo ainda pairasse entre elas como uma nuvem escura.

- Talia, minha querida, estás mais alta e mais bonita de cada vez que te vejo! - estava a sua tia a exclamar agora com um afeto que nunca lhe vira antes. - Ora, estás quase tão alta como a tua mãe! Entrem!

Puxou as duas para dentro de casa e fechou a porta, desandando a chave na fechadura duas vezes com aqueles mesmos movimentos rápidos, quase sacudidos. Num contraste gritante, a sala de estar recebeu-as serenamente, com o lume aceso na lareira que instantaneamente pareceu acalmar os nervos de Natalia. Num grande tabuleiro de prata no centro, tinham sido postos uma cafeteira turca e um sifão de água mineral, como nos velhos tempos. Quando estavam a instalar-se entre as muitas almofadas no sofá de veludo, Lidia entrou de rompante na sala, toda ela cabelos louros ondulados e lábios de pêssego e a cheirar demasiado ao perfume da sua mãe.

- Olá, boneca - disse, avançando a deslizar para Natalia com um sorriso rasgado e beliscando-lhe com afeto as faces. Atirou-se para o sofá ao lado de Despina e estendeu a mão para uma das taças cheias com compota, olhando para Natalia com uma sobrancelha erguida e fazendo-lhe uma careta que quase a levou a desatar a rir.

Oh, como adorava aquela prima! Cinco anos mais velha, Lidia não só era encantadora e engraçada, mas também uma das raparigas mais bonitas que Natalia conhecia, com os seus enormes olhos azuis e o seu cabelo dourado, que usava preso com uma fita vermelha. Natalia sabia que não era a única a pensar assim. Vira a maneira como os rapazes andavam à volta de Lidia, como as outras raparigas a seguiam, a convidá-la para ir ao cinema ou para suas casas depois das aulas. Foi Lidia quem ensinou a Natalia a arte da transformação pessoal, que lhe mostrou como pentear o cabelo para fazer sobressair o seu brilho, como deslizar por uma sala com a graciosidade de uma estrela de cinema.

Antes da guerra, tinham passado muitas tardes juntas, mas agora que havia um fosso entre as suas famílias, não se viam muitas vezes.

- Lidia, estás com um ar *très chic* - disse Natalia num tom casual, surpreendendo um olhar de lado, divertido, da sua mãe.

- E tu, Talia, que tal vai o piano? - perguntou Lidia, deitando café numa chávena pequena e passando-a a Natalia com os mesmos modos marotos de brincadeira. - O que andas a tocar ultimamente?

Natalia soltou um suspiro exagerado. - A minha professora é um monstro, *chérie*. Exige demasiado. Eu esforço-me ao máximo, mas a «Serenata ao Luar»? - Revirou um pouco os olhos de uma maneira que esperava que fosse dramática. - Quer dizer, eu ainda nem catorze anos tenho - disse, esperando que a atenção da sua mãe se tivesse desviado para a conversa com a tia, porque se não, com certeza chamaria a atenção para o facto de Natalia ter feito treze anos no mês anterior e de ultimamente andar a martelar as teclas a tocar sabia Deus o quê... não Beethoven, com certeza.

- Oh, Talia, tu estás realmente a melhorar. O segredo é persistir e tentar aperfeiçoar-te um pouco de cada vez...

Umas pancadas fortes à porta da rua interromperam Lidia a meio da frase, e as duas trocaram um olhar.

- Estás à espera de mais alguém? - perguntou a mãe de Natalia à irmã, erguendo as sobrancelhas com surpresa.

- Não - respondeu Elena, com um encolher de ombros. Bebeu um gole da sua chávena e quando a pousou no pires ela tilintou um pouco. - Embora tenhamos tido... - fez uma pausa, engoliu em seco com força enquanto punha a mão na base do pescoço -...visitas. Desde que o Radu... bem, tu sabes.

A mãe de Natalia baixou os olhos e ficaram em silêncio por um momento. As pancadas na porta não paravam; eram mais fortes, mais decididas a cada momento que passava.

Até mesmo Lidia parecia ter ficado séria de súbito, e endireitou-se rigidamente no sofá, a morder o lábio.

Natalia olhou da tia para a mãe, perplexa. – Bem, não vai ninguém à porta?

– Sim, suponho que devia ir – disse Elena, endireitando-se e pondo-se de pé muito lentamente. Alisou o vestido com gestos precisos e medidos, e encaminhou-se para a porta, um pouco inclinada para a esquerda, como se não tivesse pressa nenhuma de chegar lá.



No outro extremo da casa, Natalia ouviu o ferrolho desandar, uma, duas vezes. Com o coração subitamente aos saltos, escutou a breve troca de palavras, as vozes que não reconhecia, vozes masculinas, seguidas por botas a martelarem o soalho de madeira, o tilintar de um qualquer objeto de metal. À luz da porta de vidros aberta, duas silhuetas altas e escuras aproximaram-se. Só quando pararam à porta é que Natalia sentiu que ficava sem pinga de sangue.

Já vira bastantes soldados do Exército Vermelho, sentados em grupos por trás de montras de cafés ou a marcharem em colunas pelas ruas, com a mão no coldre. Alguns até lhe sorriam na rua, cumprimentavam-na quando passava por eles, tocando com o indicador nos seus bonés caqui com as estrelas vermelhas, a fitá-la descaradamente. Mas ela nunca os vira assim tão perto. Ali de pé com as suas fardas salpicadas de lama, os seus olhares vítreos e a cheirarem a *brandy*, pareciam-lhe grotescos, quase inumanos. Acorreram-lhe à mente todas as histórias que ouvira contar, histórias de soldados soviéticos em pilhagens e assaltos a casas, a levarem tudo o que podiam. Alarmada, olhou para a mãe, à espera de um sinal, um sinal de algum tipo, mas o rosto dela era uma tela em branco. Só o seu braço se

moveu muito levemente, quase como num espasmo nervoso, esticando-se todo sobre o sofá, a pegar na sua mala de mão, e depois a aproximá-la de si, para cima da coxa.

- Fazem o favor, senhores oficiais - estava a dizer Elena, aparecendo por trás deles. Aquele tom artificial, forçado, regressara à sua voz, embora estivesse a esforçar-se muito por soar animada. - Posso oferecer-lhes um pouco de *tuica*? Também tenho uns pastéis acabados de fazer. Por aqui, se fazem o favor.

Indicou com um gesto aos homens que a seguissem até à cozinha, mas eles ignoraram-na. Em vez disso, entraram na sala e começaram a inspecionar vários objetos - um cinzeiro de cristal, um anjo *Fabergé* na prateleira por cima do fogão de sala, um tabuleiro de prata em cima do aparador - virando-os de um lado e do outro, a examinar o que estava gravado por baixo. O oficial mais velho e mais corpulento disse algo em russo, e ambos se riram. Depois, os dois pares de olhos pousaram-se em Lidia. O militar mais novo e de ombros largos sorriu-lhe, mas havia algo sombrio e feio nos seus olhos.

Lidia levantou-se do sofá e, evitando o olhar descarado, encaminhou-se para a porta. Já estava quase lá quando ele se atravessou no seu caminho e se pôs diante dela, de mãos na anca, a bloquear-lhe a passagem. Ela tentou contorná-lo, mas ele voltou a atravessar-se à frente dela. E de novo, mais duas vezes, a mesma sequência de movimentos. Lidia começou a ficar visivelmente corada. A sua respiração estava acelerada. E depois fez algo impensável, algo que levou Natalia a sustar a respiração, chocada. Erguendo os olhos, Lidia fitou o rosto do soldado e cuspiu nele.

Fez-se um silêncio sepulcral na sala quando ele levantou a mão para limpar a face. Quando agarrou o braço de Lidia, o seu movimento foi tão súbito que ela não teve tempo de reagir. Foi só quando a fez girar bruscamente e a puxou contra si que ela começou a debater-se com o braço que

tinha livre, enclavinhando a mão no cabelo e no rosto dele e dando-lhe murros com o seu pequeno punho no peito firme, como uma ave assustada presa numa armadilha.

Lidia! Natalia pensou que tinha berrado o nome da prima, mas não lhe saíram nenhuma palavra dos lábios. *Lidia!* E, instintivamente, fechou os olhos. Fechou-os com força e tapou os ouvidos para abafar tudo o que se seguiu – os gritos lancinantes da prima, o som da blusa dela a rasgar-se, os botões casca-de-ovo a atingirem o chão um de cada vez, a tia a guinchar, a implorar, o sangue a latejar nas suas próprias têmporas. E depois um só som, um só som aterrador que se ergueu acima dos outros, e tudo ficou em silêncio.

Ninguém se mexeu quando o cheiro a fumo envolveu a sala. Ninguém se atrevia a respirar. Parecia que o próprio ar estava imóvel. O soldado recuou uns passos, com os olhos desvairados de incompreensão antes de os dirigir para baixo e um grito agonizante lhe sair da garganta. Um fio vermelho gotejava por um buraco nas calças da sua farda, mesmo acima do joelho. Quando escorregou para o chão foi por fases, primeiro caindo de joelhos e tentando pôr-se de pé, depois tombando para o lado, com o ombro a bater na parede com um baque alto.

– Não lhe toquem. Saíam imediatamente desta casa. – A voz da mãe de Natalia ergueu-se no silêncio, rouca e grossa, irreconhecível.

A pulsação de Natalia acelerou-se e ela sentiu-se subitamente atordoada. Só tinha uma vaga consciência da mancha de sangue de um lilás pálido no papel de parede, onde a mão do soldado pousara um momento antes, dos soluços de Lidia, a agarrar o que restava da sua blusa, do tapete enrodilhado aos seus pés, dos homens juntos agora, numa fúria de movimentos frenéticos. Pelo canto do olho, observou a figura impassível ao lado dela que era a sua mãe, a maneira como ela segurava na arma sem tremer, a acenar ligeiramente com ela entre os dois homens. *Deem-*

me uma razão para acabar o trabalhinho, diziam os seus olhos de aço, e não havia vestígio de medo neles agora, ou mesmo de raiva; havia só uma resolução fria e dura.

E depois aconteceu algo extraordinário. A grunhir e a praguejar entre dentes, o soldado ferido levantou-se. Escorregou e quase caiu, mas o seu camarada apanhou-o a tempo e ajudou-o a manter-se de pé, passando-lhe um braço por baixo dos ombros para ele se apoiar. Sem olharem para trás, saíram da sala a cambalear, um animal de três pernas a afastar-se de vista, passaram pela mesa da entrada e pelas litografias emolduradas no átrio e saíram pela porta da rua, que se abriu para trás na brisa do fim do dia.

Durante todo esse tempo, a mãe de Natalia manteve a arma ao nível dos olhos. Só a baixou quando os homens desapareceram de vista, quando o único som que vinha da rua era o de carros a passarem e o chiar do trólei a parar ao fundo do quarteirão.

CAPÍTULO 27

Montras vazias e ruas mal iluminadas, o fedor do lixo a acumular-se às esquinas sob um manto de neve acinzentada, era tudo o que restava da velha Paris dos Balcãs, com os seus passeios em tempos impecáveis e as suas fachadas modernas de um branco ofuscante, os seus parques luxuriantes e as suas praças animadas. Natalia e o pai caminhavam na quase escuridão por entre paredes enegrecidas pela fuligem e vedações meio derrubadas. Antes, ela tinha passado pela loja para ajudar durante umas horas, como fazia sempre todas as sextas-feiras depois das aulas.

No caminho, passaram por algumas lojas que tinham fechado, com os toldos rasgados, as montras partidas e vandalizadas, embora não houvesse nada para roubar lá dentro. Ao passarem pela única padaria que ainda se mantinha aberta, lançaram um olhar às prateleiras vazias por trás do vidro sujo da montra. Estava encostado à caixa registadora um cartaz com o aviso *Não Há Pão Hoje*. Natalia via aquele aviso quase todas as manhãs a caminho da escola, horas depois de os clientes que tinham vindo pôr-se na fila bem cedo terem dispersado de mãos a abanar.

- Quero ir para a loja todos os dias, papá - disse ela. - Posso fazer os deveres nas traseiras e ajudar a seguir. Podíamos ir os dois para casa todas as noites. Como hoje.

Um ténue sorriso passou no rosto de Anton. - Não sei, minha doçura. Tenho a certeza de que a tua mãe não

aprovaria que eu quebrasse as regras dela. Sou a última pessoa de quem ela esperaria uma tal rebelião.

Natalia não disse nada.

- As coisas já não são como eram, Talia. São diferentes agora, desde... desde... - Não terminou a frase, mas Natalia sabia o que o pai queria dizer. - Temos de ter cuidado, mais cuidado do que nunca. Continua a ir para casa depois das aulas por agora. É pelo melhor.

À esquina, pararam. Mesmo antes de atravessarem, o pai meteu a mão a um dos bolsos e tirou algumas moedas, que atirou para a lata de uma cigana idosa e cega que estava acorçada debaixo de um toldo.

- Deus tenha misericórdia. Deus tenha misericórdia, meu filho - entoou a cigana, com o seu olhar nublado e desfocado a segui-los até ao cruzamento.

- Vamos lá - disse o pai, pegando na mão de Natalia e puxando-a para atravessarem nos semáforos.

Andava sempre depressa nos últimos tempos, pensou Natalia, sempre a atravessar a correr quando a luz verde estava a mudar, e mesmo com a vermelha por vezes, como se tivesse uma pressa louca para chegar a algum lado. Mantinha sempre as mãos nos bolsos e os olhos pregados no chão. Olhava constantemente de um lado para o outro desde há três semanas, depois de ela e a mãe terem ido visitar Elena e Lidia.

Ela nunca esqueceria o aspeto do pai nessa noite, desvairado com a preocupação, a andar de um lado para o outro como um felino enjaulado, quando entraram em casa quase à meia-noite. A maneira como ele se pusera em frente a elas, descalço e com o roupão de seda, de mãos estendidas, a exigir uma explicação. Natalia quisera cair-lhe nos braços e contar-lhe como tudo aquilo fora terrível, como fora assustador, mas o pai tinha seguido a mãe para a sala de estar, onde ela tombou no sofá e começou a soluçar com o rosto tapado pelas mãos. O que é que ele lhe tinha dito então?

- Conta-me, Despina. Conta-me, e não deixes nada de fora.

A mãe olhou para ele por um momento e depois, com mãos trémulas, pegou na mala e tirou a pistola. - Livra-te dela. Esconde-a - disse, estendendo-lha.

Pareceu uma eternidade até ele estender a mão e pegar na arma. Quando a pousou em cima da mesa de apoio aos sofás, ela produziu um tilintar, um som suave e inocente, como um sino.

Desde então, ele e a mãe mal tinham falado sobre o assunto. Quando vinha à baila, o pai tentava desvalorizar o que se passara, dizendo coisas como «Por sorte, Despina, levaram-te a sério e decidiram ir embora,» mas a mãe nunca se ria, como aconteceria noutra situação. Limitava-se a inspirar profundamente. Os dias transformaram-se em semanas, e raramente falavam do assunto agora. Ultimamente, Natalia começara a sossegar, a pensar menos naquilo, mas não conseguia livrar-se da sensação de que, apesar da devastação da guerra, do medo de perseguições, das filas intermináveis para comprar alimentos e dos cortes de energia, apesar de tudo o que ela e a sua família tinham suportado até àquele momento, esta era a coisa que faria desmoronar as suas vidas. Mesmo assim, não contava que acontecesse tão depressa, que a lâmina tombasse sobre eles com tanta rapidez.



Não houve nada fora do comum ao princípio. Enquanto ela e o pai se encaminhavam para casa por entre o estrépito dos elétricos e os cartazes de operários fabris de braço dado a baloiçarem-se alegremente, não viu nada fora do comum, a não ser talvez uma sombra a pairar, uma mancha indistinta entrevista pelo canto do olho. Ao longo de vários quarteirões, não prestou atenção, até a forma

avançar e ficar à vista, e ela reparou que era um carro preto, um automóvel sem identificação, com vidros fumados e sem chapa de matrícula. O carro saiu da faixa de rodagem de repente, parou abruptamente e um homem – encorpado e com um ar bastante sinistro, apesar de trazer um sobretudo caro – saiu da porta traseira. Poderia ser qualquer homem, um estranho com quem estavam meramente a cruzar-se, mas a maneira como ele se pôs diante deles – com os braços cruzados no peito, os pés afastados – deixou bem claro que não era esse o caso.

Acima da gola levantada do sobretudo, os olhos eram duros e estavam fixos, e Natalia não viu nada neles, nem sequer um vestígio de interesse, quando ele disse: – O senhor é Anton Goza?

– Sim, sim, sou – respondeu o pai, empalidecendo, embora mantivesse a cabeça bem erguida. – Como posso ajudá-lo?

– Está preso. Vai ter de vir connosco. – Pondo a mão enluvada na parte de cima da porta traseira do carro, abriu-a para trás, quase com cortesia, como se estivesse a convidá-lo a entrar.

Natalia olhou com alarme do homem para o pai. Não era um carro da polícia. E este homem não estava vestido com a farda da polícia. Como podia prender o pai? Quase sorriu, pensando que devia ser algum engano. Uma partida, talvez. Chegou a sair-lhe dos lábios um som parecido com uma gargalhada de surpresa.

– Papá?

E depois compreendeu. A percepção do que estava a acontecer atingiu-a com tal força que quase lhe falharam os joelhos. Aquele não era um polícia normal; devia ser da polícia secreta. Mas o que queriam do seu pai? A Securitate só tratava de crimes contra o Estado. O pai dela não era um agitador, um ativista. Pelo contrário, andava sempre sozinho e não falava praticamente com ninguém nos últimos tempos. Porque o quereriam prender? Depois, lembrou-se das histórias que tinha ouvido às esquinas, dos

boatos de detenções inesperadas e raptos, de pessoas que desapareciam durante a noite para nunca mais serem vistas e sem nenhum motivo.

– Não! – gritou, com a voz rouca e sufocada. – Papá, foge!

Puxou-lhe freneticamente a manga, mas ele limitou-se a ficar ali parado, sem se mexer, sem correr. Como se não estivesse minimamente surpreendido. – Vai para casa, Talia – disse com firmeza, agarrando-lhe o ombro. – Vai direta para casa e não pares por nenhuma razão.

Com essas palavras, tirou o chapéu e entrou para o assento traseiro do carro.

– Porquê? – gritou ela. – Porquê? Ele não fez nada!

Mas o homem do casaco escuro já estava a sentar-se ao lado do pai, e a porta fechou-se com força e, quando o carro arrancou a toda a velocidade, ela só conseguiu vislumbrar a cabeça do pai a tombar para trás, como se ele estivesse a respirar longamente.

Respirar. Ela obrigou-se a respirar também, vagamente consciente de que, do outro lado da rua, várias pessoas tinham parado para olhar, e, acima delas, rostos curiosos espreitavam por trás de cortinas às janelas. Custava-lhe muito pensar; todos os seus sentidos estavam retesados, como as cordas de um violino. O que aconteceria ao pai? Porque o tinham apanhado assim? E para onde iriam levá-lo?

Havia outras coisas sobre a Securitate de que ela se lembrava e em que não conseguia deixar de pensar, por muito que tentasse. Era exatamente assim que eles funcionavam. Abatiam-se sobre as suas vítimas no escuro, numa esquina anónima a meio da noite para não haver cenas. Não haveria vociferações desvairadas, súplicas, emoções desnecessárias. Não importava do que o seu pai estava a ser acusado. Fosse qual fosse a razão, haveria um julgamento fantoche a resultar numa sentença sem direito a defesa ou à transferência imediata para um campo de trabalhos forçados. O Gulag, era como Natalia ouvira

referirem-se a esse lugar, para onde as pessoas que tinham cometido crimes contra o Estado eram enviadas e de onde ninguém voltava nunca.

Um grito violento, um espasmo saiu-lhe da garganta. *O que vou dizer à minha mãe?*, pensou, absurdamente. *Como posso dizer-lhe que ele não volta para casa? Que pode nunca mais voltar para casa?* Enterrou o rosto nas mãos, fechou os olhos e tombou de joelhos. De súbito, sentiu o peso de uma mão no ombro e olhou para cima. Demorou um momento a reconhecer o velho senhor Enesco, o vizinho do lado.

- Natalia, o que é que aconteceu? - perguntou ele, inclinando-se ao lado dela.

Natalia só conseguiu cair-lhe nos braços a soluçar. Chorou durante o que pareceram horas nos braços deste bondoso velho senhor, que lhe fazia festas no cabelo, a reconfortá-la, com as suas mãos enrugadas e cheias de calos.

- Deixa-me acompanhar-te a casa - disse ele daí a algum tempo. - A tua mãe deve estar preocupada, e tu não devias andar sozinha numa altura como esta.

Natalia acenou com a cabeça e limpou os olhos. Pôs-se de pé e pegou na sua sacola, a rezar para que tudo não tivesse passado de um sonho.

- O teu pai era um bom homem - disse o senhor Enesco, abanando a cabeça, quando começaram a encaminhar-se para casa. - Não sei o que fez, mas isso é um facto.

O meu pai ainda é um bom homem!, foi o que Natalia sentiu vontade de dizer aos gritos, em protesto. *Ele é um bom homem, e vai voltar para nós!* Mas não tinha forças para falar. Em vez disso, deu a mão ao velho senhor e continuaram o resto do caminho em silêncio.

CAPÍTULO 28

Victor Dimitrov subira de facto na hierarquia. Ela mal o reconheceu quando o viu à porta da casa deles, bem parecido, mais alto do que recordava, com o boné nas mãos e um ar de autoridade calma por trás do sorriso delicado. Estava atraente, com o seu casaco de couro escuro, que tirou prontamente antes de entrar, porque estava encharcado da chuva.

- Olá, menina Despina, Talia - disse ele, alisando com a mão o seu cabelo escuro, que, apesar da chuvada, se mantivera perfeitamente penteado. Uns olhos verdes de que ela se lembrava bem fitaram os seus por um momento. Ele sorriu, e um dos cantos da boca ergueu-se ligeiramente, como acontecia involuntariamente quando alguma coisa o divertia ou surpreendia. Natalia baixou os olhos. Algo se deslocou dentro dela, um pequeno salto, mal perceptível, abafado pelo embaraço súbito que estava a sentir. Piscou os olhos, um pouco ofegante, a sentir as faces quentes.

- Por favor, entre, Victor - disse a mãe, pegando no casaco dele. - Obrigada por ter vindo. Sei como anda ocupado.

Ouvir a mãe dizer aquilo trouxe Natalia de volta à realidade. Victor não viera fazer uma visita social; viera porque a mãe dela lhe pedira ajuda. De facto, foi a primeira coisa que ela fez no fim de tarde em que Natalia voltou para casa sozinha sem o pai, sem dizer as palavras que, afinal, não foram necessárias. Empalidecendo visivelmente,

apoiando-se ao corrimão, a mãe tinha ido diretamente para o escritório, acendeu o candeeiro da secretária e pôs-se a remexer nos papéis do pai, a abrir e a fechar gavetas, derrubando uma pilha de dossiês. Por fim, encontrou o que procurava numa velha caixa de charutos. Com o pedaço de papel contra a luz, discou lentamente, com firmeza, o número que estava escrito nele. – Sim, compreendo que é um número privado. Ele sabe quem eu sou – ouviu-a dizer. A conversa em si foi breve, mas, quando a mãe desligou, um vestígio de luz regressara aos seus olhos. E agora Victor estava aqui. Viera como prometido.

Há quanto tempo não o viam? Natalia não conseguia lembrar-se. Ele era tão magro nessa época passada que os contornos aguçados dos seus ombros eram visíveis através das camisolas de lã e de angorá que tinham sido do pai de Natalia. Também tossia muito, e as mãos, de unhas perfeitamente arranjadas agora, eram dantes ásperas como uma lixa e esfoladas nos nós dos dedos.

– Há alguma coisa que possa fazer por ele, papá? – perguntara ela uma vez. – Não podia dar-lhe um emprego na loja?

O pai sorria afetuosamente e dera-lhe uma palmadinha na mão. – Ele não quer trabalhar para gente da minha laia, minha doçura. Mas estou a ajudá-lo como posso. Não te preocupes.



Victor não tinha família, dissera-lhes uma vez num daqueles jantares prolongados de domingo que agora davam a impressão de pertencer a uma outra vida. Era órfão, como Anton, mas, ao contrário dele, nunca conhecera os pais. Fora criado pela sua tia, a irmã do pai, que era costureira antes da guerra. Viviam num apartamento de um quarto nas traseiras de um pátio

perpetuamente cheio de lençóis e roupa interior a sacudirem-se ao vento a secar nas cordas, e Victor ganhava o seu sustento fazendo entregas pela cidade. Pelas janelas de grandiosas moradias, vislumbrava um estilo de vida que nunca teria por mais que estudasse, por mais que trabalhasse, por mais que se aplicasse. Acabou por detestar a maneira como era frequentemente recebido à porta das casas, como o mandavam esperar na rua, não tocar em nada. Odiava a maneira como os mordomos ou as criadas lhe tiravam os vestidos das mãos como se elas estivessem sujas, embora ele tivesse ajudado a fazer esses vestidos – cortando moldes, estendendo os cortes de veludo e de seda e preparando as agulhas da sua tia. À noite, massajava-lhe os ombros doridos, as costas corcovadas, enquanto ela trabalhava até tarde para poderem comprar comida no dia seguinte. Ao fim de alguns anos, o estoicismo dela começou a enervá-lo e não tardou a detestá-la um pouco, a detestar a sua resignação calada, a humildade excessiva com a qual aceitava umas moedas por um mês inteiro de trabalho, a sua crença inabalável num Deus bom e poderoso. O Deus que ela louvava tombando sobre os seus joelhos cansados todas as manhãs na igreja ao fundo da rua e à noite em frente ao seu altar caseiro à Virgem Maria.

– O que é que Deus lhe deu para a fazer acreditar tanto nele? – perguntara uma vez quando tinha catorze anos.

Ela virou-se e deu-lhe uma bofetada. – Não desafies Deus Todo Poderoso – berrou, acenando-lhe com um dedo. – Devias estar grato pelo pão de cada dia, por tudo o que ele nos torna possível.

Que pão de cada dia?, quis perguntar, mas sabia que não valeria a pena. Foi nessa altura que decidiu que estava farto da devoção e da humildade de santa da sua tia. Pouco antes, conhecera um jovem, um colega da escola, que o levara a uma festa uma noite, onde bebeu o seu primeiro *whisky*. Havia outros jovens estudantes lá e estavam a conversar sobre coisas de que ele nunca ouvira falar, coisas

que lhe animaram o espírito com excitação e indignação. Falavam sobre liberdade e igualdade, sobre a revolução industrial do outro lado da fronteira, na Rússia soviética, e sobre como estava a ultrapassar cinco vezes os avanços de qualquer outro país. Ficaram a beber até tarde da noite e quando nasceu o dia Victor sentia-se livre. O súbito otimismo despertado no seu jovem coração gravou-se-lhe no corpo como uma insígnia permanente e ele deixou de querer saber se a sua tia se preocupava com ele, se tinha de cortar e coser os vestidos sozinha. Pela primeira vez na sua jovem vida, tinha esperança, e conseguia subsistir só com esperança durante dias, semanas, sem comida, sem abrigo.

No mês seguinte, mudou-se para umas águas-furtadas por cima de uma loja na praça Romana e começou a assistir a reuniões semanais, onde os seus novos amigos o tratavam com respeito, lhe perguntavam a opinião e escutavam o que ele tinha a dizer. Nos olhos deles, Victor via o futuro – possibilidades incalculáveis para pessoas como ele que só tinham conhecido uma vida em que eram insignificantes, pobres, destroçados, explorados. Participava habitualmente em manifestações e chegou até a ser preso várias vezes por perturbação da paz, mas continuava a sair para a rua, sempre o primeiro em chusmas de operários e camponeses. Com frequência, ficava detido durante alguns dias, mas nunca chegava a ser acusado formalmente e acabava por ser libertado. Daí a pouco tempo, acontecimentos mais importantes dominaram a cidade, e a polícia já não se dava ao trabalho de fazer dispersar os comícios. Ninguém reparava já neles, com setores inteiros da cidade a desaparecerem em chamas.



Natalia recordava uma época, pouco depois disso, em que Victor disse que Anton era o que mais se parecia com um pai que ele alguma vez tivera. Victor olhou-o nos olhos quando disse aquilo à mesa do jantar, com o garfo suspenso no ar e os olhos a chisparem com gratidão e convicção. O pai soltou uma das suas gargalhadas francas e deu-lhe uma palmada nas costas, mas havia muito mais na sua expressão do que mera lisonja. Era como se um feixe de luz se tivesse acendido entre eles, fugaz mas indiscutível, a ligar dois espíritos semelhantes com um laço que era só deles.

Onde estava aquele jovem que em tempos ocupara um lugar tão especial no coração do pai de Natalia? Pouco restava dele que ela conseguisse ver agora. Não havia nada que se assemelhasse a ele na pessoa que estava agora sentada em frente à mãe dela, a escutar atentamente enquanto ela contava os acontecimentos que tinham levado à detenção do seu marido.

Se Victor se sentia de algum modo surpreendido ou alarmado, não havia nada no seu rosto que o traísse. Nem um músculo se mexia, nem uma sobrancelha se erguia, nem um tremor se mostrou nos seus lábios. Mantinha-se tão imóvel como uma estátua de mármore. *Como é que ele consegue?*, perguntava-se Natalia enquanto o observava, enfeitiçada, por trás da porta envidraçada. Como é capaz de não sentir nada? Escondeu-se por trás de uma das cortinas semitransparentes, com receio de que ele a visse, mas não conseguia afastar-se. Tinha os pés presos ali como por um íman invisível.

A certa altura, ele pôs-se de pé e acendeu um cigarro, e depois, passando a mão pelo cabelo, foi até à janela e pôs-se a olhar para alguma coisa lá fora. Daí a uns momentos, voltou para junto da mesa de apoio aos sofás e apagou o cigarro no cinzeiro de bronze. Tirou um pequeno bloco de apontamentos e um lápis do bolso do peito do casaco e escreveu qualquer coisa. Seguiu-se uma troca de palavras,

algo que Natalia não conseguiu ouvir, enquanto ele arrancava a folha do bloco e a entregava à mãe dela.

No breve momento que se passou entre a mãe deixar cair o rosto nas mãos e Victor lhe tocar no braço como se a reconfortá-la, Natalia viu-a fazer uma coisa que nunca fizera antes. Ela pegou na mão de Victor, levou-a aos lábios e beijou-a.

CAPÍTULO 29

O sol ainda não tinha nascido quando Despina saiu de casa na manhã seguinte. Natalia ouviu-a pegar nas suas coisas no átrio, ouviu o tilintar das chaves, a porta da rua a fechar-se com estrondo e depois os passos no passeio a desvanecerem-se, curtos e precisos. Saltou da cama e espreitou pelas cortinas entreabertas, a observar a silhueta da mãe a deslizar a toda a pressa na direção do fim do quarteirão.

Se Natalia tivesse passado por ela numa multidão, talvez não a reconhecesse, com aquele casaco demasiado grande – do pai, sem dúvida – e um lenço de cabeça florido desbotado atado debaixo do queixo. Pelo menos, deixara de usar os seus sapatos de salto alto e os casacos de peles. No mês anterior, no elétrico, alguém cortara um buraco do tamanho de uma bola de futebol nas costas do seu casaco de vison. Ela não sentira nada, ali de pé a segurar-se à alça que pendia do teto. Só o frio nas costas quando saiu do elétrico a alertou para o facto de lhe faltar uma grande parte do casaco. Quanto estava a palpar com os dedos o corte feito à toa, uma mulher com uma farda parda de operária fabril e galochas para a chuva parou para admirar o espetáculo. – É bem feito! – disse, a rir-se, com uma mão na anca. – Os tempos de casacos finos já acabaram!

Depois disso, as peles de Despina foram embrulhadas e guardadas na parte de trás do guarda-fatos, onde pelo menos se manteriam intactas e não seriam vendidas pedaço a pedaço no mercado negro. Contudo, nas semanas que se

seguiram à detenção do pai de Natalia, a mãe deixou completamente de se importar com as roupas que usava. Parecia que o mero ato de se vestir de manhã se tornara uma tarefa impossível.

Ultimamente, Natalia sentia-se mais como mãe do que como filha, a recordar todos os dias à mãe que ela precisava de comer porque estava a ficar demasiado magra, a massajar-lhe os ombros, a trazer-lhe chá de manhã na cama, onde ela se refugiava num lugar onde ninguém podia chegar até ela. Era Natalia quem se punha na fila na mercearia, quem via o correio, quem respondia aos intermináveis telefonemas das suas tias e lhes explicava que a mãe estava cansada, que esta noite não podia vir ao telefone, não conseguia mover-se ou respirar, estava simplesmente ausente. Natalia tinha consciência de que, até o pai ser libertado, os dias delas desenrolar-se-iam precisamente assim, a sucederem-se sombrios, suspensos algures entre o desespero e a esperança e marcados só por uma longa lista de afazeres.

No entanto, à noite, quando a casa ficava em silêncio e Natalia voltava para o seu quarto, o tempo era inteiramente seu e ela podia permitir que a sua mente divagasse. E parecia que a sua mente estava constantemente a escapar ao seu controlo desde a visita de Victor. Era uma mera distração ao princípio, algo para além do piano a atenuar as saudades que sentia do pai, o medo. Contudo, ultimamente andava sempre a acontecer. Deitada na cama, à espera do nascer do dia, pensava nele agora – no seu cabelo escuro e brilhante, na estatura imponente, na intensidade do seu olhar, que sempre lá estivera e, no entanto, se transformara de algo cru e desesperado numa calma de aço. Pensava na maneira como ele lhe sorria à porta como se nunca a tivesse visto, e formava-se dentro de si algo como um novelo de lã bem apertado.

Era errado, ela sabia que sim. Aquele era o mesmo Victor que ela conhecia desde pequena – um pouco mais velho,

um pouco mais bem vestido, mas ainda assim o mesmo. Tudo na vida recente de Natalia a acabrunhava com um tal peso que não conseguia resistir a esta minúscula semente de empolgação, que desabrochava no seu coração como uma rosa escarlate num campo inóspito. Além disso, toda a gente tinha direito a um segredo. Este era o dela, dizia para consigo, um pequeno segredo que não fazia mal nenhum, e fechava os olhos e acariciava os próprios lábios pelo que julgava ser só um momento.



O relógio de pé lá em baixo despertou-a com um sobressalto. Estivera perdida num sonho, embora tivesse dormido profundamente e não conseguisse recordá-lo. O seu quarto estava inundado por uma luz tão brilhante que lhe feria os olhos, e ela sentou-se direita na cama, a contar as badaladas. Dormira a manhã toda, ao que parecia, e a sua mãe já estava ausente há quase seis horas. Há seis horas, e Natalia não fazia ideia de onde ela estava. Pôs-se de pé, a tentar orientar-se, vestiu o roupão e correu para o andar de baixo, com a esperança de que ela tivesse deixado uma mensagem. A meio das escadas, o som do telefone no átrio fê-la descer a correr o resto dos degraus e precipitar-se para ele.

– Estou? – disse, ligeiramente ofegante, à espera de ouvir a voz da mãe.

Ouviu-se um estalido, como se a pessoa do outro lado da linha tivesse pousado o auscultador e estivesse a pegar nele outra vez. – Talia? Boa tarde. Fala o Stefan.

– Oh, olá, Tio – disse ela, com o alívio temporário de há um momento a evaporar-se imediatamente. – A minha mãe não está em casa. Quer deixar recado?

– Na verdade, não, Talia... Era contigo que eu tinha a esperança de falar. Preciso da tua ajuda, sabes? Receio

bem que não seja algo que possa esperar.

- Está bem - murmurou ela, um pouco indecisa. - O que posso fazer?

- Talia, sabes abrir o cofre do teu pai?

Aquela pergunta espantou-a. Era a última coisa que esperava. Demorou um momento a pensar em como responder, o que dizer. Sim, sabia abrir o cofre. Vira o seu pai fazê-lo bastantes vezes na loja, a guardar o apuro ao fim do dia. Até chegara a abri-lo ela uma ou duas vezes. A combinação era fácil de recordar. Era a data do nascimento dela.

- Porquê, Tio? - hesitou. - Hum... a minha mãe deve voltar não tarda nada.

- Talia, isto é urgente. Por favor, perdoa-me por ter de ser tão direto, mas... bem, não sei de que outra maneira dizer isto, mas o tempo está a esgotar-se. Para ambos.

Natalia sentiu que se abria um buraco no seu estômago. - O que quer dizer?

- Não posso explicar neste momento, minha querida. Só posso dizer que vais ter de confiar em mim. Tens de tirar do cofre a coleção de selos do teu pai. Imediatamente.

Fez-se um silêncio enquanto ela tentava recompor-se. - Tio Stefan, eu penso que a minha mãe...

- A tua mãe não volta para casa hoje a não ser que tomemos rapidamente medidas - interrompeu o tio, e o tom da sua voz inundou-a com a compreensão de que o que ele estava a dizer era verdade. Mas falava agora demasiado depressa e ela não conseguia acompanhar todos os pormenores, não era capaz de apreender a coisa na sua totalidade.

- Olha, foi emitido um mandado de detenção da tua mãe esta tarde. - Ele pronunciava agora as palavras de um modo mais destacado, falando um pouco mais devagar. - Ela está *lá*, Talia; está a visitar o teu pai neste momento, por isso o mais certo é que a prendam também. Soube-o pelo Victor, que me telefonou há uns minutos.

- O Victor? - repetiu ela, e agarrou com mais força o fio do telefone. - O que é que ele tem a ver com tudo isto?

- O Victor está a fazer tudo o que pode para as acusações serem retiradas. Infelizmente, isso tem um preço, uma quantia substancial. Eu não tenho esse montante disponível.

Houve mais uma pausa. O silêncio era insuportável.

- Tem de ser feito agora. Compreendes o que te estou a dizer?

Sim, ela compreendia. Compreendia tão bem que teve de se encostar à parede. A imagem da sua mãe a puxar o gatilho veio-lhe à mente, e soube nesse momento que era a razão por que tinham detido o seu pai. Era uma desculpa para o punir, para o fazer acobardar-se de medo. E agora fariam o mesmo com a mãe. Só que, no caso dela, não parariam por aí.

Os seus sentidos e a sua capacidade de respirar ficaram paralisados. Não podia perder os pais, tanto o pai como a mãe. Eram tudo o que ela tinha no mundo. O que quer que fosse necessário para impedir que isso acontecesse, fossem quais fossem as consequências, lidaria com elas mais tarde. Agora não havia tempo a perder. O futuro estava nas mãos dela.

- O que precisa que eu faça, tio? Diga-me só, e eu faço-o - balbuciou ao telefone.

- Consegues tirar os selos do cofre? Consegues, Talia? Posso estar aí em menos de uma hora.

- Sim - respondeu ela simplesmente. Depois, como se para reforçar o próprio facto a si mesma: - Pode contar comigo.

CAPÍTULO 30

Um só estilhaço de luz infiltrava-se pela janela estreita em arco, logo abaixo do teto inclinado. Passara tanto tempo desde a última vez que ela estivera ali em cima que já quase se esquecera do aspeto do sótão – o espaço vasto e poeirento cheio de peças de mobiliário velhas, a cama dela de quando era pequena ao canto, com o colchão descolorido e cheio de buracos das traças, o fogão retirado da casa do lago, por baixo de uma pilha de roupas velhas. Coisas que tinham sido em tempos os objetos triviais das suas vidas corriqueiras. Coisas rejeitadas, inúteis agora, coisas que não tinham nada a ver com o presente.

Tentou ignorar tudo isso e concentrar-se na tarefa entre mãos. Três para a frente, vinte e três para trás, trinta e sete para a frente, os dígitos da data do seu nascimento discados com o manípulo redondo sob os seus dedos trémulos. Ao marcar o último número, mais lentamente, perguntou-se se o pai teria mudado a combinação do cofre, e teve de firmar o pulso com a outra mão para completar a volta. Quando o fecho interno se soltou com um estalido sonante, ela quase se deixou cair para o chão com o alívio.

Por um momento, pousou a testa na superfície fresca da porta de metal, à espera de que a sua pulsação abrandasse. A seguir, empurrou a maçaneta para baixo.

Com uma facilidade surpreendente, a porta abriu-se e ela sentiu um cheiro sintético, algo como borracha queimada. Meteu a mão na cavidade, empurrou para o lado os blocos retangulares envolvidos em panos que pareciam enchê-la

completamente e procurou o estojo de couro. Não demorou muito tempo a encontrá-lo, encravado entre a parte traseira do cofre e um dos blocos. Delicadamente, tirou o estojo, e nesse momento algo mais se prendeu na aresta dele e caiu para fora com ele, aterrando no seu colo. Era uma capa de cartão, atada no meio com um fio vermelho. Pegou nela e ia voltar a metê-la no cofre quando algo fora do comum lhe chamou a atenção. A etiqueta no canto, escrita à mão em tinta preta. *Natalia*, dizia simplesmente.

Por um momento ficou com a capa na mão, sem saber ao certo o que fazer. Mexeu nela, virou-a de um lado, depois do outro, olhou fixamente para o seu nome. *Volta a pô-la no cofre. Volta a pô-la, imediatamente*, soava-lhe a sua própria voz na cabeça, mas as mãos não lhe obedeciam; pareciam ter vontade própria. Já estavam a desfazer o nó do fio, um, dois, até ele cair e a capa se abrir perante ela.

A primeira coisa que tirou foi uma fotografia a preto e branco dela e dos pais; devia ter sido tirada poucos dias depois da adoção. Virou-a para a luz e fitou uma imagem de si mesma, muito mais nova – o enorme laço branco no cimo da cabeça, as meias de renda que eram um pouco demasiado compridas e se enrodilhavam debaixo dos seus joelhos – e os seus pais, deslumbrantes nas suas indumentárias formais, um de cada lado dela. Pousou a fotografia e vasculhou a capa, esperando encontrar mais fotografias, mas não havia mais nenhuma, só uma série de envelopes de tamanhos variados.

O maior continha uma espécie de documento legal. No canto via-se a insígnia do Estado e no fundo da página a assinatura dos seus pais juntamente com a de Stefan, por cima da linha em que podia ler-se *Advogado e Testemunha*. O documento da sua adoção, apercebeu-se, pousando-o também.

O segundo envelope que tirou da capa era muito mais pequeno, do tipo usado na correspondência normal. Alguém escrevera uma data: *20 de fevereiro de 1944*. Não

trazia remetente, só um selo estranho e descolorido que ela teve dificuldade em identificar – *Genebra, Suíça*. Quem é que os pais conheciam na Suíça? Com curiosidade, tirou uma só folha de dentro. Era fina, quase transparente, e estava um pouco amarelada nos cantos. Desdobrou-a, ergueu-a à luz e começou a ler:

Cara senhora Tudor,

Estou a escrever-lhe relativamente a uma menina que foi levada para o seu orfanato em janeiro de 1941. Na altura, ainda não tinha quatro anos. Foi com um alívio avassalador, bem como com um aperto de coração indesmentível, que recentemente fiquei a par do paradeiro dela. Soube que foi adotada por uma família pouco depois de ter sido levada para a sua instituição, e que é muito amada e bem tratada.

A minha intenção não é perturbar a vida à qual indubitavelmente ela se acostumou nem causar angústia à família que a recebeu como sua. O meu único desejo é que ela fique a saber, se alguma vez lho perguntar, senhora Tudor, que deixá-la naquela noite foi a minha única opção e a única maneira de a salvar. Foi com um peso no coração que tive de a largar para que ela pudesse sobreviver, para que pudesse ter uma oportunidade de vida, embora significasse o fim da minha. Não me atrevo a ter a esperança de que ela e eu nos encontremos um dia. Não quero acalentar tal esperança falsa no meu coração. O meu único desejo é que ela saiba que a amei do fundo do coração e que passei os meus últimos momentos na terra a rezar a Deus pela felicidade dela.

A carta caiu-lhe das mãos. Encostou a palma da mão ao pescoço, onde um nó apertado na garganta estava a impedi-la de respirar. O papel tinha caído onde ela estava ajoelhada, mas não conseguia pegar nele; só olhava

fixamente para a data. Sem despregar os olhos. Tudo o resto parecia ter ficado às escuras.

Tinham-se passado seis anos desde que aquela carta fora escrita. Seis anos desde que fora metida naquele cofre, selada em obscuridade. Os seus pais planeariam mostrá-la alguma vez? Estariam à espera do momento certo? Ter-se-iam simplesmente esquecido? Era certo que muitas coisas tinham acontecido desde então, acontecimentos que eclipsavam este de longe, o faziam recuar. Grassara uma guerra, com perdas e doenças, e a vida deles não se assemelhava nada ao que fora em tempos. Insinuou-se na sua mente uma outra hipótese. Talvez lha tivessem deliberadamente sonegado. Talvez fosse por isso que ela estava a encontrá-la agora, como um ladrão num roubo durante a noite.

Inspirou fundo e forçou-se a respirar. Sentiu-se dominada pela culpa, culpa por mexer no que não era seu, mas também por uma consciência aguda, irrefutável, de que aquilo era a verdade. A sua mãe em particular teria feito tudo e mais alguma coisa para preservar o que era dela, a família que tanto quisera. Por isso fora sempre tão protetora em relação a ela, por isso a mantivera sempre tão perto todos aqueles anos. Por isso se sentira tão afetada – aterrada até – quando aquele homem a interpelara na rua depois das aulas. Natalia estremeceu agora ao recordar esse momento. Ocorrera mais ou menos na mesma altura em que esta carta fora escrita. Ele teria realmente a intenção de a raptar? Seria por isso que os portões da embaixada da Suíça estavam abertos tão tarde?

Todas as peças da sua vida estavam a voltar a encaixar-se a uma nova luz, como um filme que ela tivesse visto, mas cujo significado não tivesse conseguido apreender na primeira vez. Até mesmo a frieza súbita entre a sua mãe e Maria de repente fazia sentido. Maria trabalhava no orfanato; estava lá quando Natalia foi levada. Maria sabia de mais, e por isso a sua mãe sentia-se desconfortável na

sua presença, sentindo-se julgada a todos os minutos de cada dia. E algo mais, algo que Natalia há muito arredara do pensamento, uma conversa que tinha ouvido dias antes de ela e a mãe partirem para o campo. – Conta-lhe, Desi – ouvira Maria dizer naquela tarde, quando passou pelo quarto dos pais, para onde as duas primas se tinham ido abrigar do calor depois de irem às compras. – Ela tem o direito de saber. – Sem dúvida, estavam a falar desta carta. Tinha de ser esse o motivo por que, ao ouvirem os passos dela, a mãe apareceu à porta entreaberta e, quando a viu ali parada, todo o sangue se esvaiu do seu rosto.

Cuidadosamente, Natalia dobrou o papel e voltou a metê-lo no envelope.

Tudo o que estava contido naquelas linhas era absolutamente verdade. Ela era *de facto* amada, até venerada, pelos melhores pais que qualquer criança poderia esperar ter. O que seria dela se não fossem eles? Uma órfã, abandonada, alguém que poderia ter acabado a vender flores na praça ao lado dos ciganos. Estes pais tinham-na salvado de uma vida de ruína e era a eles que pertencia. Esta outra mulher, a *estranha* que escrevera esta carta com tanta emoção, deixara-a na soleira de uma porta a morrer ao frio no pino do inverno. Natalia não tinha de procurar longe para encontrar a verdade.

E por isso era realmente bastante simples: não pensaria mais nesta carta. Não havia espaço na sua vida para pontos de interrogação, para *e se?* Havia só o aqui e agora e os seus pais, que precisavam dela neste momento. O que quer que a aguardasse no fim deste capítulo, fosse o que fosse que viesse, seriam sempre só eles os três.

O alívio que sentiu foi extraordinário, inundou-a em vagas e trouxe-a de volta ao sótão com a sua poeira no ar, ao álbum de selos com a capa de pele lustrosa que brilhava – um lembrete. Passou os dedos pela superfície lisa, a querer abri-lo uma última vez e folheá-lo, admirar cada um dos selos maravilhosos como costumava fazer debaixo da

secretária do pai na loja, mas a campainha lá em baixo estava a tocar insistentemente e ela pensou que talvez não a tivesse ouvido antes. Desceu os degraus a correr, mal se dando ao trabalho de fechar o sótão à chave, com uma prece, uma só prece, a ressoar-lhe na mente. Quando abriu a porta da rua, o seu tio estava ali.

- Graças a Deus, querida menina, graças a Deus - disse ele, e soltou um longo suspiro, como se tivesse estado a reter a respiração há muito tempo.

CAPÍTULO 31

Ia ser enviado em missão para o estrangeiro. Por quanto tempo não sabia ao certo, mas com certeza seriam semanas, talvez até meses. Primeiro Budapeste, depois Varsóvia. A seguir, talvez Moscovo. Victor falava num tom urgente, mas baixo, e Anton teve de se inclinar para ele para ouvir bem o que ele estava a dizer.

- Meses? - repetiu Anton, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo que trazia vestido no dia em que fora preso. Parecia estranho usar sobretudo em meados de maio, mas ele não conseguia parar de tremer e sentia-se grato pelo agasalho. Andava a tremer há semanas, parecia-lhe, dentro daquela cela fria - há quatro semanas, para ser exato, segundo Victor - e, provavelmente, o facto de ter perdido muito peso não ajudava.

- Sei que parece muito tempo - respondeu Victor em voz baixa, virando as costas ao edifício acinzentado sem janelas do qual os dois homens tinham saído há uns minutos. Embora houvesse formalidade na sua postura, à sombra das folhas das árvores por cima deles sorria com um afeto alegre.

O olhar de Anton desviou-se por um momento, toldado pelas lágrimas de repente. - É claro, eu compreendo, Victor. Adorávamos vê-lo. Quando quiser.

Despediram-se com um aperto de mão breve, destinado aos olhares que sem dúvida os vigiavam. Havia tanto que Anton queria dizer, *precisava* de dizer, mas sabia que aquele não era o momento certo. Em vez disso, ficou imóvel

a ver Victor atravessar a rua para apanhar um trólei. A seguir, inspirou fundo e encaminhou-se para casa.

Andava lentamente, sem pressas. Embora estivesse a arder de desejo de ver a sua mulher e a filha, sentia as pernas fracas e não conseguia andar mais depressa. Além disso, precisava de tempo para pensar, para processar mentalmente aquilo em que mal conseguia acreditar. Acabara de ser libertado de um lugar de onde ninguém saía nunca mais para ver a luz do dia. Ninguém.

Devia a sua vida a Victor. Tanto como isso era certo. No entanto, parecia implausível que Victor tivesse conseguido sozinho pôr fim aos interrogatórios diários, aos depoimentos previamente redigidos que tentavam forçá-lo a assinar e que tivesse obtido a libertação incondicional de Anton. A Polícia de Segurança ter-se-ia cansado da sua resistência? Isso era ainda mais improvável.

O que era certo era que ele não cederia. Por mais que o ameaçassem, não confessara nada. Nunca se teria admitido culpado daquelas acusações absurdas – que conspirara contra o Partido, que a sua mulher tivera a intenção de fazer mal a um oficial soviético porque eles eram contrarrevolucionários, inimigos do povo, burgueses leais ao regime anterior. Fazê-lo significaria a morte. Por isso, num interrogatório após o outro, Anton manteve-se firme, insistindo nos mesmos factos. Comprara uma arma simplesmente para proteção da sua mulher. O tiro fora um acidente. Chegou até a declarar que, de facto, era um apoiante ferrenho do novo regime e, embora não fosse membro do Partido, sempre simpatizara com a causa. No entanto, nem mesmo isso pareceu acalmar a maré que se encapelara contra ele.

Três dias depois da sua prisão, transferiram-no para uma cela na cave, onde foi mantido em total escuridão. Não lhe deram de comer nem de beber, e havia só uma ida à casa de banho por dia, com uma arma carregada encostada às suas costas. Sentia o aço frio encostado às costelas quando

se dirigia para a latrina no chão ao fundo de um corredor comprido ladeado de portas de chapa.

Entrava na sua cela todas as manhãs um homem alto e enxuto em cujo rosto estava estampada uma expressão permanente de indiferença. Sem se incomodar com cumprimentos ou até mesmo um olhar a reconhecer a presença de Anton, arrastava do canto a única cadeira que havia na cela e colocava-a diretamente em frente a Anton, que, usualmente, estava sentado no chão encostado à parede.

- Vai morrer nesta cela se não confessar que é culpado das acusações perante si - dizia o homem de cada vez, esticando as pernas para indicar que não estava com pressa. - Isto aqui é a sua única salvação.

Do bolso do peito do casaco tirava um papel escrito à máquina e uma caneta. - Pode assinar agora, se quiser. Pessoalmente, acho que seria sensato. Mais tarde, vai implorar por esta oportunidade, mas será demasiado tarde. Porque nessa altura o seu destino já estará selado. Estará diante do pelotão de fuzilamento ou será enviado para cavar o canal do Danúbio nos próximos cinquenta anos. De uma maneira ou de outra, nunca mais volta a ver a sua mulher nem a sua filha.

Mesmo assim, Anton continuou a recusar. Sabia que confessar os crimes de que o acusavam lhe garantiria um encontro com o pelotão de fuzilamento, de qualquer maneira. Não haveria julgamento, nem perdão; nunca mais veria o exterior desta prisão. E no entanto o homem voltava, dia após dia. Cada dia, saía frustrado, a praguejar e a ameaçar mais. Mas então, um dia, foi Victor quem chegou no lugar dele.

- Deixem-nos a sós - ordenou aos guardas que tinham destrancado os três ferrolhos para ele entrar. - Façam um intervalo para um cigarro e fechem a porta ao saírem.

Virou a cadeira e pô-la perto de Anton, tal como fazia o interrogador todas as manhãs. A sua bota com biqueira de

metal roçou a perna de Anton quando se inclinou para segredar:

- Anton. Como é que isto aconteceu?

Anton conseguiu fazer um pequeno sorriso resignado, o primeiro há dias. - Victor, fico tão contente por o ver. De algum modo, sabia que viria.

- Não fique contente, Anton. Meteu-se numa situação muito grave. Comece pelo princípio. E não deixe nada de fora. Preciso de saber todos os pormenores.

E Anton começou a falar, sem nenhum tipo de suspeita de que Victor já tinha sido informado antes da sua visita e já estava a par da gravidade das acusações. Que tinha sido posto em marcha um plano, sobre o qual, para que resultasse, ele não podia saber nada para já.

- Tem muita sorte por a sua mulher estar viva, por estarem *todos* vivos, sabe? - comentou Victor num tom pensativo quando Anton acabou de falar, e ele acenou com a cabeça sombriamente.

Sim, sabia muito bem o que acontecia a pessoas como ele, a pessoas do seu meio apanhadas em circunstâncias muito mais triviais. Uma observação casual, umas palavras segredadas a um amigo de confiança, um comentário impensado, e poderia ser-se permanentemente silenciado. Conhecia várias pessoas que tinham desaparecido a meio da noite sem nunca mais serem vistas ou chegarem notícias delas. As famílias nem sequer recebiam uma explicação para o seu desaparecimento, muito menos um cadáver para sepultar. A morte estava a toda a volta e as vidas das pessoas como ele eram baratas - tanto como isso sabia.

- Bem, está resolvido, pelo menos por agora - disse Victor em voz baixa, aproximando-se mais dele. - Obtive a sua libertação. Concordaram com uma multa, uma multa substancial, mas é o melhor que poderíamos esperar, dadas as circunstâncias. Vai ter de entregar a arma à polícia, claro.

Por um momento, Anton fitou-o, incrédulo. Não era possível que o soltassem, não depois de tudo a que tinha sido sujeitado, depois de tudo o que vira neste lugar. Mas ao olhar para Victor e para o ténue sorriso que lhe bailava no rosto, compreendeu que não estava enganado. E por isso seria libertado, afinal. Mas a que custo? Qual era o custo de uma vida como a dele?

Anton estava consciente de que começara a sentir calor, de que tinha o cabelo húmido à volta das têmporas. Tentou dizer alguma coisa, mas descobriu que não era capaz. Que palavras seriam suficientes num momento como este? Que palavras poderiam transmitir o que estava dentro do seu coração? O que lhe apetecia fazer era cair aos pés de Victor, beijar-lhe as botas. Quase o fez, mas, nesse momento, ouviu-se o estalido do óculo da porta e um dos guardas espreitou para dentro.

- Está tudo bem?

Sem olhar na direção da porta, Victor fez um gesto a arredá-lo. Anton pousou a testa nos joelhos dobrados para esconder a vaga de emoção que o dominava. Foi só quando teve a certeza de que estavam sozinhos de novo que olhou para cima, com os olhos marejados.

- Tenha cuidado - disse Victor, já de pé e abotoar o casaco de couro. Pegou na cadeira e pô-la ao canto. - Ainda não acabou completamente, sabe?

- Terei, Victor. Vou viver o resto da vida para lhe pagar. Farei tudo o que puder para lhe demonstrar a minha gratidão. Nenhum preço seria alguma vez suficiente.

- Já o fez, Anton - respondeu Victor, batendo com os nós dos dedos na porta de metal. - Sou eu quem estou a pagar-lhe. A dívida era minha.

O guarda perfilou-se e fez a continência a Victor quando ele saiu da cela. Depois, a porta fechou-se com força, e a última coisa que Anton ouviu antes de o silêncio familiar o envolver foi o som das botas de Victor a ecoarem pelo corredor vazio.

CAPÍTULO 32

—Meu amigo, que surpresa! – Natalia ouviu o seu pai dizer à entrada, com tal energia e vivacidade que poderia pensar-se que o próprio rei Miguel passara lá por casa para lhes fazer uma visita pessoal. A porta da rua fechou-se com um estalido e ouviu-se outra voz, que ela reconheceu imediatamente.

– Anton, que bom que é vê-lo.

– Foi há muito tempo, não foi?

– Sim, foi, de facto. Tenho andado a viajar, como sabe. Lamento não ter podido vir antes.

As vozes afastaram-se do átrio e tornaram-se menos audíveis enquanto eles avançavam para o interior da casa. Um atraso de cinco meses, pensou Natalia. O pai estava à espera de Victor há quase meio ano.

O coração dela, por mais alvoroçado que o sentisse, estava cheio de uma forte indignação. Quantas vezes vira o pai a verificar a caixa do correio, na esperança de um sinal de vida. Ela quase sentia pena dele agora, ao ouvir como a sua voz não traía nenhuma espécie de fúria, nenhuma espécie de recriminação por ter sido tão completamente esquecido. Bem, Natalia não. Como a mãe saíra para fazer o habitual ao domingo, ela não precisava de aparecer na sala; podia ficar cá em cima, a ler um livro, e assim ser poupada a algumas desculpas superficiais em que só o pai acreditaria. No entanto, ainda não tinham passado mais de dez minutos quando uma sensação diferente a dominou, e

viu-se diante do espelho por cima do toucador a examinar-se com desaprovação.

A escova prendeu-se nos caracóis e ela estremeceu enquanto a puxou até baixo. O seu cabelo, que escurecera e era agora de um castanho de chocolate, estava tão farto e comprido que era impossível domá-lo, evidentemente como o resto dela. Tirou a camisa de noite e olhou-se de perfil ao espelho, pensando, como acontecia há meses, que não tinha nada para vestir. As mudanças no seu corpo tinham-no assaltado rapidamente, mais rapidamente do que o orçamento poderia ser esticado para permitir novas indumentárias. Era habitual naqueles momentos – quando via os seios completamente desabrochados, as ancas arredondadas – ter a sensação esquisita de que não estava a olhar para si mesma, mas para uma absoluta estranha.

Passou em revista o conteúdo do guarda-fatos e decidiu-se por um vestido azul-marinho com uma gola de renda que fazia com que os seus olhos verdes parecessem quase azuis e que em tempos lhe ficava suficientemente largo no tronco para agora lhe permitir ainda respirar à vontade. Enfiou as suas sabrinas douradas e apanhou o cabelo num rabo de cavalo. *De cabeça fria e composta*, ordenou a si mesma, descendo as escadas calmamente, salvo o vulcão que irrompera no seu peito. A meio das escadas, quase mudou de ideias e deu meia-volta, mas Victor já a avistara pelas portas de vidro abertas.

– Talia – chamou, sorrindo afetuosamente e estendeu-lhe a mão por cima das costas do sofá.

Ela parou, com a palma da mão subitamente húmida contra o corrimão de madeira enquanto erguia a outra mão num gesto de saudação. Agora não tinha outra hipótese a não ser continuar. Lentamente, desceu as escadas até ao fundo e aproximou-se da porta da sala de estar.

– Talia, como tens passado? – perguntou Victor, com aquele seu sorrisinho irónico nos lábios. – Que tal vão os estudos?

- Vão ótimos - mentiu, baixando os olhos. Os estudos, de facto, estavam longe de ir ótimos, mas ela não pensava que ele quisesse saber os pormenores. Estava só a tentar fazer uma conversa de circunstância.

Oh, como ela esperava que ele não reparasse no seu desconforto óbvio, no súbito calor que lhe subiu às faces! Parecia ridícula, sem dúvida, ali de pé como se um buraco se tivesse aberto aos seus pés e ela estivesse prestes a cair nele. Ele, por outro lado, nunca parecera mais à vontade, com a sua camisa de seda branca aberta casualmente no colarinho e calças cinzento-escuras. Sem gravata. O seu cabelo preto estava ligeiramente mais comprido, mais ondulado, mas ainda perfeitamente acamado para trás. Casualmente, cruzou as suas pernas compridas e tirou um isqueiro de prata e um maço de cigarros do bolso. O isqueiro produziu vários estalidos enquanto ele punha à volta da chama a mão, esculpida e com veias salientes, como a de um conde numa pintura barroca. Ela viu-o puxar uma longa fumaça e reter o fumo por um momento antes de o expelir por entre os lábios entreabertos.

Mas porque é que ela não tinha ficado lá em cima, porquê? Fora por algo insignificante, algo tão absurdo agora - uma pequena retaliação que planeara, agir com indiferença, fazê-lo pagar pela sua ausência. Um erro que se virara contra ela, porque se sentia agora a sufocar no vestido apertado.

Depois, como se a situação pudesse ainda piorar, a voz do pai atravessou a sala, despertando-a sobressaltada do seu torpor, e, para seu profundo embaraço, ouviu-o dizer: - Talia, querida, se vais ficar aí parada, não te importas de trazer água gelada, por favor?

- Não, por favor, não te incomodes. Eu não quero dar trabalho. Além disso, não posso demorar-me - respondeu Victor, olhando diretamente para ela, o que fez com que o sangue lhe afluísse de novo até às pontas das orelhas. -

Obrigado, de qualquer maneira. Eu só queria passar por cá para ver como estava o teu pai.

O pai, como Natalia bem via, estava mais do que bem naquele momento. Parecia mais animado, mais cheio de entusiasmo do que ela se lembrava de o ver há muito tempo. Como se não tivesse ouvido Victor, já estava de pé e estava a atravessar a sala com a energia de um adolescente.

- Tenho um vinho perfeito que tenho estado a guardar para uma ocasião especial. Não consigo pensar num momento melhor para o apreciar! Dê-me só um minuto enquanto vou buscá-lo à cave.

- Por favor, Anton. Realmente não posso demorar-me. Talvez noutra altura.

Foi como se todo o ar se tivesse esvaído da sala. Por um momento, Anton ficou imóvel, e depois virou-se e voltou para junto da mesa de apoio aos sofás, com os ombros ligeiramente descaídos e o seu sorriso radiante desvanecido. Quando voltou a sentar-se, nem ele nem Victor falaram, e, no silêncio que se prolongou, Natalia pressentiu uma mudança perturbante. Não recordava uma só ocasião em que os dois não soubessem o que dizer.

E a outra coisa estranha: Victor parecia decidido a ignorá-la. Mal lhe dirigira duas palavras, mal dera sinal de reconhecer a sua presença. Natalia sentiu uma pontada de terror ao pensar se, de alguma maneira, ele seria capaz de lhe ler os pensamentos, mas depois apercebeu-se de que não era possível, e o terror transformou-se numa ligeira tristeza. Assaltavam-na as recordações, vislumbres de anos antes - da maneira como ele costumava fazê-la andar à roda no átrio quando vinha visitá-las, da maneira como se sentava imóvel enquanto ela tocava piano, como se nunca se cansasse de a ouvir. Uma vez, junto ao lago, onde a mãe o mandara para a vigiar enquanto nadava, ela tinha-lhe contado uma piada. Era uma coisa que ouvira na fila da mercearia, e, embora ela própria não compreendesse bem

a piada, ele rira-se como se fosse a coisa mais divertida à face da terra. – Talia, és uma miúda mesmo engraçada – dissera, sacudindo a cabeça, os dois sentados lado a lado na relva húmida do orvalho. – Vais quebrar o coração de alguém um dia. – Mas agora era como se ela nem estivesse na sala. Toda a atenção de Victor estava concentrada unicamente no pai dela.

– Como se sente? – perguntou ele agora, inclinando-se para a frente e pousando os cotovelos nos joelhos, com o olhar fixo no rosto de Anton. – Tenho andado preocupado com a sua saúde. Parecia tão magro na última vez que o vi.

– Oh, vou indo. A Despina tem-me alimentado bem, embora não seja fácil nos dias que correm. As prateleiras das lojas estão vazias, como sabe. É impossível arranjar pão fresco se uma pessoa não for pôr-se na fila às quatro da madrugada. Ela insiste em ir para eu descansar mais um pouco. Descansar para quê, pergunto-lhe eu, mas ela recusa-se a deixar-me ir. É muito duro para ela, sabe?

Victor acenou com a cabeça. – São tempos estranhos, Anton. Que tal vai a loja?

Anton acenou com a mão, num gesto a indicar que não valia a pena perguntar. – Não se faz praticamente negócio. Na maior parte dos dias, tenho cinco, talvez seis clientes, o suficiente para manter as portas abertas. Mas que mais posso fazer? Aquela loja é a minha vida, Victor. Feitas as contas, ainda nos dá um rendimento suficiente para viver melhor do que a maioria. De vez em quando, quando há um pouco de dinheiro extra na caixa registadora, vou ter com os especuladores e compro um pouco de carne, uns ovos. Um luxo, nos dias que correm. E agradeço a Deus por isso...

– Anton – interrompeu Victor –, lembra-se do que falámos na última vez? No dia em que foi libertado? Tem de ter cuidado. Não dar nas vistas. Remediar-se com o que tem e manter-se afastado dos especuladores. É melhor viver só de pão, mas viver livre.

- Mas também há outras coisas, Victor. Há lições de piano para a Natalia; custam uma pequena fortuna, mas ela toca tão maravilhosamente agora! E, como ainda gosto de surpreender a Despina com alguma coisa bonita de vez em quando...

- Anton, receio bem que não esteja a ouvir-me. - O tom de Victor era subitamente impaciente, ríspido. - Foi precisamente por isto que passei por cá. Para lhe dizer, para o *avisar*... - Fez uma pausa para aclarar a voz, ou talvez para encontrar as palavras mais adequadas. - Há um dossiê sobre si na polícia e na sede do Partido. Um dossiê aberto, Anton. Deixe-se de lições de piano, de idas aos especuladores, de presentes. Tem de ter cuidado. Pode prometer-me isso?

- Com certeza, Victor - respondeu Anton, olhando para a lareira apagada. - Compreendo. Agradeço-lhe tudo o que fez por nós, mas não penso que deva preocupar-se.

- Por favor, prometa-me, Anton. Dê-me a sua palavra de que vai fazer o que lhe peço.

Por um momento, só o som de crianças lá fora era audível, uma voz da janela a chamar os nomes delas. Victor pareceu subitamente esgotado, com os ângulos definidos do seu rosto um pouco flácidos, fazendo-o parecer anos mais velho. Também o pai dela parecia abatido.

- Tem a minha palavra - respondeu em voz baixa.

Victor acenou com a cabeça, satisfeito ou aliviado ou talvez ambas as coisas. Voltou a meter o maço de cigarros no bolso e pegou no chapéu que estava na beira do sofá. Havia algo cuidadoso e lento nos seus movimentos, como se requeressem mais energia do que a que possuía.

Ele não pode ir-se já embora, acabou de chegar, pensou Natalia com um acesso de pânico. Mas o pai dela já estava de pé e a aproximar-se de Victor, de braços estendidos. Quando se abraçaram, passou algo entre eles, algo tão tangível que Natalia o sentiu do outro lado da sala. Ficaram

assim por uns instantes, imóveis, com as suas cabeças escuras inclinadas juntas em silêncio.

- Olhe por si, Anton - disse Victor, soltando-se do abraço, mas mantendo uma das mãos no ombro do amigo. - Por favor, dê os meus cumprimentos à Despina. Diga-lhe que nunca esquecerei o estufado de borrego dela. Talia - chamou, desviando abruptamente o olhar na direção dela -, olha pelo teu pai. Toma conta dele. É o melhor homem que eu já conheci.

Olhou a direito para ela quando disse aquilo. Dessa vez, ela não olhou para o chão, não desviou os olhos, mas susteve o olhar dele, verde e firme, um espelho do dela. Um momento? Um minuto? Quanto tempo era demasiado tempo? Ela não sabia. Sentia algo a dissolver-se na boca do estômago, um líquido quente a espalhar-se pelos seus membros como um veneno.

Não te vás, quase lhe saiu. Não vás embora. Não vês que ele precisa de ti? Mas as palavras não lhe passavam dos lábios e soube de repente que Victor ia partir para não voltar, que não o veriam mais. Vislumbrou aquela simples verdade no sorriso cúmplice que Victor e o pai dela trocaram enquanto se dirigiam ao átrio, na maneira como Victor tocou na aba do chapéu com o dedo indicador à porta aberta. Ficou a ver ainda a linha definida dos seus ombros quando ele se virou e desceu os degraus de pedra para uma tarde de outono soalheira.

Por favor, vira-te, rezou ela, *por favor,* mas ele não o fez - não houve um aceno de despedida, um último gesto, não houve nada de nada. Encostada à porta lacada de preto, com a mão a agarrar a aresta com toda a força, escutou o som dos passos dele no passeio lá em baixo até se desvanecerem, até ele dobrar a esquina e desaparecer por entre a multidão.

CAPÍTULO 33

Fevereiro de 1954

— **D**eixaste a lareira acesa toda a noite?
A piscar os olhos na penumbra, Natalia sentou-se e tentou ajustar os olhos à luz. A lareira estava quase apagada, com as últimas chamas perdidas numa camada de cinzas. Já estava frio, mas não tão frio como estaria lá em cima. De qualquer maneira, ela adorava dormir cá em baixo no sofá, rodeada das paredes castanhas, o mármore brilhante e os últimos objetos valiosos que, por meros segundos, enquanto a serenidade do sono se esvaía do seu corpo, a faziam sentir que tudo não estava assim tão diferente.

— Acabaste de desperdiçar lenha para três dias, tens noção disso? Não te pedi já que apagasses o lume e fosses para a cama?

Sentou-se direita e o xaile de lã que Despina tricotara para ela escorregou-lhe dos ombros e revelou um casaco de malha e por baixo uma camisa de noite comprida de flanela. Suspirou e enfiou os pés nos chinelos.

— Desculpe, mamã. Estava a ler e adormeci. Vou fazer chá.

Quando se levantou para ir à cozinha, a esfregar as mãos geladas, disparou um olhar involuntário na direção do cesto da lenha. Menos de uma dúzia de toros, era verdade. E só estavam em fevereiro. Pelo menos, não eram os únicos a ter de sobreviver o resto do inverno com pouca lenha.

Nas duas primeiras semanas do ano, a lenha tinha-se esgotado em todas as lojas de Bucareste. As pessoas

começaram a abater árvores nos parques, em ruas mal iluminadas a meio da noite, antes de chegarem as patrulhas policiais. Por toda a cidade, havia homens de sobretudo a arrastarem ramos de árvores roubados pela neve enlameada, deslizando no escuro em passeios escorregadios com escadotes e machados, e todas as árvores em Bucareste eram agora tocos despidos.

O pai de Natalia simplesmente não tinha ânimo para o fazer. – As árvores têm alma, tal e qual como as pessoas – declarou. – Não merecem ter a mesma sorte que nós.

Em vez disso, começou a cortar peças de mobiliário, uma de cada vez. Primeiro foram as cadeiras da sala de jantar, as dez, seguidas pela mesa *Bidermeier* de que Despina tanto gostava e que, em toda a sua glória brilhante e majestosa, fora a peça central do lar.

– Já não precisamos dela – observou Despina, tentando manter a voz firme e uma expressão de indiferença. – Não é altura para jantares de festa e, de qualquer maneira, só comemos na cozinha nos dias que correm.

Essas peças permitiram-lhes aguentar-se nos primeiros dois meses de tempo frio.

A seguir foi a mobília dos quartos. O delicado guarda-fatos de um verde-pálido com puxadores de latão, o que Natalia tinha desde pequena, foi o primeiro a ir.

– É demasiado pequeno para ti agora, Natalia. – A mãe tentara consolá-la enquanto o pai o carregava pelas escadas de serviço abaixo para o pátio. – Podes pendurar os teus vestidos ao lado dos meus.

Natalia não queria fazer grande alarido nem recordar à mãe que fora a primeira coisa que compraram para ela quando veio do orfanato. Não queria queixar-se de que o armário ainda albergava algumas das suas indumentárias de menina pequena, vestidos de veludo e rendas que não usava há anos, mas que ainda encostava secretamente à face de vez em quando só para se recordar da sensação que davam.

Foi a vez do resto da mobília, numa sucessão rápida: estantes, a mesa *Art Deco* do átrio, o bengaleiro, a secretária de Natalia com os seus torneados antiquados que parecia deslocada no quarto vazio. Agora, ela fazia os deveres na cozinha junto ao fogão. E ainda bem, porque era o único lugar quente da casa, e, além disso, faltava-lhe motivação para fazer os trabalhos de casa. Parecia inútil passar horas debruçada sobre os livros de Geometria, Física e História quando não havia comida em casa e na maior parte das noites dormiam de casaco vestido. Quando não havia água quente nem sabonete com que se lavarem. Até mesmo as luzes eram desligadas automaticamente às oito horas em ponto, muito antes de ela ter tempo de fazer os deveres desse dia.

- Tens de te manter a par das matérias para poderes ir para a universidade no ano que vem - recordava-lhe o pai sempre que a surpreendia a sonhar acordada com os livros à sua frente. - É a única hipótese que terás de ter uma vida decente. O conhecimento é poder, o único poder que te dá a possibilidade de te libertares.

- Mas, papá, sabe que a única coisa que eu quero realmente é tocar piano, e o conservatório de música não vai prestar assim muita atenção aos meus resultados no liceu. Além disso, mudaram os livros, não vê? Todos os livros de História, até os de Matemática e de Ciências, foram alterados. O que é que eles têm para eu estudar? É tudo uma mentira!

Arrependia-se sempre de lhe dizer aquelas coisas. Depois de tudo o que ele fizera para a meter numa escola pública, não merecia ouvir aquilo.

No ano anterior, o colégio católico que Natalia frequentava desde os sete anos vira-se forçado a encerrar. As freiras que lá ensinavam há décadas tinham simplesmente desaparecido da noite para o dia. Ninguém fazia ideia do que lhes acontecera, mas uma coisa era certa: foram afastadas sem grande fanfarra ou alvoroço. Foi

na mesma semana que o Ministério da Educação anunciou que todos os alunos vindos de instituições de ensino privadas – crianças burguesas como ela – estavam permanentemente proibidas de frequentar escolas públicas.

– O que é que vamos fazer? – segredavam as mães e os pais enquanto esperavam que as crianças saíssem das aulas pela última vez. – Vão ficar sem estudar? Vão mendigar nas ruas para se sustentarem?

Na casa de Natalia, as mesmas perguntas borbulhavam permanentemente dos lábios dos pais. Durante seis meses, ficaram sem resposta, enquanto o pai pedinchava, suplicava, pagava multas e oferecia subornos para a meter numa escola, em qualquer escola, mesmo numa fora de Bucareste. A resposta – nas raras ocasiões em que não lhe desligavam o telefone na cara – era sempre a mesma: *Nem a mais remota hipótese, mais lhe valia pedir a lua*. Mas depois, inesperadamente, a resposta mudou.

Foi precisamente uma semana depois de ela ter ido à loja para ajudar no inventário e ter encontrado dois cálices vazios na sala nas traseiras. Uns restos de *brandy*, espesso como mel, ainda cobriam o fundo dos cálices quando ela os levou para o lava-louças para os passar por água. Na altura, não pensou mais no assunto; estavam sempre a passar pessoas lá pela loja para ver o pai, e ele ainda as recebia como usualmente, sem se poupar a despesas ou a esforços para as fazer sentirem-se bem vindas. Só daí a uma semana, quando receberam uma carta do Departamento de Educação a anunciar que fora levantada a interdição da sua frequência numa escola pública, é que ela soube indubitavelmente com quem o seu pai se encontrara naquela tarde.

Demorou umas duas semanas depois disso a livrar-se da inquietude que voltara a sentir ainda mais fortemente. Passava horas a olhar pela janela ou para uma página de um livro, sem conseguir ler nada. Até mesmo o piano

parecia proporcionar-lhe pouco alívio, e, o que era chocante, dava consigo a sentir um pouco de ciúme do pai, embora fosse óbvio que, se não fosse por causa dela, o encontro com Victor poderia nunca se ter dado. Por fim, desvaneceu-se. Não havia nada a que se agarrar, ele tinha desaparecido da vida deles, e talvez fosse melhor para ela. Via agora tudo claramente, exatamente como era, uma ligação doentia a um homem que nunca veria nela mais do que uma menina pequena. Em breve chegaria o momento de começar as aulas na nova escola, algo por que ela ansiava fervorosamente.



O primeiro dia de aulas estava nublado e abafado, embora para Natalia tudo estivesse banhado numa luz agradável, a transbordar com novas possibilidades. Quando entrou pelos portões, de cabeça erguida, jurou a si mesma que este ano assinalaria um novo começo, que estudaria mais afincadamente do que nunca e faria o esforço que se esperava dela. Estaria à altura da situação, pelo seu pai.

Estava tão absorta que mal se apercebeu das vozes ciciadas que aumentavam à sua passagem, das risadas que irromperam quando passou pelo bebedouro no corredor, à procura da sua sala. Não lhe pareceu possível que pudesse ser ela o motivo de tanta diversão, porque ninguém a conhecia aqui. Ninguém a conhecia de todo.

Foi só quando parou em frente à sua sala de aulas que uma sensação de intenso desconforto se abateu sobre ela como geada, uma suspeita de que este dia poderia não correr como ela imaginara. Nervosa, endireitou o lenço de pioneira vermelha que todas as alunas eram obrigadas a usar e alisou a saia do uniforme. Inspirando profundamente, abriu a porta.

A sala era mais pequena do que esperava e estava cheia com filas de carteiras que se prolongavam até à parede do fundo. Um redemoinho de ruído envolveu-a – vozes e risadas e o baque de livros a serem pousados. Mas depois alguém assobiou ao fundo da sala e o ruído cessou imediatamente.

Ofegante com o nervosismo, avançou lentamente a tentar não olhar para os rostos boquiabertos e os olhares de curiosidade pregados nela. Parou a meio da sala, sem saber para onde ir, a rezar para que a mulher pesada com um rosto duro que estava a escrever furiosamente no quadro se virasse e dissesse alguma coisa. Quando ela se virou, Natalia tentou sorrir.

– A tua carteira é ali – disse a mulher num tom ríspido, sem se apresentar, apontando com o giz para uma carteira ao canto. – Sim, ali.

Com a sacola dos livros contra o peito como uma espécie de escudo protetor, Natalia dirigiu-se ao seu lugar. Daí a um momento, soou o segundo toque e toda a turma se levantou ao mesmo tempo.

– Bom dia, turma – disse a mulher com evidente desinteresse, enquanto se afastava um pouco ofegante do quadro e se sentava por trás da secretária no estrado. Levou a mão à raiz do cabelo pintado para afastar algumas gota de suor e Natalia não pôde deixar de reparar na mancha com a forma de uma meia-lua que se formara debaixo do braço dela.

– Bom dia, menina Tina – responderam os alunos letargicamente.

– Podem sentar-se.

Seguiu-se um restolhar de folhas. Alguém arrotou e não disse *perdão*. Na parte de trás da sala, um lápis estava a martelar a capa de um livro, como se a acompanhar uma melodia.

– Temos uma nova aluna hoje – disse a professora num tom despachado, sem levantar os olhos do livro de ponto. –

É a Natalia Goza. Natalia, por favor põe-te de pé.

Ela levantou-se timidamente.

- A Natalia teve autorização para frequentar a nossa escola. Por favor, aproxima-te da frente.

Ela obedeceu.

- Natalia, antes de começarmos a nossa aula hoje, gostaria que desses uma volta pela sala e apanhasses o lixo que vejas no chão.

Era estranho como Natalia quase desatou a rir, apesar da náusea que lhe subiu do estômago. Seria alguma espécie de piada? Uma apresentação cômica? Com certeza não tinha ouvido bem, tinha compreendido mal.

- Vá lá, então, não temos o dia todo - disse a professora, apontando para a sala com tédio evidente. - Vá lá, apanha o lixo para podermos começar a aula.

Natalia continuou sem se mexer, a fitar com os olhos arregalados de incompreensão a professora, que deu um estalido com a língua e abanou a cabeça, reprovadora.

- Sim, bem, estou a ver. Estamos *todos* a ver. Uma princesa burguesa como tu não apanha lixo, não é? Tens quem o faça por ti em casa? Bem, aqui não. Aqui, vais ser tu a apanhar o lixo pela turma.

Pegou numa régua com a sua mão grande e começou a bater com ela na borda da secretária. - Isto é uma lição perfeita para hoje - prosseguiu, dirigindo-se agora à turma, a acenar com a régua como se estivesse a dirigir uma orquestra. - Um exercício de igualdade. A menina Goza está prestes a compreender que não é melhor do que ninguém nesta sala.

Natalia precisou de todo o seu autodomínio para não fugir da sala ou mandar para o inferno aquela mulher rude. Para lhe dizer que apanhasse ela o lixo ou pior. Mas depois recordou-se do rosto do pai, como parecera feliz nessa manhã, como se sentira orgulhoso por ter conseguido metê-la numa escola. Como podia fugir dali? Como podia ir para casa e dizer-lhe que todos os seus esforços tinham sido em

vão, que ela malbaratara por vontade própria a sua única oportunidade de estudar?

Vieram-lhe as lágrimas aos olhos, toldando-lhe a visão e fazendo com que a sala se transformasse numa dança de sombras. Fechou as mãos em punho, com as unhas a cravarem-se dolorosamente nas palmas. E depois fez algo em que mal conseguia acreditar. De costas direitas, levando o seu tempo, dirigiu-se ao outro lado da sala e baixou-se. Acocorada entre as filas de carteiras, começou a apanhar o que via no chão – pedaços de papel, um par de lápis partidos, uma crosta de pão que parecia já ali estar há semanas. Quando chegou à frente, percorreu a fila seguinte e fez o mesmo.

Alguém se riu na parte de trás da sala de aulas.

– Silêncio! – guinchou a professora, batendo com a régua na secretária com uma força que imobilizou todos os alunos na sala. A seguir, pôs-se de novo a corrigir os trabalhos dos alunos. Só levantou os olhos outra vez quando, pelo canto do olho, viu Natalia de pé perto dela, com o caixote do lixo nas suas mãos trémulas.

– Acabaste, então? – disse ela. – Ótimo. Começemos a nossa aula. Natalia, podes voltar para o teu lugar.

Natalia achava que não conseguiria sobreviver à vergonha que a queimava interiormente quando no dia seguinte, e no seguinte, lhe foi pedido que fizesse a mesma tarefa. Mas, para sua surpresa, sobreviveu. A humilhação que sentira naquele primeiro dia deixou de a amargurar tanto e ela aprendeu a fazer o que lhe pedissem com a mente e o coração vazios, a forçar-se a não sentir nada, a não pensar em nada, a executar a tarefa, fazê-la, hoje, amanhã, *sobreviver*. Ao fim de algum tempo, os alunos já não se riam trocistas quando ela se baixava junto às suas carteiras para apanhar o lixo deles. Já não lhe atiravam papéis quando ela passava, a morder o lábio, com os olhos pregados no chão da sala de aulas.

Com o tempo, Natalia deixou de ser uma distração interessante, uma curiosidade. Era só Natalia, a rapariga cujos pais tinham sido considerados inimigos de classe, cujo pai fora considerado um explorador do povo, um burguês, um capitalista, e por cujos pecados a filha pagaria, pelo menos todas as manhãs nesta sala antes de começarem as aulas.

CAPÍTULO 34

Não sabia o que a atraiu com tanta força ao Orfanato São Paulo naquela tarde. Simplesmente não sabia. Não havia nada em particular que estivesse à espera de encontrar. De facto, sentia um pouco de medo do que poderia descobrir ali, do que poderia desenterrar. Tinham-se passado quase quatro anos desde que encontrara aquela carta no cofre do pai e continuava a pensar mais nela do que gostaria. Não conseguia lembrar-se de quantas noites adormecera a recordar aquelas frases – aquelas frases que não a deixavam ter paz.

A minha intenção não é perturbar a vida à qual indubitavelmente ela se acostumou.

Bem, conseguira efetivamente isso mesmo. Fosse qual fosse a vida dela agora, no que quer que se tivesse tornado, era dominada por uma curiosidade fervilhante, persistente, que a acoitava de noite e de dia. Era estranho como em pequena conseguira alhear-se tão completamente do seu passado. Tornara-se dormiente em relação a ele, indiferente. Contudo, aquela carta abrira a porta a fantasmas que enterrara há muito. Há quatro anos que era agora assombrada por eles. Espreitavam em toda a parte, dentro dos seus sonhos, sob a superfície da sua vida diária, como pequenos segredos sujos.

Mas isto não tem nada a ver contigo agora, Talia, repreendia-se com frequência por aquela preocupação absurda. Isto não tem relevância para a tua vida agora. Sabia muito bem que havia questões mais importantes a

requererem a sua concentração total, como o facto de o sonho de frequentar o conservatório de música se ter desfeito em chamas. Não foi uma surpresa absoluta quando a carta de rejeição chegou. Ela já vira a resposta nos rostos do comité da prova de admissão, quando, no fim do seu recital, examinaram a candidatura dela e as suas expressões mudaram de puro encantamento para decepção impotente. Embora sentisse o coração destroçado ao princípio – o coração e a força de vontade e, o que era pior, a sua fé em si mesma –, depois de meses a chafurdar em pena por si própria, decidiu que não desistiria do piano.

Há anos que andava apaixonada pelo *jazz*, e ouvira dizer que, embora fosse proibido tocá-lo em público, estava ainda bem vivo num movimento clandestino florescente. A ideia parecia louca (e arriscada, ainda por cima), mas, se ela praticasse bastante, se realmente se empenhasse, talvez um dia encontrasse um lugar para si naquele meio. Entretanto, podia ganhar algum dinheiro a dar lições – havia outros caminhos, outras vias, desde que ela não desistisse.

Sim, havia assuntos mais prementes a chamar a sua atenção. No entanto, quanto mais se esforçava por esquecer a carta tanto menos conseguia. E se tivesse havido outras cartas, mais pedidos de informação? Teria havido? Não lhe parecia provável. Depois de 1945, quando a Roménia ficou isolada do Ocidente, seria impossível fazer entrar correspondência no país. Se tivesse havido mais cartas, se tivesse havido mais tentativas de a encontrar, os elos ficariam cortados ali. Mas, e se isso não fosse verdade? Recordou as ocasiões em que quisera perguntar ao tio se estava a par das circunstâncias da sua adoção, e agora lamentava não o ter feito. Por outro lado, provavelmente isso não a faria chegar muito longe. O que quer que Stefan soubesse levá-lo-ia para o túmulo. Nada se meteria alguma vez entre ele e a sua lealdade eterna para com os pais de Natalia.

Parecia que, se havia algo mais a saber, só existia uma maneira de descobrir. Teria de voltar ao lugar onde tudo começara.



Nessa tarde, no trólei, Natalia mal queria acreditar na sua impulsividade, na maneira como simplesmente saltara para dentro dele à última hora sem nenhuma espécie de plano claro. Viajou de pé, com a cidade e a sua mistura usual de parques crestados pelo sol e fachadas manchadas pela fuligem a passarem numa névoa enquanto ela contava os anos. Tinham-se passado treze anos desde que ela vira pela última vez o interior daquele lugar. Treze longos anos numa vida diferente, uma vida antes de filas para comprar alimentos e cortes de energia.

Uma vez, passara por ele por acaso. Foi logo a seguir à guerra, e, como os autocarros ainda não circulavam com regularidade, ela e a mãe tinham apanhado um táxi para ir a um sítio qualquer. Recordava-se de ouvir a mãe a falar com o taxista, a dizer qualquer coisa sobre o inverno interminável, como uma bomba deixara um grande buraco no centro da cidade. E depois ela parou a meio de uma frase. No silêncio súbito, Natalia levantou os olhos do livro que tinha no colo e seguiu a trajetória do olhar da mãe. Ali, por trás dos andaimes de metal, encontrava-se o lugar que continha as suas recordações mais antigas, num estado de degradação.

- Lembras-te, Talia? - disse a sua mãe em voz baixa enquanto o edifício ficava cada vez mais pequeno visto pelo para-brisas traseiro.

É claro que se lembrava. Não achava que fosse possível esquecer alguma vez. Como poderia esquecer os rostos daquelas crianças tristes e desoladas a chorarem a meio da noite, com os seus uniformes infestados de piolhos, do pátio

bafiento que cheirava permanentemente a lixo, da sopa aguada diária? Mas nada disse sobre tudo isso. Encolheu os ombros, a tentar parecer indiferente, com a esperança de que o seu desinteresse dissuadisse a mãe de falar mais sobre o assunto. Nunca mais voltaram a falar sobre aquilo. Com certeza, a partir daí era pedido aos taxistas que evitassem aquela rua em particular, que seguissem um caminho diferente, por mais que isso fizesse aumentar o preço da viagem.

Na paragem seguinte, Natalia decidiu sair. Não era a paragem mais próxima do orfanato, mas precisava de caminhar um pouco, de se recompor. Enquanto andava, os seus pensamentos regressaram à única questão que a levava ali, à que nunca fora capaz de responder. Porque é que as pessoas que lhe tinham dado a vida tinham escolhido por fim viver a vida sem ela? No passado, quando tentava imaginá-lo por breves momentos, todas as razões apropriadas estavam lá. Eram jovens, talvez estivessem a passar fome, carregavam o fardo da responsabilidade de serem pais. Imaginava-os como um par de vagabundos, a mudarem de apartamento para apartamento, miseráveis e famintos, a tentarem sobreviver. Talvez ela tivesse sido um erro, um acaso desafortunado. Talvez eles tivessem feito tudo o que era possível antes de desistirem, de deixarem outra pessoa encarregar-se dela. Sim, fora fácil não pensar neles. Até dar por acaso com aquela carta, nenhuma outra possibilidade lhe ocorrera. Mas agora aqui estava. Agora, por sua livre vontade, era ela quem andava atrás de fantasmas.



No cruzamento, olhou para a tabuleta da rua e dobrou a esquina, a sentir que a sua pulsação se acelerava um pouco. Passavam algumas pessoas por ela à pressa, de

cabeça baixa, mãos nos bolsos, sem se aperceberem de que ela estava a andar tão devagar que quase vinte minutos depois ainda não tinha chegado ao fim do quarteirão. Quando por fim chegou ao seu destino e olhou para cima, ficou surpreendida ao ver que o edifício tinha mais ou menos o aspeto que ela recordava. Só faltavam os andaimes de metal e a tabuleta azul a dizer Orfanato de São Paulo, mas a todos os outros títulos o edifício parecia inalterado.

Timidamente, entrou pelo portão com caixilho de madeira, à espera de se ver frente a frente com uma série de crianças, mas o pátio estava em silêncio. Viera tarde e sem anunciar a sua visita. E agora parecia-lhe absurdo estar ali. Viera com a esperança de encontrar – o quê? Que a diretora do orfanato a convidasse a entrar e lhe entregasse um dossiê selado? Um dossiê que, indubitavelmente, os seus pais tinham pago uma vasta quantia de dinheiro para manter na obscuridade?

Virou-se para se ir embora e já estava quase a chegar ao portão quando nas suas costas se abriu uma porta com um estalido e um raio de luz lhe incidiu nos olhos. À luz sombria, um oficial marchou na direção dela, a franzir a testa enquanto endireitava a aba do seu boné. Por um momento, Natalia pensou que ele vinha ter com ela para a interrogar, para lhe perguntar o que estava a fazer aqui. Mas ele passou por ela a toda a pressa sem um único olhar. O portão fechou-se com estrondo e, encostada ao muro para se esconder na sombra, viu que a porta do edifício principal ficara entreaberta. Esperou cinco minutos e depois entrou silenciosamente.

O átrio, à semelhança do exterior, parecia estranhamente inalterado, com as paredes verdes esfoladas, o cheiro a amoníaco e o linóleo aos quadrados que chiava sob os seus passos hesitantes. Enquanto se dirigia para o que recordava vagamente ser o gabinete da diretora, tentou recapitular o que diria. Como explicaria porque tinha vindo

ali? A velha senhora reconhecê-la-ia todos estes anos depois?

Parou em frente à porta, inspirou fundo. Rapidamente, antes de ter tempo de mudar de ideias, empurrou para baixo a maçaneta da porta e entrou. Enquanto vagueava o olhar pela sala, a apreender o que estava a ver, ficou paralisada, confusa. Havia uma enorme mesa retangular que ocupava a maior parte do espaço a substituir a secretária velha e esfolada da senhora Tudor, e sentados à volta dela estava cerca de uma dúzia de homens com fardas militares. Havia pranchas e dossiês espalhados sobre a mesa, e um gravador estava colocado mesmo no meio, ao lado de uma garrafa de água meio cheia.

- Pe... peço perdão - gaguejou Natalia quando uma dúzia de pares de olhos se ergueu ao mesmo tempo para olhar para ela. - Devo estar na sala errada, devo estar... - Recuou um passo. - Por favor, perdoem-me.

Um dos homens, um idoso cujo peito estava coberto de condecorações, rodou a cadeira para a olhar de frente. À dura luz artificial, o seu cabelo grisalho parecia quase prateado, assim como a sua barba bem aparada, que afagou pensativamente enquanto a fitava com um olhar penetrante. Observou-a com os seus frios olhos azuis como se ela fosse alguma espécie de inseto raro que ele estivesse a tentar decidir se esmagar com o pé ou libertar.

- Minha jovem, o que está a fazer aqui? - perguntou severamente daí a um momento.

- Perdoe-me, senhor - repetiu Natalia, embaraçada. - Eu não queria interromper. Estava só... estava só à procura da senhora Tudor, a diretora do orfanato. Peço perdão por ter entrado sem licença.

- Orfanato? Que orfanato?

O oficial à direita dele pigarreou. - Sim, general, ela tem razão. Havia aqui um orfanato, antes da guerra. Parte do edifício foi destruído nos bombardeamentos. A ala dos dormitórios das crianças e da cozinha, para ser exato. E a

sala do arquivo também, para além de um par de salas de aulas.

- Então, o que é que quer? - Natalia ouviu vagamente o oficial dirigir-se a ela.

O que aconteceu às crianças? Onde estão as crianças?, quis gritar. *Onde estão as freiras, a cozinheira, as professoras?* Mas só conseguiu ficar ali parada, com o temor a percorrê-la como água gelada.

- Eu era uma das crianças aqui - murmurou, tão baixo que o oficial pôs a mão na orelha em concha.

- O que disse?

- Antes da guerra, eu era uma das crianças aqui. Era uma das órfãs que viveram aqui durante algum tempo.

- Bem, isto agora é um edifício governamental. Não sabemos nada sobre o orfanato. E a menina entrou sem autorização numa reunião oficial - disse ele com um ar distante.

- Peço perdão. Peço perdão pelo incómodo.

E depois desatou a correr. Virou-se e correu tão depressa quanto podia pelo corredor e pelo pátio que fora em tempos o seu recreio. Correu, sem olhar para trás, sem se dar ao trabalho de fechar o portão, pela rua abaixo e até mais longe ainda, até uma pontada forte no lado do corpo a obrigar a parar. Encostada a uma parede, a tentar recuperar o fôlego, olhou para cima, para o céu que escurecia, e pensou nas crianças. As crianças.

Foi só muito mais tarde, quando voltou para trás até à paragem do autocarro, que conseguiu secar os olhos. Quaisquer que fossem os vestígios que restassem do seu passado, quaisquer que fossem os segredos confinados dentro daquelas paredes, tinham desaparecido nas chamas juntamente com o orfanato. O fio terminava ali; estava cortado definitivamente. Mesmo antes de dobrar a esquina, lançou um olhar para trás ao edifício que, por um breve período de tempo, fora o seu lar. Fitou-o uns momentos, a tentar gravá-lo na mente. Sabia que nunca mais o veria.

CAPÍTULO 35

— **E**steve aqui alguém a perguntar por si hoje - anunciou Natalia enquanto atacava com vontade um prato de frango assado.

A carne gorda e dourada desfazia-se na sua boca, tão tenra que ela soltou um suspiro involuntário. Nas raras ocasiões em que a mãe conseguia arranjar um frango fresco no talho, o primeiro jantar era sempre um festim. Nos dias que se seguiam, haveria uma série de pratos cuidadosamente elaborados com todos os restos, rematados por uma sopa feita unicamente com os ossos do frango. Mas a primeira refeição era sempre um mimo raro, e Natalia detestava ter de abordar qualquer assunto desagradável numa altura dessas.

— Disse o nome? — perguntou o pai.

— Disse que era inspetor camarário. Estava a fazer um censo e queria saber quantas pessoas viviam na nossa casa. Eu disse-lhe que tinha de voltar quando o pai estivesse em casa.

O pai ergueu os olhos do prato. Pareceu a Natalia que o viu empalidecer um pouco. — Natalia, sabes que não deves responder nunca a nenhuma pergunta sobre a nossa família, não podes...

— Sim, papá, eu sei. Pedi-lhe que se fosse embora. Ele disse que voltava noutra altura.

Fez-se um silêncio, durante o qual o pai acenou ligeiramente com a cabeça e depois comeu várias garfadas antes de pousar o garfo.

- Tive hoje a maior encomenda de há anos - disse ele, com uma expressão um pouco mais animada. - Veio uma pessoa à loja e comprou dez mil envelopes de qualidade superior, assim, sem mais. Ajudei-o a levar as caixas para a rua, ajudei-o a metê-las na mala do carro.

Despina levantou os olhos do prato, surpreendida. - E quem era, Anton?

- Disse que era do ministério, não percebi de qual. Um funcionário qualquer, suponho. Parecia bastante interessado no nosso inventário. Disse que voltava daqui a um mês para fazer outra encomenda. Depois pagou os envelopes a pronto. A pronto, Despina. Quem faz agora uma coisa dessas?

- Não sei - respondeu Despina, depois de um momento de reflexão, levando o copo de água à boca, e Natalia adivinhou no que a mãe estava a pensar. Aquilo significava um pouco mais de comida durante algum tempo, comida *melhor*, fruta, talvez, ovos frescos. Significava que podiam alargar as suas rações um pouco. Bem vistas as coisas, era a melhor notícia que tinham há meses.

- Seja como for, o que é que isso interessa? É maravilhoso, Anton - prosseguiu a mãe, toda animada, levantando-se da cadeira e começando a recolher os pratos onde não restavam vestígios de comida. - Não podia vir em melhor ocasião. Não consegui vender nada na feira da ladra esta semana. As mulheres dos nossos grandes líderes parecem estar fartas de pratas, ao que parece, mesmo das que podem comprar por umas moedas.

- Despina, por favor...

- Oh, eu sei, Anton. Eu sei. Ela também sabe. Está lá a ajudar-me todas as quartas-feiras, não te lembras?

Piscou o olho a Natalia, que retribuiu com um pequeno sorriso do outro lado da mesa. O que a mãe estava a dizer era verdade. Tinham semanas boas e semanas más na *talcio* local, e esta não tinha sido particularmente boa. No entanto, persistiam semana após semana, sem querer

saber. O mais frequente era render algum dinheiro de que bem precisavam, e ela já não se importava tanto como ao princípio.

Um mês antes, quando foram lá pela primeira vez, Natalia sentira vontade de se enfiar num buraco e desaparecer. Seguindo a mãe por entre um mar de mulheres que tinham exposto os seus bens mais preciosos em mantas grosseiras no meio de uma praça vazia, rezou a Deus para que a fizesse simplesmente desaparecer, a tirasse da cena que se desenrolava à volta dela, como um pintor poderia cobrir com tinta uma parte da sua tela. Estava calor, e elas esperaram durante algum tempo num lugar à sombra de uma árvore que tinham tido a sorte de arranjar. A mãe trazia um dos seus vestidos bonitos, o que embaraçava Natalia ainda mais. A maneira como estava ali, de costas direitas, com o cabelo solto a brilhar ao sol como se fosse uma espécie de feiticeira. Uma mulher aproximou-se, olhou para a mala aberta delas. – Isso – disse, com um sotaque russo pronunciado, apontando um dedo com a unha pintada de vermelho a uma das estolas da mãe, e ela baixou-se e pegou nela.

Dava-lhe vontade de rir agora ao pensar no seu orgulho tonto, na pura raiva que despertara dentro dela quando aquela mulher passou os dedos pela pele, virando-a para palpar o forro de seda e sem sequer olhar nos olhos a sua mãe quando lhe passou para as mãos algumas notas. Porque, compreendia agora, o importante, a única coisa que interessava, era que elas *tinham* coisas para vender. Ainda tinham as peles, as malas de mão de pele de cobra e os chapéus com modelos de Viena e Paris da mãe. Tinham pratas e porcelanas. E, mesmo que todas essas coisas na sua totalidade rendessem agora uma fração do seu verdadeiro valor, ainda tinham o suficiente para poderem continuar a comer durante anos.

Contudo, Natalia não conseguia parar de fazer contas, de calcular mentalmente que pertences ainda restavam, o que

venderiam a seguir. Não conseguia mesmo.



Cedo na manhã seguinte, ouviram-se pancadas na porta. O som vinha de um lugar distante, como se estivesse a seguir Natalia do sono, e ela sentou-se direita na cama, um pouco desorientada, e lançou um olhar ao relógio. Passava pouco das sete. Quem viria a esta hora a um domingo? Não sabia há quanto tempo estavam a bater à porta, mas, como parecia que mais ninguém iria abri-la, ela levantou-se e desceu as escadas em bicos de pés. No átrio, o chão dava a sensação de ser gelo por baixo dos seus pés descalços quando ela se dirigiu para a porta e espreitou pelo óculo.

O homem entroncado de fato que viera perguntar pelo pai dela no dia anterior estava de volta. Encontrava-se a uma pequena distância da porta, a segurar delicadamente o chapéu contra o peito, mas havia algo intrusivo na maneira como os seus olhos percorriam a casa, a examinar os apliques de ferro, a olhar para cima como se estivesse muito interessado na altura do telhado, na perfeição do estuque das paredes.

Natalia recuou um passo e deixou tombar o tampo do óculo com um tinido. Não lhe agradava o ar daquele homem. O que é que ele queria? Porque estava aqui a esta hora? Bem, se não sabia que não era uma hora própria para fazer uma visita, não era ela quem o ia informar disso. A ferver de irritação, começou a subir as escadas e estava quase no cimo quando praticamente esbarrou no pai.

- Talia, quem era? - perguntou ele, passando a mão pelo seu cabelo grisalho despenteado. Se havia alguma coisa a trair os seus cinquenta anos era que o cabelo dele, em tempos preto como o azeviche, tinha agora fios prateados. Isso e um ligeiro descaimento dos ombros em que ela reparara recentemente.

- Oh, isso... bem, não era ninguém, realmente - respondeu ela, pouco convincente. - Não acho que seja ninguém... ninguém importante, quero dizer... - Parou de falar, porque o pai estava já a descer as escadas a toda a pressa, com o roupão de seda cor de vinho a esvoaçar atrás dele.



Supostamente, ela devia trazer ao homem alguma coisa para ele beber. - Uma bebida? - disse baixo ao pai, abismada. Uma bebida, depois da maneira como ele entrara na casa sem cerimónias, pendurando o chapéu no átrio sem ser convidado?

- Sim, um copo de água - segredou o pai enquanto mudava de roupa. Se ela não se importasse de voltar lá abaixo.

Bem, ela importava-se. Ela importava-se muito, mas não havia nada que pudesse fazer agora. Sem se dar ao trabalho de cumprimentar o homem, foi direita à cozinha, onde encheu um copo com água tépida na banca. Depois, trouxe-o para a sala de estar, onde o homem já se instalara à vontade no sofá. Quando ela pousou o copo na mesa de apoio, foi com um baque alto, mais alto do que tencionava.

- Ah, obrigado - murmurou o homem, sem levantar os olhos do interior da sua pasta, que estava aberta ao lado dele. Pôs um par de óculos no seu nariz batatudo e enfiou a mão num dos bolsos laterais forrados a seda. - É muita bondade sua.

Por fim, retirou uma caneta prateada e um pequeno bloco de apontamentos no qual começou a escrever furiosamente, franzindo a testa numa atitude de reflexão de poucos em poucos momentos e empurrando os óculos mais para cima no nariz. Quando acabou, levantou-se e, com a caneta e o papel ainda na mão, deu a volta ao sofá, tocando

com os seus dedos curtos o estofo de veludo. Daí a um momento, estava diante do louceiro, a inclinar a cabeça para um lado e para o outro, a examinar os objetos lá dentro. Durante todo o tempo, continuou a escrevinhar no seu bloco de apontamentos.

- Desculpe, há mais alguma coisa em que possa ajudá-lo?
- disse Natalia, sem conseguir conter-se mais. - Algo para satisfazer a sua curiosidade?

O homem não respondeu. Não olhou para ela. Só os seus dedos continuaram a mover-se, a traçar linhas invisíveis sobre a superfície do móvel talhado à mão, do fogão de sala de mármore branco, dos livros encadernados a pele nas prateleiras.

- A menina toca? Ou a sua mãe? - perguntou, virando-se para Natalia abruptamente como se só agora reparasse que ela estava na sala. Pegou numa pilha de pautas musicais do aparador e começou a folheá-las. - Há um piano na casa?

Natália sentiu algo a subir-lhe à garganta, amargo, como café requentado. Olhou para as mãos, a rezar para que o pai descesse imediatamente e pusesse este homem mal-educado fora da casa deles. Detestava o seu rosto corado e transpirado, os seus olhos desavergonhados que não paravam de vaguear pelos pertences da mãe, coisas que estavam na família há gerações, como se estivessem expostas nuns saldos baratos.

- Oh, isso - disse ela friamente. - Sim, há um piano lá em cima. Não é afinado há anos. É só uma peça de mobiliário, na realidade.

Ele encarou-a sem expressão, como se não tivesse prestado atenção, e depois o seu rosto abriu-se num sorriso grosseiro, a mostrar uma fiada de dentes manchados de tabaco. - A loja do seu pai fica aqui perto?

Era demasiado para ela suportar, e deu meia-volta e saiu de rompante da sala, passando num redemoinho pelo pai, que aparecera à porta envergando um par de calças caqui e uma camisa de linho branco. O olhar que ela lhe disparou

destinava-se a transmitir-lhe a sua sensação de ultraje, mas ele não o viu; tinha os olhos focados noutra lugar muito diferente.

Ao cimo das escadas, Natalia sentou-se no último de grau e tentou ouvir a conversa que se seguiu. O pai não tinha fechado a porta e ela conseguia compreender quase todas as palavras. O homem estava a fazer perguntas umas atrás das outras, sobre as propriedades que o pai tinha antes da guerra, a loja, os cavalos que lhe tinham sido tirados quando a coudelaria fora nacionalizada há dois anos. Perguntava quantos quartos tinham, quantas casas de banho, se o quarto da criada estava ocupado. O que havia no sótão?

Ao fim de algum tempo, Natalia levantou-se e correu para o seu quarto. Atirou-se para cima da cama e ligou o rádio. Não podia suportar nem mais um momento ouvir aquele homem que estava a interrogar o pai dela, a escrevinhar furiosamente no seu bloco de apontamentos, a catalogar toda a vida deles. Não conseguia escutar nem mais um momento o tom de voz do pai, tão resignado e inexpressivo, como se a batalha já estivesse perdida.

CAPÍTULO 36

Janeiro de 1955

Ela acordou a meio da noite, a tremer, e teve de se concentrar em inspirar e expirar profundamente, de modo constante e lento, para desfazer o nó de temor no estômago. Sonhara com uma reunião de família, os primos e as tias todos reunidos à volta da mesa oval da sala de jantar. O sol infiltrava-se inocentemente pelas cortinas de renda, com estilhaços de luz a refletirem-se nos copos de vinho de cristal, nas pratas perfeitamente alinhadas. Havia um estufado de borrego bem cheiroso numa das taças de porcelana da mãe, com o seu molho escuro e espesso. No outro extremo da mesa, uns pastéis finos não maiores do que o seu polegar faziam-na ficar com água na boca. Havia limonada, que a sua mãe acabara de fazer com os limões do quintal, e garrafas de vinho desarrolhadas, com os seus rótulos de papel metalizado a brilharem à luz da tarde. Do outro lado da mesa, o pai estava a rir-se. *O que tem tanta graça, papá?*, perguntou ela, rindo-se com ele, e depois, abruptamente, acordou. Os olhos dele eram a última coisa de que se recordava. No sonho, brilhavam e bailavam como quando ela era pequena.

Noite após noite, Natalia sonhava com a sua antiga vida. Fragmentos de recordações esfumadas torturavam-na interminavelmente; não lhe davam um momento de paz. Bem, ela não queria recordar-se. Não queria recordar a sua casa de infância, o alpendre com o seu perfume dos lilases, o zunido do trânsito, o seu quarto de dormir com as

enormes janelas com vista para os sicómoros. O seu piano, acima de tudo. Detestava toda a nostalgia que acompanhava aquilo, a pena inútil, o aperto no coração. Teria dado tudo para se ver livre daquelas recordações, para as queimar até se transformarem em cinzas. Pelo menos então poderia viver no presente, no aqui e agora, que ela, com as suas próprias mãos, tinha criado. Não tinha sido ela a deixar entrar aquele homem na casa deles? Não era ela a culpada de tudo o que se seguiu?

Natalia fechou os olhos com força para deixar de ver o quarto a andar à roda. Como esqueceria alguma vez a expressão do rosto da mãe naquele dia, quando o inspetor regressou com uma escolta policial e documentos oficiais para os pôr na rua? Como esqueceria alguma vez a expressão dela, desvairada e incrédula, a suplicar em silêncio que aquilo não fosse verdade? O seu pai a fitar um ponto à distância, sem falar, sem se mover, como se alguém tivesse desligado um interruptor?

- Vão ser mudados para um apartamento comunal do outro lado da cidade - dissera-lhes o inspetor. - Um apartamento muito agradável, de facto. Têm duas horas para fazer as malas.

O que havia no sorriso dele naquele momento? Culpa? Satisfação? Fosse o que fosse, ela fora a única a vê-lo. O pai já tinha desaparecido nessa altura. Só restava a sua forma física ao fundo das escadas - corcovado, pálido, imóvel. E a mãe - a mãe estava aos gritos.



Natalia virou-se para a parede. Tinha as pálpebras demasiado pesadas para conseguir manter os olhos abertos, a cabeça demasiado pesada para a erguer da almofada, o coração demasiado pesado para encarar um novo dia. Já tinha começado a adormecer outra vez quando

foi despertada pelo som de um objeto a atingir o outro lado da parede, mesmo por cima do sofá no quarto da família que era também a sua cama. E mais um. Uma porta bateu com tanta força que os caixilhos das janelas estremeceram. Ouviu a voz de um homem, hostil e empastada, e depois uma mulher a suplicar, aos soluços. – Por favor, Dima, por favor, Dima, por favor, Dima. Por favor, para.

Natalia pôs uma almofada por cima da cabeça para abafar o ruído. Uns passos pesados martelaram o corredor, a aproximar-se, mas continuaram para a parte da frente do apartamento. Daí a um instante, a porta da rua fechou-se com estrondo e depois fez-se silêncio. Ela sabia que o silêncio só duraria o tempo suficiente para ele ir até à tabacaria da esquina comprar mais uma garrafa de *gin*. Esperava conseguir dormir durante o que iria seguir-se.

Alguém a bater à porta acordou-a daí a algum tempo. Olhou para o relógio de pé e apercebeu-se de que já era de manhã. Um pouco grogue, lançou as pernas para fora do sofá e foi até à porta que separava os dois quartos deles do resto do apartamento. Diante dela, uma mulher com um roupão de flanela até aos pés apoiada a umas muletas olhou-a desconfiada. Metade do seu rosto era uma nódoa negra, e ainda trazia rolos no cabelo.

– Olá, sou a Ioana – disse a mulher, sem sorrir, sem estender a mão. – O meu marido e eu ocupamos os quartos ao lado dos vossos. Só queria assegurar-me de que têm noção do horário da casa. Está afixado em todas as casas.

– Sim – murmurou Natalia. – Eu sei.

– Bem, não temos visto muito a vossa família, por isso eu só queria ter a certeza de que sabem que não há exceções. Nenhumas. Se não cumprirem o horário, não podem usar a casa de banho. Nem a cozinha. – Fitava Natalia obstinadamente.

– Está bem – disse Natalia num tom inexpressivo. – Obrigada por nos informar.

Tal como Natalia e os seus pais, aquele casal era novo no apartamento. Ouvira a mãe dizer que se tinham mudado poucas semanas antes e que, como o marido era jornalista do Partido, tinham conseguido o maior dos seis quartos, ao lado da cozinha e da casa de banho. Os restantes dois quartos estavam ocupados por uma enfermeira jovem que trabalhava no turno da noite e nunca saía do quarto durante o dia e por uma mulher dos seus quarenta e muitos anos que estava empregada na refinaria do petróleo e passava todo o seu tempo livre a animar as multidões em comícios de apoio ao Partido.

Fora tudo o que Natalia conseguira ficar a saber sobre os vizinhos nos poucos dias desde a mudança. Era mais do que alguma vez quiereria saber. Estas eram as pessoas com quem se via forçada a partilhar casa, um homem que batia na mulher todas as noites e uma informadora do Partido que a fitava com um ódio declarado quando se cruzavam na área comum do apartamento e que, provavelmente, só queria ver a família dela metida num comboio a caminho de um campo de trabalhos forçados. Como é que ela aprenderia a respirar, a movimentar-se, a comer, a dormir, a *existir* entre eles? E por quanto tempo? Subitamente, o resto da sua vida pareceu-lhe uma eternidade. Enroscou-se agarrada a uma almofada e fechou os olhos.

Era o fim da tarde quando os abriu de novo. O apartamento estava mergulhado num silêncio pouco habitual, salvo o som ténue do rádio que vinha do quarto ao lado, com o pai sem dúvida a rodar o botão para a frente e para trás a tentar sintonizar a Rádio Europa Livre. Na penumbra, ela viu a mãe a dispor as pratas que tinham conseguido trazer num armário com uma porta de vidro partida, a tirá-las uma a uma da única mala de porão que lhes tinham permitido trazer.

O pai entrou no quarto. Esforçando-se por falar baixo, disse: – Dizem que é só uma questão de tempo até o Ocidente intervir. As atrocidades que se passam aqui não

podem continuar por muito mais tempo. Sabes o que chamam à fronteira que se estende entre nós e o resto da Europa? A Cortina de Ferro, Despina. A Cortina de Ferro. Vai chegar auxílio em breve, vais ver.

O pai, como ela, sem convicção. E depois voltou para o seu quarto, apagou a luz.



Quanto tempo se passou assim? Natalia não tinha a certeza. Dias, pelo menos, como a sua mãe lhe recordava constantemente. Todas as manhãs, quando lhe pousava a mão fresca na testa e lhe segredava ao ouvido: – Talia, anda, tens de comer alguma coisa – ela sabia que mais um dia tinha passado. Como podia explicar que nunca mais queria voltar a abrir os olhos, nunca mais queria comer, lavar-se, mexer-se? Não podia, claro. Por eles, tinha de arranjar maneira de pôr o corpo em ação. Por eles, tinha de arranjar maneira.

Foi só quando a mãe ameaçou deitar-lhe água fria em cima que ela o fez. Levantou-se com relutância, embora intimamente a última coisa que quisesse fosse perturbar a mãe, enlouquecê-la com a preocupação. Enfiou os pés nos chinelos e, sem se dar ao trabalho de vestir um roupão por cima da camisa de noite, seguiu a mãe para a área comum, onde um prato com torradas e uma caneca de chá tinham sido colocados cerimoniosamente em cima de uma mesa de madeira coberta por um plástico. Natalia trincou uma torrada, mastigou-a apaticamente e percorreu a divisão com os olhos.

O apartamento não era tão horrendo como parecera à primeira vista. Via-se que fora elegante em tempos, ao estilo do virar do século xx, com portas de vidro grosso e biselado, janelas amplas e um chão de *parquet* com entalhes intrincados. Mas anos de desleixo tinham feito

com que a tinta dos parapeitos das janelas ficasse esfolada, as paredes enegrecidas com fuligem, o brilho e a opulência do soalho ocultados por baixo de camadas de sujeira. Não ajudava nada que a sala de estar tivesse sido retalhada e barricada, com cada família a reclamar a sua parte com divisórias de madeira e tapetes pendurados de cordas da roupa. No entanto, algo neste apartamento degradado a comovia. Era um inválido, um aleijado a precisar de aceitação, a precisar de afeto. Como ela, esforçava-se por se manter direito, por manter alguma aparência do seu anterior esplendor.

Depois do pequeno-almoço, Natalia ajudou a mãe a levantar a mesa e a levar a louça para a cozinha ao fundo de um corredor mal iluminado. Ainda estavam a lavar as chávenas e a pô-las a secar na banca quando a mulher que Natalia mais receava irrompeu pela porta de vaivém.

- Esgotou-se o vosso tempo - disse, sem sequer as cumprimentar. - Não viram o horário? - Ficou ali de pé, com um avental engordurado por cima de um vestido de uma cor viva, a apontar para a folha colada na parede por cima do fogão.

- Sim, estamos quase a acabar - disse Despina, sem levantar os olhos dos pratos, que continuou a esfregar vigorosamente.

A mulher arregalou os olhos o mais possível e uma nova tonalidade de cor-de-rosa alastrou pelo seu rosto já corado. - Camarada, isto não pode voltar a acontecer! - exclamou, acenando com a mão gorducha no ar. - Há manifestações a que eu tenho de comparecer todos os sábados, compreende? Todos os sábados à tarde, e não posso atrasar-me nem num minuto!

Envolveram a louça à toa nos panos de cozinha e saíram apressadamente sem dizer uma palavra. A voz da mulher perseguiu-as até ao fundo do corredor.

- É isso mesmo! Quem raio é que vocês julgam que são? Os seus dias acabaram, *madame*! Acabaram! Não tarda

nada, está-me a engraxar as botas à porta!

A primeira coisa que a mãe fez quando voltaram para os quartos deles foi fechar as janelas. A seguir, correu todas as cortinas.

- Nunca mais fales com aquela mulher. Não digas uma palavra - comentou a Anton, que estava a folhear o jornal à procura de notícias que não existiam. - Nem sequer a deixes ouvir-te segredar. Ela tenciona arranjar-nos problemas.

- Oh, deixa-me estar, Despina! Eu posso dizer o que quero no meu próprio quarto. Aquela cadela comunista pode ir para o inferno!

Despina olhou para o marido, horrorizada. A seguir, foi para o outro quarto e ligou o rádio nas alturas.



Passaram-se semanas assim. Semanas até eles conseguirem sair de um estado de paralisia, de inércia atordoada. Quando começaram a retomar uma rotina, Natalia já se habituara a encaixar as suas tarefas diárias em períodos predeterminados. Aprendeu a tomar banho em água tépida, aproveitando ao máximo os dez minutos a que tinha direito, a levantar a mesa e lavar a louça antes de os outros ocupantes do apartamento entrarem com os seus tachos e as suas panelas, a sua banha de porco e as suas cenouras murchas, para cozinharem no fogão que só a sua mãe se dava ao trabalho de limpar. Aprendeu a falar em voz baixa, num murmúrio, a transformar o rosto numa máscara que não traía mais nada a não ser uma indiferença casual, a encolher os ombros quando lhe era arremessado um insulto. Mais importante ainda, aprendeu a convencer a mãe de que não tinha fome, nunca tinha fome, porque as poupanças deles estavam a esgotar-se rapidamente.

Desde o dia em que o pai fora obrigado a abdicar do título de propriedade da loja e da casa que construía com as suas mãos, andava à procura de trabalho. Procurara em toda a parte, mas ninguém queria contratá-lo. Concorreu a lugares de empregado de balcão, a seguir de empregado de mesa e de taxista, até mesmo para trabalhar num carrinho a vender *pretzels* numa esquina.

- Ainda sou novo, posso fazer qualquer trabalho - dizia a lojistas, a gerentes de restaurantes e a empregados de lojas.

- Tem documentos de trabalho? - perguntavam-lhe todos.

- É membro do Partido com cartão?

- Não - admitia ele. - O meu direito a trabalhar foi revogado, mas estou disposto a fazer qualquer coisa. O que precisar, basta pedir-me. Em tempos, fui proprietário de uma cadeia de lojas. Sou uma pessoa engenhosa, sabe? Ponha-me à experiência. Paga-me o que puder.

As conversas terminavam sempre mais ou menos da mesma maneira. - Não vale o trabalho que daria, receio bem. Eu arranjava problemas se o contratasse. Boa sorte. Espero que encontre alguma coisa em algum lado. Mas aqui não.

Encontrava alguma coisa de vez em quando, trabalho por um dia que ninguém queria e que mal dava para pagar uma refeição e a viagem de trólei para casa. Vendeu bilhetes da lotaria no quiosque da esquina perto do estádio desportivo, varreu passeios, ajudou a descarregar camiões de entregas em alguns restaurantes que ainda estavam abertos na cidade. As únicas pessoas que o contratavam agora eram velhos amigos, pessoas do seu passado, dos velhos tempos.

Mesmo assim, esses trabalhos eram uma bênção. Quando conseguia voltar para casa com um pouco de dinheiro no bolso, Despina pegava nas notas e contava-as cuidadosamente. Depois, apressava-se a ir ao mercado ao ar livre comprar alguns vegetais, uns ovos frescos, antes que se esgotassem, fazendo os possíveis por confeccionar

uma refeição que reavivasse a energia cada vez mais reduzida do marido, o seu ânimo alquebrado. Porque havia só uma coisa que a mãe de Natalia estava decidida a fazer, manter algum grau de normalidade no seu lar, embora nada na nova vida deles fosse normal. Por isso, no entanto, a mãe dela estava disposta a lutar até ao seu último fôlego. Lutaria como naquele dia durante a guerra, quando viajaram no escuro num comboio cheio de soldados feridos, olhando para a frente, só para a frente, para o que quer que fosse ainda possível.



Para o dia em que Anton fazia cinquenta anos, Despina arranjou maneira de fazer a tarte preferida dele, embora ninguém visse fruta fresca em Bucareste há mais de cinco anos.

- Tive uma ideia - segredou a Natalia naquela tarde no início de junho. - Vem comigo. - Passou-lhe um cesto de palha de ir às compras, pegou nas chaves de casa e encaminhou-se para a porta.

- Vamos ao mercado ao ar livre? - perguntou Natalia, perplexa, sabendo que o orçamento para a semana já se esgotara há dias.

- Não propriamente. Vamos só dar um passeio. Só um passeio pelas redondezas. Tu e eu, sozinhas.

Natalia olhou-a desconfiada, mas seguiu-a. Estava de facto um dia de verão perfeito, e ela não se importava de ir dar um passeio, embora a mãe não parecesse muito disposta a conversar. A caminhar ligeiramente à frente dela, parou à esquina e acenou a fazer-lhe sinal para que se apressasse. Daí a um momento, viram-se numa rua remota empedrada, onde uma grande quantidade de árvores lançava longas sombras no sol da tarde.

- Então, aqui estamos nós - disse Despina.

- Onde? - perguntou Natalia, ainda perplexa.

- Olha à tua volta, querida. - Estendeu o braço na direção da rua e uma expressão marota bailou-lhe nos olhos.

E então, subitamente, ela viu. Ramos de cerejeiras carregados com frutos pendiam sobre as vedações com portões de ambos os lados do passeio. A rua estava atapetada de cerejas que tinham tombado das árvores. Um pequeno grito de espanto saiu-lhe dos lábios. Viu a mãe começar a colher os frutos caídos, a debruçar-se e a endireitar-se enquanto avançava, atirando as cerejas para o seu saco de juta como se fosse a coisa mais natural do mundo.

- Esse teu saco está bem cheio - disse a brincar, lançando um olhar a Natalia, que estava ali parada a agarrar o saco contra o peito.

Num instante, Natalia alcançou a mãe e passou o braço pelo dela. Encostou a cabeça ao ombro dela e caminharam assim por uns momentos, perdidas nos seus pensamentos, a passarem pelas sombras dançarinas no passeio para a rua seguinte, onde mais cerejas estavam espalhadas no chão, prontas a serem colhidas. O céu de verão era como um abraço, tão azul, a cor da esperança. Não era muito, mas era o suficiente para a fazer sentir-se grata. Grata, de facto, por ainda ter a sua família e por, pelo menos, irem saborear uma tarte esplêndida.

Três

VICTOR

CAPÍTULO 37

Agosto de 1959

Embora Natalia tivesse prometido a Lidia que chegaria à casa dela o mais tardar às seis, com os autocarros a circularem com atraso viu que não conseguiria chegar até essa hora. A sua prima, a sua queridíssima amiga, ia dar uma pequena festa de anos no seu novo apartamento. Convidara alguns amigos do banco nacional onde trabalhava há dois anos, pessoas que queria apresentar a Natalia.

- Por favor, Talia, só esta vez, chega a horas. Penso que vais achar que vale a pena - dissera a brincar, acotovelando Natalia quando as duas estavam sentadas num banco de jardim a beber a meias uma laranjada no domingo anterior.

Ao princípio, Natalia disse que tinha afazeres nesse dia, que estava ocupada. Mas Lidia continuou a insistir, a usar todo o seu encanto, expondo todas as razões por que Natalia não podia perder aquela festa, simplesmente não podia. - Não achas que és demasiado velha para não teres um admirador? - disse mais diretamente, quando começava a parecer que não conseguiria convencê-la. - Tens vinte e dois anos, Natalia, por amor de Deus!

E por fim Natalia aceitou o convite.

Demorava quase meio dia e era preciso apanhar dois autocarros para chegar à casa de Lidia. Ela vivia agora numa zona dos arredores da cidade, onde prédios de apartamentos construídos depois da guerra se estendiam por quilómetros a perder de vista. De cada vez que Natalia

visitava a prima, tinha dificuldade em encontrar o apartamento dela e, muitas vezes, perdia-se no labirinto de caminhos que ligavam um gigante de cimento a outro. Na maior parte das vezes, parecia demorar quase tanto tempo como a viagem a encontrar o bloco certo, as escadas certas, a porta certa.

Pelo menos, Lidia tinha a sorte de viver sozinha. Era dona do seu destino, pensava Natalia com uma pontada de inveja no primeiro autocarro, por entre uma massa de corpos apinhados. Daí a cinco anos, provavelmente ela ainda estaria a viver em casa. Na empresa de exportação de produtos agrícolas onde trabalhava, mal ganhava para sustentar os três, quanto mais para uma casa só sua. Mas não podia queixar-se. Por sorte, conseguira obter a transferência da cooperativa agrícola a vinte quilómetros de Bucareste, onde fizera turnos de doze horas durante quase um ano. Pelo menos, já não tinha de suportar as viagens num comboio fedorento, a falta de sono, os trabalhadores agrícolas a olharem-na com sorrisos lascivos, a roçarem-se nela, a rirem do seu orgulho puritano. Já não tinha de suportar o sol a bater-lhe nas costas enquanto apanhava batatas num campo aberto, o frio cortante que se seguia nos meses de inverno, quando ao pôr do sol se arrastava de volta para a estação sem sentir as pernas.

Não, em comparação, o armazém onde trabalhava agora era um sonho. O seu trabalho, também – limpar e escolher peras, pêssegos e alperces, depois carregá-los para as plataformas dos camiões que os levavam diretamente para fora do país – era menos árduo do que imaginara. Embora mal se recordasse do sabor daqueles frutos, gostava de os sentir nas mãos, macios, cheios e fragrantes na época deles.

O autocarro parou com um chiar de travões e quando as portas se abriram para deixar entrar nova vaga de passageiros acalorados, Natalia apercebeu-se de que ia perder a sua paragem. Apertando a mala de mão contra o

peito, abriu caminho até à frente e desceu à pressa na praça Romana, a poucos quarteirões de distância de onde ficava antes a loja do seu pai. Daí, atravessou a avenida Magheru para a paragem do trólei, onde se sentou num banco à espera, a ver a atividade que se desenrolava na periferia da praça: ciganas a venderem flores, vendedores de *pretzels*, mendigos acorados com cartões a pedirem esmola e transeuntes apressados, preocupados, de testa franzida e olhos pregados no chão. O trólei estava atrasado, como de costume, e daí a meia hora ela decidiu ir a pé.

De vez em quando, lançava um olhar para trás, para ver se avistava o trólei, mas, como não havia sinal dele, continuou a avançar sem pressa. Uns quarteirões mais à frente, reparou num café do outro lado da rua com guarda-sóis vermelhos e brancos na esplanada, onde alguns clientes estavam sentados à volta de mesas de ferro forjado, a falarem descontraidamente, a desfrutarem do sol ameno do fim da tarde. Os raios suaves filtravam-se pelos ramos grossos de um carvalho grande no meio da esplanada, lançando brilhos e sombras bailarinas nas toalhas de mesa aos quadrados. Que sorte, pensou ela, poder sentar-se num lugar como este, saborear uma taça de gelado ou uma cerveja fresca num dia quente.

Não é para pessoas como nós, recordou a si mesma. Aquelas mesas estavam reservadas a uns poucos, um grupo seleto de funcionários e líderes do Partido, funcionários governamentais. Suspirou e estava a olhar para as pessoas na esplanada por mais algum tempo quando de repente, perto de uma fonte no canto mais afastado, uma mulher lhe chamou a atenção. No que Natalia reparou primeiro foi no seu cabelo louro ondulado, tão comprido que cobria as costas da cadeira em que estava sentada. Quando se mexia, aquelas ondas douradas brilhavam ao sol, caindo-lhe em cascata sobre os ombros nus.

Natalia sentia-se fascinada. Ninguém tinha já cabelo assim, ninguém que ela tivesse visto nos últimos anos. A

rapariga riu-se de alguma coisa que o seu companheiro tinha dito. Atirou com a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada, mas a seguir tapou a boca rapidamente ao surpreender os olhares curiosos dos outros clientes. Tentando reprimir o riso, inclinou-se sobre a mesa e a massa de cabelos louros tombou-lhe para o rosto. O homem sentado em frente a ela também se ria enquanto apagava o cigarro num cinzeiro. Depois, pôs-se de pé e tirou algumas notas do bolso, que contou e pôs debaixo do cinzeiro. Antes de se afastar, inclinou-se sobre a cadeira da mulher e, pondo-lhe uma madeixa loura por trás da orelha, deu-lhe um beijo na face.

Natalia não sabia porque aquilo a comoveu tanto, se era a ternura do gesto dele ou a maneira como a mulher lhe sorriu, como se partilhassem alguma espécie de segredo. E nesse momento tomou consciência daquilo que o seu coração já sabia. Aquele homem era Victor.

Fitou-o enquanto ele avançava para a porta do café em passos largos e confiantes. No caminho, parou para dizer alguma coisa ao empregado de mesa que estava ali com uma bandeja na mão e um guardanapo branco sobre o braço. O empregado inclinou-se ligeiramente e sorriu quando Victor desapareceu para dentro do café.

Todo o sangue do corpo de Natalia parecia ter-se esvaído para o chão pelas plantas dos pés. O saco em que tinha metido uma muda de roupa para a festa dava-lhe a sensação de ser demasiado pesado e deixou-o cair ao chão. Encostando-se a uma parede, viu a loura do outro lado da rua tirar um espelhinho da mala de mão e aplicar uma nova camada de *bâton*, inclinando para o sol o seu rosto delicado, em forma de coração. Algo se disparou no estômago de Natalia, como um ácido. Precisava de se afastar dali imediatamente. *Vai, anda, agora*, ordenou a si mesma, mas as pernas não lhe obedeciam.

A muito custo, estendeu o braço para baixo e pegou no saco. Pondo-o ao ombro de uma maneira pouco senhoril,

começou a andar cambaleante pelo passeio. Acelerou o passo, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente a seguir numa direção que desconhecia, já não a encaminhar-se para a paragem do autocarro. E depois ouviu-o.

- Talia! Talia, por favor, para!

Mais uma vez, acelerou o passo, a olhar para os pés, só para os pés, a concentrar-se em pôr um diante do outro. Por um momento, pensou em correr, mas depois apercebeu-se de que não valia a pena, não realmente. Ele conseguiria alcançá-la. Quando parou e se virou abruptamente, ele estava tão perto dela que quase esbarraram um no outro.

- Talia - disse ele, perplexo. - És mesmo tu. Porque ias a fugir de mim?

Ela olhou para cima, para o rosto dele, a sentir como se o ar se tivesse imobilizado, e o seu primeiro pensamento foi que estava a tremer tanto que ele veria. Um acesso de raiva trespassou a teia de choque, embaraço e sentimentos confusos.

- O que é que tu queres de mim? - A pergunta saiu-lhe impetuosamente. - Porque é que me estás a seguir?

Ele recuou um passo, chocado com o tom de voz dela, mas manteve os olhos nela. - És realmente tu - repetiu, como se não conseguisse acreditar. Sorriu indeciso, a procurar os olhos dela com os seus, mas os de Natalia não sorriam.

- Porque é que me estás a seguir? - disse ela outra vez num tom gélido.

Victor parecia estar a tentar recompor-se, a encontrar algo para dizer, uma justificação por ter vindo atrás dela quase dois quarteirões. Era óbvio que a frieza dela o apanhara de surpresa. Bem, sem dúvida que ela já não era a menina doce e passiva de que se lembrava. E sem dúvida ele já não era o jovem deslumbrante de antes.

O seu cabelo preto liso tinha fios grisalhos nas têmporas, e parecia mais magro, de algum modo mais pequeno do que ela recordava, embora ainda fosse muito mais alto do que

ela. Mesmo de saltos altos, ela mal lhe chegava ao cimo do peito. As suas feições angulares, que em tempos a faziam pensar num gladiador romano, tinham-se suavizado um pouco, mas os olhos estavam na mesma, apesar das rugas suaves que se cruzavam debaixo deles. Ainda eram penetrantes e agudos, como uma esmeralda em bruto.

- Pensei... tinha a esperança de que fosses tu - disse Victor em voz baixa. - Não era minha intenção sobressaltar-te.

- Sim, bem, sou eu. A Natalia, lembras-te? E recordas-te dos meus pais? Do Anton, que em tempos disseste que era como um pai para ti? Que, desapareceste quando ele tinha mais necessidade de ti?

Ele olhava para Natalia sem palavras, atordoado, como se ela lhe tivesse atirado água fria ao rosto.

- Ah - prosseguiu ela amargamente. - Que diferença te faz? Porque havias de te importar com o que nos aconteceu desde que vimos a tua cara há quase dez anos?

No longo olhar dele, Natalia viu sinais de tristeza e de algo que nunca vislumbrara antes: medo. Talvez ele sempre tivesse receado este momento, este exato momento em que teria de ajustar contas com o passado e ver-se forçado a expiá-lo, a desculpar-se. Mas não seria ela a dar-lhe a absolvição.

- Sim, o meu pai... o meu pai não trabalha desde a altura em que foi preso. Sabias isso? Desde aquela altura em que tu tiveste a bondade de conseguir a libertação dele. Para quê? A liberdade para perder tudo, para ser posto de lado como se nunca tivesse tido importância nenhuma, para passar os dias a perguntar-se quando será libertado do inferno em que se tornou a vida dele? Enquanto tu jantas em restaurantes caros sem uma preocupação na vida? Os lugares como esses não contratam o meu pai nem sequer para lavar pratos ou limpar o chão. Sabias isso, Victor?

Não conseguia continuar a falar. Sentia-se sem fôlego. Tinha a garganta embargada pelas lágrimas e engoliu com

força, a contê-las, porque não deixaria que ele a visse chorar. Por um momento, pensou que tinha sido demasiado direta, demasiado brutal, e que ele lhe retribuiria na mesma moeda. Mas ele limitou-se a ficar ali parado, sem dizer uma palavra. O silêncio dele alimentou a fúria dela, levou-a a falar de novo.

- Bem me pareceu que não, Victor. Tu já não me conheces, já não *nos* conheces. Porque é que não voltas para junto da tua amiga? Com certeza ela está à tua espera.

Ele agarrou-lhe o braço, inesperadamente e com tanta força que ela quase perdeu o equilíbrio. *Não me toques!*, queria gritar. Em vez disso, virou-se para o olhar de frente, endireitando os ombros e empertigando-se. Ergueu os olhos para fitar os dele, sem medo. Ele estava a apertar-lhe o braço com tanta força que ela tinha a certeza de que os seus dedos lhe deixariam uma marca na pele.

- Tu... tu não sabes - gaguejou ele. - Não compreendes. Eras tão nova, e eu... eu fiz tudo o que pude. - Solto-a, passou as mãos pelo cabelo e depois sentou-se pesadamente no muro baixo de cimento por trás deles. - Não sabes o que me custou.

- Sei o que custou ao meu pai. Já não te ter lá.

Ele inspirou subitamente e susteve a respiração enquanto olhava para um ponto ao longe. Ótimo. Ela esperava que aquilo o tivesse magoado. Esperava que estivesse a sentir uma mera fração da angústia dela. Como se sentiu quando ele saiu da casa deles e, trémula, esperou por um último olhar dele, por um aceno de despedida. Aqueles momentos, aquela paixoneta de adolescente, pertenciam a outro mundo. Aquela rapariga desaparecera há muito tempo, juntamente com a última imagem dele a dobrar a esquina depois de sair da casa deles.

De repente, sentiu-se profundamente cansada, como se toda a força se tivesse esvaído do seu corpo deixando-a

uma casca vazia. Lentamente, baixou o corpo e sentou-se no muro ao lado dele.

- Olha o que foi feito de nós, Victor. Olha o que o teu querido Partido fez de nós.

Natalia sabia que aquelas palavras poderiam garantir-lhe o resto da vida num Gulag quando ditas a um homem como ele, mas não se importava se ele a denunciasse, se a Polícia de Segurança a levasse imediatamente agora e a encostasse a um muro vendada. A sua vida deixara de lhe pertencer há muito tempo.

- Natalia, o que sabes da minha vida? - disse ele agora, com a voz quase embargada. - O que sabes das coisas que vi, que tive de fazer, desde que nos vimos pela última vez?

Ela olhou para ele então como se estivesse a vê-lo pela primeira vez, com a testa franzida de perplexidade, de angústia, de anseio. Tocou o sítio no seu braço onde os dedos dela tinham estado há momentos, como um ferro em brasa.

- Eu morri, Talia. O jovem que tu conheceste morreu há muito tempo. Sou só um fantasma.

Ela queria perguntar-lhe o que significavam as suas palavras, pedir-lhe que explicasse o que lhe acontecera, mas não teve oportunidade. Um matraquear de saltos altos interrompeu-a e, quando olhou para cima, viu a jovem do restaurante a aproximar-se deles, com as suas ondas loiras a sacudirem-se ao vento. Parou diante deles e sorriu indecisa a Natalia.

- Victor? - disse, num tom de perplexidade, a desviar o olhar de um para o outro.

Tinha os pés ligeiramente afastados, e Natalia não pôde deixar de reparar nos seus luxuosos sapatos de pele. Recordava-se de a sua mãe ter tido em tempos sapatos assim. Um momento embaraçado prolongou-se interminavelmente antes de Victor se pôr de pé e dar uns passos na direção da mulher.

- Querida, esta é a Natalia, uma velha amiga. Fui íntimo da família dela em tempos. Já não nos víamos há anos. - Depois, virando-se para Natalia com um embaraço visível, disse: - Talia, esta é a minha mulher, a Katia.

CAPÍTULO 38

Não houve uma mudança assinalável no tempo naquele ano, uma passagem gradual para as cores do outono, e se escapara a Natalia a mudança das estações era porque o tempo passava por ela como uma nuvem. Num fim de dia, saiu do armazém de produtos agrícolas um pouco tarde e ficou pasmada ao ver que já estava escuro. Apertando a gabardina ao corpo, começou a andar em passos rápidos, apercebendo-se de que era o princípio de novembro e que, a avaliar pelo frio que fazia, poderia nevar daí a pouco tempo. À esquina, estava à espera para atravessar com alguns outros peões, a ver o seu bafo sair da boca, quando subitamente ouviu o seu nome.

- Talia.

Parou, mas não se virou. *Talvez eu devesse desatar a correr*, pensou. *Se fosse esperta, se soubesse o que é melhor*, era o que faria. Mas depois virou-se, de um modo lento, deliberado, e ele apareceu ali, mesmo ao lado dela, numa fração de segundo. Tinha a gola do casaco virada para cima, a ocultar-lhe a maior parte do rosto. Só os seus olhos estavam visíveis, agudos, cheios de inquietação. Natalia olhou para além dele para ver se estava sozinho, se alguém o tinha seguido, mas não viu ninguém que parecesse suspeito. Não havia homens de gabardina a esconderem-se nas sombras dos edifícios, só alguns civis sob montanhas de roupa, a passarem por eles a toda a pressa.

- Posso acompanhar-te até casa, Talia? - pediu ele em voz baixa.

- Não, obrigada. Eu ia a caminho da paragem do autocarro.

- Queres boleia? Eu posso...

- Não, Victor - interrompeu ela, abanando a cabeça com firmeza. - Não quero que me dês boleia ou que me acompanhes. Fosse o que fosse que tencionavas dizer, já o disseste.

Ele inclinou a cabeça para um lado e mediu-a de alto a baixo, semicerrando um pouco os olhos. - Tens medo de mim, Natalia?

Aquela pergunta tão direta apanhou-a de surpresa. Talvez fosse isso que ele pensava, que ela não queria falar com ele porque o receava. Bem, afinal, ele era um homem a temer. Se ela tivesse juízo, sem dúvida que sentiria medo.

- Victor, estou grata por tudo o que fizeste pela minha família. O meu pai gostou de ti em tempos como de um filho, por isso não me compete a mim julgar. Mas tu não me conheces, já não *nos* conheces. Isso foi há uma vida.

Era uma simples declaração, honesta e final, que não requeria resposta. Ela esperava que fosse o suficiente para o fazer ir embora. Por que não a deixava em paz? Porque estava ainda ali parado como se à espera de que ela continuasse a falar, dissesse algo mais? Natalia sabia que não era a primeira vez que Victor esperava por ela. Já vira o seu carro noutras ocasiões, estacionado na berma a alguma distância, suficientemente longe para não dar nas vistas. Mas só há alguns dias é que ele a abordara, se aproximara dela assim, abertamente. Fosse como fosse, ela não tinha nada para lhe dizer. O que havia para dizer depois deste tempo todo? Enfurecia-a, a imagem dele naquela esplanada, a beber o seu *brandy*, a rir-se com aquela mulher. Aquela mulher que era a esposa dele.

- Não sei o que queres, Victor. Retomar as coisas onde parámos? Queres vir jantar lá a casa como costumavas?

Suspeito que não te agradaria a nossa comida, apesar de a minha mãe fazer tudo o que pode para tirar o máximo partido de umas batatas e um bocado de banha de porco. Já não conseguimos arranjar pão fresco há semanas. Não me lembro da última vez que comi carne.

O rosto dele ensombrou-se com algo que poderia ser compaixão ou remorso, e ela perguntou-se pela primeira vez se era um perdão que ele queria dela. Bem, não seria ela a dar-lho. As escolhas que ele fizera, a vida que construía assente em vítimas e cadáveres e medo, era da sua autoria. Tinha de a assumir.

– Não podes vir mais aqui, Victor. Não é prudente. Não foi por isso que te foste embora? Não foi por essa razão que desapareceste das nossas vidas há tantos anos? – Fez uma pausa, engoliu em seco. – Por favor, Victor, vai-te embora. Dá meia-volta e vai. Seja o que for que penses que sabes sobre nós, sobre mim, não sabes.

– Estás enganada – disse ele então.

Ah, sempre tinha voz. Estava rouca, estrangulada, e era-lhe completamente estranha.

– Eu conheço-te, Talia. Conheço-te desde que eras uma menina pequena. Costumava ouvir-te tocar piano tão maravilhosamente, lembras-te? Pensei, ela é dotada. Vai ser uma grande pianista um dia. Quem mais sabe isso sobre ti?

Foi como se ele tivesse estendido a mão e a tivesse esbofeteado. Sim, o piano fora a coisa mais preciosa na sua vida até lhe ser arrancado das mãos. O seu consolo e o seu dom tinham-lhe sido roubados. Por pessoas como ele.

– Sim, eu tocava maravilhosamente em tempos – disse ela com tristeza. – Antes de o meu piano me ser tirado, juntamente com tudo o que tínhamos.

Ele suspirou e olhou para o chão como se estivesse à beira das lágrimas. Foi então que ela reparou nas olheiras dele, nos parêntesis ténues à volta do seu sorriso torto e triste. Os anos tinham amadurecido o seu rosto, tinham bordado nele uma espécie de qualidade majestosa, mas ao

mesmo tempo tinham feito o relógio voltar para trás. Havia algo nele que recordava a Natalia o Victor da sua infância, quando ele ainda vivia nas águas-furtadas por cima da loja do pai dela.

- E sei outras coisas, também - prosseguiu ele, com determinação. - Sei o quanto gostavas daqueles brincos de ouro e rubis que o teu pai te deu quando fizeste sete anos, sei que leste *Anna Karenina* pelo menos uma dúzia de vezes, que não gostas de pimentos recheados por mais bem que a tua mãe os prepare, que o teu esconderijo especial quando eras pequena era debaixo da secretária do teu pai na loja. Sei que o teu dia preferido do ano era a véspera de Natal, quando ele te levava a ti e aos teus primos a dar uma volta de trenó em Kiseleff. Sei como olhaste para mim quando saí da tua casa naquele dia, depois de o teu pai ser libertado. Tinhas catorze anos, Natalia, *quatorze* anos, e eu era ainda um homem relativamente jovem com convicções inabaláveis.

As lágrimas corriam pelo rosto dela. Detestava-se por não conseguir contê-las, controlar as suas emoções. Como é que ele conseguia fazer aquilo, evocar tudo com uma precisão tão surpreendente? Ela esforçara-se tanto por esquecer aquela outra vida, por a fechar num lugar onde já não a perturbasse. Não fora fácil, mas a certo ponto conseguira fazê-lo. Enterrara aquelas recordações até ele aparecer sem ser convidado e as trazer todas de novo para a luz. Até, só com as suas palavras, ressuscitar o que estava morto há muito tempo.

Natalia abriu a boca para falar, mas não conseguiu dizer nada. Em vez disso, limitou-se a ficar ali parada a abanar a cabeça, sem se dar ao trabalho de limpar as lágrimas dos olhos, até Victor estender a mão e passar o dedo levemente pela face dela. Foi como um choque elétrico. Algo se dissolveu dentro dela, amoleceu a capa à volta do seu triste coração que batia acelerado. Contra a sua vontade, inclinou o rosto para a pele macia da luva dele, e ele puxou-a para

si, lentamente, com cautela, até a testa dela pousar no peito dele. Puxou-a ainda mais para si, até ela conseguir ouvir os batimentos do coração dele através do casaco.

- Vamos a qualquer lado, vamos aquecer-nos - disse ele, pousando o queixo no topo da cabeça de Natalia, mas ela não conseguiu responder, não conseguia mexer-se.

Quero ficar assim para sempre, Victor, apetecia-lhe dizer. Quero ficar assim e escutar o teu coração a bater, o teu coração cruel, equivocado, desapiedado.

CAPÍTULO 39

Ele estava lá outra vez no dia seguinte, encostado a um *Volga* prateado, um automóvel soviético de luxo reservado a diplomatas e funcionários estatais superiores. Quando ela saiu do armazém sem janelas a falar com algumas das suas colegas, tentou não sorrir, mas, apesar da sua intenção, ergueu a mão. Foi um gesto instintivo, que fez antes de ter tempo de refletir que talvez ele o tomasse por um convite.

Num instante, ele apareceu ao fundo dos degraus, a penetrá-la com o olhar enquanto ela descia o resto das escadas. Por trás deles, duas raparigas pararam e observaram-nos com curiosidade indisfarçada. Ela ouviu as palavras segredadas delas, os seus risinhos abafados quando Victor estendeu o braço, lhe tirou o lenço da cabeça e depois passou os dedos levemente pelo cabelo dela, a apreender o seu rosto todo. Embaraçada, ela afastou-o um pouco com um empurrão. Ele riu-se, uma risada suave que a fez sentir-se adolescente, pouco sofisticada.

- Olá, Talia - segredou ele, sorrindo de uma maneira que acentuava as rugas à volta dos seus olhos.

- Olá, Victor.

Sem pedir licença, ele estendeu a mão e tirou-lhe a mochila das costas. Desta vez, ela não pôs objeções, e começaram a andar. Apesar do frio, ela sentia-se como se estivesse a arder. Mais uma noite, a andarem lado a lado sem destino, com as folhas das árvores tingidas com geada a estalarem debaixo dos pés deles.

- Tenho uma coisa para te contar - disse ele ao fim de algum tempo. Pararam diante de um café mal iluminado e com um toldo rasgado. Lá dentro, dois homens de idade estavam a tomar uma bebida ao balcão. Não havia outros clientes.

- Queres comer alguma coisa? - perguntou ele.

Natalia abanou a cabeça, a recusar. A ideia de comer era distintamente pouco convidativa. Tinha um nó no estômago, parecia-lhe que à semelhança de todas as outras células do seu corpo.

- Uma bebida, então.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação. Sem esperar por uma resposta, ele abriu a porta e desviou-se para a deixar entrar. Como de costume, a autossegurança dele pô-la nervosa, a maneira como partia do princípio de que ela faria o que ele dissesse, como se não houvesse mais nenhuma opção. A sineta por cima da porta tilintou levemente e um homem de meia-idade, corpulento e com um avental branco, aproximou-se da entrada.

- Victor Dimitrov, que prazer!

- Olá, meu amigo. Muito me apraz ver que está aberto esta noite.

- A sua mesa está sempre pronta para si. Por favor, por aqui.

Os lábios do homem mantinham-se distendidos num sorriso que parecia paralisado, a deixar ver as suas gengivas avermelhadas salientes. Enquanto ele os conduzia para a mesa, passando pelo balcão e por um grupo de mesas vazias, Natalia surpreendeu o seu olhar de soslaio, a apreciá-la, e subitamente sentiu-se confrangida, a perguntar-se se outras mulheres na companhia de Victor teriam atravessado este soalho que estava a precisar de ser encerado.

Foram conduzidos a uma mesa grande iluminada por velas nas traseiras do café, e ela sentou-se muito direita numa das duas cadeiras. Embora tivesse insistido em puxá-

la ela, agora que estava sentada não sabia o que fazer com as mãos. Ao balcão, os homens pareciam meio embriagados e embrenhados na sua conversa, sem se aperceberem da presença dela. Um deles inclinou-se sobre o ombro do outro para dizer alguma coisa ou se amparar, e ambos se riram com vontade.

- Não tens de te preocupar - disse Victor, pressentindo o desconforto dela. - Eu não trago ninguém aqui. Muito menos a minha mulher.

Ah, a mulher dele. A mera menção dela era suficiente para lhe fazer sustar a respiração. Havia coisas de que ela não queria ouvir falar, para que não estava pronta. Não sabia o que a magoava mais naquele momento, a menção da mulher dele ou das outras mulheres, das que, presumivelmente, não trazia aqui. A mulher dele saberia? Faria vista grossa às suas escapadelas? Uma vaga amarga de ciúme ergueu-se na garganta de Natalia quando a imaginou a dormir ao lado dele, com a sua pele de marfim e as suas ondas loiras brilhantes sob as carícias dele. Imaginou as outras, também, aquelas com quem ele partilhava uma parte de si, tudo menos o seu coração prisioneiro, reservado.

Eu sou menos do que isso, pensou. Sou só um vislumbre do passado dele, uma recordação da sua juventude remota.

Levantou-se lentamente e pegou na mochila.

- Talia, aonde vais?

Ela pôs-se em frente a ele, a sentir-se estonteada, a tentar pronunciar as palavras certas. *Adeus, Victor*, era o que precisava de dizer, mas não conseguia. Ficou ali, paralisada, a tentar conter as lágrimas, com os dentes cerrados.

- Victor, não sei o que estou a fazer aqui - conseguiu dizer ao fim de uns momentos. - Preciso mesmo de ir embora. Tenho de ir para casa.

- Não. Não podes ir-te embora agora.

Antes de ela ter tempo de dar um passo, ele estendeu a mão e agarrou-lhe o pulso. Agarrou-lho com delicadeza, a implorar mais do que a forçá-la, mas o gesto súbito assustou-a. Voltou para a sua cadeira e sentou-se no momento em que o empregado de mesa regressava com uma garrafa de água e dois copos vazios, que pousou cerimoniosamente em cima da mesa.

- Duas *vodkas*. Da melhor que tiver, por favor - disse Victor, sem tirar os olhos do rosto dela, e o empregado acenou com a cabeça e desapareceu de novo a toda a pressa.

- Talia, eu preciso realmente de falar contigo - disse ele quando ficaram sozinhos. - Queria explicar...

Ela fechou os olhos, não tanto para esconder o seu tormento, mais para lhe mostrar que não queria ouvi-lo. *Não digas nada, Victor, queria implorar-lhe. Não peças desculpa nem expliques nada. Não diminuas o que ver-te outra vez significou para mim.*

- Não é necessário. Já falámos disso, e eu queria que tu só...

- Talia, sabes quem é Ivan Vasilovich?

É claro que sabia quem ele era. Era uma destacada personalidade soviética, um dos primeiros adidos militares russos a instalar-se no Palácio Real depois da abdicação do rei Miguel. Naqueles primeiros tempos caóticos, quando o jovem monarca viu serem-lhe retiradas a cidadania e as suas propriedades e foi forçado a exilar-se, Ivan Vasilovich autoproclamou-se ministro dos Assuntos Internos. Foi responsável pela detenção e deportação de milhares de pessoas, por liquidar praticamente todos os membros do governo do rei da noite para o dia.

- Sim, sei. Estou a par das grandes coisas que ele tem feito pelo nosso país. Aparece nos livros de história. Nos que foram revistos, pelo menos. O que é que ele tem?

- A Katia é filha dele.

Fez uma pausa para tirar um maço de cigarros e fósforos do bolso do peito do casaco. Depois de acender um cigarro, pousou os cotovelos na mesa, com o rosto um pouco mais duro, e, por um instante, ela arrependeu-se do seu sarcasmo.

- Um grande homem, de facto - disse Victor. - Um homem talentoso, dedicado. Muito vigoroso. Tão vigoroso, de facto, que voltava todas as noites para casa, para a moradia dele em Kiseleff, e espancava a mulher e a filha. Por vezes, usava um pé de cabra, um ferro da lareira ou uma garrafa de *whisky* vazia, mas na maior parte das vezes recorria à fivela de metal do cinto militar dele. É claro que eu não sabia nada disto quando comecei a trabalhar para ele no ministério. Conheci a Katia daí a algum tempo, quando ela veio ao nosso escritório deixar a carteira dele uma manhã. Trazia um xaile por cima de um vestido sem mangas e quando me entregou a carteira na zona da receção, o xaile escorregou-lhe dos ombros. Foi quando vi pela primeira vez as nódoas negras.

Virou o cigarro nos dedos agitadamente. Fitou a ponta acesa antes de dar mais uma passa. O empregado chegou com dois copos de *vodka*, que pousou na mesa, e depois voltou para o balcão.

- O Ivan Vasilovich não a perdia de vista. Levava-a em todas as viagens que fazia, a Varsóvia e a Sófia e quando ia à terra natal deles, Leninegrado. Eu acompanhava-os nessas viagens, assim como todo o pessoal dele, em comboios onde ocupávamos todas as carruagens disponíveis. Rapidamente nos tornámos amigos, a Katia e eu. Uma noite, ouvi-a chorar no corredor do vagão-cama, mesmo junto à minha porta. Saí discretamente para o corredor e perguntei-lhe se queria beber *vodka* comigo.

«Havia um rapaz na vida dela, contou-me. Era estudante de Medicina, filho de um camponês, que, ironicamente, o pai dela não aprovava. Tinha melhores planos para ela, ao que parecia. O problema, tal como ela mo expôs tão

comovedoramente, era que aquele rapaz era o amor da vida dela. Não conseguia imaginar um futuro sem ele. De facto, as palavras exatas dela foram que não viveria sem ele, e houve algo na maneira como o disse, tão resolutamente, que me fez estremecer. Daí a um momento, pegou no meu cantil e bebeu um grande gole. 'Não te preocupes, é só a vida', foi o que me disse antes de voltar para o compartimento dela.

«Daí a uma semana, passei pela casa deles em Kiseleff para deixar ficar uns papéis. Já era tarde, e, quando ela me abriu a porta, ao princípio não a reconheci. Todo o seu rosto era uma nódoa negra, tinha os olhos inchados, um deles completamente fechado. 'Ele descobriu', foi tudo o que disse. 'Vai mandar-me para um colégio interno, em Moscovo.'

«'Quando?', perguntei, chocado ao vê-la em tal estado. 'Daqui a uma semana,' disse-me ela. Havia algo nela que me despedaçou o coração quando estendi a mão e peguei na dela. Olhei para o seu rosto lindo, profanado, e disse: 'Katia, passa lá pelo escritório amanhã. Há uma coisa sobre que te quero falar.'

«Daí a três dias, voltei à casa deles com um ramo de flores, uma enorme caixa de bombons para a mãe dela e a melhor *vodka* russa que consegui arranjar para o pai dela. Ele cumprimentou-me à entrada com grande entusiasmo, parecia genuinamente contente por me ver. 'Entre, meu rapaz', disse. 'A Katia disse-me que ia passar por cá.'

«'Sim, senhor', respondi solenemente. 'Há algo de grande importância sobre a qual gostaria de conversar com o senhor.'»

Victor fez uma pausa para pegar no copo de *vodka* e bebeu um bom gole. Já não estava a olhar para Natalia; fitava a parede nua por trás dela.

- Daí a dois meses, casámo-nos. Foi um casamento grandioso, com quinhentos convidados. Estavam lá todos os dignitários, todos os funcionários governamentais e adidos

militares... podes imaginar. Dançámos no salão de baile do Palácio do Ateneu, que o pai dela tinha reservado para a ocasião. Sorrimos um ao outro e cortámos a primeira fatia do nosso bolo de sete andares enquanto toda a gente dava vivas e fazia um brinde com o melhor champanhe vindo de França. Mais tarde nessa noite, depois de o nosso carro nos deixar à porta da nova moradia que era o nosso presente de casamento, ela mudou de roupa enquanto eu me servia de uma bebida.

«Eu estava a fitar as chamas no nosso fogão de sala de mármore quando ela veio por trás de mim, silenciosa como um gato, deslumbrante no seu vestido preto. Pôs os braços à volta de mim, pousou o queixo no meu peito. Ficámos assim por algum tempo, a Katia e eu, e eu sabia o que estávamos ambos a pensar. Ela estava livre, livre para ficar com o seu médico, e eu tinha um futuro inegavelmente brilhante à minha frente. ‘Adoro-te, Victor’, segredou-me ao ouvido. ‘Vou sair agora. Não esperes a pé por mim.’ Depois deu-me um beijo na face e saiu porta fora.»

Natalia viu-o esmagar o cigarro no cinzeiro e emborcar o resto da *vodka* de um só gole.

– E é assim que tem sido, Talia, entre a minha mulher e eu, nos últimos cinco anos.

Durante algum tempo, ficaram ambos calados, num silêncio preenchido com muitas coisas não ditas. Victor estendeu a mão por cima da mesa e pegou na dela. Ela tentou retirá-la, mas o aperto determinado dele, o peso dos seus dedos, mantiveram-na presa. Lentamente, ele levou a palma da mão dela ao rosto e ali estava, o calor da pele dele, a suavidade húmida dos seus lábios por baixo da barba por fazer.

– Olha para mim – disse ele, mas Natalia não conseguia, com medo de que ele lhe visse nos olhos o que já não tinha forças para ocultar. Mas o olhar dele já estava a penetrar a sua máscara com fissuras, e ela pensou: *Não posso detê-lo, não há barreiras que ele não consiga quebrar, é a minha*

alma que ele quer. Quando por fim ergueu os olhos para Victor, ele sorriu, um sorriso de esperança, de reconhecimento, e tudo à volta deles desapareceu.

CAPÍTULO 40

Na casa de banho comum ao fundo do corredor, Natalia pousou o seu saco a um canto e acendeu a luz. Enquanto lavava as mãos por baixo do fio de água fria da torneira, observou a sua imagem no espelho manchado. Tinha o rosto corado, mas realmente não estava diferente desde essa manhã. Tanta coisa tinha mudado desde então. Nunca se sentira mais diferente, mais *alterada*, e, no entanto, nada era visível. Os mesmos olhos verdes ligeiramente amendoados, o mesmo cabelo comprido castanho-arruivado, tão farto que se tornara um problema lavá-lo. O mesmo sinal desvanecido no cimo da maçã do rosto do lado esquerdo. O mesmo rosto de que alguma maneira conseguira desabrochar apesar dos anos de pobreza, do desespero que se colava a ela como o ar húmido e espesso de uma tempestade de verão.

Só há pouco tempo Natalia acabara por ver que, de facto, era bonita. Não era uma beldade óbvia e indiscutível como a sua prima Lidia, mas possuía um tipo de atração que intimidava menos, que era mais acessível, o tipo de atração que fazia aproximar os rapazes em vez de ficarem corados e fugirem dela a sete pés. Mas foi só quando se viu face a face com Victor que o viu claramente. Viu-o através dos olhos dele.

Quando é que te tornaste tão linda, Talia? Deixa-me olhar para ti. Deixa-me só olhar para ti.

Não, não havia nada no seu rosto a trair a revolução que lhe ia no coração.

Voltou em silêncio para o seu quarto, em bicos de pés, deixando os sapatos à porta. Sem acender as luzes, foi ao armário, procurou a camisa de noite e depois despiu-se e vestiu-a às escuras, com cuidado para não fazer barulho. Quando caiu para trás na capa bordada do sofá, abriu bem os braços, tanto quanto conseguia, como uma ave em pleno voo. Olhou para cima, para o teto invisível. Levou um momento a aperceber-se de que estava a sorrir no escuro.

Mesmo agora, a sós com os seus pensamentos, não conseguia sossegar os batimentos do coração. Quem era ele? Quem era este Victor que voltara a entrar na sua vida tão de repente como saíra dela tantos anos antes? Não importava. Ele não queria saber nada sobre a sua vida, a sua ambição, a sua dor, os seus amores, os seus atos. Não queria pensar em tudo o que acontecera nos anos que se estendiam entre eles como um abismo inultrapassável.

O que sabes da minha vida?, perguntara-lhe ele naquela tarde quando a avistara da esplanada do café. *O que sabes das coisas que vi?* Bem, sabia mais do que o suficiente. Ouvira falar do que as pessoas da sua laia faziam a sangue-frio. Por quantas detenções seria responsável? Por quantas deportações para campos de trabalhos forçados, para a Sibéria. Seria o rosto dele o último que aqueles pobres prisioneiros viam antes de serem encostados ao muro?

Aquele pensamento trespassou-a, fazendo-a estremecer. Mas enquanto a sua mente se retraía, horrorizada, o coração já ia a correr à frente, a galope, a deixar o resto dela para trás. *O coração toma o que quer, não olha a razões*, lera algures ou ouvira dizer a alguém. Bem, se isso era verdade, ela queria poder arrancá-lo do peito, parti-lo em pedaços, deixar que o seu sangue se esvaísse, o sangue que estava envenenado com ele.

Mas não serviria de nada. Ele não deixaria de vir vê-la, por mais insultos que ela lhe arremessasse. Era um homem para quem nenhum obstáculo bastava, um homem que tomava o que queria, sempre que queria, sem se dar ao

trabalho de pedir autorização. *Bem, eu não sou dele para se servir de mim*, pensou. *Não sou um entretenimento, uma diversão, uma menina bonita que se dá em troca da proteção dele.*

E no entanto, no entanto...

Horas mais tarde, quando a madrugada começou a infiltrar-se pela janela, lançando um estilhaço de luz no tapete no fio, Natalia ainda não tinha adormecido. Sentia-se como se nunca mais conseguisse dormir, com mil imagens de Victor a inundarem-na, misturadas e desordenadas, levando-a a passar da excitação para a consternação e de novo para a excitação num mesmo segundo. Como estava demasiado cansada para as combater, demasiado cansada para as manter à distância, deixou-se inundar por elas como se fossem água num dique rebentado, deixou que a arrastassem para o mar e a afogassem.

Victor. O Victor de há muito tempo, Victor na rua, a chamar o nome dela. Os olhos de Victor, a sua tristeza, os seus passos atrás dela, perto. O seu arrependimento na palma da mão dela. Victor com uma camisa no fio, numa discussão acalorada com o pai dela à mesa do jantar. Victor com o casaco de couro da sua juventude, alto, poderoso, de cortar a respiração. A mão enluvada de Victor, a limpar-lhe as lágrimas do rosto, a segredar: *Vamos para um sítio quente*. E mais tarde, o rosto de Victor a estremecer entre as mãos dela, calado, em silêncio, atento. O hálito dele contra a face dela, a apagar tudo, o passado e o futuro, a apagar tudo menos aquele único momento.

Houvera em tempos um maravilhoso dia de verão, um dia antes da guerra. Ela sentia o cheiro à relva acabada de cortar, sentia os raios do sol na sua pele pálida, a erva cortada a fazer-lhe cócegas nos pés no jardim da sua mãe. Ele estava lá, ao lado do pai dela, sentado à mesa de piqueniques, e eles os dois estavam a beber conhaque, servido generosamente em pequenos cálices. O pai segredou-lhe algo ao ouvido, algo só destinado aos dois, e

Victor lançou a cabeça para trás e riu-se. Pelo canto do olho, ela observava-os timidamente, porque era uma mera menina, e ele era um homem nos melhores anos da sua vida. Ainda ouvia agora as risadas dele, fortes e soltas, a rolar em ondas sobre as roseiras da mãe dela. E a voz dele, que lhe parecera o seu lar.

CAPÍTULO 41

— **T**enho de falar contigo. — disse Natalia.
— É claro, minha doçura. Falemos.

Victor pegou na mão dela e pousou-a no seu peito. Gostava de fazer aquilo, quase como uma maneira de a convencer de que o seu coração era dela, que só batia para ela. Ela retirou a mão delicadamente e pousou-a no colo. Alguém passou pelo banco em que estavam sentados, à beira do lago Herastrau, à sombra de um salgueiro carregado com as flores prateadas do princípio da primavera. Ela afastou-se um pouco dele. Era necessária alguma distância para o que queria dizer.

— Quero falar contigo sobre o meu pai.

— Sim? — perguntou ele cautelosamente.

Natalia olhou para as mãos, como se estivesse à procura das palavras certas. Ele conseguia intimidá-la, mesmo quando estavam assim tão próximos. — Não quero que ele venha nunca a saber sobre nós. Sobre *isto*, Victor.

Victor ergueu as sobrancelhas, surpreendido. Não era algo que ela estivesse acostumada a ver no seu rosto bonito e reservado.

— Ele já não é quem era, ultimamente — explicou ela, e pigarreou, pouco à vontade. — Já há algum tempo, na realidade. Não tenho a certeza de que lhe fizesse algum bem voltar a ver-te. Depois deste tempo todo. — Ali estava. Tinha-o dito. Estava às claras.

— Acreditas realmente que seria assim tão mau para ele ver-me outra vez? — Ele soava magoado, como se não

tivesse pensado nessa possibilidade. Como se se tivesse esquecido de tudo o que acontecera nos anos desde que se tinham separado.

Natalia sacudiu a cabeça tristemente. – Na maior parte das manhãs, ele sai de casa antes do nascer do sol. A minha mãe já desistiu de tentar fazer com que volte para a cama, de tentar mantê-lo em casa. Quando lhe perguntamos aonde vai, diz que tem afazeres, que não pode deixar-se ficar sentado sem fazer nada o dia todo.

Victor olhou-a atentamente sob as suas pestanas espessas e pretas. O seu olhar desviou-se para as ondas que percorriam a superfície do lago, e esfregou o queixo pensativamente. Um raio de luz filtrou-se pelos ramos acima deles e incidiu no seu maxilar, no seu cabelo, incendiando alguns fios grisalhos. A aliança no seu dedo brilhou à luz, também, a troçar dela.

– Que afazeres? – perguntou ele em voz baixa.

– Bem, a questão é essa, Victor. Ainda no outro dia, quando estava a ajudá-lo a procurar as chaves de casa, ele desejou-me um bom dia na escola. Eu já não ando na escola há anos.

– Então, aonde é que ele vai?

Natalia suspirou. Como podia explicar que o pai simplesmente desaparecia horas a fio? Que não faziam ideia de para onde ia? Ainda na última quarta-feira ele tinha regressado a casa bem depois da meia-noite. A mãe estava desvairada com a preocupação.

– Oh, mas tenho a certeza que não é nada – disse Natalia agora com uma despreocupação fingida, a desejar não ter abordado o assunto. – Provavelmente, vai só visitar velhos amigos. Provavelmente, vai para a casa do Stefan.

Ele olhou-a de novo daquela maneira penetrante, como se estivesse a tentar compreender o que estava por trás das palavras dela. Depois, desviou o olhar. Algo na reação dele, na maneira como se pusera hirto, ali ao seu lado, a reconfortou estranhamente. Talvez ele se importasse,

afinal. Não pusera a hipótese de Victor ainda sentir saudades do pai dela, de que, para ele, o pai de Natalia fosse mais do que uma relíquia, uma recordação desvanecida.

- Ainda pensas nele? Na minha mãe?

Um sorriso triste passou no rosto dele. - É claro que penso, Talia. Ainda me são muito queridos, apesar do que possas pensar. E do que possa parecer.

Ela desafiou-o com os olhos. Sabia que não devia, mas não conseguiu controlar-se. - Estás a pensar neles, agora?

- Sim, estou - respondeu ele abruptamente.

Por fim ela conseguira atizar algo nele, uma faísca. Deu-lhe uma pequena sensação de satisfação, saber que era capaz de o fazer.

- Eu não vou ter esta conversa contigo, Talia. Sabes como me sinto em relação à tua família, que faria tudo no mundo...

Natalia não sabia porque se riu. A gargalhada saiu-lhe inesperadamente, surpreendendo-a até a ela. Não tinha a intenção de o ridicularizar, mas ele acreditava ainda de facto na sua dedicação à família dela? Pelo que via, pelo que podia ajuizar com base no casaco de linho caro e nas calças de bom corte, a sua única dedicação, a sua única lealdade eram para consigo mesmo.

Sem pensar, sem se importar com a maneira como ele poderia interpretar as suas palavras, saiu-lhe: - E tu, Victor? Acreditas no que fazes? Ainda acreditas na tua causa? Porque eu vi o que ela fez à minha família. Vi o que fez ao meu pai. Ele foi despojado, Victor. Despojado da sua riqueza e da sua casa e do seu ganha-pão. Mas, pior do que isso, foi despojado da sua dignidade e da sua vontade de viver.

Ele parecia abalado. Não, mais do que isso. Dava a impressão de ela lhe ter cravado uma lâmina no coração. Mantinha o rosto imóvel, mas ela via que lhe tremiam as mãos quando as ergueu para as passar pelo cabelo. Tinha

ido demasiado longe desta vez. Talvez uma pequena parte dela quisesse isso mesmo.

Estendeu a mão para a carteira, a querer desesperadamente fugir dali, mas a aba estava aberta e o seu conteúdo caiu e espalhou-se aos pés do banco. Baixou-se e começou a pegar nas coisas uma a uma, nas chaves de casa, no pó de arroz, no pequeno frasco de perfume francês e no relógio de ouro *Bulova* que Victor lhe oferecera recentemente nos seus anos. Presentes que aceitara dele com bons modos, sem ter a coragem de lhe lembrar que nunca poderia usá-los. Que não podia usá-los em casa, porque a mãe com certeza lhe perguntaria onde os arranjava, e que não podia usá-los no trabalho, porque, por menos, sujeitava-se a ser apunhalada num beco.

- E a Despina? Como está a tua mãe?

Desta vez, foi Natalia quem olhou para cima, surpreendida. A mala de mão ficou aberta no chão, irrelevante naquele momento, esquecida. Levantou-se um vento ligeiro quando ele estendeu a mão, pegou no braço dela e a puxou para cima, para ao seu lado no banco. Ela estremeceu, e ele tirou o casaco e envolveu-a nele.

- Não precisas de te preocupar com ela - respondeu Natalia após um silêncio. - A minha mãe vai continuar a tentar tornar as nossas vidas tão confortáveis quanto possível, como sorri aos estranhos com quem partilhamos a casa, encolhe os ombros quando não há comida e lava as nossas roupas no tanque comum à luz da vela. Colhe fruta caída nos passeios, sabias, e cozinha três refeições com dois ovos e um pouco de farinha. A minha mãe está ótima.

A intenção não era apaziguá-lo, mas ali estava, um ténue sorriso. Divertia-o, a situação deles? Sentir-se-ia perversamente reconfortado pelo que ela dissera? Ele, que vivia numa linda moradia com um fogão de sala de mármore, soalhos brilhantes e um mordomo que desaparecia quando mandavam para reaparecer ao toque de uma sineta? Apercebeu-se de repente da perversidade

da vida, em que um dia se vive numas águas-furtadas sem comida nem luz e no seguinte numa das moradias grandiosas da cidade. E bastara uma guerra para inverter a situação. Bastara trocar o infortúnio de uma pessoa pelo de outra. Pôs-se de pé e atirou-lhe o casaco.

- Talia, por favor. Lamento ter-te incomodado. Não vás embora.

Mas ela já estava a descer o caminho, a pôr um pé diante do outro, o que requeria todas as suas forças. Foi num ápice que ele a alcançou, lhe pôs os braços à volta dos ombros, a fez parar.

- Desculpa - segredou, com os lábios no cabelo dela. - Eu sei como isto é duro para ti.

A proximidade dele teve o efeito que tinha de cada vez. Quebrou a sua resolução e enfureceu-a, ao mesmo tempo.

- Tenho de ir embora, Victor. Por favor. Por favor, deixa-me ir.

- Não.

Havia algo nos olhos de Victor, algo que se assemelhava a desespero e a uma necessidade crua quando a virou para olhar de frente para ele.

- Talia - segredou, inclinando-se para ela e pondo-lhe uma madeixa de cabelo por trás da orelha. - Talia, quem me dera poder.

O que é que estamos a fazer?, apetecia-lhe gritar. *O que é que eu estou a fazer contigo?* Mas sentiu o calor da palma da mão dele na sua face, e os dedos a pressionarem ligeiramente a sua pele corada quando ele lhe tomou o rosto nas mãos e a puxou para si. Fitaram-se por um breve momento antes de ele deixar cair a mão e colar os lábios aos dela. Uma chama diabólica percorreu-a, um choque elétrico, a catapultá-la para um lugar que ela não conhecia, e sentiu que caía, que tombava do céu num milhão de estilhaços de luz. Ele envolveu-a com os braços e pôs a mão no cabelo dela, a puxá-lo para trás, a desfazer-lhe a trança. As madeixas soltaram-se, enrolaram-se à volta dos dedos

dele. Saiu um gemido dos lábios dela, um som que parecia de dor, e ele soltou-a. Baixou a cabeça para o pescoço dela.

Ficaram assim durante algum tempo no parque deserto, só com os chilreios das aves e o restolhar das folhas por companhia. Ela sentia a respiração quente e entrecortada dele na sua clavícula e queria desesperadamente dizer alguma coisa. Pensou que *Eu estou bem* seria apropriado, ou outra coisa, algo inteiramente diferente. *Como é que isto vai acabar para nós?* eram as palavras que queria pronunciar. *Como acabará isto, Victor? Virá um dia em que poderei andar pela rua de mão dada contigo, em que poderei sorrir-te abertamente, em que poderei pousar a cabeça no teu ombro sem receio de sermos vistos?*

CAPÍTULO 42

— **Q**uero levar-te numa viagem ao mar Negro. O dossel fino esvoaçava na brisa quente de junho, a condizer com a sua pulsação acelerada quando ouviu as palavras dele. A primeira vez que vira aquele dossel, estendido como um horizonte contra a serena palidez deste quarto, ficara estonteada com ciúmes. Mas os lábios e as mãos dele estavam ali, imediatamente, e ocultaram o quarto e tudo nele, ocultaram o sol. Nos meses desde então, ela acabara por reparar menos no oásis de tons de pêssago e lilás, nas rendas delicadas e nas finas sedas que a mulher de Victor combinara com o bom gosto mais refinado. Como uma ladra a assaltar uma casa à noite, ela optava por se concentrar no imediato, só no que podia tomar para si, em nada mais.

— Por uns dias — explicou Victor. — Quero que passemos todo o tempo na praia, talvez irmos dançar à noite. Conheço um hotel ótimo em Constanta. É muito isolado, a pouca distância da praia. Também têm um restaurante ótimo, um dos melhores à beira-mar, por isso não teríamos de sair de lá.

Natalia tinha a vaga consciência de que estava a roer as unhas. De que estava a mexer nervosamente no debrum de uma fronha de seda.

— Bem, o que achas? — perguntou ele, puxando-a para os seus braços e fazendo um dos seus sorrisos tortos, brincalhões, que ainda conseguiam pôr-lhe as pernas bambas.

Na verdade, não sabia o que dizer. Soava como uma coisa do outro mundo, claro, três dias a sós com ele, sem interrupções. Três dias sem os compromissos do trabalho dele, sem as suas viagens, sem a sua mulher. Mas ela não achava que fosse possível. O que diria aos pais? Como justificaria uma ausência de três dias no trabalho?

- Não sei, Victor - respondeu. - Não tenho a certeza de que esta seja a melhor altura.

Ele suspirou e tirou o braço de debaixo dela. Pousou-o no seu peito com músculos bem definidos que parecia contradizer os seus quarenta anos de idade. - Não consegues pensar numa maneira?

- Não, Victor. Que desculpa podia arranjar? Sabes como é a minha mãe. Consigo explicar as nossas noites ou até um domingo inteiro em casa da Lidia... mas três dias? Que desculpa podia arranjar? E o meu trabalho?

Ele suspirou e sentou-se mais direito, encostando-se à cabeceira da cama. Na mesa de cabeceira redonda, um relógio de cristal com ponteiros prateados tiquetaqueava.

- Victor, não sei o que queres que diga.

- Sabes, Natalia - resmungou ele -, depois de tudo o que passamos para estarmos juntos, pensei que tu podias esforçar-te um pouco também, é tudo.

Atirou as roupas da cama para trás e foi para a casa de banho, batendo com a porta. Daí a um momento, ela ouviu a água do chuveiro a correr. Uma fita de vapor começou a sair por debaixo da porta. Ela já não se lembrava da última vez que tomara um duche quente. Na maior parte das noites, tinha sorte se houvesse um pouco de água morna quando se metia na banheira, depois da vez de todos os outros inquilinos.

Mas não era este descuido óbvio da parte dele que a incomodava tanto. Era a primeira vez que ele lhe falava naquele tom de voz. Depois daquele dia no parque, não houvera mais acusações nem palavras arremessadas com raiva. Era como se aquela discussão os tivesse purgado a

ambos do que se encontrava escondido dentro deles, do que lhes roía a alma há quase dez anos. O azedume que ela trouxera dentro de si durante anos, a culpa que talvez lhe tivesse pesado a ele por mais tempo ainda, tudo inexplicavelmente desaparecido. O que se seguiu foi mais maravilhoso do que imaginara nos seus sonhos mais desvairados. Foi mais do que alguma vez supusera que o amor seria, porque não havia dúvida de que estavam enamorados, de que ele a amava, embora nunca o dissesse. No entanto, ela sentia-se feliz só por o saber. Bastava-lhe estar perto dele, sentir os seus lábios nos dela, inspirar o perfume da pele dele. E, durante algum tempo, também ele pareceu contentar-se com isso. No entanto, ultimamente a necessidade que ele sentia dela começara a assumir uma feição excessiva, as exigências quase tirânicas do tempo dela, a sua paixão assoberbante. Quando estavam juntos, Victor exigia a sua entrega total. Ela dava-se de todo o coração, mas não tardou a recear que não fosse suficiente para um homem como ele. Porque, a certa altura – não sabia bem quando – as coisas tinham começado a mudar.

Há um par de semanas que Victor andava mal-humorado com Natalia. Ela não tinha a certeza de como começara, se fora alguma coisa que dissera. Por duas vezes, interrompeu-a a meio de uma frase. Com frequência, parecia que nem sequer a ouvia, a fumar incessantemente e a fitar o teto de testa franzida.

Talvez se tivesse cansado daquilo tudo. Ela não pensara nessa possibilidade. Bem, já se tinham passado quase oito meses, afinal. Oito meses a terem de dar voltas às suas vidas por uns meros momentos juntos. Talvez fosse isso. Todas as desculpas e planos e combinações de última hora começavam a ser de mais para ele. Tornara-se complicado. Mais do que isso, tornara-se perigoso.

Desde o início que ela sabia o que estava em jogo para ele, que não só a carreira, mas também a própria vida dele ficariam em risco se viesse a ser revelada a relação entre

eles, a ligação dele com alguém como ela. A Polícia Secreta era notoriamente desapiedada na maneira como lidava com os seus membros, especialmente com membros como Victor, que pertencia ao regime há tanto tempo e sabia tanto sobre o funcionamento interno da burocracia. No mundo dele, preto e branco e sem meias tonalidades, ela seria um mero peão, uma razão para o silenciar. E como receava por ele! Todos os dias, temia que a corda que Victor passara tantos anos a entrançar com as suas próprias mãos pudesse a qualquer momento ser posta à volta do pescoço dele com um nó. Não era essa a razão para ele estar sempre a olhar para trás quando passeavam juntos, com a sua visão periférica sempre aguçada, mesmo quando parecia focada só nela?

É claro que também não tinha sido fácil para ela. Ele não sabia o que lhe custava, andar à socapa para o ver, encontrar-se com ele em esquinas no escuro, em becos onde nenhuma jovem decente deveria ir. Ele não sabia como afetava o seu orgulho, ir a apartamentos de amigos dele que estavam fora da cidade por um dia, esperar ao dobrar da esquina que a mulher dele saísse de casa para tratar dos seus afazeres para ela poder aproveitar uns momentos com ele. – Tudo o que temos é uma amizade – dissera-lhe ele. – Somos bons amigos, a Katia e eu. – No entanto, partilhavam as refeições; partilhavam a casa. Ela não tinha de andar à socapa para o ver por instantes, por uma só palavra de afeto.

– Tenho de sair, Talia – disse ele agora, saindo da casa de banho com um roupão de feltro azul-marinho. Pôs-se a andar pelo quarto, aparentemente preocupado. Foi até à cómoda e vasculhou a carteira do dinheiro, depois abriu a porta do guarda-fatos e examinou a sua impressionante coleção de gravatas de seda. Tinha o cabelo perfeitamente acamado e cheirava a sabonete e a champô caro, do tipo que só se encontrava em lojas de produtos de exportação.

- Tenho uma reunião dentro de uma hora no ministério. E a Katia deve chegar daqui a pouco, embora provavelmente te oferecesse um chá se te encontrasse aqui.

Disse aquilo a brincar, para aligeirar o ambiente, talvez, mas teve o efeito oposto. Nenhuma outra palavra poderia tê-la magoado mais do que aquelas. Como podia minimizar assim a situação deles, como se o facto de ela estar ali não significasse nada para ele? Ela não era como uma das suas outras mulheres, uma diversão sem significado. Ou seria? Aquela ideia acudiu-lhe com um impacto, e não conseguiu impedi-la de se formar. Levantou-se lentamente, a engolir em seco para conter as lágrimas que estavam a formar-se na sua garganta. E, juntamente com as lágrimas, engoliu o orgulho, a dor, o amor e o desdém, o ciúme e o autodesprezo.

Tão calmamente quanto possível, disse: - Sim, Victor, eu vou-me embora agora. Saio pela porta das traseiras. Antes de ir, lavo os copos e despejo o teu cinzeiro. Apago todos os vestígios da minha presença, para que a tua mulher nunca venha a saber que estive aqui.

E depois pôs-se de pé, a recolher as meias e o vestido da cadeira ao canto, para onde tinham sido atiradas tão casualmente horas antes. Na sua pressa nervosa, esbarrou num copo de água, que caiu ao chão. Foi quanto bastou para desatar a chorar.

- Talia, desculpa, desculpa - murmurou Victor, aproximando-se dela e pondo os braços à volta da sua cintura. - Eu não devia ser tão brusco contigo. Só quero passar uns dias contigo, é tudo. - Delicadamente, acariciou-lhe o cabelo, passou-lho sobre o ombro. - Achas que consegues arranjar maneira para que resulte? Podes tentar? Significaria tanto para mim, sabes?

Ela limpou os olhos com a base das mãos e ele acariciou-lhe o rosto, pondo-o entre as suas mãos como se ela fosse uma criança. Estava para além daquilo com que ela sabia como lidar, para além do que os seus vinte e três anos a

tinham preparado para enfrentar. Como podia dizer-lhe que não? Como poderia alguma vez negar-lhe fosse o que fosse?

- Sim - murmurou, sabendo que não devia. - Sim, Victor, vou para a beira-mar contigo.

Ele baixou-se e beijou-a com força, puxando-a para si possessivamente, e ela esforçou-se por o beijar da mesma maneira, agarrando-lhe o cabelo, com uma intensidade que mascarava o seu desespero. Por um momento, Victor hesitou, sobressaltado, supunha Natalia, pelo ardor dela, e depois levantou-a nos braços como se ela não fosse mais do que uma pena e, sorrindo-lhe com desejo, voltou a levá-la para a cama.

Mais uma vez, ela perdeu-se nele, perdeu-se na única coisa que parecia simples - na curva dura das costas dele sob as pontas dos dedos dela, na boca dele sobre a sua pele trémula, a pô-la em chamas como um incêndio descontrolado. Uma e outra vez, ela murmurou o nome dele como um cântico, mas, mesmo assim, não conseguia abafar a voz na sua cabeça, a voz que não se calava, a troçar dela sem piedade.

Sim, Victor, eu arranjo uma desculpa. Minto aos meus pais. Engano as únicas pessoas no mundo que precisam de mim, por ti. Farei batota, roubarei, farei tudo por uns míseros dias contigo. Já menti, e fá-lo-ei de novo sem remorsos, sem vergonha.

CAPÍTULO 43

Mentir por Victor foi mais fácil do que julgava possível. Espantou-a, realmente, a facilidade com que, sentada em frente aos pais na zona comum do apartamento, lhes falou sobre o comício a que se esperava que assistisse no fim de semana.

- É em Timisoara - disse, casualmente. - Vou ter de passar outros dois dias no comboio, claro, mas dão-nos alojamento e alimentação. Vão todos os meus colegas.

- Oh? - disse o pai. - Para que é o comício?

- Bem, sabes como é, papá. É um comício de apoio ao Partido. É uma oportunidade para jovens de todas as partes do país se juntarem em apoio dos nossos grandes líderes. É claro que sabes que não posso recusar-me a ir. Espera-se que compareça, como compreendes.

E ali estava. A mentira perfeita, apresentada diante deles. Executada sem falhas. Mastigou mais um pedaço de comida lentamente, a olhar para o prato.

Era evidente que contava que a mãe fizesse uma série de objeções, que lhe fizesse perguntas sobre o alojamento, onde iriam ficar, se havia um número de telefone para poder ser contactada. Natalia não pensara antecipadamente como responderia a nenhuma dessas perguntas, mas começara com o pé direito. Três dias a sós com Victor. Era unicamente no que tinha de pensar.

Felizmente, a mãe não fez muitas mais perguntas. Quando acabaram de jantar, o pai disse que se sentia cansado e ia retirar-se. Mas não foi direito ao quarto.

Empurrou a cadeira para trás, levantou-se, dirigiu-se para Natalia e estendeu-lhe a mão. Quando ela estendeu a sua mão, ele puxou-a a levantá-la da cadeira e abraçou-a com tanta força que ela mal conseguia respirar.

- Amo-te de todo o meu coração, querida menina - segredou-lhe ao ouvido.

- Eu sei, papá. Eu também o adoro. Durma bem.

Mas ele continuava a não a largar. Mantinha-a abraçada assim, e ela pensou que ele estava estranho, muito emocional. Ia só ausentar-se por uns dias, mas apercebeu-se que seria a primeira vez que o faria desde a guerra

Por fim, soltou-se dele e, sorrindo tão serenamente quanto conseguia, disse: - Vamos ao Hipódromo em breve, papá. Assistir às corridas de cavalos, quando eu voltar. O que acha? Só o papá e eu, como costumávamos.

Ele não disse nada, mas em resposta pegou na mão dela e beijou-a, manteve-a encostada aos lábios por uns momentos antes de a soltar. - Tal e qual como costumávamos, meu amor.

Depois virou-se e foi para o quarto.



Mais tarde nessa noite, enquanto a mãe ligava o pequeno televisor a preto e branco à procura de um filme, Natalia pôs de lado um par de vestidos, as suas sandálias, um chapéu de palha - a maior parte do seu guarda-fatos de verão. Tirou de debaixo do sofá uma pequena mala e começou a meter as coisas dentro dela. Os seus movimentos tornaram-se gradualmente mais lentos até parar completamente. Amarrotando uma combinação branca contra o peito, virou-se para a mãe.

- Mamã, quero contar-lhe uma coisa. Mas não sei como lha contar.

Contudo, a mãe não estava a ouvi-la. O seu olhar estava fixado no pequeno ecrã, onde a imagem de Rita Hayworth aparecera entre as linhas verticais finas que passavam no ecrã. Sacudindo o seu cabelo em cascata, a atriz sorria sedutora para a câmara, que fez um grande plano do seu rosto deslumbrante, e Natalia soltou um gritinho sobressaltado. Ali mesmo, a olhar diretamente para ela, estava a mãe da sua juventude. Em criança, acostumara-se a que as pessoas fizessem comentários sobre a extraordinária semelhança. No entanto, foi só naquele momento, quando o seu olhar se desviou da famosa estrela americana para a sua mãe e de novo para a atriz, que compreendeu o quanto a sua mãe tinha mudado, como se alterara com o passar dos anos.

Também Despina parecia estranhamente melancólica e baixou a cabeça para o encosto do sofá. A chuva tamborilava baixinho as vidraças e Natalia enroscou-se no sofá ao lado da mãe. No ecrã, as imagens bruxuleavam, fazendo a sala passar de iluminada a escura e de novo a iluminada. Um homem com um *smoking* preto estava a fumar um charuto junto a um fogão de sala. Rita estava sentada a uma mesa perto, a beber uma taça de champanhe. Pôs-se de pé e, pegando numa estola das costas da cadeira, avançou para ele no seu vestido de seda branco, com diamantes a refletirem um raio de luz e a iluminarem a sua pele perfeita, os seus lábios pintados de vermelho. Aquela podia ser a mãe de Natalia em tempos, livre de complicações, antes das filas para comprar alimentos e das noites sem aquecimento nem água quente.

Por um instante, antes de se aconchegar à mãe, Natalia observou as linhas suavizadas do seu perfil, o cabelo preso na nuca e com poucos fios grisalhos, a curva frágil e abatida dos seus ombros. Ainda era bela, a sua mãe, mas de uma maneira que a fazia assemelhar-se a uma boneca de porcelana partida, uma boneca que poderia estilhaçar-se num milhão de peças à mínima rajada de vento. Espantou-

a, aquela fragilidade que não vira antes. A mãe sempre lhe parecera superior a tudo, poderosa, o pilar da família, que os mantivera juntos por entre a guerra, a doença, a incerteza e a perda. Não ocorrera a Natalia até àquele momento que alguma coisa neste mundo pudesse alterá-la. Apercebeu-se subitamente de que falar-lhe de Victor talvez não fosse recomendável. Pensou que, por muito que quisesse abrir-se e contar a verdade, teria de a guardar para si, pelo menos por mais algum tempo.

- Mamã, tem a certeza de que não se importa que eu vá?
- perguntou antes.

A mãe levantou-se e desligou a televisão. Voltou a sentar-se ao lado dela e pegou nas suas mãos. Quando Natalia ergueu o olhar e fitou aqueles olhos melancólicos, ficou surpreendida ao ver que estavam cheios de lágrimas.

- Talia, a tua felicidade é a única coisa que alguma vez me importou. Tu sabes isso, não sabes?

- Sim, mamã, sei - murmurou ela, um pouco confusa. A mãe suspeitaria que ela lhes tinha mentido? Que não era com a prima ou com colegas do trabalho que andava a passar todo aquele tempo, que, de facto, já não via Lidia desde o Natal?

- Eu amo-te mais do que tudo no mundo. És a coisa mais preciosa na minha vida. Sempre foste...

- Eu sei. Eu também a adoro, mamã.

- Não te esqueças disso, Talia. Prometes-me? Não te esqueças do quanto significas para mim. Tornaste a minha vida verdadeiramente bela.

Natalia sorriu e caiu-lhe nos braços. - São só três dias, mamã. Mas vou sentir saudades suas.

CAPÍTULO 44

Há horas que estava acordada. Os ponteiros do relógio de parede não se moviam com rapidez suficiente, uma rotação completa, depois outra, o som ténue do seu badalo enferrujado a aproximá-la dos seus três dias com Victor. Pela janela, uma luz fraca começava a filtrar-se, mas ainda era demasiado cedo para se levantar. Fizera a mala na noite passada e agora ela estava à espera junto à porta. Nela, metera à toa as coisas de primeira necessidade, embora Victor a tivesse avisado de que devia trazer roupas quentes também, porque o tempo à beira-mar era imprevisível.

De qualquer modo, as suas opções de indumentárias eram bastante limitadas, e só se preocupou realmente em levar um vestido de seda *bordeaux* que ondeava à sua volta como líquido quando ela se mexia. Era um vestido de Lidia que ela lhe tinha dado, mas com ele posto parecia mais velha e sofisticada, como as atrizes no filme da noite anterior. A fitar o teto, pôs-se a imaginar a reação de Victor, o seu olhar demorado antes de se encaminhar para ela lentamente e lhe baixar as alças finas pelos ombros, a deixar os dedos roçarem na sua pele. Mais duas horas, disse o pêndulo.

Embora só se tivessem passado alguns dias desde a última vez que o vira, não conseguia pensar em mais nada a não ser nele. Ele dissera-lhe que ia estar ocupado, que havia compromissos de trabalho de que tinha de tratar antes de poderem partir. Mas nem sequer tinha passado

pelo trabalho dela e não tentara telefonar-lhe. Não era típico dele, estar assim tanto tempo sem a contactar. Tentou recordar as palavras exatas dele quando se despediram. O que é que ele lhe tinha dito?

- Vai para a pastelaria ao dobrar da esquina da tua casa às sete em ponto. Se chegarmos a tempo a Constanta, podemos ver o pôr do sol da varanda do nosso hotel.

Era nisso que ela precisava de se concentrar. Nisso e, mais imediatamente, como conseguir sair à socapa do apartamento sem acordar os pais. Sabia que a mãe se preocuparia e insistiria que ela tomasse o pequeno-almoço antes da longa viagem de comboio. O pai perguntar-lhe-ia mais uma vez aonde ia, e ela não teria coragem de repetir a mentira de novo. Não, era melhor já ter saído de casa quando eles se levantassem.

À primeira luz do muito esperado amanhecer, Natalia saiu da cama e dirigiu-se sem fazer barulho à casa de banho ao fundo do corredor, fechando a porta à chave atrás de si. Não era o período reservado à sua família, mas sabia que toda a gente estaria ainda a dormir a esta hora. À pressa, lavou o rosto com água fria, escovou os dentes e a seguir penteou o cabelo uma dúzia de vezes e prendeu-o com um travessão prateado. A luz do dia já entrava no quarto dela quando voltou a entrar em bicos de pés e pegou na sua mala. Percorreu o quarto com o olhar, a assegurar-se de que tudo estava no seu lugar, antes de sair porta fora, com o coração num galope louco.

Saltou os degraus, dois e três de cada vez, passou pela fila de caixas do correio de metal e saiu pela porta para a rua. Nunca se sentira mais viva, todo o seu ser a arder de excitação, e praticamente correu até ao fundo do quarteirão, embora, quando lá chegou, os seus pés ficassem imóveis. Não se via viva alma nas imediações da pastelaria, só uns pombos a debicarem umas migalhas do passeio, que dispersaram ao ouvirem o som dos passos dela. Nervosa, verificou as horas no seu relógio. Fora

pontual, nem um minuto atrasada, como Victor insistira. Deixou cair a mala no passeio e encostou-se à parede. Teria compreendido mal o local? A hora? Sentia a certeza de que tinha de estar aqui às sete em ponto.

Passaram mais vinte minutos sem sinal dele. E então um pensamento desagradável ocorreu-lhe com força: e se ele tivesse mudado de ideias? Não conseguia aceitar que assim fosse, mas, com os minutos a passarem, parecia cada vez mais a única explicação. Fechou os olhos para não ter de continuar a olhar para a rua vazia e sentou-se, a inspirar e a expirar lentamente, a tentar acalmar-se, mas não conseguia deter o torvelinho de pensamentos. Quanto mais tempo podia esperar? O que diria aos pais se ele não viesse afinal e ela tivesse de voltar para casa? Dir-lhes-ia que passara a maior parte do ano a mentir-lhes? Que fora suficientemente ingénua para se apaixonar por um homem com quase o dobro da sua idade, alguém em quem eles tinham em tempos depositado a sua confiança e o seu afeto?

De súbito, já quase num estado de torpor, ouviu um motor ao fundo do quarteirão e o carro de Victor apareceu à vista. Pôs-se de pé e aproximou-se da berma do passeio, com tudo a parecer demasiado cru e nu, já não romântico à luz forte da manhã.

- Olá, Talia, desculpa ter-me atrasado - disse ele, saindo do carro e vindo pegar na mala dela. - Já estás à espera há muito tempo?

- Bem, há um bocado, mas não muito - mentiu ela, forçando-se a sorrir. Mais mentiras, mais encobrimentos. Mas ela não queria que ele soubesse que há uns meros segundos sentira a certeza de que nunca mais o veria.

- Olá - repetiu ele, e segurando a porta aberta do lado do passageiro, plantou um beijo apressado nos lábios dela. Com mais um baque no coração, Natalia reparou como ele parecia desalinhado. Já deviam ter-se passado dias desde a última vez que se barbeara, e tinha os olhos exaustos, com

olheiras. Era a primeira vez que o via em público sem o cabelo perfeitamente penteado.

- Estou pronta - disse ela, lançando-lhe um olhar de incerteza e a sentir um pouco de falta de ar. Afundou-se no assento de pele castanha e tirou o lenço da cabeça. Victor entrou para o lado dela.

- Estamos atrasados, querida. Precisamos de nos pôr a caminho - murmurou ele, olhando para o relógio e metendo a primeira.

Por ruas empedradas e dobrando esquinas o carro avançou a toda a velocidade. Começou a choviscar, e ele ligou o limpa-para-brisas. Durante algum tempo, não se ouviu mais nada a não ser o raspar da borracha no vidro, para a frente e para trás, para a frente e para trás, a espalhar a poeira do verão num semicírculo, e Natalia sentia a cabeça a latejar dolorosamente.

Ele ainda não dissera uma só palavra quando o labirinto de avenidas entrecruzadas, com transeuntes apressados, carros de fabrico nacional barato e elétricos ruidosos começou a desaparecer. Daí a pouco tempo, as ruas laterais transformaram-se em estradas largas ladeadas de prédios de apartamentos que se estendiam interminavelmente sob o céu matinal esfumado. E depois também os prédios desapareceram, e entraram numa autoestrada de duas faixas que atravessava um vasto campo aberto, sem passarem por nada durante quilómetros a não ser uma refinaria de petróleo e uma fábrica que produzia peças de automóveis para exportação. Durante todo esse tempo, Victor manteve o olhar fixo à sua frente e ambas as mãos a agarrar o volante.

- Victor, passa-se alguma coisa? - Natalia ouviu-se dizer por fim, sem conseguir continuar a conter a sua ansiedade.

Ele lançou-lhe um olhar de lado, sem responder, sem sorrir, mas estendeu a mão e agarrou na dela inesperadamente. Apertou-a com tanta força que ela quase soltou um grito. A intenção era que fosse um sinal de afeto,

ela tinha a certeza, mas só a fez sentir-se ainda mais nervosa. Voltou a pôr-se a olhar pela janela, a tentar conter as lágrimas, lágrimas que receava que os impelisses para uma troca de palavras indesejada. Ele não tinha de dizer grande coisa, afinal. A verdade pairava entre eles, sem requerer frases inúteis. Com certeza, se ele abrisse a boca, dir-lhe-ia que ainda a amava, mas que isto era a despedida deles. A última vez que estavam juntos. Talvez ele mudasse até de ideias e desse meia-volta, regressasse à cidade. Era melhor, decidiu ela, calar as suas dúvidas até chegarem à beira-mar. Dar-lhe-ia tempo para pensar, de que necessitava desesperadamente – tempo para calcular o que lhe dizer quando chegassem lá, como o convencer de que se esforçaria mais, arranjaría mais tempo para passar com ele, faria o que ele queria, fosse o que fosse.

Um avião rugiu por cima deles, cortando o céu acinzentado e encoberto e arrancando-a como um íman ao seu devaneio. Inclinou-se para a frente, a olhar para cima pelo para-brisas, e vislumbrou o avião quando ele passou, deixando um trilho de vapor no céu. Recordou-lhe os caças da Luftwaffe durante a guerra, quando voavam tão baixo sobre os telhados que ela conseguia ver a insígnia das SS na parte de baixo das asas. Passou mais um avião, a voar ainda mais baixo, mais perto da estrada. Daí a vários minutos, um terceiro.

Alguns quilómetros à frente, chegaram a um cruzamento. Quando o carro abrandou e parou, ela pensou que era estranho que houvesse semáforos aqui, no meio de lado nenhum. Neste momento, já só deveria haver pastos verdes e pinhais, o perfume salgado do mar a trespassar o ar.

Virou-se subitamente, com todo o seu ser a deslocar-se neste movimento na direção dele. – Victor, estamos na estrada certa?

Mais uma vez, não teve resposta. Lançou um olhar para trás, a tentar ver o sinal da estrada por que tinham acabado de passar, mas já estava muito distante. O

semáforo mudou para verde e Victor acelerou, atravessando o cruzamento, mas, em vez de aumentar a velocidade, desviou o carro para a berma. À distância, os contornos de um edifício de cimento brilhavam contra a linha do horizonte. Ela não sabia o que era. A adrenalina percorria-lhe o corpo tão depressa que se sentia prestes a desmaiar.

- Talia, há uma coisa que tenho de te dizer.

As palavras dele infiltraram-se nela como água. *Aqui vamos nós, então*, pensou. Observou as suas próprias mãos como se pertencessem a outra pessoa, a maneira como se fechavam em punhos, a tremerem. Sentia uma constrição na garganta que a impedia de respirar.

- Não vamos para o mar Negro - disse ele.

- Não. - A palavra saiu-lhe da boca como uma pedra. - Para onde vamos, então?

- Estamos a dirigir-nos para o aeroporto. Vou-te levar ao aeroporto.

Antes de ela ter tempo de dizer mais alguma coisa, ele estendeu o braço por cima do colo dela e abriu o portavalvas, tirando um envelope de papel pardo. Retirou dele um livrinho verde que lhe estendeu. Natalia fitou-o, mas não pegou nele.

- Sabes o que isto é? É o teu passaporte. Vou-te levar ao aeroporto. Vais sair do país. Hoje.

Natalia não compreendeu imediatamente. O que ele dissera não fez logo sentido, porque estava a pensar noutra coisa. Estava a pensar na última tarde que tinham passado juntos, quando ele lhe suplicara que fosse com ele, como se o mundo pudesse desmoronar-se se ela recusasse. Como se a sua própria existência dependesse do sim dela. Mas agora estava a dizer aquelas palavras terríveis, incompreensíveis - que ia levá-la ao aeroporto - e ela regressou ao momento presente com uma chicotada. Fitou-o, fitou a coisa que ele tinha na mão, e desatou a rir. Estava a rir-se de uma maneira descontrolada, histérica, como se

tivesse perdido o juízo. Seria alguma espécie de brincadeira cruel? Seria assim que ele planeava livrar-se dela? Ainda estava a rir-se quando ele pôs o braço por cima dos ombros dela e os apertou com firmeza.

- Para, Talia. Respira.

- Porque é que estás a fazer isto? - perguntou ela numa voz rouca, com as palavras a gorgolejarem.

- Talia, isto não é um jogo. Eu não estou a tentar enganar-te. Isto é o teu passaporte. Isto, aqui, é um bilhete de avião. Vais para os Estados Unidos, para a cidade de Nova Iorque.

- Não é possível - disse ela, porque sabia que não podia ser. Ninguém saía de trás da Cortina de Ferro. Ninguém a não ser elementos do Estado, o presidente e os seus acólitos de confiança, os membros mais elevados da hierarquia da Polícia de Segurança. E um bilhete de avião para a América custaria uma fortuna. Nem mesmo Victor, com todas as suas ligações militares e a riqueza da mulher, poderia conseguir isto.

- O teu avião parte dentro de duas horas - insistiu ele. - Faz escala em Munique. Tens três horas para embarcar no voo da Pan Am que vai levar-te para o outro lado do oceano. Para a cidade de Nova Iorque.

Ela olhou para o livrinho verde que ele lhe tinha posto no colo. Tão lentamente que as mãos quase não se mexiam, pegou nele e abriu-o. Havia um retrato dela recente, o seu nome, morada, nacionalidade, data de nascimento. Na página seguinte, havia um pequeno carimbo no meio da página. Era um visto de entrada da embaixada dos Estados Unidos.

- Não compreendo, Victor. Não compreendo nada disto. Se não queres estar comigo, se não queres voltar a ver-me, podias tê-lo dito. Não há necessidade disto, desta elaborada... - Fez uma pausa, com a bÍlis a subir-lhe na garganta. Sentia vontade de vomitar.

- Isto não é da minha autoria, Talia. Só estou a ajudar-te a embarcar naquele avião.

Algo se partiu dentro dela, duro, como um ramo quebradiço. – Isto é uma loucura! – gritou. – Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto!

A maçaneta ficou encravada e ela sacudiu-a com força para abrir a porta. Saiu do carro. Se as pernas não lhe tremessem tanto, teria corrido. Mas só conseguiu dar uns passos a cambalear, contra o trânsito. Sabia que ele viria atrás dela; parecia ser a única constante. Ela estava sempre a fugir, e ele estava sempre a apanhá-la, a vergá-la à sua vontade.

– Talia, para.

– Larga-me! – ripostou, a tentar livrar-se das mãos dele. – Larga-me, seu filho da mãe! Volta para a tua mulher russa e o teu trabalho desprezível! Eu nunca devia ter olhado na tua direção! Desprezo-me por ter passado um só momento contigo!

No rosto dele, quando começou a arrastá-la para o carro, ela não viu nenhuma emoção, só um vestígio de algo duro, inflexível. Algures a certo ponto na estrada, ele tornara-se outra pessoa, alguém frio, distante, vazio. Tornara-se uma máquina, um robô a executar uma tarefa. Foi mais com terror do que com fúria que ela ergueu a mão que tinha livre e o esbofeteou. Isso bastou para o fazer parar, mas não a soltou. Ela voltou a esbofeteá-lo, com mais força desta vez. Desta vez, ele não estremeceu, porque estava à espera daquela reação.

– Talia, olha para mim!

Já não restava nada nela. Nem vestígio de força ou de fúria, não restava nada de nada nela quando ele lhe sacudiu os ombros e a forçou a olhá-lo nos olhos – aqueles olhos lindos que adorara quase toda a sua vida, que agora eram como punhais no seu coração.

– Vais embarcar naquele avião hoje – disse ele com severidade, como se estivesse a dar-lhe uma ordem. – Sabes quantas pessoas arriscariam a vida por esta oportunidade? Não me disseste que estavas cansada de

odiar, estavas cansada de viver esta vida? É isto, Talia. Esta é a tua única oportunidade de ter uma vida diferente, uma vida que seja digna de ti.

- E os meus pais, Victor? - gritou ela, sem conseguir parar de tremer. - Como podes ter pensado que eu alguma vez os abandonaria? Como posso deixar o meu pai, quando ele anda tão fraco e perdido, a minha mãe, que precisa de mim agora mais do que nunca? Como podes ter pensado que eu alguma vez os abandonaria?

Ele soltou-a. Deixou cair os braços ao longo do corpo. Delicadamente agora, num tom calmo, disse: - Eles sabem, Talia. Os teus pais sabem. A tua mãe fez-me prometer que te meteria naquele avião.

Foi como um murro no estômago. Os ossos das suas pernas pareceram derreter-se e ela teve de se agarrar à porta do carro para não cair por terra. Quando é que Victor tivera oportunidade de falar com eles? Antes desta manhã, nem sabia onde viviam. Não os via há dez anos. Eles não sabiam da relação dela com ele. Não, não fazia sentido. Ele estava a mentir-lhe.

Erguendo os olhos frios e duros para ele, disse: - Então, e nós? Andaste atrás de mim com tanta determinação e é assim que queres acabar tudo?

- Não há nenhum nós, Talia. Nunca poderá haver um *nós*. Já tivemos o melhor que alguma vez poderíamos esperar.

Ali estava por fim, a verdade nua e crua, a verdade que ela sempre procurara nos olhos dele e nunca parecera encontrar. Então, tivera razão desde o princípio. Os seus instintos estavam corretos. Ele nunca a amara, não queria saber se estava a magoá-la profundamente agora. Brincara com ela como com um brinquedo, uma coisa, e ela permitira-o. Era demasiado para ela apreender de uma vez só, e desfez-se numa torrente de soluços. Sem se dar ao trabalho de tapar o rosto, sem querer saber o aspeto que teria aos seus olhos, caiu por terra e chorou abertamente,

com ele a vê-la. Ao fim de algum tempo, ele veio acocorar-se ao lado dela e encostou a cabeça à porta do carro.

- Pensa bem, Talia - disse, quando já não restavam mais lágrimas, quando tudo o que restava do desespero dela eram soluços secos e trémulos. - Pensa nas possibilidades. Esta é a única maneira como podes ajudar os teus pais, ajudá-los verdadeiramente. Podes enviar-lhes dinheiro quando arranjares trabalho. Talvez eles possam ir ter contigo daqui a uns tempos. Eu podia tentar ajudar nisso, sabes? Já são velhos, não constituem ameaça para o Estado. Seja como for, tu podes ter uma vida, um futuro em que não tenhas de te esconder e de olhar por cima do ombro a cada passo. É tudo o que eles alguma vez quiseram para ti. Não os deceções.

Tinha razão, claro que sim. O que quer que Victor tivesse feito para obter um passaporte para ela, o que tivesse pago pelo bilhete, tinha razão quanto a isso. Não havia futuro para ela aqui. A não ser com ele. E ele não lhe pertencia, nunca lhe pertencera. Deixara isso bem claro.

- Vais embora? Talia? - Era estranha, a maneira como a voz dele se embargou ao dizer o nome dela. Soava como se a estivesse a dizer pela última vez. - Deixas-me levar-te ao aeroporto? Não nos resta muito tempo.

Ela limpou os olhos e endireitou-se, fitando um ponto à distância. Sentia-se vazia, manipulada, esvaziada. Era tudo demasiado; estava a acontecer demasiado depressa. Os seus sentidos estavam desativados, e sabia que não podia confiar neles.

- Há outro avião a seguir. Preciso de mais tempo. Para pensar.

- Este é o único avião, meu amor. Este é o único avião, nem que se seguissem mais cem.

Quando ele olhou para os olhos inchados e devastados dela, viu incredulidade, medo e dor. E, por um momento, antes de ela desviar os olhos e se meter no carro, viu algo

mais. A passar como uma sombra no rosto dele, viu um lampejo de luz.

CAPÍTULO 45

Victor agarrava com força o volante e olhava em frente, diretamente em frente, enquanto desciam a toda a velocidade a estrada que se cruzava com a estrada principal. Ao lado dele, ela ia sentada, com os joelhos encolhidos para cima e a testa pousada neles. Já não chorava, estava simplesmente ali sentada, a tremer apesar do calor e da humidade, que, mesmo a esta hora da manhã, já eram insuportáveis.

Vinha um cheiro horrível lá de fora, algo como fertilizante e gasolina misturados. Era a única coisa a que ela conseguia atribuir um sentido de realidade. Era suficientemente persistente para lhe permitir saber que não estava presa dentro de um sonho. Mesmo assim, não deixara de ter a esperança de acordar a qualquer momento e respirar de alívio ao se aperceber de que estava afinal na sua cama. Que os seus pais estavam no quarto ao lado, ainda a dormir. Os seus pensamentos virar-se-iam então para Victor, como acontecia todas as manhãs enquanto as pálpebras ainda estremeciam com sono. Veria um rosto diferente do que estava perante ela. Um par de olhos diferente do que olhava agora para ela.

Enquanto ele falava, num tom de voz calmo mas austero, ela tomou consciência de que seria a última vez que estariam assim, sentados juntos lado a lado. Ele estava a dizer qualquer coisa sobre o que ela devia fazer quando chegasse a Nova Iorque, aonde precisaria de ir. Havia uma coisa que ela necessitaria de ver mal aterrasse. Pronunciou

um nome, um nome que soava inglês e que ela nunca ouvira antes.

- Como é que consegues? - perguntou ela, interrompendo-o. - Como te desligas assim, como um interruptor da luz? - A intenção não era insultá-lo; ela queria realmente saber. Queria saber, para poder tentar fazê-lo ela própria.

- Talia, não digamos nada. Suplico-te, não estraguemos os nossos últimos momentos juntos.

Ela soltou uma risada, oca e amarga. - Os nossos últimos momentos juntos? O que é que eles significam para ti, Victor? Porque haviam de ter alguma importância?

- Estás enganada - disse ele baixinho. - Em breve o compreenderás.

Prosseguiram sem dizer mais nada todo o caminho. Daí a uns quilómetros, pararam numa faixa estreita de asfalto a todo o comprimento de um edifício com uma cúpula e filas de janelas verticais. Em frente a umas enormes portas de vidro, cerca de uma dúzia de polícias com cães marchava para um lado e para o outro. Victor desligou o motor e saiu do carro. Veio ao lado dela, abriu a porta para trás e ficou ali de mão estendida para ela.

- Não pode estacionar aqui! - berrou um guarda com uma espingarda pendente do ombro, a acenar com os braços enquanto marchava ameaçador na direção deles. Victor tirou um crachá do bolso da camisa e mostrou-o, impaciente, sem olhar para o guarda.

- Oh, peço desculpa, meu senhor - murmurou o soldado num tom de voz muito diferente, parando. - Por favor, permita-me que o escolte até lá dentro.

- Não é necessário - rosnou Victor. - Sei exatamente aonde vou.

Natalia pensou que aquela talvez fosse a sua última oportunidade de escapar, de voltar para a sua velha vida, o seu velho lar, que lhe parecia tão distante que era como se já tivesse cruzado continentes. *Ainda posso estender a mão*

e tocar-lhe no rosto, pensou. Posso tombar de joelhos e suplicar-lhe que me deixe ir. Posso pôr-me aos gritos diante dos funcionários do aeroporto, diante dos guardas. Mas não serviria de nada, ela sabia que não. Victor ia metê-la naquele avião da mesma maneira como metera pessoas em comboios para os campos de trabalhos forçados. Nenhuma súplica patética o quebraria ou o faria mudar de ideias. Não havia para onde fugir, de qualquer maneira, e o corpo dela recusava-se a mexer-se. Algures num ponto da estrada, perdera a determinação. Deu-lhe a mão e deixou que a ajudasse a sair do carro.

Victor tirou a mala dela do carro sem lhe largar o cotovelo e conduziu-a para dentro do edifício do aeroporto. Avançaram em passos rápidos, passando por um labirinto de intermináveis corredores e só parando em postos de controlo ao longo do percurso, onde o seu passaporte foi verificado e a mala revistada. Por várias vezes, houve guardas a correrem para eles com as mãos levantadas, a ordenarem-lhes aos berros que parassem. De cada vez, Victor mostrava o seu crachá e instantaneamente os guardas afastavam-se, praticamente a fazer-lhes vénias à sua passagem. Um deles bateu os tacões e fez-lhe continência, uma continência militar que pareceu inapropriada, quando Victor, desgrenhado e com um ar sombrio, vestido à paisana, o arredou com um gesto.

Ao fundo do último corredor, conduziu-a por um lanço de escadas de cimento que dava para uma ampla zona alcatifada. Quando chegaram ao fundo, ele soltou-lhe o braço e ela afastou-se um pouco dele, a olhar para aquele espaço abafado e a ver a cerca de uma dúzia de pessoas espalhadas nas filas de cadeiras. Um homem idoso com o cabelo branco estava a ler um livro. Uma jovem com cabelo pintado de louro estava a embalar no colo um bebé que chorava. Sentado por baixo da fila de janelas que se estendia ao longo da sala, um casal jovem, que parecia distintamente ocidental na maneira de vestir, estava a

segredar, embrenhados na conversa. Mas era do que se estendia para lá deles que ela não conseguia desviar a vista. Embora nunca tivesse visto uma pista de aterragem, sabia por imagens de revistas que era o que aquilo era.

Ficou ali sem se mexer, a pensar que aquela faixa de terra seria a última coisa que veria do seu país, da cidade do seu nascimento. Como era possível que os seus pais estivessem a par daquilo desde o início? Que não só soubessem, mas também tivessem ajudado Victor a combinar isto? Era espantoso que os três tivessem sido cúmplices, que tivessem planeado tudo sem o conhecimento dela, sem a mínima consideração pelo que *ela* queria.

Mas se era isso que realmente queriam para ela, fá-lo-ia. Fá-lo-ia por eles, pela sua mãe e pelo seu pai. Se os fazia felizes, se lhes tornava possível viverem o resto dos seus dias em paz, não hesitaria. Lá no fundo, sabia que o que Victor dissera era verdade. Ele nunca teria agido sem a aprovação e a bênção deles. Para Victor, haveria sempre aquele fio invisível a ligá-lo ao pai dela, apesar da passagem do tempo, apesar das diferenças de classe, apesar da própria morte.

Foi com este último pensamento na mente que se virou para ele e disse: – Não tens de ficar de guarda para teres a certeza de que eu entro no avião. Eu vou.

Com um ar exausto, Victor aproximou-se dela, mas parou a uns passos de distância, suficientemente longe para ela não poder tocar-lhe. Meteu a mão ao bolso da sua gabardina e tirou o envelope com o bilhete e o passaporte dela. Tremiam-lhe ligeiramente nas mãos quando lho entregou. Pareceu-lhe que os lábios dele também tremiam, ou talvez estivesse a formar palavras sem som. Quando ela pegou no envelope, a mão dele tombou-lhe mole ao lado do corpo. Era isto, então. Bem, ela não lhe tornaria a situação assim tão fácil.

– O que faço quanto a dinheiro, Victor, quando chegar a Nova Iorque? Durmo debaixo de uma ponte? Procuro

comida nos caixotes do lixo? Pensaste nisso?

- Há a carta - respondeu ele, com um estremecimento, como se tivesse acabado de se lembrar dela. - Há a carta de que te estava a falar antes, no carro. - A mão dele desapareceu mais uma vez dentro do bolso da gabardina e tirou um envelope mais pequeno, este de um papel espesso e branco.

- Lembras-te do que falámos? Espera até estares no avião para a abrires. Quando já tiverem descolado.

Natalia fitou Victor e depois a carta. Quando é que ele tinha mencionado uma carta? Não se recordava. Mas toda a manhã fora uma névoa. Enfiou a carta no bolso da saia juntamente com o passaporte e o bilhete.

- Há mais surpresas, Victor? Mais alguma coisa que me tenhas reservado antes de eu desaparecer no ar?

Ele expirou pesadamente e fechou os olhos. Uma madeixa de cabelo tombou-lhe sobre o rosto e ele afastou-a. Pela janela, via-se um avião a avançar no asfalto na direção deles.

- Julgas que estás a ser justo? - prosseguiu ela, em voz baixa mas intensa. - Pensas que o que estás a fazer é por lealdade para com o meu pai? É assim que justificas a ti mesmo o facto de que simplesmente te querias ver livre de mim, arredar uma complicação desnecessária? Bem, encontrei a maneira perfeita. Libertares-te e ao mesmo tempo pareceres nobre aos olhos do meu pai. Parabéns, Victor. És muito esperto.

Ele fitou-a então com os olhos tão escuros que pareciam pisados. Como ela já não conseguia continuar a olhar para eles, virou-se para a janela e pôs-se a ver o avião estacionar.

- Perdoa-me, Talia - disse ele então, um pouco demasiado alto, e todos os passageiros que se tinham posto em fila diante da porta oval de metal se viraram para olhar.

Aquilo apanhou-a de surpresa. Contava com uma resposta mais discreta ou com o muro impenetrável, contra o qual

andava a esbarrar desde o princípio dessa manhã. Quando ele estendeu as mãos para pegar na dela, Natalia estremeceu e queria soltá-la, mas depois viu os músculos do peito dele subirem e descerem, subirem e descerem debaixo da camisa, e não conseguiu. Como ele fizera antes, numa outra vida, num outro tempo, levou a palma da mão dela ao peito e pousou-a contra o seu coração. Batia violentamente sob os dedos frios e húmidos dela. Ele continuou a manter-lhe a mão ali enquanto se formavam lágrimas nos olhos dela e a sua outra mão se ergueu para lhe acariciar a face sem pressas, das têmporas com fios grisalhos até ao maxilar quadrado, como se para gravar os contornos das suas feições nos dedos.

Ele agarrou-lhe a mão e comprimiu-a com força contra os lábios. Por um breve momento, a pulsação dela deu um salto, animada por um lampejo de esperança de que houvesse ainda uma parte deles que ela pudesse salvar, de que isto não fosse ainda o fim, de que não fosse a última vez que veria o seu rosto belo, estoico, resoluto. Ergueu os olhos marejados de lágrimas para ele e sorriu, apesar de tudo o que estava a sentir. E depois o momento passou.

Ele soltou-a. Parecia mais pequeno, diminuído, subitamente um homem de meia-idade cujos melhores anos já tinham ficado para trás, quando se virou e se afastou. Deliberadamente, como se requeresse um grande esforço, subiu as escadas até ao corredor lá em cima, o corredor que o levaria para fora do aeroporto e de volta à sua velha vida.

Natalia continuou a ouvir o eco dos sapatos dele nos degraus de cimento mesmo quando já não conseguia vê-lo. E ali estava de novo, aquela imagem de um Victor mais jovem a desaparecer de vista, a desaparecer num grupo de transeuntes enquanto ela ficava a vê-lo à porta da sua casa da infância e a pensar que nunca mais o veria.

CAPÍTULO 46

Ela estava a deslizar. Uma pena apanhada na brisa, a flutuar pelo espaço. Não carne e osso, mas as vibrações do som, notas de Duke Ellington de há dez anos a derramarem-se a toda a volta num redemoinho louco, em cascata, e ela com elas. Ela e a música em uníssono, tudo perfeito no casulo deste momento, tudo sereno. Se pelo menos pudesse ficar assim, aconchegada no eco daqueles sons que emanavam de dentro. Se pudesse.

O avião voltou a descer, sobressaltando-a, e ela sentou-se direita. Há quase duas horas que estava neste voo para Munique, mas ainda não se habituara a este movimento, a estes estremeções verticais que a inundavam com vagas de medo até ao seu âmago. Ainda não sabia como tinha conseguido embarcar, como arranjava coragem para percorrer o asfalto e subir a escada instável de metal, como se sentara sem fazer nada a ver o avião afastar-se da porta de embarque e deslizar pela faixa de descolagem, lentamente ao princípio, depois com uma velocidade estonteante, antes de subir para o céu sombrio do final da manhã.

Durante todo esse tempo, vira tudo desenrolar-se passivamente, sem emoção, como veria um filme, como se fosse a vida de outra pessoa que mudaria irrevogavelmente quando as rodas descolassem do solo.

Contudo, algures a meio do voo entre a cidade do seu nascimento e Munique, os seus sentidos começaram a reativar-se, como eletricidade a chispar da ponta cortada

de um fio telefónico na calma de morte após uma tempestade. A pouco e pouco, tomou consciência das sombras que bailavam no teto branco da cabina do avião, das luzes vermelhas a piscarem, do pano de fundo branco e azul e de uma simetria perfeita que a rodeava. Tomou consciência das próprias mãos, brancas e sem vida no seu colo, da dor surda nos ouvidos. Das contrações do seu coração, do peso alojado nos seus batimentos. Victor. Os pais dela. Os três constituíam todo o seu mundo, e perderam os. Não sabia o que a aguardava no fim deste voo ou no que a levaria para o outro lado do Atlântico. Não sabia a que se assemelharia a sua vida no dia seguinte, ou mesmo daí a uma hora. Só sabia que prosseguiria sem as pessoas que amava.

Daí a algum tempo, quando olhou para cima com os olhos vermelhos e velados pelas lágrimas secas, o azul deslumbrante que viu pela janela fê-la sustar a respiração. Nuvens com formas de animais, de um cor-de-rosa de algodão-doce e translúcidas, passavam por ela, algumas suficientemente perto para dar a ilusão de que poderia tocar-lhes se estendesse o braço. Um estilhaço de luz cortou o horizonte, como o fio de uma espada a cintilar ao meio-dia, e o avião inclinou-se para ele, inundando a cabina com uma luz tão brilhante que ela teve de pôr a mão em pala sobre os olhos. Neste momento, os pais já sabiam que ela estava num avião algures a sobrevoar os Alpes, a sobrevoar uma cordilheira de montanhas que não pertenciam à sua terra. *Ela está livre*, poderia dizer-lhes Victor, sentado à mesa em frente a eles, ou talvez à porta da casa, a alargar o colarinho da camisa, a passar a mão pelo cabelo.

Os três verteriam uma lágrima juntos? Seria uma lágrima de perda ou de alívio? *Os teus pais sabem. A tua mãe fez-me prometer que te meteria naquele avião*, dissera-lhe Victor naqueles momentos finais, diante dela, em carne e osso, ainda não uma quimera, ainda não uma presença

fantasmagórica que se tornaria distante e se desvaneceria com o tempo. Ela olhara-o nos olhos, solenes e distantes, já a olharem para a frente, para uma vida sem ela, e acreditara nele. Era isto que os pais tinham querido para ela, e fosse o que fosse que Victor tivesse dito para os convencer, era a única coisa que lhe proporcionava algum consolo. *Tornaste a minha vida verdadeiramente bela*, dissera-lhe a mãe, e Natalia compreendeu agora que aquele fora o seu adeus.



Entrar no aeroporto de Munique foi como deslizar para outro mundo, um mundo estranho e magnífico que a atordoou com o seu brilho. Um mar de alcatifa de um vermelho de rubi estendeu-se à sua frente quando ela saiu do túnel abafado, a agarrar a mala com tanta força como agarraria um escudo de batalha. Acima dela, filas de luzes pontuavam a cúpula do aeroporto como a de uma catedral, lançando um brilho suave nas janelas de alto a baixo em que ela avistava a sua imagem como uma esfinge entre a colmeia de atividade. Demorou um momento a aperceber-se de que não estava de facto imóvel, que estava a avançar lentamente, empurrada para a frente pela multidão.

Um caleidoscópio de cores e formas explodiu à sua frente quando desceu o vasto corredor que ligava um terminal a outro, mais consciente do que nunca de que estava sozinha no meio do enxame de pessoas. Em quiosques entre as salas de espera silenciosas, chocolates suíços embrulhados em pratas brilhavam convidativos, e umas garrafas de *Coca-Cola* empilhadas por trás do vidro de um frigorífico recordaram-lhe um anúncio que vira uma vez numa revista estrangeira. Em prateleiras adjacentes havia filas de latas – idênticas, salvo os rótulos – de *Café Brasileiro* ou *Espresso*, *Cacau de Primeira* ou *Chá Inglês*, a darem-lhe as boas-

vindas como crianças entusiasmadas na fila para uma matiné no cinema. Frutos secos brilhavam em celofane atados com fitas, e pastéis em forma de caracóis dispostos em caixas com tampos transparentes atraíam-na com o seu açúcar cristalizado e a sua promessa de algo proibido.

Ao fundo do corredor, dobrou a esquina como se estivesse em transe e os seus sentidos voltaram a ser assaltados. Ali, espalhadas numa grande zona circular, havia várias lojas francas, tão vivamente iluminadas que seriam adequadas como salas de operações, a exibirem caixas de sabonetes franceses, perfumes e bebidas alcoólicas estrangeiras. Do outro lado das montras imaculadas, havia senhoras com sapatos de salto alto a inclinarem a cabeça para um lado e para o outro por cima de mostradores com tampos de vidro, homens encostados impacientes a paredes de mármore, a olharem para o relógio. As funcionárias nos seus vestidos pretos sorriam convidativamente entre brilhante gravatas de seda multicores e xailes de caxemira que estavam expostos artisticamente por trás das caixas registadoras. Por um momento, Natalia pensou em entrar numa das lojas, só para ver mais de perto, talvez para tocar nos produtos furtivamente, mas mudou de ideias. Em vez disso, desviou os olhos daquilo tudo, um pouco embaraçada, consciente de que tinha estado a olhar para tudo boquiaberta como a estrangeira que era, uma rapariga de um país por trás da Cortina de Ferro que nunca vira tais coisas.

Alguém esbarrou nela por trás, fazendo-a dar um salto. Um homem com um casaco desportivo da cor de água de lavar a louça murmurou o que devia ser uma desculpa em alemão, disparando um olhar vagamente na direção dela, mas afastando-se a toda a pressa, talvez para o avião que estava prestes a perder ou o encontro de negócios para que estava atrasado. Ela sorriu, a indicar que não tinha mal, mas ele já ia longe. Agarrando a sua mala, continuou a andar, um pouco mais depressa. Passou por um casal que estava a beijar-se apaixonadamente contra uma parede,

sem dúvida a despedir-se, mas a rapariga não estava a chorar, ria-se, com a cabeça lançada para trás cheia de alegria e os braços à volta do pescoço do rapaz, e Natalia apercebeu-se de que não era uma despedida, era uma chegada. Uma senhora passou a trote por ela com a cabeça bem erguida, o cabelo castanho solto e a esvoaçar atrás dela como uma cortina. Seguia-a um rapazinho, com não mais de dez anos, a gesticular e a choramingar numa língua que Natalia não compreendia, talvez a queixar-se por a mãe não lhe comprar um brinquedo.

Iam todas para algum lugar, estas pessoas. Para algum lugar para lá deste carrossel de distrações brilhantes, aguardavam-nas famílias e amantes e a vida. Mas não a ela. Não haveria braços a envolverem-na no fim da sua viagem, uma refeição quente para a reconfortar, palavras de amor segredadas ao seu ouvido. No entanto, acontecera algo estranho desde que ela entrara neste novo mundo, neste mundo opulento e quase frenético que lhe cortava a respiração. Não sabia o que era, mas uma nova sensação despontara no seu coração, algo que esvoaçava na sua caixa torácica como as asas de um colibri. Não era algo que pudesse neutralizar completamente a sua dor, mas era o suficiente para a impelir pelo aeroporto para o terminal da Pan Am, onde o avião que a levaria sobre o oceano estava a aproximar-se da porta de embarque.



Mais um voo, mais uma fila de lugares, estes estofados de azul Clare e com capas brancas sobre o apoio da cabeça. Cintos de segurança, luzes, outra pista de descolagem, o rugido dos motores e a velocidade que lhe cortava a respiração, e depois o céu aberto, imenso e interminável.

Este voo não foi tão calmo como o anterior. A voz do piloto ouviu-se várias vezes a anunciar que em breve se

veriam livres do pior, que não havia nada com que se preocuparem, estavam só a ter alguma turbulência devido a uma tempestade lá em baixo. Mas Natalia já não estava assustada. Já não a intimidavam as súbitas subidas e descidas, o estremecimento do chão do avião, o tilintar dos cacifos da bagagem por cima dos lugares. Estava para lá do medo. Só tinha agora uma aguda consciência da distância, da distância que sentia nos ossos, no ar que inalava. Essa consciência puxava-a para a frente e estendia-se por trás dela com a mesma extensão, como o muro comprido de uma prisão que ela poderia saltar irrevogavelmente, só uma vez.

À sua volta, as pessoas mexiam-se nos lugares, conversavam umas com as outras, trocavam histórias das suas viagens, liam jornais, escreviam postais, bebiam champanhe em *flûtes* de plástico. Champanhe num avião. Quem poderia imaginar tal coisa? Ela nunca saberia como era viver com tal despreocupação. A América dela nunca seria tão fácil como isto. A América. A sua nova terra. Como seria? Fechou os olhos, tentando imaginá-la, os seus lagos e as suas montanhas, as suas cidades, pontes e arranha-céus de aço e vidro a brilharem a sol, mas nada lhe vinha à mente. Só um vazio e uma doce, doce distensão, uma libertação de pensamentos, membros e mente que reconhecia vagamente como o sono.

Daí a algum tempo, uma descida de altitude fez-lhe abrir os olhos de repente. Assarapantada, sentou-se direita no seu lugar, a piscar os olhos à forte luz do dia, que apesar da passagem das horas, se recusara a atenuar. Instalara-se o silêncio na cabina, com muitos dos passageiros a dormirem por trás de máscaras elípticas, e ela sentiu-se um pouco mais descontraída, grata por estar escudada dos seus olhares observadores.

A medo, meteu a mão no bolso da saia e procurou o envelope mais pequeno que Victor lhe entregara quando se despediram naquele momento que parecia ter sido há uma

vida. Ainda ali estava, juntamente com o passaporte e o bilhete de avião, e as suas arestas aguçadas roçaram-lhe as pontas dos dedos como a lâmina de uma faca mal afiada. Tencionara tirá-lo do bolso e lê-lo mais de uma dúzia de vezes, mas faltara-lhe a coragem. Agora chegara o momento, porque faltava pouco tempo para aterrarem. *Chegou a hora*, disse para consigo, e os seus dedos agarraram o envelope com mais firmeza, tirando-o para fora num só movimento.

Saíram várias folhas quando abriu o envelope. Mais do que se apercebera ao princípio, escritas na sua língua materna – traduzidas, talvez, por alguma pessoa britânica ou americana, alguém cujo nome ela nunca ouvira. Havia mais alguma coisa naquele envelope, algo verde-escuro, que lhe tombou no colo. Erguendo-o à luz, examinou-o por uns momentos, as suas marcas, os seus carimbos e números de série. *Cem dólares americanos*. Tinha na mão mais dinheiro do que alguma vez vira na vida. Com cuidado para não dobrar as notas, voltou a metê-la no envelope, que enfiou no bolso.

A seguir pegou nas folhas e começou a ler.

20 de maio de 1960

Cara Natalia,

Chamo-me John Fowley. Sou advogado e vivo na cidade de Nova Iorque, onde exerço há mais de quinze anos. Embora não me conheça e, provavelmente, nunca tenha ouvido falar de mim antes do dia de hoje, pode parecer-lhe difícil acreditar que, num certo sentido, eu a conheço.

Na minha profissão, já escrevi muitas cartas, a informar as pessoas sobre divórcios, mortes e testamentos, mas nenhuma dessas cartas foi tão complexa como esta. E por isso peço-lhe o favor de me

perdoar a extensão dela, visto que começarei pelo princípio.

Em 1945, no início da minha carreira, eu trabalhava numa pequena firma de direito de família aqui em Manhattan. Numa manhã de fevereiro, um casal jovem – nem trinta anos teriam, calculei – entrou no meu gabinete. Num inglês com forte sotaque estrangeiro, o jovem disse-me que não tinham muito dinheiro, mas que lhe fora dito que eu era um advogado justo, que poderia ser contratado por um honorário razoável. Eu já tinha numerosos casos em cima da secretária e poderia facilmente tê-los mandado embora. Mas algo na postura deles era tão sério que não pude deixar de os convidar a sentarem-se.

Com orgulho, mas com visível emoção, o jovem prosseguiu, contando-me que ele e a sua mulher – a débil jovem sentada ao lado dele – tinham escapado ao Pogrom romeno, quando os judeus tinham sido arrebanhados e assassinados na Roménia, quatro anos antes.

É claro que eu ouvira falar sobre o que aconteceu na Europa durante a guerra, sobre as atrocidades na Polónia e na Hungria, sobre o envio de judeus para os chamados campos de trabalhos forçados. Circulavam boatos ainda piores do que esses, boatos que ninguém que cresse em Deus e na decência humana poderia acreditar serem verdade. No entanto, aqui estava este casal a dizer-me que tinha fugido exatamente a isso. Ele contou-me que só daí a seis meses – depois de terem estado escondidos no sótão de um amigo – é que um comboio os levou para fora do país apenas com as roupas que traziam no corpo. «Uma história fascinante», disse-lhe eu. – «Mas como posso ajudá-los?» Nada poderia ter-me preparado para o que ouvi a seguir.

Ele contou-me que quando fugiram tiveram de deixar a filha. Disse que ela estava em Bucareste e tinha agora sete anos. Tinham-se separado dela quando ainda não tinha quatro anos. Ao princípio, estive num orfanato, mas agora estava com uma nova família. Fora adotada.

Foi a primeira vez na minha vida profissional em que dei comigo sem saber o que dizer. O que poderia dizer-se sobre tais coisas? Tentei concentrar-me nos factos. Eles tinham fugido a uma situação inominável, tanto como isso era claro. Como tinham acabado por vir parar aos Estados Unidos, à cidade de Nova Iorque, não era de muita importância para mim. O essencial era que tinham uma filha presa por trás das linhas soviéticas. Não havia dinheiro nem influência neste mundo que pudesse quebrar essa barreira.

Como se me lesse os pensamentos, o jovem disse-me que andava a trabalhar nas docas seis dias por semana e fizera também outros trabalhos, a conduzir camiões de entregas, a servir às mesas. Disse que poupava algum dinheiro e conseguiria mais. A família que tinha adotado a filha deles era abastada e proprietária de uma cadeia de lojas em Bucareste. Ele queria saber o que era necessário oferecer a pessoas como essas para lhe devolverem a filha.

Estava a perguntar-me como tirar a filha do Bloco de Leste ocupado pelos Soviéticos. A uma família que a adotara legalmente.

Eu disse-lhe que era impossível, que não havia maneira de o fazer. Ele olhou para mim então com um olhar tão angustiado que eu disse-lhe que investigaria a questão, mas que talvez demorasse bastante tempo a descobrir alguma coisa. Entretanto, informei-o de que devia poupar tanto quanto pudesse.

Entreguei-lhe uma série de impressos para ele preencher para criar um fundo fiduciário. Expliquei

que os fundos colocados nele ficariam no seu nome, Natalia, que eu podia ajudá-lo a investir de forma a que se multiplicassem ao longo do tempo, que, quando a Natalia atingisse a maioridade, tentaríamos fazer-lhe chegar esse dinheiro de algum modo para que pudesse usá-lo para vir para o Ocidente. Era uma hipótese remota, mas era o melhor conselho que eu podia dar-lhe.

Ele acenou com a cabeça e pegou nos impressos. Demos um aperto de mãos e eu disse-lhe que viesse ver-me daí a um mês. Três semanas mais tarde, estava de volta. Depois, daí a outras três semanas. Os meses transformaram-se num ano, depois em dois, e ele continuava a vir ter comigo regularmente. O fundo continuava a crescer, a pouco e pouco, assim como a nossa camaradagem, que acabaria por se transformar numa verdadeira amizade.

Numa ocasião, quando estávamos a beber uma cerveja no bar em frente ao meu escritório, ele falou-me então da dor por que passara, da sua mulher que ainda adormecia a chorar todas as noites, do peso que pairava entre eles os dois. Falou-me da saudade que sentia dela, da saudade que sentia dos dois, do casal que tinham sido em tempos, quando eram uma jovem família cheia de amor. Tinham vindo para a América, explicou-me, porque já não havia nada para eles na Europa, nem sequer um para o outro, e eu disse-lhe que compreendia, reconfortei-o com as palavras que consegui encontrar. A certa altura, contei-lhe alguns dos meus problemas. Ajudou-o de certo modo, penso eu, saber que não estava só, e despedimo-nos lá fora com um abraço.

Depois das cervejas naquela noite, passou-se algum tempo até eu voltar a vê-lo. De facto, passaram-se quase dois anos até, inesperadamente, ele voltar. Havia uma energia esfuziante nele que não lhe vira

antes. Não perdemos tempo com conversas de circunstância.

«Descobri como a tirar de lá!», disse-me ele excitadamente. Disse que não era para a sua filha que o dinheiro devia ir, mas para o Estado da Roménia. Falara com algumas pessoas na comunidade judaica. Aparentemente, a Roménia tinha um acordo secreto com o Estado de Israel para fazer sair do país judeus romenos. «Consegue acreditar nisto?», disse ele. «Trocamos pessoas por dinheiro, como fazem com o gado e com o petróleo. Por isso, eu pensei, porque não ela? Porque não a nossa filha? Se o governo romeno aceitar dinheiro pela liberdade dela, então com certeza conseguiremos tirá-la de lá.»

Ele já tinha recebido muitos donativos de pessoas com meios que estavam dispostas a contribuir para essa causa. Queria que me debruçasse sobre o assunto, pesquisasse, e disse que pagaria o meu tempo.

Eu respondi-lhe que éramos amigos, que não lhe cobraria um cêntimo e faria tudo o que estivesse ao meu alcance para o ajudar. Queria avisá-lo de que não deveria acalentar grandes esperanças. Era uma possibilidade remota, e, mesmo que fosse verdade, quem nesse país poderia ajudar-nos a efetivar uma tal transação? Quem se atreveria sequer a falar-nos de tais coisas? No entanto, naquele momento não tive coragem para lhe chamar a atenção para o que era óbvio. Era de longe o mais feliz que já o vira. Inclinou o chapéu para mim ao sair do meu gabinete naquele dia, e o seu sorriso dizia mais do que quaisquer palavras.

Muitos anos se passaram desde a visita cheia de júbilo do meu amigo, anos de tentativas e fracassos, de múltiplas tentativas de contactar as pessoas certas, de fazer chegar a nossa proposta às mãos certas, sem quaisquer progressos. Todas as cartas que eu enviara

ao governo romeno ficaram sem resposta, e já há muito desistira de tentar obter uma audiência na embaixada romena. Com os meus amigos, falava muito pouco desses esforços infrutíferos, e víamo-nos cada vez menos agora. Embora eu ainda gerisse o fundo do casal, via pelo ligeiro desinteresse com que me perguntavam por ele que também eles estavam a perder a esperança, que o dinheiro significava pouco para eles agora. «Faça com ele o que quiser,» disse-me o meu amigo em mais do que uma ocasião. «Já não suporto falar mais disso.»

Mas então, um dia, aconteceu algo notável. Uma das minhas cartas foi devolvida, com «Return to Sender»¹ escrito no envelope em inglês. Se não fossem essas simples palavras, provavelmente tê-la-ia atirado para o caixote dos papéis, mas, quando virei o envelope, vi que tinha sido aberto e voltado a colar com uma tira de fita-cola visível antes de ser reexpedido. Por uma vez, alguém não só tinha lido a minha carta, mas também queria que eu soubesse que o tinha feito.

Abri-a excitadamente, e ali estava, a minha carta dirigida ao Ministério de Assuntos Internos, as três páginas a descrever em termos simples e diretos o motivo por que estava a contactá-los, o que queria obter, a quantia que estava disposto a pagar. Olhei para dentro do envelope. Não havia mais nada. E depois vi-a, uma pequena anotação no fundo da última página, escrita em tinta vermelha.

Números. Uma série deles, separados por travessões e dois pontos, em grupos de quatro ou cinco. Demorei algum tempo a compreender que eram o código de envio e o número de uma conta num banco na Suíça.

Sei que muito disto talvez não faça muito sentido para si, Natalia. Mal faz sentido para mim, embora já tenha vivido tempo suficiente para saber que, de vez em quando, o destino tem planos para nós que

poderíamos nunca ter imaginado. Por vezes, os astros alinham-se, e das maneiras mais misteriosas.

Do que foi posto em marcha naquela noite jurei nunca falar a ninguém. Simplesmente fiz o que precisava de ser feito. Porque optei por o fazer em segredo não sei bem dizer. Talvez fosse por receio de que tudo aquilo fosse uma burla, que o dinheiro se perdesse ou fosse desperdiçado. Por receio de que aquele casal ficasse de coração destroçado. Acima de tudo o mais, era algo que eu não podia arriscar-me a fazer passar a pessoas que já tinham sofrido tanto. Felizmente, contudo, os nossos esforços foram finalmente recompensados.

Quando a Natalia chegar à cidade de Nova Iorque, por favor contacte-me imediatamente através de um dos números de telefone que constam do meu cartão de visita, que acompanha esta carta. Iremos então juntos ao banco na avenida Madison em Manhattan, onde reservei um cofre em seu nome. Não encontrará uma fortuna nele, mas será o suficiente para as primeiras necessidades, para a encarregar. O resto do que havia no fundo foi transferido para aquela conta bancária anónima por ordem minha. Era esse fundo que se destinava a obter a sua liberdade.

Dentro do cofre, encontrará uma morada em Brooklyn. Faça os possíveis por ir lá sem demora; não adie. Espero que esteja agora ansiosa por um futuro que realize os seus sonhos.

*Com os meus sinceros cumprimentos,
John Fowley*

Natalia só se apercebeu de que estava a chorar quando olhou para baixo e viu que as suas lágrimas tinham humedecido as páginas no seu regaço, borrarando palavras em várias partes. Dava-lhe a impressão de estar a ver-se de

algum lugar acima de si, através dos olhos de outra pessoa, esta rapariga em tempos tão estoica a verter tantas lágrimas.

Talvez se sentisse envergonhada por em todos aqueles anos não ter dispensado a estas pessoas – estas pessoas que lhe tinham dado a vida – mais do que um pensamento. Quando encontrou aquela carta há anos no sótão do pai, sentiu-se muito ansiosa por a arredar da mente, por a pôr de lado como se não significasse nada, como se aquelas palavras não fossem nada para ela. *Foi com um peso no coração que tive de a largar para que ela pudesse sobreviver, para que pudesse ter uma oportunidade de vida, embora significasse o fim da minha.* Ela exilara-os do seu coração, fechara a porta, aferrolhara-a.

Embora o ar estivesse fresco dentro do avião, um calor alastrava por ela, como se tivesse bebido um cálice de licor numa noite fria de inverno. Não fora por negligência que a tinham deixado naquela noite; fora por amor. O destino avançara sobre eles como a maré, um dilúvio que não tinham conseguido deter. Por isso, fizeram a única coisa que podiam, erguê-la acima das águas turbulentas antes de o mar os puxar a todos para baixo, para as suas profundezas.

Então, como agora, houvera um sacrifício.

Os seus pensamentos voltaram imediatamente à noite anterior, àqueles últimos momentos com Anton e Despina, os únicos pais que ela realmente conhecera. Não eram propriamente as suas palavras que estavam agora a aparecer-lhe a uma nova luz, mas o silêncio entre eles. Ela compreendeu agora o que estava nos olhos do seu pai quando a abraçou antes de se retirar para o quarto. Tudo o que tinham sido um para o outro, tudo que ele quisera dar-lhe e não conseguira, tudo o que ele desejava ainda para ela, estava ali, no seu olhar nublado quando a beijou na testa pela última vez.

E a sua mãe. Nem por um momento houve uma fenda na sua carapaça, um tremor que poderia trair o que estava para acontecer. Desempenhara o seu papel na perfeição. Sem dúvida, dias antes, quando Victor mostrara a Despina a carta que inexplicavelmente lhe aterrorizara em cima da secretária, ela silenciou o coração e disse: *Faça-o. Faça-o, Victor. Tire-a daqui. Faça-a chegar a um lugar onde ela possa ter uma vida melhor. Devolva-a a eles. É justo.*

Sê forte, Talia, segredaria agora, se pudesse. Sê forte e não olhes para trás.

Vou tentar, mamã, pensou Natalia, mais uma vez com os olhos cheios de lágrimas. Vou tentar, embora não saiba como conseguirei viver sem si, sem o meu papá, o meu salvador, o meu cavaleiro andante.

Tornaste a minha vida verdadeiramente bela, dissera a sua mãe, e Natalia apercebeu-se agora de que não fora um adeus, mas uma afirmação, algo que ela podia manter guardado dentro do seu coração para sempre, como uma pérola.

Dentro do avião, as hospedeiras de bordo começaram a percorrer as coxias, a perguntar aos passageiros se queriam água, café ou chá, se havia alguma coisa de que necessitassem nesta última parte do voo. Mexendo-se nos seus lugares, espreguiçando-se, homens e mulheres esfregavam os olhos ensonados e olhavam lá para fora, para o céu, onde uma luz suave tingira por fim o seu azul persistente, conferindo-lhe uma tonalidade dourada.

Natalia deixou-se ficar sentada à espera, de quê não tinha a certeza. Talvez estivesse à espera de uma espécie de conclusão, que as palavras *The End* lhe aparecessem diante dos olhos como no final de um filme, embora soubesse que não viriam, porque isto não era um fim, mas um início. Talvez estivesse à espera de um sinal físico de algum tipo, um clarão de um raio ou o som de um trovão, algo que assinalasse a descida lenta para a sua nova vida, mas só se

abria à sua frente um vazio e só ouvia o martelar desordenado do seu coração.

Depois, de súbito, avistou lá em baixo algo que só conhecia dos jornais. Nunca vira uma imagem dela, mas sabia o que era. Uma estátua, verde-escura e orgulhosa, dava-lhe as boas-vindas, e o archote na mão da estátua chamava-a para a sua nova vida, para a sua nova existência, que sabia agora ser uma dádiva. Aguardava-a tanto lá em baixo, na terra de luz e de promessas, tanto que ela abraçaria com uma sensação de gratidão e, acima de tudo, de amor.

[1](#) Devolver ao remetente. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 47

Na soleira de uma porta numa rua ladeada de sicómoros, ela estava sentada a agarrar a mala de mão, com a alça de couro húmida nas suas mãos fechadas. Nas horas logo a seguir ao nascer do sol, viu crianças a passarem num redemoinho de gargalhadas, o vendedor de fruta na loja da esquina a trazer para fora, para debaixo do toldo de uma cor viva, uma variedade de produtos agrícolas em caixotes – uma explosão de laranjas, vermelhos e verdes, uma pintura de Cézanne. Viu o sol erguer-se mais alto no céu, o passeio a brilhar com o calor ao meio dia, homens das obras com bonés de *baseball* e fatos de trabalho a fazerem fila ao longo do quarteirão em frente a um restaurante que se chamava *pizzeria* e que ainda não abrira. E observava um prédio em particular, um edifício de antes da guerra com aparelhos de ar condicionado ruidosos e umas escadas de incêndio velhas e enferrujadas em ziguezague ao longo dos seus cinco andares, pessoas a entrarem e a saírem por uma porta que estava mal pintada.

Em três manhãs seguidas viera a pé até aqui do minúsculo apartamento que arrendara perto da marginal do rio, neste bairro movimentado de Brooklyn. Embora parecesse impossível que nos dez minutos que demorava a chegar aqui perdesse tão completamente a coragem, ali estava ela, a fugir de cada vez, a sentir-se derrotada, paralisada pela ansiedade, cobarde. Nesta manhã, contudo, Williamsburg explodira numa nova espécie de energia, assinalada ao princípio por pequenas bandeiras que

apareceram nas janelas. Às dez da manhã, havia já dúzias de pessoas a saírem à rua, crianças com mais pequenas bandeiras vermelhas, brancas e azuis, um caudal que lhe recordava as marchas em que tivera de participar no seu país, embora não houvesse rostos sombrios aqui, e só vozes animadas a rodeassem. O que quer que isto fosse, ela sentiu-se arrastada, mais audaz, com a coragem restaurada, o suficiente para subitamente atravessar a rua a correr. Deixou-se ficar junto à entrada casualmente e, quando a porta se abriu, apanhou-a a tempo.

- Obrigada, meu senhor - disse no seu melhor inglês, com um sorriso. Lembrava-se de muito pouco do inglês aprendido na escola e, embora andasse a estudar os seus manuais, ainda se sentia pouco segura mesmo em relação às frases mais básicas. - Perdi a minha chave e não consigo encontrá-la. - O homem, no entanto, não pareceu querer saber de explicações; já tinha saído, com a mente noutras coisas.



Tinham-se passado dez, quinze minutos desde que chegara ao patamar do terceiro andar e ainda não conseguira dar um passo na direção da porta do apartamento. Estava calor aqui, mais calor do que lá fora, e ela encostou-se a uma parede, desabotoou a blusa junto à gola e soprou ar para o rego entre os seios. Por uma janela estreita, um raio de luz trespassou a escuridão, aterrando mesmo aos seus pés. Passou os dedos pelas partículas de poeira que bailavam no ar, espalhando-as momentaneamente. Perguntou-se se teria vindo demasiado tarde para consertar o que se quebrara há muito tempo. Quando estava a virar-se para se ir embora, ouviu sons do outro lado da porta e imobilizou-se.

A porta abriu-se. De novo, algum ruído, vozes, um objeto a cair ao chão. Depois, saiu uma pessoa. Um par de olhos pálidos, redondos fitaram os seus, e ela teve de se agarrar ao corrimão.

- Des... desculpa - gaguejou. - Acho que me enganei.

Mas não conseguia dar um passo devido à maneira como o miúdo estava a olhar para ela. Ao princípio, julgou que era por causa da blusa desabotoada, e apertou-a com a mão, mas os olhos dele só escureceram, e voltou a entrar no apartamento, a amarrotar um cone de papel nas mãos. Ia fechar a porta com força quando Natalia ergueu a mão.

- Espera - disse. - Espera um momento.

- Eu não vou consigo! - berrou o rapaz, corado agora, feroz. - Eu não vou a lado nenhum. Não me pode obrigar! Não me pode obrigar, ouviu?

Apareceu outra criança por trás dele. Depois outra. Todas com idades entre os cinco e os dez anos, dois rapazes e uma menina. Ficaram juntos com o primeiro rapaz em grupo, uma frente unida, um exército pronto para a batalha.

- Desculpa - repetiu Natalia. - Devo ter-me enganado no apartamento... - Meteu a mão na carteira à procura do papel com a morada, mas não conseguiu encontrá-lo. - Estou à procura de um casal - começou de novo, enchendo-se de coragem. - Talvez possam ajudar-me? - disse às crianças, que não se tinham movido um centímetro.

- O nosso pai não está aqui - disse a mais pequena, como se tivesse ensaiado aquelas palavras antes sem as compreender totalmente, com o queixo levantado. Ciciava ligeiramente, e o seu cabelo, com tranças, era tão leve como fios de ouro. - Está numas obras em Rhode Island. Vai-nos trazer presentes.

- Está calada, sua tola - disse o rapaz mais velho, dando-lhe um encontrão. - Eu não te disse para não falares com estranhos?

Pôs um braço protetor à volta dos ombros da menina e ela inclinou-se para ele, a morder o seu lábio cheio e róseo. Todos os olhos se voltaram para Natalia, penetrantes, na expectativa. Depois, outra silhueta apareceu por trás deles e eles viraram-se todos ligeiramente e afastaram-se, a fazer lugar para ela.

- Meninos - disse a mulher. - Meninos - e depois parou de falar.

Não era muito mais alta do que eles. Uma figura graciosa com um vestido verde com roda, o cabelo farto apanhado num puxo no cimo da cabeça com alguns fios arruivados a emoldurar-lhe o rosto. À luz sombria do patamar, parecia mais nova do que provavelmente era - com maçãs do rosto salientes e uma pele luminosa e perfeita - embora, quando deu um passo para a frente, Natalia visse as minúsculas rugas que se curvavam à volta da sua boca. Nas mãos, trazia um ramo de margaridas que tinham sido atadas com uma fita vermelha, branca e azul.

- Posso ajudá-la, menina? - disse, com um sorriso caloroso e amigável.

- Sim. Sim, estou aqui porque... ando à procura de... - Natalia engoliu em seco para desfazer o nó que sentia na garganta. Todas as palavras que ensaiara cuidadosamente antes tinham-na abandonado, tinham-lhe fugido da memória. Só sabia um punhado de palavras, de qualquer maneira, que mal bastariam para formular algo assim tão complexo, mas depois apercebeu-se de que não tinha de o fazer. Se viera de facto ao lugar certo, havia uma outra maneira.

Em romeno, tão baixo que mal ouvia a sua própria voz, disse: - Fui enviada aqui por um amigo mútuo. Um homem chamado John Fowley.

O ramo caiu das mãos da mulher.



Mandou as crianças para a rua. Deu-lhes dinheiro para irem comprar o almoço, *pizza* e limonada, e um gelado a seguir, no carro dos gelados na rua. Depois disso iriam ao parque. O suficiente para um festim, próprio para um feriado, e eles foram-se embora numa nuvem de excitação, já sem prestarem atenção à visita inesperada.

- Um copo de vinho? - disse ela depois de fechar a porta e voltar para dentro da cozinha timidamente, uma estranha na sua própria casa. Parecia extremamente pálida.

Natalia sentia-se estonteada e queria sugerir que se sentassem, mas não disse nada.

De um armário na cozinha, a mulher tirou dois copos, encheu-os do jarro da cor de rubi que tirou do frigorífico. Pousou-os em cima da mesa, onde um par de castiçais de latão lançava reflexos na madeira ligeiramente marcada, que, no entanto, tinha sido encerada e brilhava. Havia flores aqui e ali, metidas em frascos de compota, e os sofás tinham sido estofados num brocado grosso, embora as almofadas já há muito tivessem perdido o seu ar cheio. Aquilo comoveu-a de uma maneira estranha. O seu apartamento em Bucareste recebia os mesmos cuidados, havia neles a mesma intenção de disfarçar a modéstia da casa com alguns pormenores bonitos.

- Dizem que o Chianti deve ser servido à temperatura ambiente, mas eu nunca cheguei a habituar-me a isso, sabe? - disse a mulher. - Suponho que, para mim, o vinho no tempo quente deve ser servido frio, como o moscatel que costumávamos beber no campo na Moldávia. Nunca cheguei a gostar dos vinhos mais finos que há aqui, sabe, embora seja incrível a quantidade que há...

Quando Natalia pegou no copo da mão dela, os dedos de ambas roçaram-se, e a mulher calou-se. Ficou tão hirta como uma estátua, mesmo o rosto. Só um quase impercetível arquejo lhe saiu dos lábios.

Não era nada como Natalia imaginara desde que descera daquele avião há duas semanas, a contar os dias, a pensar como aquilo se desenrolaria, o que ela diria. Não, este encontro estava cheio de silêncio mais do que de palavras; faltava-lhe o drama que previra. Eram só duas mulheres, duas estranhas, com cabelo quase do mesmo tom, a tomarem juntas uma bebida.

- Eles parecem uma doçura - disse Natalia após um silêncio. - Os seus filhos parecem uma doçura. - Mas ainda sentia como os olhos deles se tinham pregado nela enquanto a mãe contava o dinheiro, a remexer na carteira. Talvez já tivessem pressentido quem ela era, *o que* ela era - não só uma visita, mas uma granada de mão arremessada ao coração da família deles. - Não tem de lhes contar. Sobre mim.

A mulher sorriu como se compreendesse alguma coisa de repente. Apertou as mãos em cima da mesa, mas, mesmo assim, Natalia viu que lhe tremiam. Também os seus lábios estavam trémulos, e Natalia compreendeu que não fora a ausência de emoção que presenciara, mas um esforço colossal para a controlar.

- Eles não são o que pensas. Sim, adoro-os, adoro cada um deles, mas... - Abanou um pouco a cabeça, como se não conseguisse arranjar maneira de explicar, e levou uma mão à têmpora e esfregou-a um pouco. A seguir, ergueu os olhos. - Sou mãe adotiva deles, sabes?

Tudo mudou depois daquilo. Fosse qual fosse a barreira que existira antes, quebrou-se o suficiente para conseguirem falar uma com a outra um pouco mais livremente. Natalia sentiu que a sua resistência se dissolvia, e começou a abrir-se sobre as circunstâncias notáveis que a tinham trazido aqui, como saíra de sua casa sem nada mais a não ser a roupa que trazia no corpo e sem fazer ideia de para onde ia. Recuou mais no tempo e descreveu tudo aquilo por que a sua família passara nos anos a seguir à guerra, o quanto as suas vidas mudaram, o

quanto perderam e, no entanto, ainda se tinham uns aos outros. Como esperava do fundo do coração, *sabia*, que voltariam a estar todos juntos de novo. Sobre Victor e o que ele significara para ela não disse nada. Não conseguia ainda falar ou pensar nele sem se abrir um buraco no seu estômago. Assim, o resto da tarde passou numa névoa, e foi só quando a luz do dia começou a desvanecer-se num lusco-fusco radiante que ela se calou, apercebendo-se de que fizera a maior parte das despesas da conversa.

- E a senhora? - disse Natalia. - Conte-me alguma coisa sobre si. Sobre si e o seu... - Não sabia o que lhe chamar, que palavra usar. - O seu marido.

- O que gostarias de saber? - perguntou a mulher delicadamente.

- Não tenho a certeza. - Fez uma pausa. - Talvez alguma coisa sobre as crianças?

Não houve resposta. Passou-se um longo momento, e a mulher levantou-se da mesa e afastou-se, desaparecendo para outra divisão. Quando regressou, trazia algo nas mãos. Não voltou a sentar-se, mas pôs-se ao lado da cadeira de Natalia e colocou o objeto em cima da mesa. Era um pedaço de tecido, algo de um cor-de-rosa seco, de algodão.

Ainda antes de lhe tocar, o coração de Natalia desatou num galope desenfreado. Ela estendeu a mão, passou os dedos pela textura fina, pela fita de renda e seda que debruava o tecido. E depois pegou nele.

Uma touca de criança. Tremiam-lhe as mãos quando a aproximou do rosto. Encostou-a à face, inspirou, à procura de um perfume reconhecível. Não havia nada ali, o perfume desvanecera-se há muito, mas sentiu-se dominada por outra coisa, e fechou os olhos e amarrotou o tecido nas mãos, só consciente da pulsação no pescoço.

Uma cave com as caldeiras, demasiado quente, demasiado húmida. Um postigo. Os flocos de neve pareciam pirilampos, e eles os três estavam escondidos há

horas. Lá fora, os lampiões, uma luz ténue àquela hora tardia, o som de vidros a partirem-se. *Sê corajosa*. Alguém lhe dissera para ser corajosa. Mas estava tudo bem, ela estava em segurança, mesmo que estivesse frio na rua e ela quisesse ir para casa. Ela queria ir para casa.

- Não sei - Natalia começou a dizer. - Não sei se estou pronta para isto. Sentia que o coração poderia rebentar-lhe no peito, e um pânico agudo apoderou-se dela. - Não sei se consigo fazer isto - repetiu, e começou a levantar-se da cadeira, agarrando-se ao lado da mesa, mas uma mão pousou-lhe com firmeza no ombro e ela não teve forças para resistir.

A mão subiu para a face dela, ao longo da têmpora, onde a sua pulsação latejava loucamente. E depois sentiu o cheiro, o perfume que procurara. Estava lá, nítido e cru como uma luz brilhante numa floresta escura, uma floresta em que ela estivera perdida e à procura da saída durante quase vinte anos.

CAPÍTULO 48

Nos meses a seguir a Despina e Anton a adotarem, Natalia sofrera terrores noturnos intermináveis aos quais só o pai conseguia arrancá-la. Noite após noite, quando acordava aos gritos, a agarrar-se à almofada desesperadamente, ele corria para o quarto dela e envolvia-a com os seus braços. – Estou aqui, querida – segredava, apertando-a com força ao peito. – Estou sempre aqui. Conta-me o que te assustou. Diz-me do que tens medo.

Ela nunca conseguia recordar-se exatamente do que era. Só se lembrava de o pai lhe fazer festas no cabelo, de a escutar atentamente enquanto as palavras lhe jorravam dos lábios, trémulas. Quando ela se acalmava, ele punha-se de pé e fazia um gesto com os braços, amplo e para cima, como se para apanhar aqueles sonhos maus. Depois, indo à janela, abria-a e atirava-os para o escuro. Por vezes, a mãe entrava no quarto e, ao vê-lo ali por trás das cortinas a esvoaçar ao vento, berrava: – Perdeste o juízo, Anton? Vão ambos apanhar um resfriado! – Mas nem Natalia nem o pai diziam uma palavra. Tudo o que importava era que o que quer que tivesse perturbado o seu sono não voltaria – pelo menos, não nessa noite.

Aqueles velhos demónios. Nunca se livrara completamente deles, mesmo depois de os pesadelos acabarem. Passara tanto tempo da sua vida a evitar que a dominassem, a escapar das suas sombras, para no final descobrir que aqui, logo aqui, com a noite a tombar, estavam a dispersar-se de moto próprio, sem mais

resistência do que as sementes de dentes-de-leão sopradas pelo vento.

As crianças tinham voltada para casa há muito tempo e a mulher dera-lhes o jantar e deitara-os. Agora, eram só as duas na quietude da sala de estar, a falarem ambas nervosamente ao mesmo tempo e por vezes em silêncio, só com algumas velas por companhia, com os contornos do mobiliário quase invisíveis para lá das chamas tremeluzentes.

A mulher pareceu ficar subitamente melancólica. Endireitou-se no sofá e soltou a mão de Natalia, que tivera entre as suas durante a maior parte da noite. Algo nela pareceu suavizar-se, a carapaça que construía à sua volta a soltar-se.

– Oh, Natalia! Se soubesses. Foi um tempo terrível. Um tempo... – Passou a mão pelo cabelo, inclinou-se para a frente apoiada nos cotovelos. – Foi um tempo em que eu pensei que não sobreviveria. Havia tanta dor no meu coração, e no do teu pai também. – Fez uma pausa, com a voz alquebrada.

– Conte-me.

Depois de acender novas velas, voltou a sentar-se, estendeu a mão para uma manta que estava no braço do sofá e puxou-a sobre o colo de ambas. Manteve-se em silêncio por mais um momento.

– Seja o que for que tenha acontecido, conte-me. Preciso de saber.

Ela começou a falar em voz baixa, voltando ao início, àquela noite fatídica que ditara o curso das suas vidas, aquela noite que mudara tudo.



Não havia o sonho da América naquela época para Zora e Iosef. Nessa altura, enquanto o jovem casal sobrevivia na

confusão dos primeiros tempos em Genebra, a sua única preocupação era como voltar a entrar na Roménia, embora tivesse sido por milagre que tinham escapado naquele comboio. A guerra estava no início e nem um nem o outro pensavam que o regresso poderia não passar de uma fantasia, um feito menos possível a cada dia que passava.

Veio ter com eles à estação dos caminhos de ferro um homem bondoso, que usava bengala apesar de não ser muito velho, um amigo de Stefan dos tempos da faculdade de Direito que ele conhecera num intercâmbio de estudantes e com quem se mantivera em contacto. Nessa altura, o governo suíço já não autorizava a entrada no país de muitos refugiados da guerra e, embora eles já não estivessem escondidos, não tardaram a ver-se, apesar da boa índole e da hospitalidade do seu anfitrião, em circunstâncias não muito diferentes – a viverem num quarto minúsculo com um lavatório antiquado por cima de uma loja de flores encerrada que era do homem. Depois de a sua mulher falecer, explicou ele ao casal naquela primeira noite enquanto faziam uma ceia simples, entristecia-o demasiado entrar na loja, e por isso encerrara-a. Nem sequer conseguia tratar de todos os pormenores que a sua mulher gerira com tanta perícia, e exigir-lhe-ia demasiado tempo, de qualquer modo.

Só por um momento, Zora e Iosef trocaram um olhar antes de fazerem a sua proposta. O trabalho árduo e as longas horas para renovar a loja, insistiram, poderiam ser um bálsamo para as suas feridas, já para não mencionar que seria também uma maneira de pagarem o alojamento e a alimentação. Depois de o anfitrião deles concordar, fizeram um brinde e agradeceram-lhe profusamente, gratos por aquela pequena bênção.

Assim se passaram os primeiros seis meses, de que Zora pouco mais recordava do que as catorze horas diárias de trabalho e as pessoas que conheceram na loja depois de ela voltar a abrir. Exilados e expatriados, pessoas semelhantes

a eles que tinham escapado à ira de Hitler, entravam e saíam sem parar, e as suas histórias de corações destroçados – de entes queridos que tinham perdido e com quem ansiavam reencontrar-se – permitiam-lhes aguentar a passagem dos dias. Todos tinham escapado por alguma espécie de intervenção divina, e, nas horas da madrugada, enquanto Zora e Iosef cortavam flores e as envolviam em papel, a esperança dos clientes enchia-os com uma energia e uma vontade de sobreviver que quase tinham já perdido.

Foi este ligeiro impulso de otimismo que os levou a correr riscos, a fazer coisas que tinham pouca probabilidade de serem bem-sucedidas, sem verem os obstáculos que lhes barravam o caminho. Zora, por exemplo, andava a enviar secretamente cartas a um primo em segundo grau que vivia ainda em Bucareste, receando contar a Iosef por temer que ele objetasse ao perigoso plano. Há muito tempo que o perigo deixara de ditar as escolhas dela, e, nessa fase, tudo o que importava era que aquele seu primo – um executivo de uma empresa petrolífera que andava sempre em viagens para fora do país – acedera em termos pouco claros a trazer Natalia clandestinamente na sua viagem seguinte. Se declarasse que ela era filha dele, insistiu Zora nas suas cartas febris, que ela tinha uma saúde delicada, que perdera a sua mãe (essa parte, pelo menos, era verdade), as autoridades poderiam permitir-lhe que a levasse consigo, mesmo que fosse só para a Hungria e depois para mais perto, para a Áustria.

Zora nunca pensou em como iria de Genebra até à fronteira austro-húngara, que estava inçada de guardas das SS, assim como nunca pensou que Natalia, agora com sete anos, poderia não estar disposta a acompanhar um homem que não conhecia e de quem não se lembrava. A ideia era uma loucura, pouco pensada, destinada ao fracasso. Ela sabia-o intimamente, mas, quando recebeu a notícia de que as coisas não se tinham processado de acordo com o planeado, que mesmo a tentativa de último recurso do seu

primo de levar Natalia para a embaixada suíça correria mal, a sua mágoa voltou ainda com mais força, enraizando-se ainda mais fundo no seu coração.

Ao longo de mais de um ano, mal conseguira dormir. Nessa fase, tinha dificuldade em aguentar os dias ou levantar-se de manhã, e mais dificuldade ainda em ajudar na loja, e já mal aparecia no andar de baixo. Mas um dia, de um momento para o outro, quando estava a escorregar para um abismo de apatia, chegou uma carta de Stefan, e o seu coração palpitou de novo com um objetivo. Sim, ela não podia estar com a filha, não podia tocar nela ou acordar e sentir o corpo dela ao seu lado, não podia acariciar a sua face macia com os dedos, mas, pelo menos, podia fazer esta coisa. Mesmo que tivesse de viver a vida inteira sem ela, mesmo que nunca mais pudesse vê-la, podia dar-lhe esta dádiva, que, ao contrário de qualquer outra, ainda estava ao seu alcance.

Desta vez, as coisas correram de acordo com o plano e com uma rapidez por que ela só se atrevera a rezar. A penicilina escasseava mais do que nunca, dezenas de milhares de soldados estavam a morrer por falta dela, mas, por sorte, o senhorio de Genebra, em cujo ombro ela chorara tantas vezes, depois de se aposentar oferecera-se como voluntário do Comité Internacional da Cruz Vermelha e tinha contactos em alguns círculos do Ocidente. E o que ela sabia era que, embora a Cruz Vermelha não pudesse devolver-lhe a filha, poderia pelo menos entregar a única coisa que lhe salvaria a vida.

Ela sobreviveu. Fora uma questão de dias, mas sobreviveu, e, durante algum tempo, Zora sentiu restaurada a sua esperança, sentiu que voltava para o mundo dos vivos – embora essa sensação fosse de curta duração. Depois de a euforia se desvanecer, viu-se de novo presa num ciclo de orações e desespero, à espera de que se concretizasse mais um milagre, de que outra janela se abrisse.

Um dia, a guerra terminou tão abruptamente como começara, mas para Iosef e Zora não houve um grande triunfo, só mais um beco sem saída. Enquanto escutavam as notícias no rádio nesse dia, choraram nos braços um do outro amargamente, sabendo que tudo estava perdido. A sua esperança tinha sobrevivido à guerra, durante os seus quatro longos anos, mas não era suficientemente forte para penetrar a fronteira de arame farpado, o bloqueio soviético que agora confinaria a sua filha para sempre nas suas profundezas.

Só então é que a América se tornou uma possibilidade. Abriu-se para eles como um novo oásis. Na América, onde estava a formar-se um novo círculo internacional, onde as Nações Unidas teriam a sua sede, eles poderiam recuperar o ânimo, a capacidade de lutar, e isso era tudo o que necessitavam para os ligar um ao outro de novo.



Zora calou-se agora, porque a sua voz tinha ficado rouca. Bebeu um gole de chá e pousou a caneca, sem dizer mais nada. Não havia necessidade, porque, pela carta de John Fowley, Natalia sabia o que acontecera depois de eles chegarem a Nova Iorque com esperanças infundadas e terem de arrostar com mais uma série de decepções, de vias fechadas, de cada vez menos fé.

- Então, estás a ver, Natalia - murmurou Zora. - Nunca estiveste longe de nós. Durante todo este tempo, estiveste aqui dentro das nossas almas, todos os dias, ao longo de todos estes anos. Deixar-te lá tinha sido a coisa mais difícil que é possível imaginar, mas, se não o tivéssemos feito, nenhum de nós teria sobrevivido. Apesar de tudo, no meu íntimo sempre acreditei que fiz o que devia.

- E estas crianças - disse Natalia em voz embargada. - Tomou conta delas depois do vazio que eu tinha deixado.

As lágrimas começaram a correr pelas faces lindas de Zora. – Tanto para mim como para o teu pai, eles têm sido a nossa salvação. Acolhemo-los quando eram ainda muito pequenos, os dois mais novos ainda bebês, e, de algum modo, ter de cuidar deles fortaleceu o nosso casamento. Consertou ao longo do tempo o que se tinha estragado entre nós. Amar é muito mais fácil do que desesperar, mesmo quando toda a esperança se reduziu a cinzas. Embora eu pense que manter aquele amor vivo tenha feito com que voltasses para mim. Sei-o com todas as fibras do meu ser.

Fez-se um silêncio. Abraçaram-se com força, face contra face, o cabelo misturado num emaranhado de madeixas arruivadas, e, quando a luz do amanhecer iluminou a sala, os demónios que tinham assombrado Natalia ao longo da maior parte da sua vida pareciam estar a recuar.



Encontrou-se com ele daí a uma semana, em Rockaway Beach em Queens. Natalia não sabia bem porque tinha escolhido aquele local, sabendo só que necessitava de um espaço ao ar livre. Sentada à beira da água, com o *bordeaux* do seu vestido (o vestido que, apercebeu-se naquele momento com uma ligeira indiferença, tinha metido na mala para Victor), era como uma chama contra a palidez da areia. Pairavam umas nuvens no céu, tão baixas que ela praticamente conseguia sentir o sabor das gotas de chuva, mas sentia-se contente por estar ali com esta vastidão a estender-se perante ela, a olhar para o horizonte, onde o céu e o oceano se encontravam numa linha prateada nítida.

Não teve de esperar muito tempo. À distância, uma forma foi-se avolumando enquanto se aproximava dela, e ela adivinhou que era ele, e, se não estivesse sentada, os

joelhos poderiam ter-lhe cedido sob o seu peso. Embaraçada, observou-o pelo canto do olho, a sacudir areia do colo, sem querer pôr-se a olhá-lo fixamente. Quando ele chegou mais perto, ficou surpreendida por ver que era diferente do que imaginara – nada como a torre que naquele frio dia de inverno a levava às costas no agreste inverno romeno, a esconder-se nas sombras, a evitar os guardas. Um homem magro de estatura média, com calças de ganga escuras enroladas para cima, a caminhar com um ligeiro esforço com os pés descalços a afundarem-se na areia, embora fizesse os possíveis por não o mostrar. No entanto, quando se sentou ao lado dela, assumiu uma dimensão diferente, e ela compreendeu que a força vital não reside num corpo grande como uma montanha, mas em algo muito mais potente: na força de vontade.

– Natalia – disse ele, agarrando as coxas como se estivesse a tentar equilibrar-se. – Natalia.

Como ela não conseguia olhar-lhe para o rosto, manteve os olhos pregados nas mãos dele. Eram mãos de operário, com marcas do trabalho, demasiado ásperas para serem suavizadas com unguentos ou cremes. Anos de trabalho duro estavam gravados na sua superfície, e algo deu um salto dentro dela, não por parecerem tão rudes, mas por se parecerem tanto com as suas. Os mesmos dedos compridos com unhas redondas e largas, a mesma teia de veias. Sentiu-se um pouco menos tímida, e olhou para cima e viu mais semelhanças. Os olhos dele eram da cor dos dela, com a mesma forma, com aquela mesma ténue ruga de expressão por cima da sobrancelha direita. O mesmo lábio inferior, cheio, mais grosso do que o superior. Ela nunca imaginara que pudesse ser assim, que pudesse ver os seus traços com tanta simetria numa outra pessoa. Só o cabelo dele era de um tom diferente.

Iosef estendeu a mão para a dela, mas recolheu-a imediatamente, como se receasse tocar-lhe. Ela, contudo, já não tinha medo do que este momento representava para os

dois, e estendeu as mãos e pegou na dele. Era um gesto simples tão completo que não parecia haver motivo para palavras, e por isso ficaram ali sentados durante algum tempo em silêncio, a fitar as ondas.

- Há um Deus - disse ele ao fim de algum tempo. - Se eu morresse agora, morria feliz.

Ela riu-se, um pouco embaraçada. - Ora, Iosef, depois deste tempo todo, penso que há uma razão muito melhor para continuar a viver.

A maneira como ele olhava para ela, com tanta admiração intimidada, era quase insuportável. Depois, parecendo vir do nada, apareceu algo na mão dele. Pô-lo diante dela, ali mesmo na areia, e ela ficou a olhar para aquilo por uns momentos, sabendo que quando pegasse nele estaria a retirar mais uma camada, a revelar mais uma verdade.

Era uma espécie de diário, velho, com a capa encaracolada nos cantos. Havia uma mancha de uma caneca com a forma de uma meia-lua mesmo no centro, e a lombada estava colada com uma tira brilhante de fita-cola. Ali, na primeira página, fora colada uma fotografia, uma fotografia a preto e branco de uma bebé com caracóis escuros e faces gorduchas, com uma touca familiar na cabeça.

Ela aproximou o caderno de si, virou a página, depois a seguinte, apercebendo-se de uma grande quantidade de versos escritos nelas à mão. Havia uma data a encimar cada um dos poemas, exatamente a mesma, a não ser o ano.

- Escrevi-os para ti - explicou ele. - No dia dos teus anos, cada um deles. O primeiro foi quando ainda estávamos em Bucareste, escondidos no sótão do Stefan, a pensar que seria uma questão de dias até podermos ir-te buscar. Mas depois o tempo prolongou-se, tão longo e tão tortuoso, e a única maneira de eu manter a sanidade mental foi escrevê-los.

Soltou um suspiro trémulo e olhou para um ponto à distância. – Mesmo depois de partirmos da Europa e virmos para aqui, mesmo depois de eu ter desistido de tentar encontrar uma maneira de chegar até ti, continuei a escrevê-los. Para a tua mãe, havia as crianças, uma razão para se levantar de manhã, mais do que uma pessoa a quem dar todo o seu amor, mas para mim... – Fez uma pausa. – Esta era a maneira como eu podia manter-te viva. Imaginando o aspeto que terias, como terias mudado, como seria a tua vida em cada fase.

Natalia não sabia o que dizer. Em vez de falar, abriu o diário na última página e passou o dedo pelo último grupo de versos, a varrer uns grãos de areia da página. Depois, sustendo a respiração, começou a ler:

*O que é uma vida se for sem ti,
A única coisa que lhe dava sentido?
Como suportar mais um dia.
Sem o teu doce hálito na minha face, os teus olhos por
perto?
E no fim, no meu leito de morte,
Sem a tua mão no meu peito,
Em que pensarei por fim se não em ti,
Minha querida menina do passado?*

– Continuo a sentir que isto é um sonho – disse Iosef quando ela conseguiu por fim recompor-se. Olhava-a maravilhado, como se não conseguisse ainda acreditar que ela estava ali, mesmo ao seu lado. Como se ela fosse uma aparição banhada num halo de luz. Nunca ninguém tinha olhado para ela assim.

– Sim – respondeu ela, olhando-o nos olhos. – É como um sonho. E por isso vamos sonhá-lo. Com um pouco de coragem, poderemos sonhá-lo para o resto das nossas vidas.

Ele envolveu-a nos braços subitamente, sem reservas, e ela abraçou-o da mesma maneira. Ter sido amada com tanta intensidade, por tantas pessoas! Podia alguém ter assim tanta sorte? Nunca sentira nada semelhante – um misto de alegria e dor, duas emoções tão completamente opostas e, no entanto, neste momento nunca mais harmoniosas. O passado e o futuro, a colidirem.

– Obrigada – disse-lhe ela. – Obrigada por partilhar os seus poemas comigo.

Havia muito mais que ela poderia ter dito, mas, de algum modo, nada mais era necessário. Puseram-se de pé, um pouco emperrados por terem estado sentados tanto tempo. Ela beijou-lhe a face, uma, duas vezes, e depois virou-se para o oceano. Era hora de partirem – tinham estado ali durante horas, parecia-lhe – mas mantiveram-se imóveis, a olhar para as ondas, com ela encostada a ele, perto do seu peito onde lhe batia o coração com força. E então sentiu a suavidade de um par de braços diferente – braços que só poderiam ser de Zora – a envolverem-lhe os ombros, o calor da face dela a roçar no seu queixo. Natalia não sabia de onde ela tinha vindo, mas estava ali, assim como as crianças, a menina pequena a dar cambalhotas, com o seu cabelo louro a roçar na areia molhada, os rapazes a atirarem um disco por trás deles, a rirem-se e a provocá-los, a chamá-los para virem brincar com eles.

EPÍLOGO

A cidade de Nova Iorque é o lugar a que chamo lar há um ano. Esta noite, no aniversário da minha chegada, estou sentada à janela a ver os navios passarem pela ponte Williamsburg. É um momento de orgulho, de facto, mas também um momento de nostalgia. A tristeza apodera-se de mim, como acontece por vezes, inesperadamente, cortando-me a respiração. *Mas porque te sentes assim, Talia?*, pergunto a mim mesma enquanto o meu olhar se ergue para as luzes que cintilam na ponte. *Porquê tanta melancolia?*

Não há razão, na realidade, porque sei muito bem que a felicidade tem um preço. Não devo perder de vista tudo o que me foi dado, porque quem poderia ter imaginado que nesta cidade cheia de gente e de azáfama eu encontraria tal contentamento? Não é muito, a razão da minha felicidade. Mas é suficiente por agora. É suficiente tocar em pianos desafinados em bares de *jazz* mal iluminados no centro da cidade, ver nos sorrisos das pessoas o prazer que lhes dá a música que jorra da ponta dos meus dedos. Vêm-me as lágrimas aos olhos quando as ouço aplaudir, pedir mais, quando vejo de vez em quando o espanto num rosto na multidão. E quando recebo inesperadamente uma proposta para tocar num bar maior, um bar mais bem conhecido na ilha de Manhattan, sinto-me inundada com a convicção de que é isto que estou destinada a fazer para o resto da vida e que tenho de facto muita sorte e me sinto

muito honrada por me ter sido concedida esta oportunidade.

Mas esta noite os meus pensamentos não estão virados para a música. Atravessam o oceano, para um lugar onde uma grande porção da minha vida se mantém petrificada no tempo. Mentalmente, vejo o apartamento de duas divisões que partilhei com as pessoas que me criaram, com tanta nitidez como se ainda lá estivesse. Penso neles, ainda a dormirem a esta hora da manhã. Daqui a pouco, vão acordar e sair da cama com cuidado. O meu pai vai enfiar os pés nos seus chinelos de pele velhos e olhar para o relógio. Vai dirigir-se para a casa de banho ao fundo do corredor com o seu pijama de seda às riscas, o mesmo que usa desde que eu era pequena. A minha mãe vai acordar também e irá para a sala de estar, onde se sentará no sofá onde eu dormia. Enterrando o rosto na minha almofada, vai tentar inspirar os vestígios de um perfume a desvanecer-se.

Dias, talvez semanas mais tarde, um envelope gasto, amarrotado, com o carimbo dos serviços postais dos Estados Unidos, vai aparecer no aparador da sala de estar deles. Com mãos trémulas, a minha mãe vai pegar nele e abri-lo, mas depois vai pousá-lo, ainda não preparada para ler a carta. Já saberá o que ela diz. Os meus pedidos de perdão repetem-se em todas as cartas que lhes envio, juntamente com a maior parte do dinheiro que ganho em gorjetas. Estão cheias de promessas, as minhas cartas, de promessas de que voltarei a buscá-los um dia.

Eu mando-a vir, dizem as minhas palavras cuidadosamente escritas. Eu volto a buscá-la e ao meu papá, que adoro com todas as fibras do meu ser. Cuide dele. Cuide dele e de si até voltarmos a estar juntos.

E ela vai sorrir, a minha mãe, vai sorrir com afeto e orgulho, sabendo que tudo o que escrevi é sincero, que farei tudo para voltar a estar com eles.

Ainda se passarão meses, talvez meio ano, antes de chegar outra carta até eles. Nesta, escrevo sobre os

milagres que me rodeiam para onde quer que me vire. Muito depois de ter deixado de fitar as montras bem iluminadas, os talhos cheios de carne e os cafés animados, algo me encanta ainda. Sentada num banco de jardim em certos dias, com um livro na mão, por entre árvores luxuriantes e edifícios sobranceiros aos canteiros verdes escuros de Central Park, não consigo deixar de olhar para as pessoas. São só pessoas normais a tratarem da sua vida, mas com um otimismo tão calmo nos rostos, com tanta energia nos seus passos, os ombros direitos e confiantes, as vozes assertivas e não abafadas. De todas as maravilhas de Nova Iorque, os seus habitantes são o que mais me espanta e inspira. Tem havido muitas cartas como esta, cartas em que descrevo todos os pormenores da minha vida, todos os meus pensamentos ou descobertas surpreendentes.

No entanto, há uma carta que não consigo escrever, uma carta que comecei e interrompi tantas vezes que já lhes perdi a conta. Não é por ter dificuldade em encontrar as palavras adequadas, mas por ter demorado algum tempo a aprender a dividir o meu coração em duas metades claras, e por isso tenho de guardar essa novidade para mim. Porque há uma outra metade agora, este raio de luz que surgiu da escuridão, que me foi devolvido quando pensava que tudo estava perdido.

Zora e Iosef, os meus pais biológicos. Não é segredo que acabei por os amar, que os amei desde o momento em que Zora me abriu a porta naquele fim de tarde de julho e o ramo de flores lhe caiu das mãos. Iosef, com os seu olhos severos e a sua pele com as marcas de uma vida demasiado árdua, Zora, com a sua voz suave e a graciosidade de um cisne, mesmo as três crianças que tinham adotado – tornaram-se tanto meus amigos como a minha família. E assim prosseguimos. Passamos os domingos em Prospect Park e atravessamos a ponte à noite só para ver a linha do horizonte de Manhattan a cintilar e a brilhar como algo saído de um livro de contos. Zora faz-me os jantares mais

espantosos – assados de um castanho-dourado polvilhados com especiarias, massa com amêijoas, pratos que, insiste ela, são bastante comuns, mas que explodem na minha boca com um sabor tão rico que me apetece chorar. E choramos, embora a maior parte das vezes nos riamos. Na minúscula cozinha deles, falamos sobre as coisas que faremos, os lugares que querem mostrar-me, as maravilhas que ainda me falta descobrir nesta cidade de fazer parar o coração que é o nosso lar. Mas vejo sempre o que está nos olhos deles. Vejo o que perderam, os anos, que nem mesmo eu posso devolver-lhes.

Ultimamente, decidi fazer isso mesmo. Preencho os espaços em branco, dou-lhes vida, a *minha* vida, com cores suficientemente fortes para fazerem o tempo voltar para trás. A menina pequena, a adolescente, a jovem mulher. Com cada triunfo e cada perda, com todos os desgostos, construo uma ponte no tempo, de volta às pessoas cujo amor ainda sinto tão agudamente. Até Victor aparece lá, Victor, que me partiu o coração mas me fez a maior dádiva em troca. Victor, o meu amigo da infância, o meu primeiro amor, a quem nunca esquecerei por entre todos os amores que se seguirão, embora há muito lhe tenha perdoado, como ele me pediu que fizesse naquele dia há tanto tempo. Nas minhas histórias, todos caminhamos juntos por fim, somos um universo, somos um só.

Como posso escrever sobre tais coisas?

Acabo por me decidir simplesmente por isto: *Estou feliz, mamã. Estou verdadeiramente feliz, e sonho com convicção, aqui, num lugar onde todos os sonhos são possíveis.*

Que outra coisa tem de ser dita? É quanto lhe basta para sorrir todos os dias quando se levantar de manhã e afastar as cortinas de renda da janela. É quanto lhe basta quando olhar para o céu ao nascer do dia, saber que estou a olhar para o mesmo céu, que vivemos sob a mesma cúpula brilhante, e que, enquanto nos amarmos uma à outra e

mantivermos o que Deus nos deu com tanta ternura e misericórdia, os nossos laços nunca perecerão.

A VERDADEIRA ABANDONADA POR AMOR

OS ACONTECIMENTOS REAIS POR DETRÁS DE *ABANDONADA POR AMOR*

Calcula-se que entre outubro de 1940 e o fim da Segunda Guerra Mundial cerca de 380 000 judeus foram massacrados em solo romeno. Um dos incidentes mais bem conhecidos, o *Pogrom* de Bucareste, ocorreu em janeiro de 1941, quando a facção antissemita extremista conhecida pelo nome de Guarda de Ferro saqueou as zonas judaicas de Bucareste numa tentativa de obter poder político no seio do regime fascista do general Antonescu. Milhares de judeus foram arrastados para as ruas para serem espancados, torturados ou assassinados. Entre os relatos das atrocidades inclui-se o de um grupo de pessoas que foram levadas para o matadouro da cidade semiconscientes, onde foram penduradas em ganchos da carne e deixadas para morrer. Foi durante esses três dias brutais que a minha mãe, à semelhança de Natalia, foi encontrada na soleira de uma porta, aterrada e gelada, e levada para um orfanato. Dentro do bolso do seu lindo vestido de veludo foi descoberta uma simples mensagem: *Em angústia e desespero entregamos esta criança nas mãos de Deus, com fé e esperança de que ela possa ser salva.*

O mistério das origens da minha mãe assombrou-me por muitos anos, enquanto me criava na Califórnia, para onde me mudei com a minha família de Bucareste no início da adolescência. De algum modo, os avós biológicos que eu nunca conheceria existiram sempre na minha imaginação,

vivos em certo sentido. O que lhes acontecera? Teriam sobrevivido àqueles terríveis dias do massacre? Se sim, o que os impedira de voltarem a encontrar a filha? Só em 2011, depois de perder o meu pai, comecei com empenho a registar por escrito os acontecimentos, para formar uma conclusão, embora ficcional, para uma história que não tinha de facto um fim na vida real.

Em relação a Anton e a Despina, os meus avós adotivos, e ao seu destino confrangedor, mudei muito pouco. A graciosidade e a dignidade com que enfrentaram todas as adversidades era evidente nos poucos anos que passei com eles e talvez me tenha ensinado as maiores lições. Nunca estou longe do minúsculo apartamento que foram forçados a partilhar depois da guerra, onde, durante a maior parte da minha infância, me imbuí do seu espírito e da sua apreciação da beleza da vida quotidiana apesar das suas muitas imperfeições. Foi para eles, de muitas maneiras, que este romance foi escrito, como um tributo aos sacrifícios que eles fizeram até ao fim das suas vidas, quando a filha que tinham criado com tanto afeto se despediu deles para procurar uma vida melhor na América.

É importante deixar registado que, embora a minha mãe não tenha saído da Roménia da mesma maneira dramática que Natalia, dezenas de milhares de judeus romenos fizeram-no – a sua liberdade foi comprada com dinheiro através de transações clandestinas com o governo romeno. Estes acordos, estabelecidos inicialmente entre o Estado de Israel e a Roménia com a ajuda do Joint Distribution Committee sediado nos Estados Unidos nos finais dos anos 1940, tornaram-se conhecido como «acordos de cavalheiros» nos anos 1950 e a sua existência nunca foi divulgada ao público romeno. Sob a ditadura de Ceausescu, as transações alargaram-se para incluírem romenos de origem alemã que pretendiam regressar à sua pátria. Consta-se que no verão de 1978 esses pagamentos ascendiam já a cerca de 50 000 dólares por pessoa

dependendo da idade, estudos e profissão. Esta venda de pessoas é uma ocorrência única e perturbante na história moderna, cujos efeitos não só se fizeram sentir naquelas a quem acabou por ser concedida a saída do país (com muitas a esperarem dez anos como refugiadas políticas sem possibilidade de terem emprego), mas também no país no seu todo, com a distribuição desequilibrada de vistos de viagem a acentuar o antissemitismo subjacente ainda presente na Roménia.

Entretecer a história turbulenta e complexa da Roménia numa obra de ficção requereu algum esforço, e nesse processo senti-me grata por poder ser guiada por uma série de recursos. Saliento em particular *Balkan Ghosts: A Journey Through History*, de Robert D. Kaplan; *Rumania 1866-1947 The Oxford History of Modern Europe*, de Keith Hitchens; *Kiss the Hand You Cannot Bite: The Rise and Fall of the Ceaucescus*, de Edward Behr; e *The Ransom of Jews: The Story of the Extraordinary Secret Bargain Between Romania and Israel*, de Radu Ioanid, o diretor da International Archival Programs Division no Holocaust Memorial Museum dos Estados Unidos. Igualmente valiosa foi a crónica de Ion Pacepa, o ex-chefe dos Serviços Secretos romenos, que, na sequência da sua deserção para os Estados Unidos em 1978, denunciou em *Red Horizons* alguns dos esquemas mais corruptos concebidos sob o regime comunista.

Atualmente, a Roménia ergueu-se de quatro décadas de trevas, surgindo mais uma vez como uma nação europeia florescente. No entanto, as sombras do seu passado ainda se mantêm. Continuam presentes nos olhos das pessoas mais idosas, que falam mais alto do que quaisquer monumentos sobre o que tiveram de suportar, aquilo por que lutaram e aquilo a que resistiram.

*«Em angústia e desespero entregamos esta criança nas mãos de Deus,
com fé e esperança de que ela possa ser salva.»*



A mãe de Roxanne por volta da altura da sua adoção

Embora a viagem dos avós biológicos de Roxanne tenha as suas raízes na imaginação da autora, as provações sofridas pela família adotiva da sua mãe baseiam-se na verdade – retomando o fio, em certo sentido, onde a outra terminou – com os mesmo temas subjacentes de resistência e coragem em face da tirania.



Despina, finais dos anos 1920



Anton, anos 1930



*Anton e Despina pouco depois
do seu casamento, anos 1930*



Anton e Despina, anos 1940



*Anton, Despina e a mãe de Roxanne,
cerca de 1944*



*Octavia (irmã de Despina) com a sua filha
e Despina com a mãe de Roxanne,
meados dos anos 1940*



A mãe de Roxanne aos seis anos, em 1945



A mãe de Roxanne aos vinte e poucos anos, década de 1960



*Anton e Despina no aniversário dos seus
50 anos de casados, década de 1980*

AGRADECIMENTOS

Ver este romance publicado é verdadeiramente um sonho tornado realidade, por isso tenho de começar por agradecer a duas pessoas em particular: à minha brilhante editora, Johanna Castillo, pela sua orientação meticulosa e incisiva, por me ajudar a elevar a história de maneira que eu nunca imaginara possíveis e, acima de tudo, por dar um lar a este romance. Estou igualmente grata à minha agente, Elizabeth Copps, da agência Maria Carvainis, que tão generosamente me disponibilizou o seu tempo, o seu apoio e o seu contributo criativo e acreditou na minha escrita através dos pontos altos e dos pontos baixos desta viagem. A ambas, devo tudo. São as minhas heroínas.

Gostaria também de agradecer à equipa de Atria pelo seu soberbo trabalho a dar um formato final a este romance, assim como aos meus primeiros leitores, Heidi Epstein, Cris Genovese, Michelle Childers, Jodi Stuart, Denise Miller e Annie Manfredi, por me acompanharem nas primeiras versões e me darem as suas opiniões francas. À minha querida amiga Laura, que consegue sempre pôr-me um sorriso no rosto, e à minha irmã, Arina, pelo seu encorajamento e ombro a que me apoiar – tenho a maior das sortes por poder contar com as duas ao meu lado.

Sinto-me imensamente grata aos meus filhos, Luca e Dominic, pela sua paciência, e especialmente ao meu marido, Philippe, o meu amor, sem quem este romance não teria sido acabado. Obrigado por teres vivido este livro comigo, pela tua tenacidade, por acreditares.

Por fim, tenho de agradecer aos meus avós, Anton e Despina, que vivem no meu coração todos os dias, e à minha mãe, Alexandra, cujos dotes para contar histórias de modo envolvente e cheio de cor plantaram a semente deste romance. São os meus anjos da guarda. Adoro-vos.